

Ж СОРУЊЖ на культура

О ФАЧО



а agrupacion cultural

galega

Papeis do Curro, 1991

Capa e capas interiores:

Logotipo do FACHO, por REIMUNDO PATIÑO
con letras de ARXIMIRO
segundo idea de AMARA AMOR

ÍNDICE

	<u>PÁG.</u>
A CORUÑA NA CULTURA GALEGA.	7
<i>Contra a desmemória</i> , por Xosé-M. ^a Monterroso Devesa	9
<i>Arte e galeguismo</i> , por Castelao	49
<i>Tradiçom nacionalista na cidade da Corunha</i> , por Jenaro Marinho del Valle	69
<i>Xohán Casal: os froitos da névoa</i> , por Antón Avilés de Taramancos	77
A AGRUPACION CULTURAL O FACHO. Memória 1963-1991.	87
«O FACHO» na memória, por Manuel Caamaño Suárez	89
<i>Pequena historia</i>	91
(O FACHO para todos)	
A. <i>Cursos de idioma galego</i>	93
B. <i>Concursos literários e artísticos</i>	101
C. <i>Actos e iniciativas diversas</i>	121
D. <i>Publicacions</i>	163
E. <i>A nosa opinion nos meios. O eco do noso labor nos mesmos</i>	177
F. <i>O Grupo de Teatro O FACHO</i>	217
G. <i>O Colectivo Xuvenil EDRAL</i>	231
H. <i>Outras actividades</i>	237
I. <i>Atrancos e alentos</i>	253
(O FACHO para os sócios)	
J. <i>Xuntas Directivas. Biblioteca Castelao. Estatutos</i>	259



A CORUJÃ na cultura
galega

Contra a desmemória

CONTRA A DESMEMÓRIA: POR UMHA CORUNHA NOVAMENTE GALEGA

Sempre, e mais nos últimos tempos de esnobismo rampante, se nos quixo fazer crer, maismente por gente ignorante e/ou interessada, desde o mesmo poder, que A Corunha era umha cidade pouco galega. E isto pareceria legitimar actitudes que, sob pretexto de um universalismo mal assimilado, som anti-galegas, e, ao serem-no, som anti-corunhesas, por lhe furtarem à Corunha a sua melhor história; e justificar actuações que nom som senom instrumentos de desgaleguização de umha cidade que leva caminho de se converter assim num ente novo-rico, sem alma própria, disfarçado com roupagens alheias que, por muito locidas que elas forem, afogam a sua viçosa e verdadeira essência.

É certo que a nossa é umha urbe *sui generis* dentro da Galiza, e isto, nom só pola sua condição marítima (que, desde antigo a forneceu de um espírito cosmopolita, susceptível de ser negativo, e nom é o nosso caso, quando nom compensado com umha marcada personalidade), mas, e sobretudo, pola circunstância, tantas vezes determinante (e derivada da sua velha condição reguenga), de ser cabeça militar e jurídico-administrativa, por delegação estatal, do que se deu em chamar *Galicia* ou *Región Noroeste*... e mesmo a outra ainda nom perdoada circunstância de ter-se tornado cabeça política da nova e pujante província surgida hai 160 anos (quando cristalizou o tronçamento da milenária unidade galega). Pois bem, se esta especificidade pode valer para certas classes ou estamentos (nom sempre, por desgraça, provenientes de fora da Galiza), nom é válida para a cidade no seu conjunto, mercê ao já apontado, por ter umhas fortes raízes na Terra e vir sendo tradicionalmente ágora de encontro e cruxol de galegos de toda a parte (bem que principalmente e por imperativos geográficos, da região nortina, e mais da própria comarca), o que permite, umha volta ainda, aseverar que se A Corunha «polo Orçám otea o infinito, pola Baía olha para a Galiza».

Mas as afirmações precisam dos factos, e é por isso que despregamos este breve quadro cronológico —inevitavelmente esquemático, limitado e variopinto—, para —longe de um localismo enfermigo e trasnoitado (1) e si guiados por um sano afã de reivindicação do mais próprio e imediato, como forma nossa de sermos, quando menos, tam galegos e, muitas vezes, mais do que o resto dos compatriotas desta velha e infortunada pátria— tentar demostrar o que A Corunha possui de galega por si e polo que ela tem aportado de fundamental para o acervo comum. É um orgulho ao que nom podemos nem queremos renunciar, pois fazê-lo equivaleria a renunciar a aquilo de mais positivo que nos define.

Na realidade, estas páginas nom som mais que um balanço contra a desmemória, que se confeciona com a olhada posta num futuro melhor para a Galiza toda, e nom de frente mas, acarom das outras vilas, às que se proprom fazerem outro tanto, com a segurança de que descobrirám, como nós, aspectos do seu passado dignos de desvelar.

E que ninguém interprete e menos utilize esta informação —como o home veu fazendo desde o tempo da pólvora— para fins espúrios, pois que, simplesmente, persegue reconfortar aos galegos nas-

(1) Que nom fai mais que evidenciar um complexo inocultável, já delirante quando se celebra o sermos sede da delegação do governo central e nom se valora o facto, em principio promotor, de sermos sede do poder judicial galego.

cidos na cidade e calar tanto aos corunheses que tomam como coarctada essa nossa suposta carência de galeguidade, como a aqueles galegos que, desde fora, nos olham como a pseudo-compatriotas, com os prejuízos derivados para a Galiza e para A Corunha desse preconceito surgido de umha múltipla ignorância.

Duas advertências:

1) Tam unida, e mais num país desmembrado, a reivindicação cultural à política, ninguém se surpreenda da inclusom ocasional de factos políticos, pola sua grande implicação no terreno cultural.

2) Pode surpreender, igualmente, a ausência de vultos de primeira (v.g. Viqueira ou Gaos, González López ou Marinhos del Valle, Reimundo Patiño...), mas é que aqui reflectimos factos mais do que pessoas (que outros o completem). Também nom é a presente cronologia um elenco de corunheses destacados no seu serviço à Galiza, independentemente de onde o prestassem: foi A Corunha em quanto espaço geográfico, histórico e humano, que se tomou como referente, o que a cidade (e a sua comarca), como peça imprescindível do *puzzle* galego, deu de si e deitou no seu próprio chao: um livro aqui saído, um drama aqui estreado, um projecto aqui surgido, um fito aqui chantado... porque este era o lugar ajeitado e aqui, e nom por pura casualidade, cadrárom as gentes mais idóneas, nasceram onde nascessem...

Dado nas cem Corunhas da Agra do Orçã e do Birloque, das Vinhas e das Medas, do Curro, da Verberiana e do Caramanchom, do Perete e do Febilheiro, do Campo da Estrada e dos Castros, dos Montes, do Montinho e do Peruleiro, do Escorial, Palavea e a Sapateira, Feáns, Mesoiro e Someso;

outorgado mesmo na *Marineda* de Nelhe e da Sardinheira, de Monelos e de Fornos, das Figueiras e da Camposa, ou bem dos Al/Cabaleiros e do Rego da Auga, indo polas ruas Nova, Alta e Cega, de cara ao Orçã ou a Riaçor, para subir até o Oueiro ou baixar por Labanhou e ir dar ao Portinho,

publicado na *Artábria* do Campo da Lenha, da Canteira de Eiris e da Rabiada, da Coirâmia, dos Pelâmios e do Corgo, da Cubela e mais da Gramela, da A/Grela e da Silva, da Moura e do Borrallhom, de Comeanda e Nostiã;

estendido na *Torremar* das Conchinhas, das Castinheiras, da Cancela e da Cancelinha, da Gaiteira ou da Falperra, do Parrote ou dos Malhos, sem esquecer o Monte das Moas, os Castros e o Castrilhom, a Casa Nova e o Rio de Quintas;

botado ao mar desde o *Portoledo* de Bens e o Maçaído, a Fita e as Júbias, a Vedra ou as Pedras da Águia ou da Barca, Pedra-Longa ou Pedra Furada, ou bem da Pena-Redonda ou da Ponte de Pedra, do Souto (chamado *Souto* por mor de um pauzinho perdido) ou das Louças (trocado em *Lonzas* por um u que caiu do colúmpio), da Fonte Nova ou da Fontainha;

lançado ao vento desde a *Cristalina* da Parromeira, das Lages de Orto e da Leira do Campo, e mais do Leirom ou do Inferninho, do Mato Grande e do Paio Mouro, do Loureiro e da Ramalheira, e mais do Carvalhal e do Campo de Carvalho, e nom longe da Lagoa e das Lagoas, da Agra de Bráguia ou da Torre das Velhas, da Cabana, das Cernadas ou de Elvinha e o seu Castro...

A 30 de Maio de 1991, aniversário do erguemento (popular e progressista) dos corunheses contra o invasor de 1808.

Xosé-M.^a MONTERROSO DEVESA

NOTA: *Marineda*, *Artábria*, *Torremar*, *Portoledo* e *Cristalina* som alguns nomes literários que se llic têm dado à cidade herculina.

INSTRUCCION,

POR LA QUE SE DECLARA EL MÉTODO QUE DEBE SEGUIRSE EN LA PRONTA ORGANIZACION DE UNA FUERZA MILITAR DE RESERVA EN ESTE REYNO DE GALICIA, EN LA MANERA QUE CONTIENE.

AÑO



1808.

CORUÑA:

EN LA IMPRENTA DE D. MANUEL MARIA VILA,
IMPRESOR DEL REYNO.

F-1.

El Reyno por decreto del día de ayer, acordó, que como Potestad Suprema y Soberana, en representación de su Monarca el Señor Don Fernando VII. preso y detenido en Francia, se le dé el tratamiento de *Alteza*: Lo que avisa á V. S. para su noticia, y que comunique esta resolución a quien corresponda.

ReynodeGalicia 24 de Junio de 1808.

El encargo de la Real Cédula de Don Fernando VII.
Don Manuel María Vila

F-2.

Núm. 91.

Pág. 159

DIARIO DE LA CORUÑA

DEL JUEVES 22, DE SETIEMBRE DE 1808.

S. Maurits Marti.

Concluye la política de ayer.

Pero ¡es posible, amada Patria, que así abuses de tu nativa bondad y confianza los perseguidos, y que no te sirviesen tantos años de esclavitud y guerra de saludable aviso para separarte de un continente habitado por volubles y falsos seculares del Masoluceto, Europeos en la apostasía, Caribes y Tártaros en los hechos, fáciles en promesas, infelices en cumplir, ciegos en la alianza en tu suceso, pronto á tu destrucción en todas ocasiones, sin que de su consociación, alianza y comercio, se te sigan mas ventajas, que la corrupción de las costumbres, la propagación del libertinaje, el torpelo de tu industria, y la saca de tus recursos! Vendida amor por las naciones lejanas, no regrese tu noble confianza á la mas vecina, que correspondió contigo del modo mas escabroso y escandaloso. Tus hijos se redimieron y vengaron, y juran no levantar su bandera frente al cielo, que los inspira en su venganza, hasta hacer reparar los Plúmes á sus degenerados franceses, indignos sucesores de los millados de Enrique IV. y Luis 14. Lo juran, y han de cumplirlo á expensas de su vida, pues así se lo mandan la religión y la misma lealtad á un Soberano. Pero ingratos, que así el cumplimiento, exigen y piden para su seguridad, que no consientas que perduren tu territorio las gentes, usos y costumbres de Francia; que á los Pirineos los hagas inaccesibles é impenetrables; que guardados losa y pida y aliviana, coronados de hierro y bronza divididos y separados la patria eternamente de nosotros; que resquebrajes guarniciones nuestras fronterizas: que nuestra confianza reposa sólo sobre nuestras fortalezas, y no en tratados de paz, de modo

F-3.



F-4.

DISCURSO SOBRE LA CONSTITUCION QUE DIXO

DON JUAN ANTONIO POSSE,
Cura Pároco de San Andrés, Diócesis de Leon, al
publicarla á su pueblo en veinte y nueve de noviembre
de mil ochocientos doce.



Reimpreso á expensas de los Redactores del Ciudadano
por la Constitucion.

EN LA CORUÑA:
OFICINA DE DON ANTONIO RODRIGUEZ.
ado na 1813.

ADVERTENCIA.

La diversidad que se observa en la pronunciaci3n y significaci3n de términos en cada una de las siete Provincias del Reyno de Galicia, me ha precisado á omitir muchos, que ciertamente no se entenderian, y solo me vali de aquellos mas claros aunque del país, á fin de que con la mayor facilidad puedan todos comprender su lectura.

F-7. Umha obra do clérigo Posse que, em 1820, escrevia aos liberais da Corunha.

PROEZAS DE GALICIA,

EXPLICADAS BAXO LA CONVERSA-
CION MÚSTICA DE LOS DOS
COMPADRES

CHINTO Y MINGOTE,

POR D. JOSÉ FERNÁNDEZ Y NEYRA,
Oficial que ha sido de número de la
Secretaría de la Junta Suprema del
Serenísimo Reyno de Galicia, y ac-
tual tercero de Contaduría de
la Real Fábrica de Cigarros
del mismo.

CORUÑA MDCCCX.
EN LA IMPRENTA DE VILA.
Con licencia.

F-5.

CONVERSACION.

Chinto. ¡Dame meu querido Mingo-
te, dame ese abrazo para min tan
deseado nestos cinco meses que fai
que nonos bimos!

Mingote. ¡Como che podrei negar
amado compadre ese abrazo, si pen-
sei que entoda á miña vida para min
abia consolo hasta que te non vise?

Ch. ¡E cómo che foi por acá con
esos diabros de esos Gabachos?

Ming. Ome nonime fíles deso, porque
se me encrechan os pelos da cabe-
za solo en pensar nas cousas que
fixeron. As de saber que carta fei-
ra da primeira semana de Febreiro
chegaronche á este lugar vinte é
catro ¿qué eu inda dudo agora si e-
ran omes? porque che trahían na
cabeza por sombreiros ñas da que-
las que son coma as baciás da
feitar que teñen os barbeiros das
Vilas de latón, é logo ninche sey
si era cola de besta, ou rabo de

F-6.



F-11.



F-12.



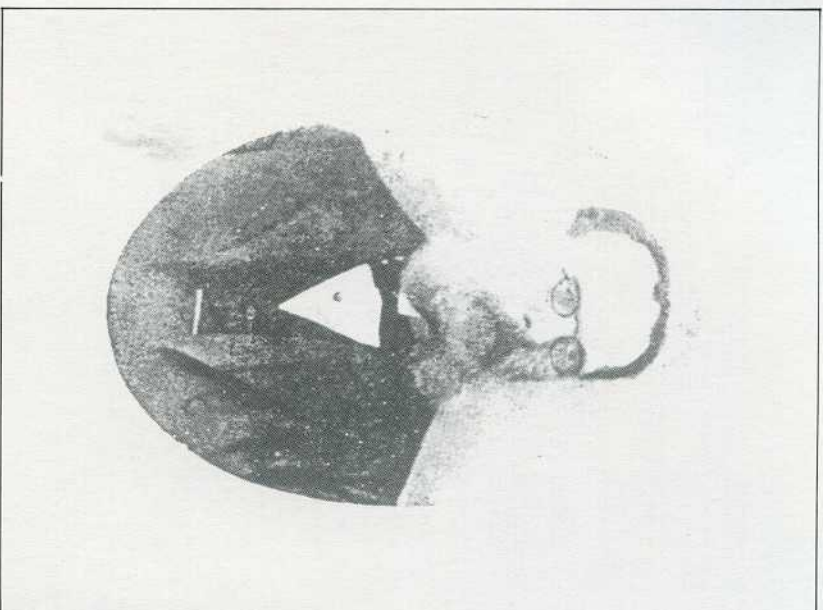
F-13.



F-14, Añón por Balaca.

- 1808 Na manhã do 30 de Maio o povo corunhês, o primeiro na Galiza, liderado polo artesám madri-
lenho **Sinforiano López**, alça-se em armas (tomadas do parque de Artilharia) na praça da Capi-
tania e essa mesma tarde provoca a constituição da provisória *Junta de Defensa y Armamento
del Reino de Galicia* contra os franceses, Junta que, ao dia seguinte, se recompom, dando-se-lhe
um carácter mais popular, como *Junta Suprema y Gubernativa del Reino de Galicia*, abreviada-
mente *El Reino* (F-1/2), que aginha chamou delegados do resto das sete capitais galegas, com
o qual se converteu de facto em verdadeiro órgão de governo —e antecedente, assim, das de 1815
e 1820 (da Corunha), de 1843 (Lugo), de 1846 (Compostela)...—, organizando a defesa (e em-
preendendo, para isso, negociações com Inglaterra e Portugal Norte) e com o objectivo —di-nos
Emílio González— de «reconstruir o destroçado corpo político-administrativo da Espanha, com
um novo sentido, no que o regional e nel o galego peggasse mais, muito mais do que até o mo-
mento peggara nos destinos do povo espanhol». É, pois, a primeira volta em que Galiza exteriori-
za, bem que de um jeito rudimentar e escasamente eficaz, as suas arelas de auto-governo demo-
crático. Subsiste a Junta até a (breve) invassom do francês (Janeiro de 1809, em que tem lugar
a batalha de Elvinha), reconstituindo-se, evacuado este, a finais de Janeiro de 1810.
- Do *Diario de La Coruña* (F-3), promovido pola Junta, dirigido e editado polo frade (agostinho
secularizado do convento corunhês) e fidalgo oleirense **Manuel Pardo de Andrade Leis**, e o pri-
meiro da cidade, como aparecido o 22 de Junho, di Margarita Ledo ser «integrador de todo o
território galego» com um «anceio de incidência quase pre-nacional» (galego), sem «a paulinha
do localismo».
- 1813 Na *Caxa tipográfica* do *Diario*, a cargo de **Ángel Antonio Henry**, o mesmo **Pardo de Andrade**
edita, cinco anos depois, *Os rogos dun gallego establecido en Londres, dedicado ós seus paysa-
nos para abri-lles os ollos sobre certas iñorancias e o demáis que verá o curioso leutor*. (Re-edi-
tado por Ed. Castrelos, col. O Moucho, Vigo, 1971, com o ante-título *Máscara fora!*).
- 1810 Das prensas de **Manuel Maria de Vila** sai o que se pode considerar, de momento, o primeiro livro
ou folleto galego publicado (escrito em galego, embora o título esté em espanhol): *Proezas de
Galicia, explicadas baxo la conversación rústica de los dos compadres Chinto y Mingote...* do
corunhês **José Fernández Neira** (F-4/5/6). (Re-editado por Ed. Bibliófilos Gallegos, Ponte-Vedra,
1984).
- 1811 A *Gaceta instructiva de la Junta Superior de Galicia* é o primeiro órgão do país no que figura
o seu nome, seguido, em 1812, pola *Gaceta de Galicia*, de Compostela. (Imp. **Manuel M.^a de Vila**).
- 1820 O clérigo lagês (párroco em Leom) **Juan Antonio Posse Varela** (F-7) dirige aos políticos liberais
da Corunha umha epístola que Xosé-M.^a Lema nom duvida, a pesar de estar em espanhol, em
qualificar como, provavelmente, o «primeiro documento escrito do galeguismo político militan-
te» é mais, do nacionalismo abertamente independentista. (Embora fosse contundentemente re-
jeitada a proposta, marcando, ao nosso juízo, um tanto negativo para a cidade, parece oportuno
citá-lo).
- 1854 A finais do primeiro ou a começos do segundo ano nace, na imprensa do Hospício, o bisemaná-
rio *El clamor de Galicia* que, dirigido polo ferrolám **Benito Vicetto Pérez** (F-8), está considerado
1855 como o primeiro em que fai a sua aparição oficial o regionalismo galego.
- 1860 *Galicia. Revista universal de este Reino* (F-9), quincenário bilingüe dirigido e editado, desde o
1 de Outubro, polos composteláns irmaos **De la Iglesia González** (imprensa de **Norberto Cascan-
te** e depois do Hospício Provincial), marca um importante passo na assunção do galeguismo:
1863 aí se publicará o rudimentar e primeiro *Diccionario gallego-castellano* (F-10) do também compos-
telám **Francisco Javier Rodríguez**. É esta, no dizer de César A. Molina, «a primeira grande revis-
ta cultural».
- (Cabe consignar como foi um destes irmaos, Francisco, o redactor, entre 1860 e 1861, de umhas
folhas de cordel, imprimidas no Hospício, que alguns chamam revista, e seria, daquela, a pri-
meira publicação periódica inteiramente em galego: *O Vello do Pico-Sagro*).
- 1861 O martes 2 de Julho, a partir das 7,30 da tarde, celebram-se, no Teatro de Sam Jorge (no lugar
do actual Rosalia Castro), os *Juegos Florales de La Coruña*, convocados em Março anterior,

- 1861 que —com o lonjano precedente das festas literárias compostelás nos séculos XVI e XVII (onde o galego apenas dava convívio com o latim e com o espanhol empregados) e a exemplo dos jogos de Barcelona de 1859, à vez que claro antecedente dos jogos de Tui de 1891— som os primeiros da Galiza toda, em cujas bases se fala, amais, expresamente de «idioma gallego»: neles participa um nutrido grupo de escritores do momento —poetas e prosistas em galego e em espanhol— com a colaboração musical dos maestros **Canuto Barea Rodríguez** e **Hilario Courtier** e as suas composições galegas. Estes Jogos dam lugar, o ano seguinte (prelo do Hospício a cargo de **Mariano Marco y Sancho**) ao *Álbum de la Caridad* (F-13) (assim chamado por ir destinado o seu produto ao asilo de mendicidade da capital) preparado por **Antonio de la Iglesia González** (F-11), secretário e organizador do certame, onde, à parte das prosas e poemas premiados nos Jogos —em galego só alcançou galardom, na pessoa de **Francisco Añón Paz** —F-14—, o seu poema *A Galicia*— se contem um *Mosaico poético de nuestros vates gallegos contemporáneos*, considerado, pola sua extensom —96 composições galegas de 39 poetas— e por sobre os seus defeitos e mesmo a pesar de ser bilíngüe, a primeira antologia ou colheita da lírica galega, do mesmo jeito que a celebração dos Jogos marca um fito no *Rexurdimento* da Galiza. Ambos feitos forom custeados polo cedeirês **José Pascual López Cortón** (F-12) (avô do pensador nacionalista **Johán Vicente Viqueira**), com a promoção da corunhesa **Juana de Vega Martínez**, presidenta da *Asociación de Señoras de Beneficencia*.
- 1865 Assentado aqui o mindoniense **Pascual Veiga Iglesias** (F-26) começa, com o apoio de **Barea**, umha época de florecimento musical, particularmente com a criação de coros sucessivos, algum deles, como o *Orfeón Brigantino* (criado por el no *Liceo Brigantino*, ubicado nalgum tempo no Palácio dos Zuazo, ruas Santo André e Torreiro, já desaparecido), responsável da estreia da cena coral em verso e num acto, de **Francisco de la Iglesia González** (F-15) e do próprio **Veiga**, *Gallegos*.
- 1879 *¡A nosa terra!*, inédita, e considerada, mália a sua catividade, a primeira obra do teatro lírico galego.
- 1882 *A fonte do xuramento* (F-16), do mesmo **F. de la Iglesia**, imprensa de **Vicente Abad**, é «o primeiro drama en dialeuto gallego», representado o 13 de Agosto no *Liceo Brigantino*.
- 1883 Institue-se, o 29 de Decembro, a sociedade *Folk-lore Gallego*, baixo a presidência de **Emília Pardo-Bazán** (F-18) (quem lé o discurso inaugural o 1 de Fevereiro do ano seguinte), com a finalidade de recopilar e de estudar as manifestações da nossa cultura popular. A sociedade reflectirá o seu quefazer em nada menos que quatro dos dez tomos da *Biblioteca de las tradiciones populares españolas* (1884-1886), fundada e dirigida por **Antonio Machado Álvarez**: 1) *Folklore gallego. Miscelánea*, e 2/3/4) *Cancionero popular gallego*, de **José Pérez Ballesteros** (F-22) (com prólogo do português **Teófilo Braga**). O *Folk-lore* dissolve-se em 25 de Fevereiro —trocando o seu nome em *Academia Gallega*, mas já sem incidência alguma—, sendo considerado, em certo modo, precedente da *Academia* de hoje. O seu órgão oficioso foi a revista *Galicia* (fundada em Janeiro de 1887 e) dirigida polo astorgano **Andrés Martínez Salazar** (F-19) (onde, por exemplo, **Manuel M. Murguía** —F-17— publicará, em várias entregas, *El regionalismo gallego*, editado em volume na Havana o ano seguinte).
- 1885 *A Biblioteca Gallega*, de **Juan Fernández Latorre** (F-20) e **A. Martínez Salazar**, primeira editorial galega de importância, estrea-se com *Los precursores*, de **M. Murguía** (imprensa de La Voz de Galicia, rua Santiago, 1) e aginha tira do prelo, marcadamente, *El idioma gallego. Su antigüedad y vida* (F-23), de **A. de la Iglesia González**, primeira antologia geral importante da nossa língua e literatura (que, até 1903, com a *Literatura gallega en el siglo XIX*, de **Eugenio Carré Aldao** —F-21—, imprimida polo próprio autor e também na Corunha, nom terá par), e mais *Queixumes dos pinos* (F-24), de **Eduardo Pondal G. Abente** (cuja 2.^a edição, póstuma —1935— e notavelmente aumentada, também sairá de um 1886 prelo corunhês, o de Zincke Hnos., Cantom Grande, 21), os dous o ano seguinte.
- 1888 Sai do prelo de Ferrer (Real, 61) *O divino sainete* (F-25), de **Manuel Curros Enríquez**, quem aqui resultara absolvido (sete anos atrás, em 11 de Março de 1881, e pola Audiência da Galiza), do «delito relativo ao livre exercício dos cultos» derivado da publicação de *Aires da miña terra*.
- 1889 O *Orfeón Coruñés*, fundado e dirigido por **Pascual Veiga**, actua em Paris, no decurso da Exposição Universal, o 22 e 23 de Agosto, obtendo o primeiro prémio e medalha de ouro, entre outras,



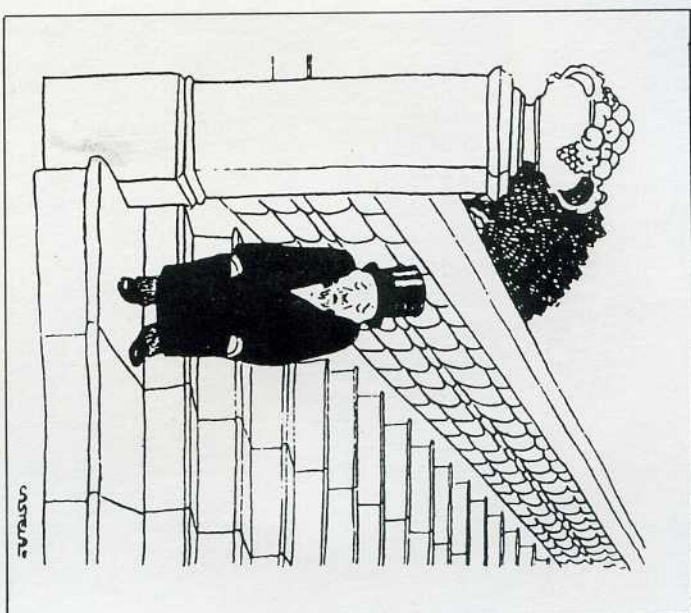
F-15.

.....
 Primeiro drama en dialecto galego.

A FONTE DO XURAMENTO
 Drama de costumes galegos en tres actos en verso
 ORIGINAL DE
Francisco M.^a de la Iglesia y Gonzalez,
 Xuramento con trufante apraoso a-o-1 /Liceu D'Orquestra d'a Cruña
 a noite do 13 d'Abril de 1882.

CRUÑA:
 IMPRENTA E BIBLIOTECA DE VICENCIO ANDE,
 28—San Nicolás—28
 1882

F-16.



F-17/18. Murguía e Dona Emilia por Castelaio.



F-19.



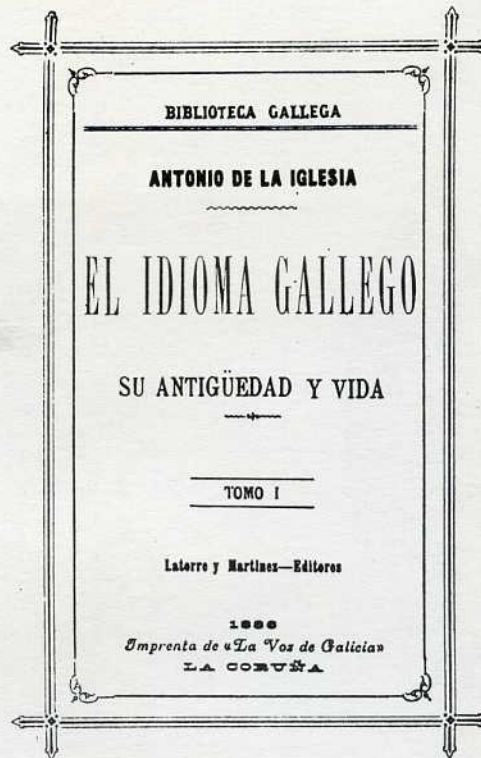
F-20. Fernández Latorre por Urbano González.



F-21.



F-22.



F-23.



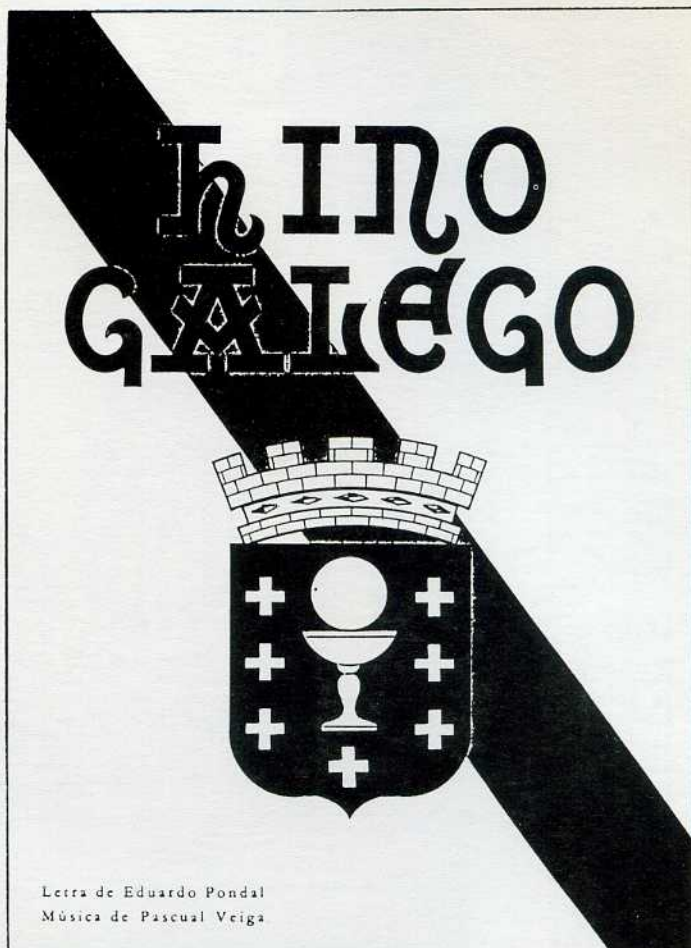
F-24.



F-25.



F-26.



F-27. Edifício de Montevideo, anos 60.

Letra de Eduardo Pondal
Música de Pascual Veiga



F-28.



F-29.

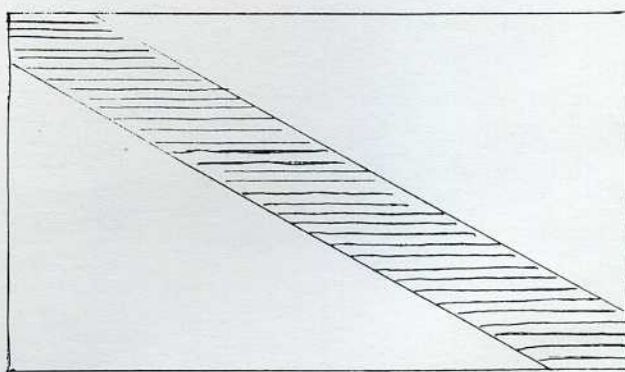
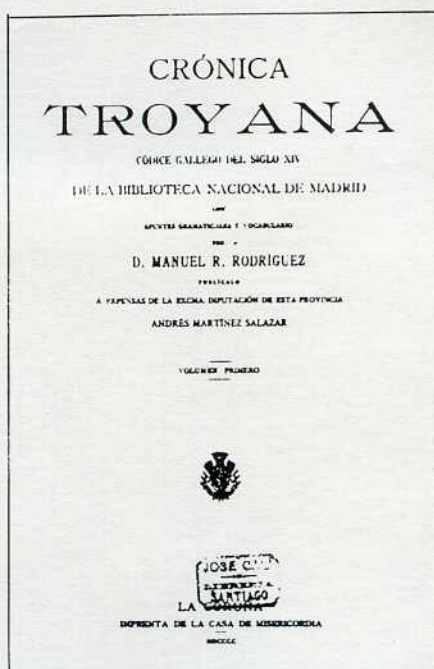
Canuto Barea y C.^a

ALMACÉN DE MÚSICA
LA CORUÑA

OBRAS GALLEGAS

PRECIOS FIJOS

PARA CANTO Y PIANO		Prestos	Prestos
ADALID	Colección de cantares viejos y nuevos de Galicia, dividida en tres series.		
1. ^a Serie	1. Soedades		
	2. A Compañía		
	3. Bagoas do Corazón		
	4. Queixas		
	5. Canto do Berce		
	6. A lá lá		
	Reunidas	3	
2. ^a Serie	1. Miña terra, miña terra		
	2. Canta ó galo ven ó día		
	3. Frouseira, triste frouseira		
	4. Séntate n'esta pedriña		
	5. A noite de San Xoan		
	6. Non te quero por bonita		
	Reunidas	3	
3. ^a Serie	1. A mala fada		
	2. Canteiros é Carpinteiros		
	3. Bagoas e sonos		
	4. Axeitam' a polainiña		
	5. Foi pol-o mes de Nadal		
	6. ¡Adios meu meniño! ¡Adios!		
	Reunidas	3	
4. ^a Serie	1. A xolda		
	2. Afrixida		
	3. Na fiada		
	4. ¡Pesóulle!		
	5. A bordo		
	6. A sorte		
	7. A ruada		
	Reunidas	3	
Mondariz	Como foy?	2	
BALDOMIR	Meus amores	2	
—	Mayo Longo	2	
—	Porqué?...	2	
—	Ti onto, mañan eu	2	
—	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
	Como foy?	2	
	Meus amores	2	
	Mayo Longo	2	
	Porqué?...	2	
	Ti onto, mañan eu	2	
	Carmela	2	
</			



pola sua *Alborada gallega*. Ali também o compostelám **Chané** (F-29), com *El Eco* corunhês (fundado sete anos atrás e decana do país), divulgou a nossa música, particularmente *A Foliada*, com grande sucesso.

- 1890 O 30 de Agosto tem lugar, no Teatro Principal (actual Rosalia Castro, F-28) o mais importante *certame musical* da época. Para el, o maestro Veiga compom aqui o *Hino Galego* (F-27) que, sem embargo, nom se estreará até depois de morto o seu criador (ver 1916).
- 1907 (Em Agosto deste ano terá lugar outro importante *festival de coros* do país, na praça de Maria Pita, baixo a direcçom do maestro **Chané**).
- 1890 Nesta década intensifica-se, no prelo e tenda de música, já veterana, de **Canuto Berea** (Real, 38), a ediçom de toda quanta música nacionalista dos principais compositores sai na Galiza.
- 1900
- 1889 Contra este ano **E. Carré** compra a livraria de **Andrés Martínez Salazar** (Rego da Auga, 16) e a imprensa de **Puga** (Real, 30), trasladando aquela, chamada *Librería Regional*, ao local desta (sobre 1895: posteriormente, sobre 1902, parece ser que passa a um local fronteiro, em Real, 31 (?) e, sobre o ano 1905, outra volta ao emprazamento primitivo do R. da Auga) e onde, naquela altura, se reúne a tertúlia alcumada pejorativamente de *Cueva Céltica* (para ridiculizar o seu celtismo, e que mas tarde os contertúlios assumirom positivamente como *Cova Céltica*), berço da chamada *Escola corunhesa* de amantes da nossa língua e literatura e ninho de viçosas iniciativas galeguistas como a *Liga Gallega na Cruña*. Era objectivo desta, segundo reza o artigo 1.º do *Regramento* da sociedade —publicado em galego e em espanhol no seu órgão, e instrumento para a sua criaçom, *Revista Gallega* (F-33), semanário fundado em 1895 polo corunhês **Galo Salinas Rodríguez** (F-32): *Revista* e *Liga* com domicílio na livraria e mais na sua traseira, com porta à rua da Galeira, 23) — «a defensa dos interesses morais, materiais, políticos, económicos e sociais da Galiza». À parte a interessante actividade política da Liga, com feitos como o erguemento do monumento aos Mártires de Carral (o 22 de Maio de 1904, F-31), cabe resenhar aqui
- 1904 o seu activismo cultural, plasmado em actuaçons como a homenagem (coroaçom) a **Curros** (do
- 1903 21 de Outubro de dito ano, no Teatro Principal), ou o impulso decissivo para a criaçom da
- 1905 *Escuela Regional de Declamación* e da *Academia Gallega*.
- 1897 Dito ano saem, do prelo de **Carré**, as *Odas de Anacreonte*, primeira obra de envergadura traduzida para o galego (directamente do original) polo erudito bergondense **Florencio Vaamonde Lores** (F-34). Este ano, e das mesmas prensas, dito autor tira a lume o *Resume da Historia de Galicia*, primeira história em galego do nosso país que inclue o também primeiro ensaio em galego de história da nossa literatura e, assimismo, é o primeiro texto didáctico em galego. (O repetido
- 1894 autor publicara, na Havana e em 1894, *Os calaicos*, epopeia sobre a defensa protagonizada por Maria Pita).
- 1898 Hai constância, na mentada *Revista Gallega*, de que aqui já se utilizava por esta época a bandeira da Galiza como hoje é oficial: a sua origem parece estar no pavilhom (ou matrícula) do porto corunhês, o qual, anteriormente, ostentava a cruz de Santo André (velho padroeiro dos mareantes locais) e suprimira um dos braços da aspa a petiçom do Governo imperial ruso, que tinha idéntico pavilhom naval (F-37).
- 1900 Do prelo da *Casa de la Misericordia* e por conta do editor **Andrés Martínez**, sai, em dous tomos, a *Crónica troyana. Códice gallego del siglo XIV* (F-35), o mais importante texto da nossa prosa medieval, comentado polo vianês **Manuel Rodríguez Rodríguez**; (curiosamente, também aqui saíu, em 1985, a ediçom de Ramóm Lorenzo, a cargo da Fundaçom Barrié).
- 1903 O 18 de Janeiro e no Teatro Principal apresenta-se a recém fundada (polo actor ferrolám **Eduardo Sánchez Miño**) *Escuela Regional de Declamación* com a obra *¡Filla...!*, de **Galo Salinas**: é o primeiro intento sério de criar um teatro galego. Dito ano estrea-se, a segunda da Escola, no mesmo cenário e o 18 de Julho, *A ponte*, drama em dous actos e em prosa do sadense **Manuel Lugris Freire** (F-46), que inícia a prosa dramática galega (Tip. *La Constancia*, Maria Pita, 18, dito ano).

Nestas últimas décadas e primeiras do XX, durante mais de cinquenta anos, a *Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos*, popularmente *Circo de Artesáns* (F-40), situada, desde fins do XIX no palácio dos Cábria-Vilela, Santo André quase Pórtico, hoje desaparecido o edifício primitivo), sociedade decana do país, já dissolvido o *Liceo Brigantino*, é o que leva o protagonismo cultural na cidade, com iniciativas diversas (por exemplo, a homenagem a **Murguia**, nos seus 80 anos —17-5-913—, ou os monumentos a **Concepción Arenal** —17-9-916— e a **Pondal** —16-8-915—), e eventos nos seus salons (conferências, recitais, exposições, concertos...), muitas vezes abertos a solenidades da Academia Galega, e polos que passou, a dúzias, e além da espanhola, o mais graúdo da nossa intelectualidade (galega e) galeguista e mais da portuguesa (como botom-de-mostra, velaí as duas conferências que **Castelao** pronunciou (1920 —F-45— e 1923), a primeira no decurso da exposição, ali mesmo, do seu álbum *Nós*).

- 1905 Por iniciativa de **José Fontenla Leal** (F-39) e **Manuel Curros Enríquez**, criador e primeiro presidente, respectivamente, da *Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega* da Havana, o 4 de Setembro, no Consulado (F-38), celebra-se a reunião constitutiva da *Academia Gallega*, que tem como primeiro domicílio o andar principal da rua Rego da Auga, 38 (F-41), e apresenta-se publicamente, baixo a presidência de **M. Murguia**, no Circo de Artesáns, o 30 de Setembro do ano seguinte.
- 1906
- 1907 No último trimestre nasce aqui o movimento agrarista *Solidaridad Gallega*, com os seus órgãos, fundados o mesmo ano, *Galicia Solidaria* e *A Nosa Terra* (F-36, a primeira) e a publicação bilingüe do *Catecismo Solidario* —cartilha redactada e talvez editada por **E. Carré**, da *Junta solidaria* corunhesa, ao jeito do precedente *Catecismo do Labrego*, que consegue umha enorme difussom (a 1.^a ed. já é de 10.000 exemplares). Numha das campanhas políticas de *Solidaridad*, **M. Lugris Freire** pronúncia, em Betanços, o primeiro mítin em galego da História. (E nom é que queiramos incluir a Vila dos Cavaleiros na Corunha).
- 1909 Com o baptismo do *Teatro Principal* como *T. Rosalia Castro* inicia-se a série de homenagens a galegos e galeguistas, continuada com os monumentos a **Pondal** (já citado), a **Murguia** (1933), e **Curros** (1934), e, modernamente, a **Luis Seoane** (1984) e a **Castelao** (1986)...
- 1912 Com o precedente (referido a indústria, comércio e artes), em 1909, da Exposição Regional de Compostela, e, nomeadamente da artística galega deste ano em Madrid, tem lugar aqui (entre Agosto e Setembro na Escola Da Guarda) a primeira (esta chamada provincial) de umha série de *Exposições de Arte Galega* (1917, 1923...), que contribuirám nom pouco ao ressurgimento desta faceta cultural (F 42/43/44).
- 1915 O jurista corunhês **José Pérez Porto** (F-47) dá cabo aos trabalhos da *Comissom* de Galiza para a compilação do Direito Civil de seu, publicando agora e aqui a *Memória El Derecho foral de Galicia*, que servirá de baseamento para a vigente *Compilación de Derecho Civil Especial de Galicia* (Lei de 2-12-963).
- 1916 **Antón Villar Ponte**: *Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional* (F-50/51), duas edições seguidas (1.^a, *Tip. Obrera*, Socorro, 3, hoje J. Canalejo; 2.^a, *La Voz de Galicia*, dito ano) é o ambientador para a criação, o 18 de Maio, e no domicílio nessa altura da Academia (F-41), de *Os Amigos da Fala na Cruña*, primeira das *Irmandades da Fala*, e, o 14 de Novembro seguinte, do seu portavoz *A Nosa Terra* (a segunda). (Ver Apêndice). (F-48-49-52).
- 1916 Segundo afirma M. Casás (tacitamente corroborado por Estrada Catoyra), presidente à sazom (1913-19) do Circo de Artesáns, na *Gran Fiesta de la Música Gallega* organizada por dita sociedade no campo de touros o domingo 20 de Agosto, diante de mais de 10.000 almas (o aforo completo), e por coros de Ferrol (*Toxos e Froles*) e de Lugo (*Cántigas e Aturuxos*), entoou-se pola primeira volta ante tanta gente o nosso Hino, aqui composto um quarto de século atrás, ainda vivo o autor da letra, **E. Pondal**.
- 1916 O 1 de Setembro seguinte, celebra-se, organizada polo mesmo Circo no Teatro Rosalia, umha brilhante *Festa da Poesia*, em honra da nossa poeta nacional e para recaudar fundos para o monumento a erigir-lhe em Compostela, na que participam, entre outros, **Vázquez de Mella** e o **marquês**



F-38. Ainda nom era tal Museu o Consulado quando se fundou nel a Academia Galega.



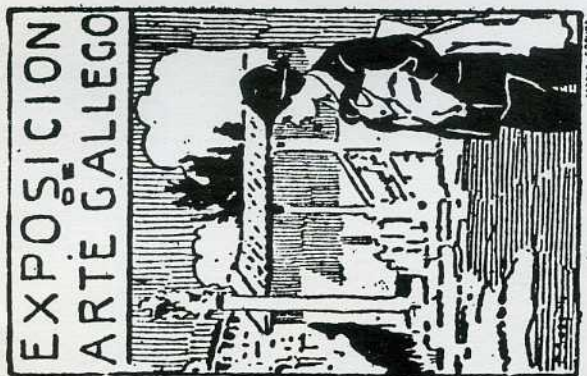
F-39.



F-40.

F-41. No andar principal deste edificio do Rego da Auga, número 38 albergou-se a Academia Galega até que, a proposta do concelhal Iglesias Roura, lhe fôrom cedidas algumas salas do novo Palácio Municipal da Corunha. No mesmo local fundarom-se as Irmandades da Fala, segundo consta na placa que se aprécia na fachada do baixo. (Colaboraçon de Foto Blanco).



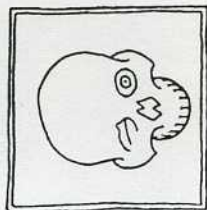


F-42/43/44. Encabeçamentos para a I e III Exposições por Cortés e cartel para a II por Sobrino.



PUBLICACIÓNS DA REAL ACADEMIA GALLEGA

ALFONSO R. CASTELAO



HVMORISMO
DIBVXO·HVMO
RÍSTECO
CARICATVRA

CONFERENCIA
MARZO - 1920

LITOGRAFIA E IMPRENTA ROEL, S. A.
A CRUZA

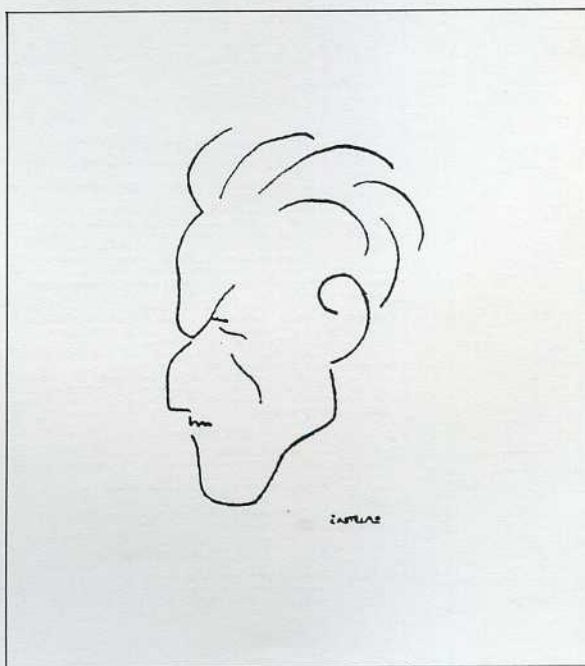
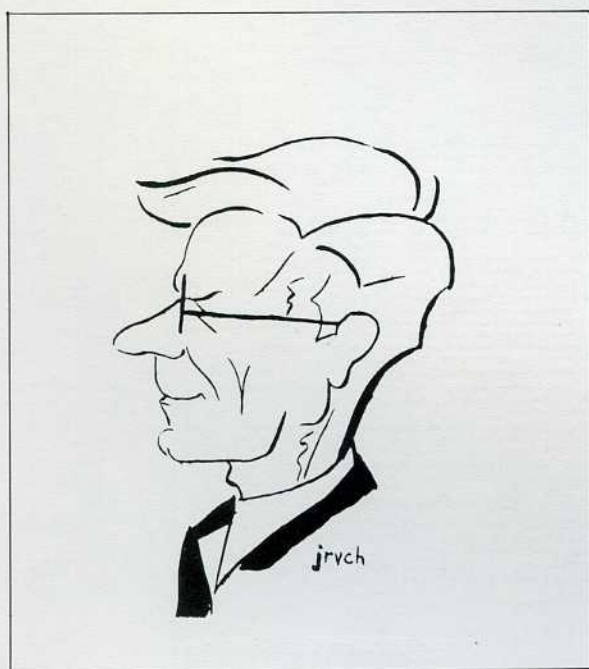
F-45. Capa do próprio Castelao para a sua conferência de 1920, que ainda foi publicada individualmente em 1961.



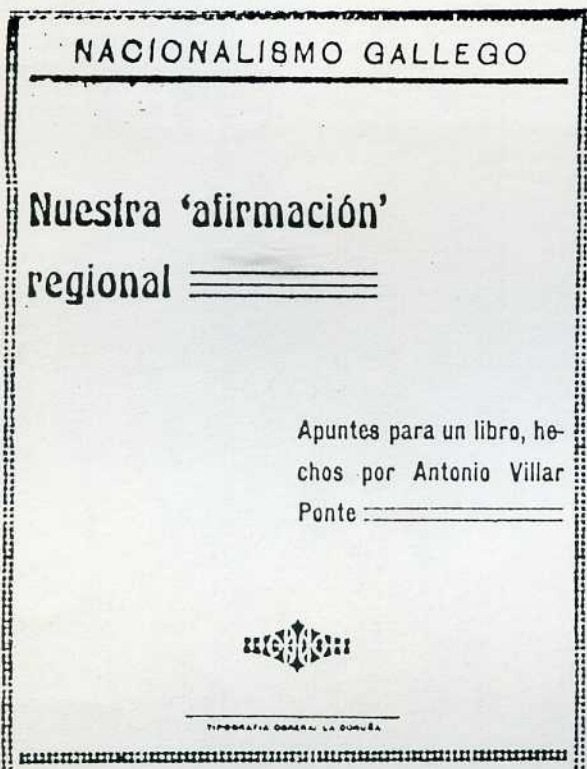
F-46.



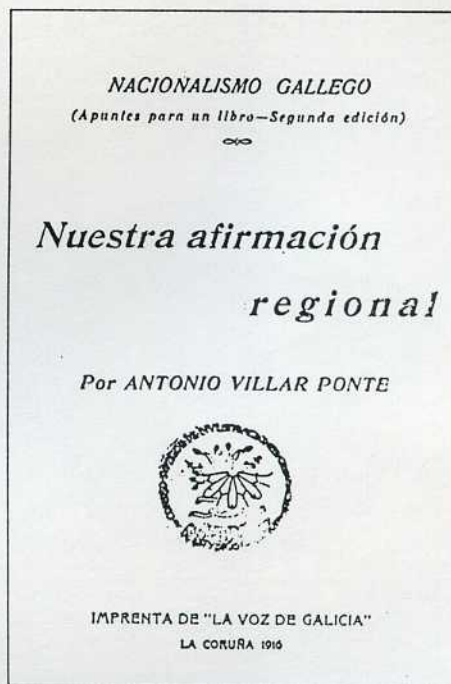
F-47. Busto em escaiola de Pérez Porto por Asorey (o de mármore acha-se no Colégio Notarial da Corunha).



F-48/49. Ramón e Antón Villar Ponte, por Villar-Chao e por Castelao, respectivamente.



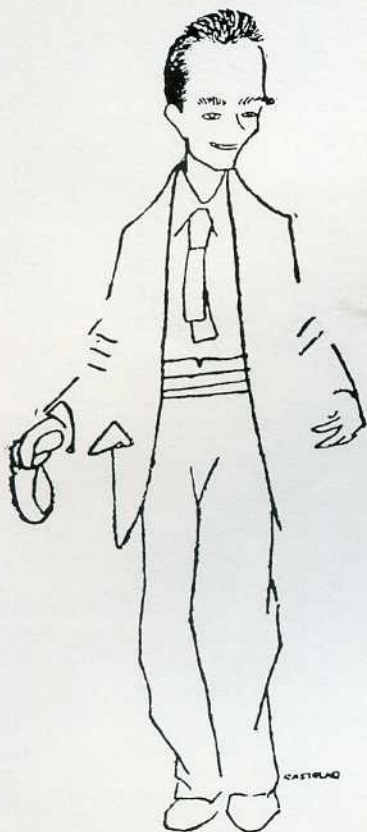
F-50.



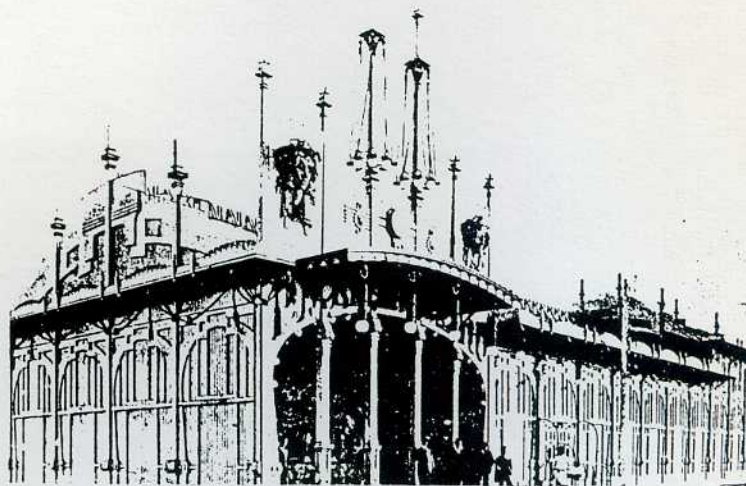
F-51.



F-52.



F-53. Fernando Osorio por Castelao.

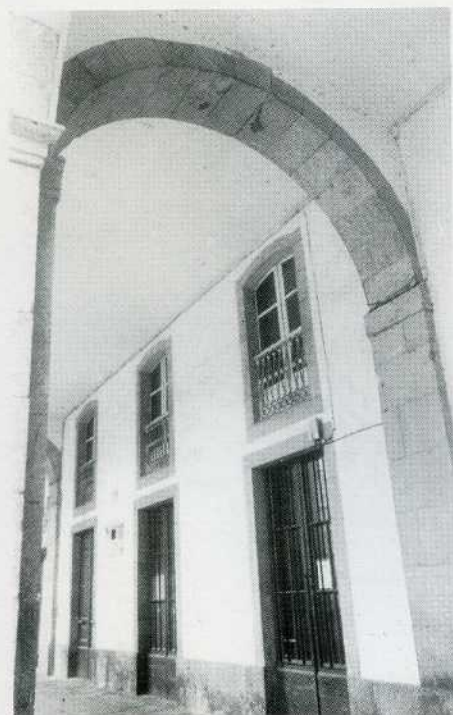


F-54.

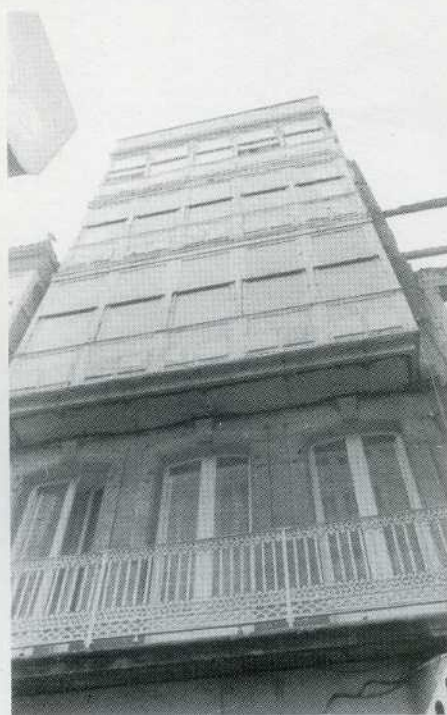
F-55. Neste baixo de Maria Pita, 17, residiu prolongadamente a Irmandade da Fala corunhesa e mais o seu Conservatório Nacional de Arte Galega. (C. Foto Blanco).

F-56. A estoutro edificio e primeiro andar da rua Real, 36 trasladou-se a Irmandade da Fala, local polivalente onde radicárom, ao tempo ou sucessivamente, A Nosa Terra, as editoriais Lar e Nós, a escola galega e mais o Partido Galeguista. (C. Foto Blanco).

F-57. No baixo de Linares Rivas 50, (onde hoje radica a tenda de Isidoro Mira) estava instalado o prelo corunhês (1927-1931) da editorial Nós. (C. Foto Blanco).



F-55.



F-56.



F-57.



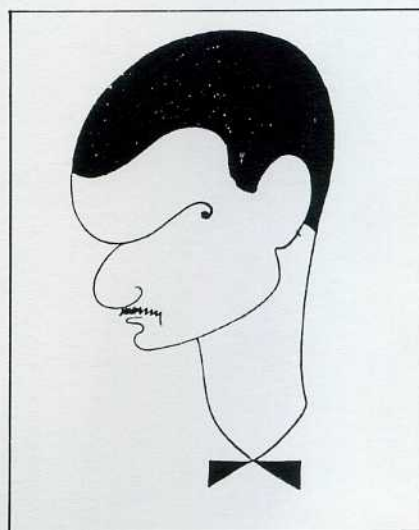
F-58.



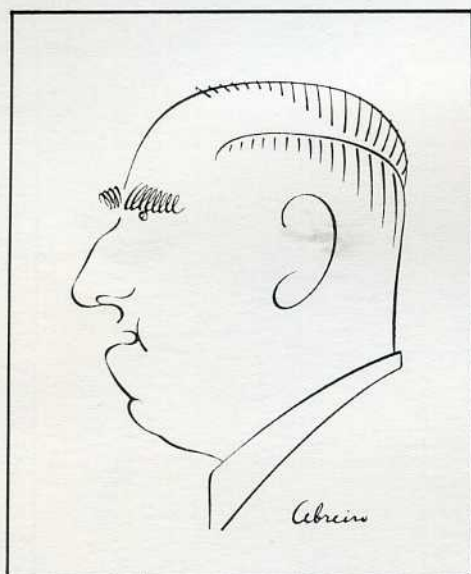
F-59.



F-60. Cabanillas por Castelao.



F-61. Peña Novo por Cebreiro.



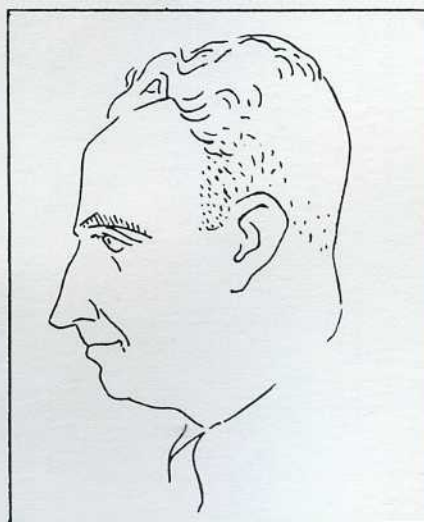
F-62. Leandro Carré por Cebreiro.



F-63.



F-64.



F-65. Ángeo Casal por Maside.



F-66. Juan González por Bagaría.

DICCIONARIO

GALEGO-CASTELÁN

POR

Leandro Carré Alvarelos

Correspondente da Real Academia Gallega e
do Instituto Histórico do Minho
Membro do Seminario de Estudos Galegos

TOMO I



EDICIÓN LAR -- A CRUÑA -- 1928

F-67.

Vocabulario Castellano-Gallego

DE LAS
Irmandades da Fala



Imprenta Moret - Galera, 48
LA CORUÑA

F-68.



F-69. Bronze de Suárez Ferrín por
Ramón Conde.

de Figueroa, Murguía, Francisca Herrera, Rey Soto, Alejandro Barreiro, M. Casás, Barcia Caballero, Filomena Dato...

- 1918 Fundação no mesmo Circo e polo seu presidente, **Casás** (F-58), e mais por **Fernando Martínez Morás** (F-59), do *Instituto de Estudios Gallegos*, que, do 24 ao 31 de Agosto do ano seguinte
- 1919 desenvolve aqui o *I Congreso de Estudios Gallegos*, com interessantes aportações internacionais.
- 1919 O 22 de Abril e no *Pabellón Lino* (F-54) apresenta-se publicamente o *Conservatorio Nazonal de Arte Galego*, baixo a direcção do corunhês **Fernando Osorio Docampo** (F-53), com *A man de Santiña* de **Ramón Cabanillas** (F-60). Tamém por estos anos o cadro de declamação do recém fundado coro *Cántigas da Terra*, dirigido aquel por **Leandro Carré** e **José Iglesias Roura**,
- 1924 fazia representações em galego. O grupo de teatro da Irmandade cambiará de Conservatório para *Escola Dramática Galega* e de direcção (para **L. Carré**) a partir de 1922.
- 1919 Do prelo de *El Noroeste* (Real, 26 e Galeira, 21), sai —como folhetim de *A Nosa Terra* núms. 105/109— *Arte e galeguismo*, primeira obra em galego publicada por **Castelao**, texto da conferência que pronunciara, no local da Irmandade da Fala, com o ensejo da mostra pictórica de **Imeldo Corral** (no Circo), e que se reproduz a continuação deste trabalho.
- 1920 O 7 de Julho —com três meses de retrasso, por ter sido impugnado— e como consequência das eleições do 8 de Fevereiro, possessiona-se do cargo de concelhal pola Corunha o vilalvês **Luís Peña Novo** (F-61), por quem se falou o nosso idioma pola primeira volta no âmbito institucional, primeiro edil nacionalista galego até que, o 1 de Outubro de 1923, o despoja o golpe de Primo de Rivera da tenência de alcaldia (que vinha desempenhando desde Fevereiro). (Antecedente do 19 de Abril de 1979, em que Domingos Merino Mejuto toma possessom como primeiro alcalde nacionalista —e socialista desta— de qualquer cidade galega na história do nosso país).
- 1922 Zinke Hnos. publica a *Gramática do idioma galego*, de **Manuel Lugris Freire**, a primeira em galego e a única exequível durante 45 anos (2.^a ed., por Moret, Galeira, 48, de 1931).
- 1923 No Consulado, o 18 e o 19 de Março, tem lugar a V Assembleia das Irmandades da Fala, mais exactamente, da *Irmandade Nazonalista Galega*. E, um mês escaso antes do citado golpe primo-riverista, em *A Nosa Terra* do 15 de Agosto, saem as *Bases das Escolas do Insíño Galego* (ver Apêndice).
- 1924 Em Real, 36-1.^o funda-se, polos corunheses **Leandro Carré Alvarellos** (F-62) e **Ângelo Casal** a editorial *Lar*, que, publicando umha obra (quincenal de primeiras, mensal depois), quase sempre novela (até um total de 40 entre os mais de 50 volumes que totaliza o seu catálogo até 1928), é, depois de *Céltiga* de Ferrol, a primeira editora galega em galego, por modesta que ela for, com continuidade, e precedente da editorial *Nós*, bem mais ambiciosa. Em *Lar* saírom primeiras edições de obras tam singulares como *Cousas* (1.^a versom) de **Castelao**, ou *O Mariscal* de **Cabanillas** e **A. Villar Ponte**... tendo começado, em 29 de Novembro, com *A Miña muller* (F-63) de **Wenceslao Fernández Flórez**.
- 1927 Com o precedente da anterior experiencia, **Ângelo Casal Gosenje** (F-65) funda, em Setembro, a editorial *Nós*, que já desde antes se ocupava de imprimir e administrar a revista ourensá homónima e, desde agora, o órgão corunhês *A Nosa Terra* e o boletim compostelâm *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos* —segundo nos esclarece Dobarro Paz. Da editorial di Fernández del Riego que foi «o principal centro de irradiação do mundo das nossas letras» e **Castelao** diria do seu director que «**Casal** por Galiza fixo mais que todos nós». (Ver Apêndice). Como mostra dessa importância, e limitando-nos à etapa corunhesa, diremos que do seu prelo saírom, sucessivamente —44, mais da metade do total e as principais— obras como: *O Galo* de **Luís Amado Carballo**, *De catro a catro* de **Manoel António**, *Os camiños da vida* e *Arredor de si* de **Ramón Otero Pedrayo**, *O porco de pé* de **Vicente M. Risco**, *Cousas* (2.^a versom) e *Cincuenta homes por dez réas* de **Castelao**, *Poesías* de **Manuel Leiras Pulpeiro**, *Nemancos* de **Gonzalo López Abente**, *Abellas de ouro* de **Xosé Lesta Meis**, *Contiños da terra* de **Ken Keirades**, *Beiramar* de **Armando Cotarelo Valledor** ou *Vieiros* de **Ricardo Carvalho Calero**, último volume este impresso na Corunha e leva data do 6 de Maio de 1931. O labor editorial iniciara-se o 25 de Novembro de 1927

com a *Historia sintética de Galicia* (F-64) de **Ramón Villar Ponte**, seguida, o 10 de Dezembro, dos *Linoleums* de **Xaime Prada Losada**, cujo álbum de gravuras, com os peculiares precedentes das *Cousas* de **Castelao** (do ano anterior, segundo vimos) e de um número extraordinário da revista pontevedresa *Alborada* (de 25-7-922), seguramente se pode considerar o primeiro livro de arte editado no país.

- 1928 Talvez como última publicação da editorial *Lar*, sai o *Diccionario Galego-castelán* de **Leandro Carré** (F-67), o primeiro em galego e de certa extensom, amais de ser o único disponível durante 30 anos.
- 1930 No local da Irmandade tem lugar a VI Assembleia Nacionalista.
- 1930 Por iniciativa do clérigo de Cúntis **José Toubes Pego**, fundador, em 1917, de *El Ideal Gallego*, cria-se a paróquia de Sám Pedro de Meçonço, talvez a primeira dedicada modernamente a um personagem galego, estabelecendo-se na antiga e humilde de Santa Luzia, nas ruas Juan Flórez e Castinheiras d'Abaixo.
- 1931 No fervor do processo estatutário (a meio caminho entre a I, de 4 de Junho, e a II Assembleia Pró Estatuto de Autonomia, de 25 de Outubro, celebradas no T. Rosalia), o alcalde accidental, **Juan González Rodríguez** (F-66), publica, o 24 de Julho, e com referência à festa nacional do 25, o primeiro bando municipal em galego na história do país, segundo se reproduz (F-70) (de *A Nosa Terra*, 1-9-31).
- 1933 Publica-se por Moret o primeiro *Vocabulario castellano-gallego* (F-68), das Irmandades da Fala (embora nom o assine) devido ao betanceiro **Salvador Mosteiro Pena**.
- 1936 Tamém será o nosso Concelho, em sessom do 22 de Abril, presidida polo alcalde **Alfredo Suárez Ferrín** (F-69), que iniciará o processo plebiscitário aprovando, por unanimidade, a seguinte moçom: 1.º Determinar a mais rápida forma de convocatória e celebraçom do plebiscito para o Estatuto da Galiza. 2.º Que o Concelho da Corunha destine 50.000 pesetas para contribuir aos gastos de propaganda e mais que se originem por mor deste assunto. 3.º Invitar a todos os Concelhos galegos para que contribuam com quantidades proporcionais aos seus ingressos. (*A Nosa Terra*, 24-4-36).
- 1949 Exposiçom *100 anos de arte en Galicia* (celebrando o centenário da *Academia Provincial de Bellas Artes Nuestra Señora del Rosario*, desde 1984 de âmbito galego), da que foi precedente a Expo. Regional de BB.AA. de Compostela (1941).
- 1949 1949, 1963, 1970: três fitos no complexo industrial-cultural do Castro de Samoedo (Ossedo-Sada), que, pese a nom ficar no nosso alfoz, polo seu grau de consubstancialidade com A Corunha nom podemos deixar de mencionar: em ditas datas fundam-se, respectivamente, as *Cerámicas do Castro*, as *Ediciós do Castro* e o *Museu Carlos Maside* (hoje de Arte Contemporánea), cujo promotor essencial foi o compostelám **Isaac Díaz Pardo** (F-72), com a colaboraçom do galego-argentino **Luis Seoane López** (F-71).
- 1953 Segunda época do cadro de declamaçom (em galego) do coro *Cántigas da Terra*. Nos anos seguintes surgiriam diversos grupos teatrais: o da *A.C.I.* (**Antonio Naveira Goday**, 1959), *Tespis* (**José Redondo Santos**, 1961), *O Facho* (**Manuel Lourenzo Pérez**, 1965) e *Teatro Circo* (do mesmo, 1967), entre outros, nom todos unilíngües em galego.
- 1955 O *Ballet Gallego de La Coruña*, fundado anos atrás polo ourensám **José Manuel Rey de Viana**, fai a sua apresentaçom pública na cidade, para, com os anos, levar a nossa presença aos mais diversos países.
- 1956 No verao (e segundo se recolhe em *La Voz de Galicia* de 2-5-89) o jornalista mezquitense **Augusto Assia** logra que se produza a primeira transmissom radiofónica em galego, polas ondas de *Radio Juventud de Galicia*, da Corunha.
- 1957 Fundada em 1951, a *Asociación Cultural Iberoamericana* (A.C.I.) começa, baixo a presidência do corunhês **Miguel González Garcés** (F-73) umha intensa actividade cultural: é entom (segundo G. Garcés) quando dá ali o lourençanês **Francisco Fernández del Riego** (F-74) a primeira conferência em galego na Corunha da pós-guerra (e da Galiza?).

UN BANDO EN GALEGO

Por ser o primeiro documento d'este caraiter que se escribe en galego damos á publicidade o bando que o alcalde da Cruña publicou o Día de Galicia. Cobizamos que o exemplo cunda en toda Galicia sin necesidade de agardar a que o bilingüismo sexa decretado oficialmente.

"Cibdadans cruñeses:

Mañán é o Día de Galicia o Día en que todol-os galegos de corazón e de alma poñen cheos de fe a sua alma, o seu corazón e as suas arelas nos novos destinos da Nai Terra, á

que deben ir sempre 'os nosos mais nobres e mais outos pensamentos. Agora, como endexamais podemos decir que os tempos foron chegados pra que Galicia, dona de si mesma, escriba no libro da sua his-

6

A NOSA TERRA

toria as páxinas inmortes do seu cobizado rexurdimento.

N'istes instantos verdadeiramente históricos en que estamos vivindo horas que parecen horas de eternidade, a capital galega non pode amostrarse indiferente diante da era de renascencia que se avoeña pr'o noso país.

A Cruña, baluarte da liberdade, tén unha limpa e longa executoria derepublicanismo e galeguismo, pois soupo manter en toda a sua enxebreza a abelencia republicana e galega como ningunha outra cibdade galega. Frente ás asoballos monárquicos que non poderán repetirse mais, puxo sempre que quise a sua xurdia forza de libre cibdadania, podente cando sabe exercitarse no contraste da vontade popular.

Esta proba de esperitoal e sincaira democracia ten que servirnos hoxe pra facer ver que seguimos sendo

os que fomos e pra amostar que o noso pasado é exemplo do noso presente e garantía do noso porvir.

Chamados a formar, dentro do novo réxime d'unha España Republicana, Federal e grande, unha Galicia próspera digna e arelante de vivir a sua vida propia e de gobernarse a si mesma, libre de estranas inxerencias pra todo o que é de seu, debemos erguer o corazón por enriba de todas as humanas cativices, pra facernos merecentes dos vindeiros días que a sorte nos apara.

Como alcalde accidental coído cumprir unha obriga do cárrago, lembrándolle ós meus conveciños a asinalada data de mañán, que é o Día consagrado ás eais tazós galegas e a todo o que sea honrar e glorificar a Galicia e a todo galego.

Sei que os cruñeses non han mester rogos pra ratificar unha vez mais o seu amor a Galicia i-os seus vellos

ideales; e por eso estou convencido de que no Día grande de mañán, Día de festa íntima i-espiritoal, latexarán todol-os corazóns en aceso homenaxe á Nosa Terra; haberá en todol-os pensamentos un único pensamento de gratitude admirativa para todol-os galegos ilustres que contribuíron a formar a conciencia galega d'estas horas solemnes; terán un afervoado recordo todol-os cibdadans que morreron con afans de liberdade e que non poideron disfrutar da emozón d'estes momentos; sentirán as nosas xuventudes o espazo do estímulo pr'as loitas do futuro, esairán de todol-as almas, mais que de todol-os beizos, un ¡Viva España Republicana e Federal! e un ¡Viva Galicia Nai'e Señora Nosa!

A Cruña, 24 de Xulio de 1931.
O voso alcalde accidental, Xoán González Rodríguez.



F-71. Seoane por Seoane.



F-72. Díaz Pardo por Seoane.



F-73. González Garcés por Seoane.



F-74. Fernández del Riego por Vizoso.

O FACHO
 AGRUPACION CULTURAL
 A CORUNA-GALIZA

F-75.



F-76.

A PALABRA DE DEUS

EVANXELIOS

TRADUCCION DO ORIXINAL GREGO
 POR
 XOSÉ MORENTE TORRES
 E
 MANUEL ESPIRA GAMALLO
 CANÓNEGOS DA R. E. I. COLEXIATA DA CRUÑA

Editorial SEPT
 Santiago MCMLXV

F-77.

A xornada pro autonomía

Chamamento a todos os galegos

Irmáns galegos:

Estamos a vivir días importantes para o futuro do noso país. Importantes, pois logo de tantos anos de silencio e de opresión a nosa voz pode e debe ser escoitada.

O centralismo que os galegos viñemos padecendo aparentemente calada e resfriadamente dende hai séculos, gobernados dende os despachos de Madrid, débese tronzar para sempre. Pois para Galicia e o seu pobo non trouxo máis que maxinación, asoballamento, esquecemento, probeza, en suma.

Emigraron e siguen a emigrar os nosos mellores homes e mulleres. Emigran os nosos aforros. Emigran as nosas riquezas. Emigran as nosas ideas. O noso territorio é unha e outra vez sometido á rapia máis descarada. Galicia é presa de máis noxenta espoliación. Nin tansiquera o noso idioma e a nosa cultura teñen dereitos.

Soio remataremos con todo iso si os galegos nos unimos e dispoñemos de poderes para decidir o que máis nos conveña. E a autonomía é hoxe o único camiño posible para iniciar a recuperación dos nosos dereitos como pobo diferenciado, e a posibilidade de que sexamos nós os que poñamos solucións aos nosos problemas.

A autonomía, que debemos considerar como o reconecemento dun dereito conquistado polo pobo galego no ano 1936 e que nunca pudo exercer.

Autonomía para ser máis nosos e así tamén poder ser máis de todos. Autonomía para que os traballadores do mar, da terra e da industria obteñan unha distribución máis xusta do froito do seu traballo escravo e sufrido. Autonomía hoxe, para ter unha terra máis nosa, con máis xusticia e con máis solidariedade nun futuro próximo. Para que a Nosa Terra se comence a ser nosa.

Mulleres e homes, mozas e mozos, nenas e rapaces, traballadores do agro, do mar e da industria, do comercio e da cultura, veciños das cidades, vilas e parroquias, galegos todos, acudide á Cruña o domingo día 4, ás 12 da mañán na Plaza de Portugal, para dar unha mostra clara de afirmación do noso desexo de ser galegos con plenitude de dereitos.

Acudide todos, homes e mulleres de Santiago, Malpica, Carballo, Betanzos, Ferrol, Cee, Arzúa, A Cruña..., galegos da beiramar e da montaña, para dar unha resposta exemplar. Para dar mostra de que pertencemos a unha comunidade que quere perpetuar a súa existencia como tal dentro da solidariedade cos outros pobos do Estado español e de que este é o inicio dun novo camiño.

Acudide todos, e que o catro de Nadal non haxa un balcón nin unha fiestra sin a bandeira da Terra. Esa bandeira azul e branca que xuntamente cos nosa lingua aínda non nos queren reconecer os que nos mandan.

Que a loita que viñeron sostendo durante anos as conciencias máis vivas do país teña o eco que merez na manifestación do domingo. Xunguidos todos, collidos das mans, co propósito firme de iniciar unha nova etapa da nosa vida colectiva para conquistar a Galicia feliz, próspera e segura de si que Castela, dende o seu panteón do cimiterio bonserense da Chacarita, siga a soñar.

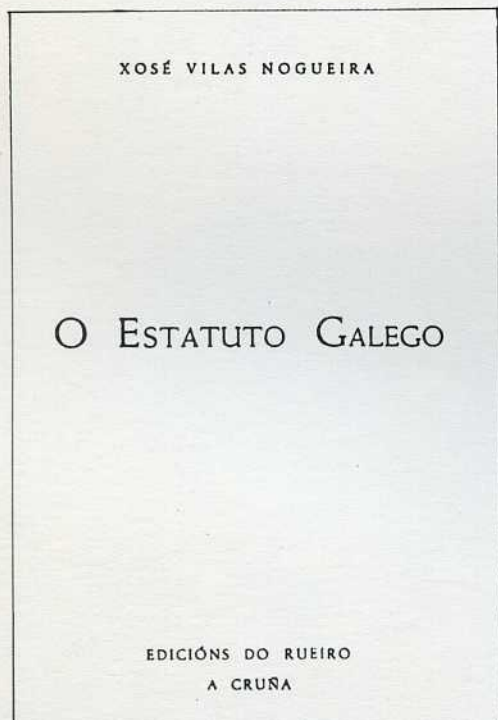
GALEGOS, A NOSA TERRA É NOSA!

VIVA GALICIA!

Comisión xestora manifestación pro autonomía

A Cruña, 30 de Santos do 1977

F-78.



F-79.



F-80. Cartel de Xosé Díaz.

MANIFESTO DA PLATAFORMA GALEGA DA CULTURA

E un feito a marxinación e opresión cultural que Galicia sofre. Esta situación sigue a se manter polos continuos atrancos que ten de aturar a liberdade de expresión en xeral e a cultura en particular. Tampouco resultan esperanzadoras as cativas perspectivas da futura autonomía, á que temos de lle dar un contido verdadeiramente popular.

Entendemos a actividade cultural como un obxectivo de primeiro orde cara acadar a liberación integral do noso pobo. Compre daquela recuperarmos a nosa identidade, potenciando o noso herdo histórico na procura da súa actualización e posterior desenvolvemento.

A permanencia deste asoballamento cultural ten o seu orixe na dependencia económico-política que, xunto ao sometemento do propio idioma polo oficialmente establecido, nos impón o centralismo estatal do capital monopolista. A folclorización sistemática das nosas auténticas manifestacións ven sendo o medio máis claro de neutralización da creatividade popular.

Diante deste ruín estado de cousas, atopámonos cunha dobre falla: por unha banda, de medios e canles pra o rexurdimento da cultura galega e, pola outra, dunha unidade e coordinación das forzas progresistas que o farian posible.

Xa que logo, vemos a necesidade de que as forzas políticas, sindicais, AA.VV., agrupacións culturais culturais e demais organizacións de base se artellen pra facer fronte a esta situación.

Propoñemos como obxectivo fundamental o espallamento e participación popular a todos os niveis da creación cultural en Galicia. Acordamos, daquela, constituir na Cruña a **Plataforma Galega da Cultura**, esforzándonos para que a nosa iniciativa medre e se extenda por toda a nación galega.

Agardamos tamén o apoio daqueles que dalgún xeito poidan colaborar nesta tarefa de resurdimiento da cultura en Galicia.

Proposta á que prestan o seu apoio:



F-81.

Proposta á que prestan o seu apoio:

Agrupacións Culturais: Agrupación Cultural "O Facho", Colectivo de Xornalistas "Mancomún", Asociación Cultural Betanceira, Sociedad Recreativa y Cultural de Sada, Centro Cultural y Recreativo de Perlío, Asociación de Oleiros, Equipo de Cine "Imaxe", Colectivo de Imaxe.

Grupos de Teatro: O Facho, Tespis, Tarastora, Escola Dramática Galega, Patronato do Pedrón de Ouro, Asociacións de Veciños da Cruña.

Sindicatos: Sindicato Galego da Información, Sindicato de Artistas Plásticos, Comisións Obreiras de Galicia, Confederación de Sindicatos Unitarios de Traballadores, Sindicato Galego de Traballadores do Ensino.

Frentes Culturais: Partido Socialista Galego, Partido Obreiro Galego, Movemento Comunista de Galicia, Partido do Traballo de Galicia, Liga Comunista Revolucionaria.

cuadernos da @ esco- la dramática galega

N.º 1 A Coruña, maio, 1978.

O TEATRO INFANTIL GALEGO

Poucos esforzos se levan feito no campo do teatro infantil galego. A primeira xeración que deu unha alternativa escénica ao teatro nacional foi a das Irmandades da Fala, coa creación, en 1919, do Conservatorio Nacional de Arte Galega, chamado logo Escola Dramática Galega. Daquela, todo ao longo dos anos 20, o movemento teatral das Irmandades, cunha nómina importante de autores e conxuntos dramáticos que recorrian as vilas de Galicia, non chegou a plantexar o asunto do teatro infantil, en parte por falta de medios para realizar tal experiencia, en parte porque subsistía o prexuízo de considerar ao neno como un simple aspirante a home, que non tiña un mundo propio.

No noso tempo, a evolución que se operou neste concepto, mesmo nos países menos desenvolvidos, parecía prometer unha boa xeira para o teatro infantil. Non aconteceu así na nosa Terra, por unha chea de circunstancias que agora non imos debullar. Hoxe o noso propósito non é o de entrar no complexo mundo da análise sociolóxica, senón o de ofrecer algúns datos que axuden a centrar o tema cara un futuro debate. Que sen dúbida ha ter que xurdir.

PUBLICACIONES

Asíra o ano 1973, que é cando sae do prelo a obra de Carlos Casares AS LARANXAS MAIS LARANXAS DE TODAS AS LARANXAS, premiada no I Concurso da Agrupación Cultural O Facho, da Coruña, non se publica ningún texto de teatro para os nenos galegos, se exceptuamos os anais do Teatro escolar do arcebispo Lago Gonsalves: EL NOMBRE DE JESUS, bilingüe, publicado na prensa en 1946, e o sainete galego CALABAZAS datado en 1881; a farsa AGROMAR, de J. Acuña, pseudónimo de Xosé Filgueira Valverde, aparecida en 1926, ou as pezas poéticas de Manuel María: BARRICA VERDE, 1968; Autos do Tabernáculo, do Marifeiro e da Costureira, polas mesmas datas..., que non son especificamente infantís, anque anuncian unha vocación que se concretaría en dúas pezas estreñadas en 1976 polo grupo ESPANTALLO, de Sarria: AUTO DO MAÍO ESMALADO e AVENTURAS E DESVENTURAS DUNHA ESPIRA DE TOXO CHAMADA BERENGUELA.

Outras publicacións foron aínda promovidas por O Facho. Trátase da obra de Bernardino Graña SINFARANIN CONTRA DON PERFECTO, mencionada no I Concurso, e mais de VIAXE AO PAIS DE NINGÜES, de Manuel Lourenzo, premiada no II. Estas pezas, xunto coa de Casares, foron editadas por Galaxia, empresa que tamén publicou OS ANXOS COMENSE CRUS, obra de Jorge Díaz traducida ao galego por Daniel Cortezón (1973), e mais o tomo de Eduardo Blanco Amor TEATRO PRA A XENTE (1974), onde se inclúe FAS E NEFAS, OU O CABELO ENMEIGADO NUMERO 9000 E PICO, "fantasía escolar pra nenos dun colexio luxoso, e pra ser representada por actores entre doce e catorce anos".

As pezas citadas, xunto coas que compoñen o tomiño MONICREQUES (1974), de Pura e Dora Vázquez, e os orixinais ou traducións que van aparecendo na revista infantil VAQALUME, resumen, salvo erro ou omisión involuntarios, a historia das publicacións teatraís infantís na nosa lingua.

F-82.



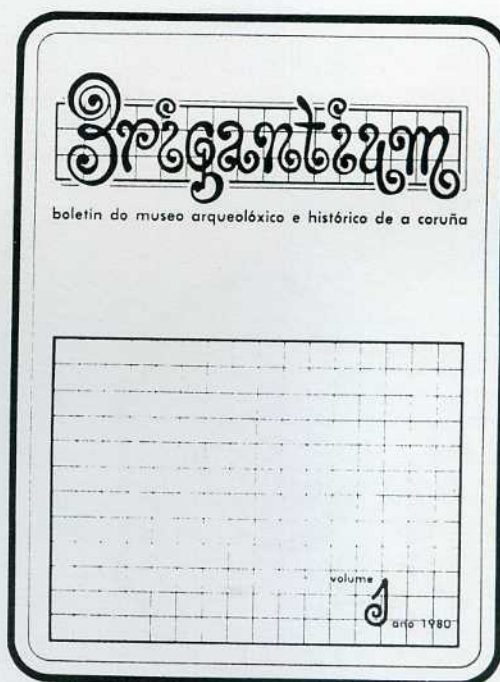
F-84.

As rúas da Cruña

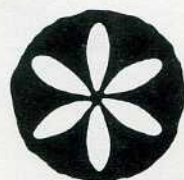
POR UN NOMENCLATOR --
--URBANO/GALEGO RACIONAL--
-E DEMOCRÁTICO

partido
socialista galego

F-83.



F-85.



RUADA

teatro luís seoane

A CORUÑA



F-89.

- 1963 A *Real Academia Gallega*, por iniciativa do mesmo **Fernández del Riego**, institue o *Día das Letras Galegas* para cada 17 de Maio. Funda-se, em Dezembro, a *Agrupación Cultural O Facho* (F-75) que, em 1968 e em 1973, respectivamente, cria os primeiros concursos de promoção da literatura de e para nenos na história do país e, em 1969, em colaboração com a *A.C. O Galo*, de Compostela, publica, em *El Ideal Gallego*, o que se reputa como primeiro curso de galego (feito em espanhol) num meio de tal difusos; tendo iniciado, em 1964, os proveitosos cursos públicos de idioma, dos primeiros na Galiza.
- 1965 Com o título *A palabra de Deus* (F-77) e baixo o selo editorial de SEPT de Compostela, a imprensa Moret tira a luz, em Dezembro, a primeira tradução directa dos evangelhos feita polos coengos **Xosé Morente Torres**, de Coirós, e **Manuel Espiña Gamallo**, de Cerdedo, que, o 27 de Novembro do ano seguinte, vam iniciar, pola primeira volta em Galiza de um jeito permanente —e com o precedente, em Compostela, o mês anterior, do párroco do Castinheirinho—, a celebração de missas católicas em galego, na igreja das Capuchinas.
- 1966 O corunhês **Pedro Barrié de la Maza** cria a *Fundación* do seu nome, que, embora maiormente em espanhol e nomeadamente desde 1971, tem prestado importantes serviços à cultura galega. (Cumpra sublinhar como o Banco Pastor, seguindo a tradição de pré-guerra, veu sendo a única entidade corunhesa a içar a bandeira pátria o *Día da Galiza*). Anos mais tarde *Caixa Galicia* (ainda *Caja de Ahorros de La Coruña y Lugo*) desempenhará um sinalado labor de mecenato cultural.
- 1968 Tamém do obradoiro de Moret sai a edição tetralíngüe (galego-catalano-euskera-espanhola) e promovida por *O Facho*, da *Declaración universal dos Dereitos do Home*, rememorando o 20º aniversário de dito acontecimento.
- 1970 Nestes anos A Corunha tem importante peso no tímido nascimento do cine galego.
- 1970 *O camiño de abaixo*, do corunhês **Xohán Casal Pardo** (F-76), e de *Edicións do Castro* e impresso em Moret, será um livro (póstumo) inovador na nossa literatura.
- 1972 Entre o 23 e o 28 de Outubro celebra-se, na sede do Colégio Provincial de Advogados (Audiência de Galiza), o *I Congreso del Derecho Gallego*, organizado pola *Academia Gallega de Jurisprudencia y Legislación* (fundada aqui o 27 de Março de 1967).
- 1973 Celebra-se no Palácio Municipal a exposição *Arte Joven de Galicia* (desde o 19-7).
- 1974 O 15 de Fevereiro, no local social do *Centro Deportivo de Santa Lucía*, e baixo a presidência de **Domingo Quiroga Rios**, **Xosé M. Beiras Torrado** e **Jenaro Dalda González**, celebra-se a primeira reunião da que sai a Comissão Gestora da *Asociación para a Defensa Ecolóxica de Galicia* (ADEGA) (F-89), apresentada pouco depois na Faculdade de Económicas de Compostela.
- 1975 Com o primeiro estudo sobre dito fenómeno, *O Estatuto galego* (F-79), de **Xosé Vilas Nogueira**, impresso em Ponte-Vedra, estreia-se aqui *Edicións do Rueiro*.
- 1976 Da autoria do corunhês **Xosé L. Laredo Verdejo**, sai do prelo de *La Voz de Galicia* (Concepción Arenal, 11) a primeira *Historia de Galiza* (*I. Os nosos devanceiros*) em galego e para a segunda etapa de E.G.B.
- 1976 Em Setembro inicia os primeiros passos a *Asociación Cultural Alexandre Bóveda* (F-89) e, o ano seguinte, em Abril, o pujante *Ateneo da Coruña Curros Enríquez* (F-89).
- 1977 Merecerá a pena citar a multitudinária manifestação por um Estatuto de Autonomia digno que, como nas mais vilas da Galiza, tem aqui lugar o 4 de Dezembro? (F-78/80).
- 1977 Nessas datas nasce a *Escola Dramática Galega* (com domicílio em Santa Teresa, 18, baixo), que, à parte as suas funções didáctica e de representação teatral, vem tirando do prelo, desde Maio do ano seguinte, os seus famosos *Cadernos* (F-82), o primeiro deles intitulado *O teatro infantil galego*, da autoria de **M. Lourenzo**.
- 1977 Aquel ano tem lugar, incardinada na anual Feira do Livro estival, umha mostra e venda de livros portugueses por conta do livreiro **Fernando Arenas Quintela**.
- 1978 Saem aqui e no mesmo prelo de *La Voz de Galicia*: 1) um livrinho, *As ruas da Cruña. Por un nomenclátor urbano galego, racional e democrático* (F-83), que, emanada do *Partido Socialista Galego*, é a primeira proposta no país em tal sentido; e 2) um livro, *O galego hoxe. Curso de*

Língua, da responsabilidade da A.C. *O Facho*, que é também o primeiro das suas características e que, em curto prazo, alcançou nove edições e grande tiragem.

- 1979 Com o precedente do selo discográfico corunhês *Abrente* (1977), em Dezembro cria-se *Ruada* (F-89), primeira editorial fonográfica galega (com domicílio na rua Nuestra Señora de la Luz, 18, baixo), que, no decurso de três anos, edita uns 50 discos e cassettes da nossa música popular e académica.

- 1980 O Facho propom a instituição do *Día da Nosa Fala*, para cada 18 de Maio (ver ano 1916), como necessário complemento do Día das Letras Galegas.

Este mesmo ano nascem: o Boletim *Brigantium* (F-85) (órgão do *Museu Arqueológico e Histórico «Castelo de Santo Antom»*), dirigido polo próprio director do Museu, o carvalhinês **Felipe Senén López Gómez** (quem, desde esse cargo, leva a cabo, de anos atrás, umha eficazíssima difusão dos nossos valores); e a revista *Man Común* (F-84), da mão de *Edicións do Rueiro*, dirigida polo galego-andaluz **Xosé António Gaciño Barral**.

Também agora é que se funda *Editorial Atlántico*, que é a primeira em publicar, sistematicamente, livros de arte galega.

- 1981 O 26 de Agosto inaugura-se a *Sala de Teatro Luís Seoane* (F-89), maismente destinada ao teatro galego e a primeira estável no país (sita na rua Alfredo Vicenti, 5) com *A casa das tres luas*, de **Ramón Otero Pedrayo**.

- 1982 Estabelece-se aqui, em Setembro, a *Livraria Couceiro* (da Praça do Livro), primeira da Galiza dedicada exclusivamente à venda do livro galego e do português. (Em Fevereiro do ano anterior tivera lugar, por conta do Facho, a *I Mostra do Livro Luso-Brasileiro*, na Sala de exposições da Casa da Cultura).

- 1983 Com *Dialéctica do desenvolvimento: nação, língua, classes sociais* (F-86), de **Ramón López-Suevos**, de Gráficas Vénus, de Mesoiro, inaugura aqui o seu fundo editorial a *Associação Galega da Língua* (AGAL), que também tira na mesma, desde 1985, a revista *Agália* (F-87), e, em 1990, o primeiro estudo global sobre *Apelidos galegos*.

No mesmo ano 83 nasce, responsabilidade de *Edicións do Castro/Moret*, a revista *Luzes de Galiza* (F-88), dirigida polo corunhês **Manuel Rivas Barrós**.

- 1984 Nace a editorial *Algália* com dous poemários de **Bernardino Graña**.

- 1985 E,inda que radicando no imediato Perilho, a editorial *Vía Láctea*, cujas primeiras publicações foram *Coa xente miúda* I e II e *Galego* I e II, todos quatro da equipa *Esteo*.

- 1986 Constituída legalmente em Compostela, fixa aqui a sua sede a *Federación de Asociacións Culturais Galegas*, nascida quatro anos atrás, da que cabe considerar antecedente indirecto a *Plataforma Galega da Cultura* (F-81), aqui constituída (16-5-78) e seqüela local a *Mesa Cultural da Coruña* (3-2-84).

Dito ano, com data 19 de Março, e por obra do magistrado **Gonçalo de la Hueriga Fidalgo**, produz-se, na Audiência Territorial da Corunha, a primeira sentença em galego da história.

- 1988 A começos de ano nasce a *Asociación Galega de Compositores*.

- 1991 O 4 de Abril, a Comissão Parlamentar Institucional do Parlamento de Galiza aprova a institucionalização do *Día de Castelao*, para cada 30 de Janeiro, proposto desde A Corunha o ano 90 e celebrado aqui desde 1989.

Em Maio surgem: a editorial *Bahia*, com o livro de **Manuel Portas Fernández** *Língua e sociedade na Galiza*, e com *Metáfora da metáfora*, de **Maria Xosé Queizán**, a coleção de poesia *Espiral Maior*.

BREVE INFORME SOBRE OS DIVERSOS LOCAIS QUE OCUPÁROM AS DIFERENTES ORGANIZAÇÕES GALEGUISTAS DA CORUNHA NO PERÍODO 1916-1936

Constituída a (1.^a) *Irmandade dos Amigos da Fala* no local da *Real Academia Gallega*, sito daquela (antes de se instalar, para 50 anos, numhas dependências do Palácio Municipal) em **Rego da Auga, 38-1.º** (F-41), ali ficou até passar (1918) ao quiosque do Passeio de Méndez Núñez ou *Relleno* (onde o actual Hotel Atlántico, que mais tarde ocuparia o *Cinema-Salón Coruña* (1)), parte central do citado pavilhão, de onde se trasladaria a **Maria Pita, 17 bº** (F-55) (com entrada também pela **Marinha, 6**, actual empresa Cal Pita, onde estivera, na década 1880/90 o primeiro *El Noroeste* e onde estaria, depois, o escultor Escudero): foi neste local, no que radicou 5 anos (1919-1924), que se instalou o teatro da Irmandade, , sucessivamente chamado *Conservatorio Nazonal de Arte Galego* (1919-1922) e *Escola Dramática Galega* (1922-1926), com o cenário na parte mais alta, contra a Praça. (Brevemente, cumpre resenhar os teatros Rosalia Castro e Emilia Pardo-Bazán —este onde *Obras del Puerto*, com fachada principal à actual rua Ambrósio Feijoo— e mais o *Pabellón Lino* —no sítio da actual Estação Marítima/Sala de Exposições municipal—, como lugares de representações teatrais galegas, e o Circo de Artesãos —velho edifício no mesmo empraçamento do que o de hoje— como local de conferências e exposições).

Chega o ano 1924: a Irmandade e mais o periódico *A Nosa Terra* estabelecem-se em **Real, 36-1.º** (F-56) (redacção e administração), local onde, simultaneamente, se funda a editorial *Lar*; tanto esta como o órgão das Irmandades terão o prelo em **Franja, 34. (2)**. Em Real permanecerá este complexo até o infausto ano 36, em que se produz o assalto (e queima de livros, correspondência, quadros —tal *O Abráquico*, de Castelao—, um painel de C. Díaz Valinho representando *A Justiça*, dous baixo-relevos em gesso —*A volta da sega*, um deles— de seu irmão Indalécio...) (3). No mesmo local radicava, desde a sua fundação (1931) o *Partido Galeguista*. E na traseira a *escola primária* que Casal atendia, e que foi a primeira em galego de que se tem notícia (ver as *Bases de A Nosa Terra*). Assim, Casal era a alma mater, como colaborador ou como realizador, de umha múltipla actividade: escola, editorial, periódico (onde era decisivo o labor de Vitor Casas, a cujo nome figurava mesmo o contrato do aluguer do local)... tudo a conviver ali e surgido no seio da Irmandade.

No ano 1927 separam-se os sócios fundadores de Lar, Leandro Carré e Ângelo Casal: aquel fica com o prelo da rua da Franja e este instala o da flamante editorial *Nós* em **Linares Rivas, 50** (F-57) (se bem Real, 36-1.º segue a ser a redacção e administração), isto até o ano 31 em que se traslada a Compostela, forçado por razões técnico-económicas. A respeito de *A Nosa Terra*: na cabeceira figuram, sucessivamente, os seguintes domicílios: **Cantom Grande, 16-bº** (Casa de Moore); **Rego da Auga, 38-1.º**; **Pº de Méndez Núñez**; **Maria Pita, 17-bº**, e **Real, 36-1.º**; salvo o primeiro e efémero domicílio, os mais já sabemos eram os da própria Irmandade da Fala. Tocante aos prelos, foram, sucessivamente: *La Voz de Galicia*, Roel, Tipografía Obrera, *El Noroeste*, Villuendas (Betanços), *El Noroeste* e Moret; quando o prelo é o próprio nom figura: desde 1925 será o da Franja, desde 1927, o de Linares Rivas, que começa a figurar como tal prelo ainda em 1930, se bem brevemente, pois em Maio de dito ano o periódico imprime-se novamente em Villuendas, para passar a Ponte-Vedra em Março de 1932... e re-integrar-se ao prelo de Nós, em Compostela, no seguinte 1933.

NOTAS:

- (1) Assim como *La Terraza* inteira foi para Sada, umha parte deste quiosque foi para Carvalho, à hora de edificar o Hotel Atlántico anterior ao de hoje. Este dado do local do *Relleno* foi proporcionado por J. Marinho del Valle.
- (2) Contudo, os primeiros volumes de Lar imprimem-se em Moret, daquela recém-nacida e instalada na Marinha, 28, canto da Casa de Paredes com a acera do Governo Civil (onde até estes anos radicou umha tabacaria: dado de J. Marinho).
- (3) Dados de Luís Seoane e J. Marinho, quem lembra, assimesmo, a cabeça representando a Porteiro Gareia, de grandes dimensões, em gesso do mesmo Indalécio, que ao cair no local de Maria Pita rompeu irremissivelmente.

BIBLIOGRAFIA

- A NOSA TERRA. Colección re-editada em nove tomos por Edman/Edivar, A Corunha, 1988.
- BARREIRO FERNÁNDEZ, X. R. *Galicia contemporánea (ss. XIX-XX). Historia política*, tomo I, pp. 51 e 62. Ed. Nós, A Corunha, 1982.
- BUGALLAL Y VELA, J. *Origen y evolución de las armas de Galicia. La bandera de Galicia*. Ed. Hidalguía, Madrid, 1981.
- CAAMAÑO, M. & RZ. PAMPIN, X. M. *Pro e contra da litúrxia en galego*. Ed. Sept, Ponte-Vedra, 1980.
- CARBALLO CALERO, R. *Historia da literatura galega contemporánea*. Ed. Galaxia, Vigo, 2.^a ed., 1975.
- CARRÉ ALVARELLOS, Luis. *Manuel Curros Enríquez*. Ed. Galicia, Buenos Aires, 1953.
- CARREIRA, X. M. & BALBOA, M. *150 anos de música galega*. Ed. Xunta de Galicia, Ponte-Vedra, 1979.
- CASÁS FERNÁNDEZ, M. *Episodios gallegos*. Ed. Galicia, Buenos Aires, 1953.
- ESTRADA CATOYRA, F. *La Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos en sus 83 años de vida*. Imp. El Ideal Gallego, A Corunha, s/d (1930).
- FERNÁNDEZ DEL RIEGO, F. *Ánxel Casal e o libro galego*. Ed. do Castro/Moret, Sada, 1983. (Inclue como apêndice o catálogo da Ed. Nós).
- GONZÁLEZ LÓPEZ, E. *El águila gala y el buho gallego*. Ed. Galicia, Buenos Aires, 1975.
- GRAN ENCICLOPEDIA GALLEGA, voces: ADEGA, CATECISMO SOLIDARIO (J.A.D.), DERECHO (RCP), FOLKLORE GALLEGO, IRMANDADES DA FALA (J.G.B.), LIGA GALLEGA (R.M.S.), VEIGA IGLESIAS (F.L.A.L.). Ed. S. Cañada, Compostela/Gijón, s/a.
- LEDO ANDIÓN, M. *Prensa e galeguismo: da prensa galega do XIX ao primeiro periódico nacionalista*. Ed. do Castro/Moret, Sada, 1982.
- LOURENZO, M. & PILLADO, F. *O teatro galego*. Ed. do Castro, Sada, 1979.
- Dicionário do teatro galego*. Ed. Sotelo Blanco, Barcelona, 1987.
- MONTERROSO DEvesa, X.-M. *Galiza: história de cen anos*. La Voz de Galicia, 1982/83.
- Castelao na Corunha*. Revista Monográfica de Cultura, n.º 2, Do Castro/Moret, Sada, 1986.
- A Galiza cultural na primeira endécada de A Nosa Terra*. A Nosa Terra, núm. extra, Rio Tinto, Portugal, 1988.
- POSSE, J. A. *Memorias del cura liberal D. Juan Antonio Posse, con su discurso sobre la Constitución de 1812*. (Ed. de R. Herr). Ed. Siglo XXI, Madrid, 1984.
- RABUNHAL, H. & MONTERROSO, X.-M. *Jenaro Marínhas del Valle: testemunha de umha lealdade* (in Agália, n.º 18, A Corunha, 1989).
- ROCA CENDÁN, M. *Lois Peña Novo*. Ed. do Castro/Moret, Sada, 1982.
- SANTOS GAYOSO, E. *Historia de la prensa gallega 1800-1986*. Ed. do Castro/Moret, Sada, 1990.
- VILARIÑO, D. & PARDO, V. *O libro galego onte e hoxe*. Ed. Universidade de Santiago, Compostela, 1981.

AGRADECIMENTOS:

A D. J. Marínhas, a Aracéli Corsanego, ao Museu de Ponte-Vedra, ao Arquivo Histórico da Corunha e mais ao Instituto Padre Sarmiento de Estudos Galegos.

IRMANDADE DA FALA

ARTE E GALEGUISMO

CONFERENCIA



Alfonso R. Castelao

NA EXPOSICIÓN DE INELDO CORRAL

NA GRUÑA O 25 D'OUTONO DO 1919.



Tip. de EL NOROESTE

LA CORUÑA

Reproduz-se, em fac-similar, e sem comentários—
—incluídas as gralhas e as omissoes do tipógrafo—
este texto recuperado da conferencia proferida por
Castelao na Irmandade da Fala da Corunha o
25-10-919.

Arte e Galeguismo

Cumplindo un deber de outo patriotismo, ou mellor dito aínda, d'un patriotismo que acoso levo sempre n'opeito, vou falar en galego.

Na fala doce e sentida
Antre bicos deprendida,
N'o colo do miña nai,

que dixo o poeta da raza.

Pra que vos fale en galego abonda qu'en sexa un d'os que traballán pra erguer a conciencia durmientá d'a nosa persoalidade nazonal; mais eu, agora non, vou a falar coma, galeguista, sonon coma, namorado d'un Arte, que sendo rexional pudera conquistar universalidade.

Un idioma non é somente un xeito d'expressión. Se así fose habería que matar o galego, e diapos, pol'as mesmas razóns, teríamos que matar o castelán, atá que atopásemos c'o idioma que

tivese o máis outo creto científico, o máis grande valor bibliográfico. Non; un idioma non é somente un xeito d'expressión, é tamén unha fonte de Arte. ¡Quen fose poeta pra decirvos o qu'é un idioma! Eu, artista, por non ollar cegada unha fonte de Arte teño que defender a fala d'os nosos abós.

Cando coidaba qu'o mundo non iña máis alá d'os montes que vían os meus ollos de neno, eu aínda non deprendera o castelán. Por iso, pra min ten o galego unha saudade morna que me lembra o tempo lonxano e feliz d'a miña creanza, o tempo feliz de todos os homes, quizaves mais feliz pra min, que son aldeán. Por iso, por sere aldeán galego, defendo a fala d'os nosos abós.

O Arte galego non é, non, faguer cousas de asunto galego. En Alemania escribouse, xa fai anos, unha ópera que se chamaba: «Rosa de Pontevedra»; mais a ópera, ¡non ten volta!, era alemana. Sorolla pode ir ó Xapón á pintar unha escea d'o Yoshiwara; mais o que pinte Sorolla non será, ¡que vai sere!, pintura xaponesa. Pra qu'haxa pintura galega—que aínda non-a hai—é preciso pintar en galego, d'a mesma maneira que pra sermos donos d'unha literatura galega, xenios d'a nosa raza escribiron en galego. O Arte é un, e a literatura, com'a música e a pintura galega non poden sere máis que xeitos d'expressión d'unha mesma beleza: a

d'a nosa terra. E sendo eu un d'os que traballan pol-o conq'uerimento d'un Arte galego, teño que defender a fala d'os nosos abós.

Podería preguntárenos: ¿Valle-Inclán é artista galego? ¡Xa o vexo!; mais Valle-Inclán pensando, sentindo y escribindo en galego, publica somentes unhas traducucións literaes en castelán; y eu chámolle artista galego porque presinto, vexo, c'os ollos d'a i-alma, as súas obras escritas en galego. Podería preguntárenos tamén: ¿Rey Soto é un poeta galego? Non e non; poeta galego é-o Ramón Cabanillas, é-o Noriega Varela, Rey Soto é un poeta castelán nado en Ourense, moi bó, moi xenial, se queredes pero alleo. E como eu cobizo pra miña terra un Arte seu, defendo a fala d'os nosos abós.

Alguns escribidores nados en Galicia, que nin son galegos nin artistas, no se fartan de ceibar moreas de prosa querendo fanar con razóns podres, valeiras de senso, o qu'é froito d'o sentimento. Istes turistas n'a súa terra, que describen ou pintan un paisaxe galego coa mesma quentura espiritual con que pintarían unha roda de moer café, son froitos merados d'a nosa terra, á quen non val-a pena de chantarl'os dentes. A centralista Francia bateu as maus d'alegría cando veu rexurdir o xenio da Provenza no Arte milagreiro de Mistral. En troques ¡xa non digo n'a

Hispania!, n'a mesma Galicia, hai esborrachadores que non queren o rexurdimento d'a fala d'o Rey Sabio; mais... ¡que l'limos faguer!; istes malos patriotas non poden darnos as normas d'o sentimento. E coma eu son bó galego, defendo a fala d'os nosos abós.

E costumé chamar galegos á todol-os que nacen en Galicia; mais eu coido, e vos tamén, que non abonda seren nados n'unha terra pra seren fillos d'ela. Declame un dibuxante andaluz de moito miolo, querendo espricar a morriña: «os bós galegos tendes raíces n'a terra; mais isas raíces son elásticas, de tanta elasticidade que vos deixan dare mil voltas ó redor d'o m'undo e alentando n'os vosos eidos». E ollade coma n'este dito d'un andaluz que comprende a nosa saudade, encérrase unha chea de cousas. E certo; os bós galegos botamos raíces á beira d'o berce; mais non com'os arbres, non com'a edra que apreix'as pedras d'o pazo ou d'a chonza onde nascemos. As raíces nosas son finíñas coma fíos; o vicio d'a raza lévanos lonxe d'o lar, d'a terra mesma que nos don'a forza, sen qu'en ningures atopemos acougo pr'as nosas tristuras; e cando cansos d'a loita non podemos ir adiante sempre temos o camiño d'a volta que turra por nós c'unha forza misteriosa. E n'a volta ó lar échenne os nosos desexos. Os galegos non temos

luz d'a esperanza diante de nós, té-mola detrás de nós, enriba d'o pazo ou d'a chouza onde nascemos. As miñas raíces non son fíos; son chicotes, que non me deixun tansiquera sahir d'a terra de meus abós. Tan namorado d'a miña terra tiña que falarvos en galego.

Por sere enxebre non vayades á coimar que m'atraco de lácón con grelos, que teño saudade d'o pantaión de boca do cadela e d'as cirolas de liño, ou qu'antre-neto e neto d'o bó tinto saíndome arrotos de caraxe contr'as pobres terras de Castela. Non; os bos galegos damos un paso atrás, mais é pra tomar pulo e non caer espaturrados n'a lameira. Os enxebres d'agora queremos unha cultura galega. E sendo eu enxebre tiña que falarvos en galego.

N'iste intre teme sen coidado a oficialidade ou non oficialidade d'a lingua galega. Eu vou á falar de Arte e por iso a miña i-alma galega falará n'o seu idioma.

Tallo eu d'o olfato que moitos teñen pra engayolar con verbas que les saen d'a boca coma lindas adoas de vidro, prégovos, denantes d'o empezo d'esta miña engadella literaria, un pouquiño de simpatía e de bondade pra min. Pouco afeito como estou á istes trafegos d'as letras ond'a música trunfa moitas veces por riba d'as ideas, ben

sei, con tristura, que non son quén pr'amstrarvos meus sentimentos cubertos con aquelas xoyas que fan pasar ás xentes.

O azo que teño empúrrame á mostrar os meus sentimentos; iles irán encoirriños, medofentos os pobres; mais as súas guedeliñas louras, os seus ollos azules, o aquel de bondade e de verdade que n'eles se vexa quizaves fagan abalar os corazóns irmáns. Y-esto só encheríame d'unha fondísima ledicia.

Denantes e despois de que o alemán Bansugarten dese nome á Estética alá pol-o ano de 1735, déronse mil definicións d'o Arte e amañáronse outras tantas teorías estéticas. Sería de pouco proveito meternos n'elas, pois ou lle chamamos malas a todas ou atoparíamos que as mellores trúcanse. Pra nós, qu'estamos limpos de toda filosofía, o Arte é o Arte e nada máis. (Algunha vez fiamos ser revolucionarios).

Empregamos a cotío a verba beleza, anque non seipamos de certo o que quér dicir, encachándoa n'a nosa fala nada máis que pra desenrolar mellor o noso traballo que máis ideas alleas terá que ideais miñas.

Cando s'escoita dicir á moitos lacoel-tros de mielo de trapoll «eu tal», «eu cad», había que preguntarlle: pero... ¿voslede é persoa? Pois o primeiro que

ten que sere un home pra t r o «eu»   sere persoa.   E hay tan poucas...!

«Pois ben; ise «eu» d'os homes que s n persoas, n' o Arte   o que se chama estilo. Unha chea de virtuosos din   cotío: «o meu Arte tal», «o meu Arte cal», e traballo custa non chantarillas n' a cara; pero...   vostede tan personalidade? Pois o primeiro de todo que debe t r un artista   personalidade.

D  Le Dantec: «Se nos podemos n' o terreo cent fico a nzariamos, sen dúbida ningunha, a dicir que a parte persoal que teña todo traballo de imitación   unha mostra de cativez». E respondelle Jean d'Udine: «Po  ndonos n' o terreo cent fico   certo canto d ; mais se nos podemos n' o terreo d' o Arte non-o  . N' o primeiro caso o que se busca   unha obra literal, o eco, o «calco» d'os ritmos naturais, a análisis d'estos; namentas que n' o outro caso xa non son isos ritmos, por si mesmos, os que nos intresan, senón a emoción que nos deron, os ritmos persoais que despertaron en nós. A Cencia traballa pol' a verdade; o Arte somente t n sede d'estilo». E xa sabemos que o estilo   a mais outra eispresión d' a personalidade.

Pra sere artista fai falla s re «un vibrador pasivo, un resoador espontáneo» e ademais sentir n' o peito a «vountade de facer», ou mellor anda, a «volutuosidade» de facer duradeiras as

emocións «suxeridas»; pois, como sigue dicindo d'Udine: «o Arte debe sere unha imitación d' a Natureza; mais isa imitación debe sere a d' a actividade d' o home diante d' o fenómeno e non a imitación d' o fenómeno mesmo».

Moitas veces homes de b  gosto roncando anaqu o eiquí e anaqu o al  chegan a faguer ou arrambar un estilo que por sere fillo de moitos pais, parécenos que non ten pai. Por iso completadicir que sendo o estilo a eispresión d' a personalidade non son a mesma cousa, aunque Buff n dixo que «o estilo   o home». A personalidade   cousa máis fonda que o estilo; a personalidade non se fai nin se arromba con acaos alleos; a personalidade nasce e medra n' o seu ambiente. Os galegos moi galegos, por sermos galegos nada máis, xa podemos t r personalidade e melloral-a pol' a contemplación   cotío d' o paisaxe, nai d' a raza, mestre d'os sentimentos.   Temos un paisaxe noso? Pois logo podemos t r personalidade   O noso paisaxe   orixinal? Pois logo nós podemos ser orixinaes. Non hay máis que t r   «vountade de facer» («a volutuosidade» de traducir, val ndonos d'un xeito d'eispresión, as nosas emocións suxeitas, pol' o paisaxe. Alumi ndoaio a nosa enxebreira, sen afocitar laidamente diante d' as modas alleas, podemos chegar   conquistar un Arte noso, que sexa   carón d'os outros,  

— 11 —

“que o noso paisaxe é á carón d'os demais paisaxes d'o mundo.”

Pola nogalla vergoñosa d'os ananxos que dirixen pol-a forza ó pobo galego, tan enxebre, tan forte, tan vidente o tan artista, as nosas forzas morren con'os ríos n'o mar; mais a potencia-lidade d'a raza non debala e aínda podemos chegar ó curulo d'a sona, com'alá n'os nosos séculos de ouro, se voltamos os ollos ás nosas tradicións e poñemos o azo de sermos, n'un porvir venturoiro qu'erga labarrada d'antusiasmo en todol-os corazóns artistas e bós. Afeté que o pobo galego habla deixar a súa enxebreira e o pobo galego, mainamente, siguen gardando o tesouro folk-lórico d'a nosa terra pra qu'oxe ou mañán, homes vollos d'o erro no-xento de coidárense cativos por seren enxebres, recollan anadas coa semente que souperon gardar coma ouro os nosos abós paisanos.

Dí Bernardo G. Barros: “A orixinalidade non é máis que unha sinceridade posta ó servizo d'un ollar individual. A miúdo iste ollar é sinceridade d'un fato de homes; y-entón nase a escola”.

Pousade o entendimento enriba d'estas liñas alleas e dicídemse se co-a sola vontade de querer voltar a sere fillos d'a terra non abranquermanos o froito cobizado. Un ollar individual...! Nós témol-o xa; o que non temos é o desexo

— 12 —

d'a sinceridade e d'aquela seremos sempre unhas monas d'imitación.

Non ten volta. Desviados d'a terra por non querer ser miñocas faguémonos monas, e ós nosos paisanos que teñen un arte seu, máis verdadeiro e máis outo, fíámolos dende a nosa maxinada: outura cultural sen reparar que illes viven e que teñen un Arte qu'è a «ispresión d'o sentido d'a súa vida».

Escóitade unhas verbas de Tolstoi: “Pódese dicir que houbo un Arte nazonal xudio, grego, exipcio, chino e indio. Tamen o houbo n'a Rusia até Pedro o Grande e n'o resto d'a Europa até o século XIII e XIV. Mais dende que n'clás máis outa fícou sen fé nin-gunha, non houbo máis que dous Artes: o d'o pobo e o d'a clás d'os homes escollidos. D'aquela non viveu a humanidade sen Arte n'os tempos novos, senón que somente viviron sen Arte as xentes outas d'a nosa sociedade europea e cristián”.

E ollemos coma Tolstoi alumea o noso verdadeiro camiño. Nós tamén tivemos o noso Arte denantes d'o século XIV, o Arte máis grande d'as terras d'Hespaña, d'unha subxetividade que nunca pudo conquistar o castelán, e c'un feito aloumifante que somente podería ter as suás raíces n'a Provenza. Dend'entón n'a nosa terra tamén temos dous artes: o d'o pobo aldeán e o d'os homes sabidos e lidos da cibdá.

N'as aldeas resoan os alalás saudosos-namentras n'as vilas e cibdás fan fumb n'os corazóns tocadas tan feiteceiras com'aquela habanera d'un músico de Betanzos, que se chamaba: «Ay, que me se pierde el gusto».

As cibdás galegas teñen algún arte. Pensando con Hutchensón que di que: «a beleza nada ten que ver co-a bondade e moitas veces é sua nemiga», podemos dicir que quizaves teña algún. Pensando con Tolstoi xa víchedes que non ten ningún.

Deixándonos de funambulismos máis ou menos filosóficos e falando con sinxeleza, imos a fitar a vida d'as xentes escollidas d'as cibdás galegas. Hai homes que mercan libros que venen do fora, hay homes que van ós concertos de boa música; estes homes gorentan o Arte. Cinco, dez, vinte... homes en cada cibdá gorentan o Arte alleo; mais ningún fai Arte noso. N'as cibdás galegas non hay artistas. En troques, hai-nos en calquera curruncho aldeán, pot-que os aldeáns teñen persoalidade.

Dí Jean d'Udine: «Pídelle á un ferreiro d'aldea que che forxe un carabel pr'adornar, per exemplo, un petador d'a tua porta. Cicais o ferreiro non facer máis que unha imaxe moi basta d'a fina corola; mais se ten gosto e sentimento d'as proporcións a sua obra non deixará de ser artística, pois ó es-coller os elementos florais pra imital-os

en ferro, poñerá n'eles o sinal d'a sua personalidade. En troques, un plateiro moi xeitoso, ó imitar as máis pequeniñas follas d'o carabel non será máis que un servil imitador, un traballador sen espírito».

D'artistas d'a cepa deste plateiro están inzadas as nosas cibdás.

N'as nosas cibdás galegas non se fai Arte: imitase o Arte d'outros pobos mellor dirixidos. Dá 'noxo fitar coma tendo nós un antigo estilo arquitectónico nin soupemos rexuvenecer a tradición, nin soupemos seguila, nin, ó rifar con ela, puxemos un gran d'area n'a creación d'unha nova que sexa a expresión d'as ideas d'o noso século. Rifamos co-a tradición sen facer unha nova tradición, e aínda temos fachenda en sermos d'o século XX e ter unha cultura que, pol-o demais, tampouco é nosa. Sen o relixioso antusiasmo pol-a Natureza, sen o amor ó noso paisaxe, mal podíamos faguer «paisaxes arquitectónicas». Pra Ruskín ningunha obra arquitectónica é fermosa coma non paxa sahir d'o chan e axeitarse á natureza onde s'erga; mais Ruskín aínda non chegou ó miolo d'os nosos homes d'a cibdá.

Ningún vai sere tan tolo que quíde-qu'os novos tempos non requiren novos sistemas d'estructura; eu penso con Fiorenza-Gevaert que «debemos voltar ó instinto d'o neno, desenrolando as suas

individualidades e pra iso poñámonos diante d'a Natureza e d'a realidade. Nada de copear ornamentos gregos nin archivoltas oxivales; samente a Natureza. E por natureza non entendemos só a cópia d'os elementos decorativos que dan as plantas e a figura, senón tamén o estudio d'as nosas necesidades, d'os nosos materiais, que pode sere a maneira de chegar á creación d'un estio. Eu ben sei que os novos tempos requiren novas construcións pois coma dixo Viollet-le-Duc: «os inxenieros que fixeron as locomotoras non pensaron imitar as dilixencias»; mais eu non vexo tansiquera ningunha falsificación d'o noso Arte vello. Eu non vexo máis que casas de boa pedra, traballadas pol-os mellóres canteiros d'o mundo, postas en ringleira coma unha comparisa d'o antroido en que cada un se vistise co-a roupa que l'emprestaron.

A min fame choutar de carraxe iss andacio d'o chamado «chaleb», onde viven os nosos homes de diñeiro e... os nosos ministros. ¡A tales casas tales homes! Parece mentira que ningún fixese ainda unha casa galega; mais o conto é que namentras en Baskonia aínda en Santander rexurde a súa arquitectura, eiquí que temos mil pazos antigos que poden ser a base d'un estilo de casas de campo, fanse samente tartas de pedras, ananuxos de cemento, grilleiras de ladrillo... E así viven os

nosos homes de diñeiro. Fan casas pra viviren dos cartos ganados ou herdados, n'os eidos que mais l'acomodan; mais non sinten a necesidade d'a casa propia. Fan casas por vanidade, por orgullo; mais non teñen o sentimento d'o fogar propio, pois iste sentimento está mantido pol-o cariño ós eidos e iste cariño abonda pra que o fogar d'un non sexa alleo ó paisaxe d'a terra onde queren os gorentar a vida e dispois morrer. ¡Qué por falla de cultura artística se fan casas alleas pra fogares propios n'a terra propia? ¡Pobres homes ricos...!

Non quero falar d'a obra destrutoria d'os nosos cregos n'as irexas. Se as cousas non cambean, axiña ficaremos sen o noso tesouro arqueolóxico, d'o que non restarán nin siquera fotografías.

Hainos tan parvos que lle mandan dar unha man de cemento á súa casa de canteiría pra imitar dispois canteiría, que ven a sere o mesmo que darlle purpurina ó verdadeiro ouro.

¡Queredes unha proba fonda de que a clás de homes escollidos en Galicia non téñ nin migalla de sentimento artístico? Ahí tendes o monumento de Montero Ríos n'a chamada Atenas de Galicia, e preto d'él o Pórtico d'a Gloria. N'a praza d'o Hospital, sonada no mundo enteiro, érguese a obra d'o mestre Mateos, pra lembranza d'os ho-

os séculos d'ouro, e n'o medio e medio d'a praza un alcalde de Compostela, qu'é catedrático d'a Universidade galega, traballou con todolos seus folgos pra erguer a máis outa vergonza d'os galegos d'o século XX.

O movemento centralizador e internacional á xunta, iñan en camiño de matar as arelas artísticas d'as nazóns. En traíismo e pervertidas por aires de forra iñan en camiño de cegar todas as fontes de Arte. E fenómeno universal que n'a nosa terra fixo verdadeiros estropícios.

Florens-Gevaert din-os n'o seu libro «O arte d'hoxe» falando d'a reacción contr'o movemento centralista e internacional: «Fixémonos en que a revolución estética estaba n'a nazón que mellor soupo gardar a súa autonomía e o seu carácter antigo: en Inglaterra. Agardábase unha reforma máis outa e algunchos artistas belgas emprenderon-a valentemente. Os belgas mantúveronse sempre neimigos d'o centralismo; as primeiras cibdás teñen unha individualidade moi marcada e os artistas que traballan en Gante, en Amberes, en Bruxas, non sintíron ningún desexo d'emigraren a Bruxelas».

O pobo belga renovou a súa tradición facendo Arte belga e o pobo galego que ten as raíces n'a terra e os ollos n'o estranxeiro ou en Madrid, rifou esa tradición loitando valentemente, fero-

mente, pra desfacerse d'a súa personalidade que o sistema centralista hespañol condensa coma nemiga d'o progreso.

Os artistas que queren facer arte universal, pensan sempre en Madrid coma se fosen amas de cría que deixan os fillos propios pra manter fillos alleos.

Moito se fala d'o Arte universal; mais todo Arte ten a súa patria, todo Arte é o froito d'algunha terra. Ahí tendes a teoría de Taine que non por «estético senón por historiador lle daremos creto. Esquencíame d'un arte que somente por uceda bulra, se lle pode chamar universal; refírome ó Arte que non pode ser entendido por tod-o mundo, nin siquera pol-os chamados intelixentes. Eu non rifo con ise Arte; eu quero pousar eiquí a razón de que non fai falla que un Arte, pra sel-o, teña por forza que bater o corazón de todolos homes. Poucos xenios foron entendidos pol-os homes d'o seu tempo e se como así foton xenios. O conto está en faguer obras de arte e dispois xa chegarán a conquistar universalidade.

Ise medo que teñen moitos galegos de que facendo cousas galegas non poidamos chegar a Madrid é a mostra máis haruda d'a súa falla de sentimento artístico, de cultura estética e de socialidade. En coído, en troques, que fanguendo obras galegas, en tanto sexán

de certo boas obras de Arte, irán polo mundo adiante. Eu non me teño en tan pouca cousa, coíña galego, namorand'o d'a miña raza, que con chegar a Madrid o noso Arte xa poidera morrer satisfeito. Non; eu cobizo moito máis; ou quixera que o nome d'a nosa Galicia ben amada, fose moito máis alá d'as terras de fala castelán.

Dinos Tolstoi: «O Arte é unha maneira de irmandade entre os homes que os axunta n'un mesmo sentimento, e, polo mesmo, é indispensable pr'a vida d'a humanidade e pr'o seu progreso». E dinos máis adiante: «As antigas d'un home d'o Tibet ou d'un xaponés no me comoven tanto com'a un tibetano ou á un xaponés; mais comóveme. Tamén dunc fonda emoción a pintura xaponesa, a arquitectura india e os contos árabes».

E se nós(os galegos, tivéssemos un Arte que fose tan suxeridor coma é o paisaxe d'os nosos cidos, chegaríamos á Rusia pra bater o corazón de Tolstoi, d'a mesma maneira que chegou o Arte xaponés, o Arte indio e o Arte árabe.

E dicíamos denantes que todo Arte ten a súa patria, que todo Arte é froito d'algunha terra. «No artista—dinos Jean. d'Udinc—hay a transformación d'unha emoción en signos, y-en nós hay a transformación d'ises signos en emoción» E Tolstoi, rifando co as escolas que teñen por ouxetó ensinar o Arte,

dinos tamén: «Mais o Arte é faguer sentir á outros homes os sentimentos d'o artista i Coma, pois, pode ensinar-se iso n'as escolas?» De maneira que son sentimentos ou emociones o qu'eis presá o artista. ¿E quen lles dá os homes os sentimentos que teñen? Pol'ás miñas contas, én non perdend'o tempo con razóns centíficas qu'atoparíamos de camiño, a terra ou mellor dito o paisaxe é quen vai traballando, pouco a pouco, os sentimentos d'os homes, a terra é a que dá personalidade. A razón de que o Arte galego dea máis emoción ós galegos que ós alleos non pode sere mais que a de xuntar mellor a maneira de aitividade d'o artista galego co-a d'os demais galegos, pois todos nós temos n'o peito os mesmos ritmos suxeridos polo paisaxe, todos nos temos n'o sentimento, qu'é fillo d'a terra, os mesmos matices.

Se o Arte é fillo d'o paisaxe e d'o temperamento d'o artista, d'a mesma maneira que o vexetal é fillo d'a terra e d'a semente, ben poidera qu'alguns parvos d'eiqui fosen xenios n'outros paisaxes idónos.

Que os homes d'a cibdá se decaten que o progreso verdadeiro non pode ir car'a unidaes, senón car'a harmonía; que os homes d'a cibdá non ollen ós nosos paisanos coma se fosen cousas. Eles, os paisanos, teñen o seu Arte ben definido e os homes d'as cibdas galegas

non levan a vida humana ningún sentimento novo, grande e xeneroso. A nosa música galega é d'os paisanos, tamén temos unha poesía popular e danzas populares que fan de Galicia unha terra bendecida por Deus e loubada polas fadas. E que fixeron os nosos artistas d'as cibdás? Nada, nada, nada. Somentes temos bós poetas galegos pot-qu'a poesía non requir estudos, pois, coma di non sei quen, «se se tratara d'a cencia d'os libros abondarían dez minutos pra saber escribir en verso»; e com'a poesía nasce n'a terra, nós temos unha poesía nosa, coma temos pinfeiros n'os montes y-erbas n'os campos. A pintura non é Arte d'o pobo; a pintura non nasce antr'os toxos d'o monte, e por iso Galicia, dona d'un Arte seu, non ten pintura, porqu'as cibdás non saben crear artistas. E agora compre dicir que as cibdás galegas non teñen artistas por non seren galegas. Foran galegas as cibdás d'a nosa terra e axiña xurdiría un «Arte universal» forte ó mesmo tempo saudoso, que nos erguería d'a miseria espiritual en que vivimos.

Fallas as cibdás de verdadeira cencia non crían máis que virtuosos; mantían artistas e mantíñen malos falsificadores de artes alleas.

Eu, c'os anos que teño (que non son moitos) vin xurdir alguns artistas cheos de arelas pol-o conqwerimento

d'un nome ben ganado, e vin tamén coma iña morrendo o seu espírito n'as escolas de arte. Cando espertou n'el o desexo de seren artistas faguián sen-pro cousas d'a terra: monicreques do barro, dibuxos de carballos, muñecas... e dispois n'as escolas iñan deixando a súa i-alma n'os estudos pra rematar en virtuosos d'o aceite de liñaza, ou virtuosos d'o yeso, ou compondores de polkas pra bandas... ¡E unha desfeita! Dá verdadeiro noxo pensar com'o verme d'o centralismo foi comendo solerminicamente o galeguismo d'as cibdás e d'as vilas nosas.

Dende hai alguns anos escóitase falar de pintura galega. ¡Uia! Eu non-a vexo en ningures; eu samente vexo que Baskonia xurde c'unha pintura baruda e chea de zume d'as terras fortes d'o norte; mais non vexo a pintura galega. Onde está a nosa escola de pintura? ¡Coma se chama o pai d'a nosa pintura? ¡Qué táboas ou que lenzos se pintaron en galego? ¡Onde están os nosos primitivos ou pol-o menos os nosos Adams? Eu non vexo máis que a falla, a necesidade, d'unha pintura nosa; eu vexo n'os galegos pintores o bon desexo de voltaran ás primeiras pulas d'a súa i-alma, e teño pra min que xurdirá unha escola de pintura galega, barudamente, enxobre. (1) Eu ve-

(1) Dispois d'escribir esta trabali-

xo que os galegos pintores que denantes andaban buscando en terras alleas tipos e paisaxes, veñen agora á Galicia; pero veñen n'ó vrán. As obras que se chaman galegas teñen unha migalla de vrán en Galicia. Son paisaxes de sol, son mulleres de panos moi rancea-

ño caíu n'as miñas maus un libro do ilustre crítico portugués Xosé de Figueiredo, sobre do pintor Nuno Gonçalves. N'estes derradeiros anos falouse moito do pintor portugués, dende atribuírle a paternidade do «home do vaso de viño» do Museo do Louvre até facelo mestre de Corredoirá... Clasificado coma pintor da escola flamenga o non coñecendo de vista o seu Arte, non podía decatarme do que Gonçalves foi e aínda pode ser pra nós. Despois do fitar reproducións d'as súas táboas e ler o que del escribiu Figueiredo temos que pensar que Gonçalves foi o cume d'unha escola, que... as influencias flamenga e máis italianas, podemos decatarnos como nosa. Tamén podemos decatarnos do que perdeu d'espírito a pintura ó pasar de Gonçalves á Velazquez ou de Portugal á Castela e o que ganaría o Arte se nós soupésemos seguir o camiño d'ese xenio da raza. As coñecidas de Figueiredo, mántidas polo optimismo de Oviedo Arce, sobre da existencia d'un-

dos e de moito cor. Mais... comple que veñan os pintores n'ó inverno, cando as pedras d'as curtas reven auga, cando están despido os albres; comple que veñan cando renace o verde d'os campos e os pintores d'os montes semellados candiños xigantes teñen n'as pontas millares de volas; comple que veñan tamén cando a terra cheira versos

ha pintura galega que á forza deben de influir en Galegas, cando Galicia era o corazón da cultura peninsular, parés que se van facendo en feitos e o descubrimiento d'alguns frescos dos séculos XIV e XV algunha iroxa nosas. N'ó tocante ó carácter flamengo da nosa pintura díxose Risco n'unha carta: «Non comprir a influencia de ningún pintor, nin que Van Eyck viñese á Portugal nin que ningún portugués nin galego fose á Flandes pra se pareceren os nosos pintores ós flamengos. Iso faino o clima. A brétema tén á forza que nos fañer coloristas como fíxonos os flamengos e máis os venecianos. Iso xa o observou Taine i é un lugar común».

As derradeiras notas non desfán, senón que inzan a razón d'as miñas razóns, pois elas demostran qu'esquecemos a nosa tradición e que sómente voltando á ela atoparemos o verdadeiro camiño.

de Francis James, denantes que o arado enterre as floríñas d'as leiras, denantes que se muchen as flores d'os toxos; comple que non fuxan d'eiquí sen gozar d'a vendimia e d'as esfoladas, sen fitar as follas d'as viñas, roxas con amapolas. Comple que os pintores coñezan Galicia pra pintala. Completo d'o paisaxe, pra seren artistas, pois coma dixo Federico Amiel «todo paisaxe é un estado d'o ánimo».

Paréceme á min que imos xa polo hó camión, ó menos, n'o que se refire á pintura. Oxe os nosos pintores xa pensan en vir eiquí n'as vacacións d'o Nadal. Agardemos á que atopen a beleza d'o inverno en Galicia e dispois que vivan eiquí tod'o ano.

¿E Madrid?, diredes. Pois... Madrid pode ser a feira, anque eu coido que faríamos mellor feira en París, Londres, New York....

Estes soños meus poden faguerse realidade en poucos, moi poucos, anos de traballo. Son indubidables as nosas boas condicións pra pintura e o dibujo, somente fai falla escoitar á cotio os latexos d'a terra natal, sentir n'a sangue unha renovación d'a vida en cada primavera, unha morte saudosa en cada outono.

Eu non sei pintar, nin quero saber pintar; mais sinto o noso paisaxe e podendo decirvos que o pouco que valo, dé-

tollo á estar deitado nos piñales, deixando qu'a Natureza entrase dentro de min. S'eu deprendese á pintar, eu sería pintor; mais se deprendese n'unha escola de Madrid o «Arte de pintar» ou mellor dilo «o oficio de pintor» teño pra min que nunca faría nada bó. E debo confesarvos, c'o corazón n'a man, qu'eu refuxeiame n'a caricatura porque este Arte é o máis suxectivo de todos, é o máis novo, é o qu'aínda non pode ensináse. En min perdeuse un pintor, e un-o sinle ¡abofél pois gozo moito máis tendo dentro de min as obras que non hei faguer d'o que gozaría fagucendo obras que non levase dentro.

Moi custoso, por non dicir imposible, sería coñecer a liña onde a habilidade testa c'o Arte e por iso moitos abrandueron o nome de artistas sin sel-o verdadeiramente. Non fai falla estruchar o miolo pra lembranos d'algúns virtuosos que conquistaron sona de ilustres artistas non sendo máis que bóos falsificadores de obras de Arte, ou imitadores d'a natureza ouxetiva. As verbas «está ben pintado» é a gabanza máis fría qu se lle pode adicar á unha obra de Arte.

Sendo a pintura un xeito d'eispre-sión d'a beleza, qu'é suxectiva, somen-te pode deixar de ser oficio n'os que levan n'o peito o aflato acceso d'o Arte. Se o Arte non fose máis que a copia

d'a natureza ouxetiva e á min me des-
sen á escoller entre un lenzo imitando
unha sandía e unha sandía verdadeira,
eu collía a sandía, a non seve que ven-
déndolle o lenzo á calquera rico pude-
se mercar moitas sandías, pois dá que-
lla collería o lenzo.

Un bó pintor que non leve nada no
peito é coma eses mestres que sabendo
moita gramática e moita retórica nun-
ca souperon engader un só anaquiño
é caudal d'a literatura. Pra min, a
pintura que non pasa d'os ollos, calque-
ra Arte que non me fare os sentidos
pra sentir n'o miolo a indución psico-
lóxica, non é Arte.

Xa o dixo Guván: «Arte é tod-o que
fai bater o corazón humán». N'o espíri-
to d'as obras é onde está o Arte d'o-
las. Repousar os ollos na forma, n'a
codia, sen chegar ó miolo, non é de bós:
catadores de obras de Arte.

O pintor que ó mesmo tempo sexa
artista non pode de ningunha maneira
faguer obras de Arte se non chega ó
miolo d'as cousas. Falando d'os pin-
tores non abonda que sepan ollar as
cousas, é preciso que as sintan, que as
queiran ou que as odien; pero que to-
ñan d'as cousas escollidas por eles o co-
ñecimento enteiro d'a súa vida, d'a
sua i-alma. Non abonda tampouco que
se pinten as cousas tal coma son, e non
tal coma se ollan, segun queren novas
escolas de pintura. O que compte é

pintar as cousas que nin se ollan nin
son. «Pois isa cousa rara—din-os Jean
d'Udine—ise «non sei que falta» neces-
rio pra xurdir o xenio creador é, na-
da mais, qu'a aptitude de producir
en fórmulas inéditas emocións de or-
den sentimental ou sensacións de un
campo sensorial alleo ó campo en que
nos espresamos: pois toda inspiración
é un fenómeno de transposición e que
ten por base fisioloxica a sinestesia».

Ollenos o paisaxe e sintamos a súa
vida.

Xa sabemos que o paisaxe non tén
de certo realidade ouxetiva. As ma-
ñás que rin, as tardes que choran, o
día que morre, a luz qu'esmorece, non
son mais qu'estados d'a i-alma.

Maxinémosnos diante d'un paisaxe.
E n'o intre en que a terra, pra se dur-
mire, vaille vivando as costas á luz, e
o fume d'as tellas, mesto é leitoso, vai-
se espaxando n'o fondo d'o val. Non
é cousa d'o outro mundo pintar o que
ven os ollos qu'han seren comestos d'os
vermes; pero n'o paisaxe huy mais
cousas que flar. Pois n'aquel muíño
cantareiro dous namorados dándose o
primeiro bico e n'aquel pazo d'o cas-
teireiro seco oubean os cans.

Outro máis. E noite de luar; n'a
beira d'unha encrucellada de lenda,
un cruceiro tén arcentes de si, a mesa
de pedra onde pousan os mortos pra
botarlle o responso; por entre os piñei-

ros amóstrase a ría maina; a luna está pendurada d'a poula d'un piñeiro. O pintor ten qu'evocar algo mais que unha visión, pois n'a mesa de pedra d'o cruceiro aquela mesma tardíña pousaron o corpo morto d'un rapaz qu'eu d'o servizo; un estudante de crego vai pensando por aquela congostra n'a moza d'o pano roxo que lle roubou a vocación. E o lonxe escóitase un alalá.

Outro máis aínda. E unha mañanciña. Os montes do lonxe teñen azules de Patinir; as xestas e os toxos poñen as súas motiñas amarelas n'a divina sironía verde d'o paisaxe. Moitas cousas máis ten o paisaxe, que poden seren evocadas pol-o artista que sexa máis que un virtuoso d'o aceite de liñaza, pois n'unha poula d'aquela maxeira o membro de Gurra Xunqueiro «lucido e xoviál» aínda, agarda pol-o abade d'alden pra darlle os «bons días»; choveu ante pra darlle os «bons días»; choveu ante; as campanas d'a irexa depenican unha muíneira, e pol-os carreiriños d'as veigas d'acólá cubaixo, as formiguiñas negras e roxas veñen á misa.

Leubrone d'unha obra de Llorens, a máis galega de todas as qu'eu coñezo. O arquitecto Palacios o máis eu está-lamos ala n'a Corte diante d'o lenzo, cabedriños, ollando un meigo val d'a Cabaña afundido n'o orballo, e tal forza evocadora tiña o paisaxe pintado

que, de supeto, a morriña de nós es-dous estalou cantando o mesmo tempo e n'o mesmo ton aquel alalá:

Como chove meudiño
Como meudiño chove...

Iste fa, meno de «sinestesia» qu'eu pouco en rós aquíl desexo de cantar ue alalá longo gris e saudoso, dem-stra o Arte da obra.

Pol-o que di Guyán: «atopamos bela a Natureza é maxinámola viva, e, n'o doado representátnola baixo unha forma human. Pódese dicir, inzando aquelas verbas de Terencio: «non m inspira intrés máis que o human»: se pra embelecer o Universo non hou-bera máis que o peso,, o número e a medida, ficáramos indiferentes diante d'él e n'outro libro tamén nos di: «E preciso «animar» a Natureza, d'outra maniera non-os di nada. Os nosos ollos teñen unha luz sua e non ven senón o que alumean c'o seu resprandor».

Pra pintar Galicia ten que sentirse, non d'outra maneira se comprende qu'algúns pintores de sona, chegados de fora, declarasen inpintables os paisaxes galegos. Son inpintables pra eles; mais non pra nós. Son inpintables pra quén non comprende máis que o roxo, o azul e o amarelo; mais son pintables pra quén está afeito á distinguir mil matices diferentes, d'o verde, dend'o, cuasi amarelo até o cuasi azul. En

collería por unha orella á quen dixese que Galicia non pode pintarse e levárlao diante d'o cadro «As tentacións do San Antón», de Patinir, pra que desprendese coma pode pintarse un paisaxe verde e sen sol. E aínda sobor de si Galicia téñen ou non cór ha inoiño que falar. Lémbrome de que vindo n'ó tren fai algúns outonos, 'denantes de chegar á Ourense, ollei un monte todo cheo de viña alumecado polo sol anarelo d'a tardiña e o monte semellaba cuberto c'un manto cardealicio, de tal cór que mesmo parecía un fondo de conto oriental. Non falcemos xa d'as novas gayas romaxes aldeans, onde os cores arremolíanse de tal xeito

nosas romaxes poden atopar asunto as máis novas maneiras de pintura. Non; Galicia ten cór se queremos buscal-o.

Unha ducia de literatos declarou fennia o paisaxe galego, non sei so querendo gabar a súa fermosura ou criticar a súa falla de forza. Se quixeron loubar a súa fermosura e lle chamaron fennia ben se olla que non visitaron a costa d'a morto ou as beiras d'o Sil e d'o Miño, pois entón dirían qu'en Galicia hay o paisaxe fennia eo paisaxe macho. A min teme sen coidado iso d'ó do senso d'ó paisaxe; pero n'ó fundo d'a cestión presintese o desexo de seguir mantendo a ficción d'a grandeza castelán. Non e non; o paisaxe galego, macho, fennia, ou ermafrodita, é o pai-

saxe máis fermoso d'a Hespaña, e un d'os mellores d'ó mundo.

E agora complé que a miña xenreira, a miña carraxe de bó galego estoupoeiquí maldecindo ó malfadado centralismo que, atategando a nosa personalidade nazonal, non deixa medrar unha escola de Arte galego que tería de nacer fatalmente pol-a forza evocadora d'ó noso paisaxe. Mais... ¡qué lles importa ós homes d'ó noso Estado as cousas d'ó Arte? O Arte non téñ fronteiras e ó famento y-eguniado pobo d'a Hespaña abóndalle co as corridas de touros, que fan de nós un Estado pintureiro, único n'a Europa civilizada.

Todo hespañol é un rexionalista, d'a mesma maneira que todo bó rexionalista é bó patriota. Non quero inzar a razóns d'esta proposición con verbas de homes de creto n'ó terreo d'ó pensamento, pois son verdades evidentes anqu'ó Estado non-us queira recoñecer. Non querendo fitar as rexións naturais, deberon dividir o' chan hespañol, pr'os fins d'a administración e goberno, en anaquiños máis regulares: cadradiños, triángulos... ¡Habería que ollar dispois n'ó mapa as provincias c'os seus coloriños, dándolle ó chan hespañol un aspecto máis xeométrico, máis estético dentro d'a concepción estética d'ó Es-

tado hespañol! Esta inorma salvatarnos d'a vergonza de amostar o mundo un mapa d'o chan hespañol que se asemella á capa d'un pobre de pidir polas portas, tan chea de remenos de trapo, que non lle quedou siquera un anaquiño d'o que foi capa nova alá n'os tempos d'o noso poderío venturoso.

Xa sabemos que os homes d'o Estado non pousaron os ollos n'a persoalidade d'as rexións que compoñen o chan hespañol pra chegar á unha harmonía que faga d'a Hespaña unha terra rica de matices en todos os campos d'a aitividade humana, nin siquera souperon aproveitarse d'os homes que polo seu acedo traballo, e sen acucia oficial, chegaron a conquistar nas Cencias o creto de sabios. E se a Cencia c'o seu caruiter de útil que téñen, non lles importa os homes que mandan, ¿qué lles había de importar o Arte?

O Estado fixo canto pudo pra matar a persoalidade d'as rexións e nós, os hespañoles, rexionalistas sempre, pouco fixemos tamén pra facelas xurdir.

Eiquí en Galicia cando imos á Universidade deixámanos de galeguizar de tal maneira qu'alguns barballoeiros chegan a perder o acento.

Cando algún rapaz sale artista aguilloando pra que fuxe d'a terra, dicíndolle: ¿E-que, vas deprender eiquí? Vaito, home, vai-te e non perdalo tempo.

Algunhas veces—moi poucas—unha Diputación dalle catro mil reais ó ano pra que poida facerse artista n-o estranxeiro ou en Madrid. ¿E qué pasa? Cando saen de Galicia son artistas virtuales e cando volven de fora somente son pintores, escultores, falsificadores d'Arte... Se o rapaz, artista en potencia, vai a deprender pintura á Roma, volve d'alí sabendo moitas cousas d'o oficio, tantas cousas que xa pode pintar todo o que vexan os seus ollos d'a terra; mais... os paisaxes seus terán sempre a luz d'Italia. Cando o seu esprito sinteu a primeira acucia d'o Arte polo poder evocador d'o paisaxe nativo, mandámo-lo fora a deprender o xeito d'eispresión d'ese Arte, sen fixarnos que cando van, levan o espírito domeable e cando volven tráeno teso. D'esta maneira non faguemos máis que imitadores, traballadores sen espírito.

N' Exposición d'Arte galego d'a Cruña, un abogado de bastante sona, abríndo a boca con verdadeiro pasmo diante d'un cadro «ben pintado», díxome berrando moito pra que o sentisen ben todos: ¿Qué traballo máis brutalmente feito! Fíxese, vostede... ¡se talmente parece unha fotografía! Eu respondílle con algunha sorna: Pois Pedrán díxo que «a fotografía demostra a parvada do realismo». Mais o meu home non pechou os beizos e seguiu ceibando polo buraco d'a boca tod'a par-

vada vileza d'os homes que pisaron as aulas, como din eles. Tamén coidan algúns qu'o mérito d'as obras está n'a cantidade do traballo que custou facelas. «¿Non demostran as obras máis grandes d'o mundo que foron feitas con facilidade? ¿Non os din ben ás claras que non houbo n'elas un gran «esforzo» senón unha gran «facultade»? preguntaba Ruskín. Pero un home com'o abogado de marras responderíalle axiña:

—Eu de Arte non l'entendo nada; eu eu d'Estética estou limpo de todo; eu non lle sei máis que de pleitos.

I-estes homes son os que dirixen as nosas cibdás e as nosas vilas. Eles son os donos d'os cartos que manexan as nosas diputacións e os nosos auntamentos. E con istes homes tan limpos de Estética e tan lixados de política, Galicia seguirá sendo un criadeiro de carne hunán pr'a esportación.

Tod'o mundo quér saber de arte dispois de confesaren que de Arte non saben unha palotada, e aínda se rin d'os tolos artistas con aquíl de homes cordos, ben seguros de que as estrelas foron feitas nada máis que pra regalia d'os seus ollos.

E non coídedes queo paisaxe está sen defensa oficial, non. O concello de-Rianxo mandoulle tirar un piorno á meu pai, piorno erguido n'a sua propiedade, que daba á un camiño de carro, pois... (así dicía a órden) «esta clase de arte-

Tactos situados a la faz de los caminos públicos son de un pésimo efecto al ornamental». Meu pai non concordou c'o concello parecéndolle que os piornos non están mal ás beiras d'os camiños, sobre todo cando están cheos de millo; máis a Comisión provincial e dispois o Gobernador foron d'os mesmo parecer d'o Concello. Eu propoño que os homes amantes d'os paisaxe felicitemos ó exgobernador interino, don Xaquín Sagasteta de Ilurdor pol-a sua resolución axeitada ós ditados d'unha Estética orixinal.

Se botamos unha lixeira ollada sobre d'o ensino d'o Arte e d'a Estética que se dá en total-as nacións civilizadas e dispois pousamos os ollos n'a Hespaña... Boeno ¡eu non quero pensar siquera n'isto, pois non sei onde me levarían os meus comentarios. Abonda dicir que se n'a Corte se dá un ensino verdadeiramente abafante d'a personalidade eiqüi n'a nosa terra non se dá ningún ensino d'o Arte nin d'a Estética. Esquecíanse de que n'as escolas enséñase gramática, n'os Institutos retórica e n'o preparatorio de Dereito literatura.

O que aprenden os rapaces n'a escola vou a demostrárvolo contándovos o que me pasou a min en Rianxo. Iña pol-a veira d'o mar e uns mariñeiros chamáronme pra que lles lëra o periódico. Eu línlo e coma atopase co-a verdadeira «gramática», un mozo qu'andivera

comigo á escola, preguntoume: «A gramática ¿non é aquel libro...? ¿non t'acordas? Aquel libro que/dízia: No-minutivo laralalá, genitivo, la lalará la-la; los la.

—¿De qué sirve o ensino da retórica n'os Institutos? «Quén pensa agora—dinos Ruskin—en ensinar ós homes á seren poetas? ¿en facer poetas valéndonos de recetas? Iso ademais de que en literatura a decadencia chámase retórica.

Non; non lle deben nada á retórica depreendida, os nosos poetas. En troques poida sere que lle deban á retórica depreendida a comprensión que d'a boa poesía teñen os nosos homes de carreira.

N'a Universidade galega non hai si-quera unha cátedra de lingoa galega nin se estudia a poesía trovadoresca d'o cielo galaico-portugués que tanto influía n'a literatura castelán. Lembrádevos de que fai anos creouse unha cátedra de catalán pr'a Universidade de Barcelona e na mesma data crouse unha de lingoa galaico-portugués pr'a Universidade de Madrid.

O perfeccionamento d'a lingua nosa é cousa que nin lles vai nin lles ven ós nosos homes d'a cibdá.

O Claustro ordinario de Santiago pideu moitas cousas ó Ministro cando se fixo o Estatuto d'a Universidade; máis eu non vin entre tantas peticións a d'ũa cátedra de Galego.

Os sabios d'a Atenas galega son así: e aínda non sei coma os catedráticos d'as patoloxías, d'as químicas, d'as matemáticas, d'os dereitos romanos, non pidiron unha cátedra de Esperanto.

Esos homes cheos de progreso e valores de perfeición, amantes d'o esperanto e d'o trampitán ou sinxelamente tan patrioteiros que non poden ollar unha parede branca sen desexos d'apañar un carbón y-escribir n'ela un «Viva Hespana»; digo qu'esos homes sinten por nós un noxo tremendo; e todo pol-a fala.

Ben está qu'haxa un Arte galego que os paisanos levén zócos e que se toque a gaita n'as carballeiras... mais iso d'a fala e cousa mercedente de catro azoutas.

Mais «¿qué o Arte d'un pobo—di B. Croce—senón o conxunto de todas as producións artísticas? ¿Qué o carácter d'un Arte—d'o Arte grego ou d'a literatura provenzal—senón a fisonomía común a tales producións? ¿Cómo poder responderse á esta pregunta máis que faguendo a historia d'o Arte, d'a literatura, d'as linguas en acción?»

Non vexo, pois, coma se pode querer un Arte galega cando non queremos a fala, qu'é o mellor que temos.

Homes de testa de ferro: Lembrádevos d'aquelas verbas dirixidas ó Imperador romano: «Tú, César, civitateun de te potes homini, verbo non potes!

Unha lingua asoballada por outra ca-

tro séculos arreo ten dereito a desentargarafarse, pois tantos séculos de proba moito din d'a sua vitalidade. Seguir impoñdo o castelán pra todo atá pra rezar, iso si que me parece cousa mercente de catro azoutas.

Pois, coma nós, dí B. Croce: Impór a lingua modelo é impór a inmovilidade d'o movemento. Cada un fala, debe falar, según os ecos que as cousas despartan n'o seu espírito, según as suas impreviñs; querer trocar unha verba por outra de outro orixen que responda ás suas impresiñs, é falsear as impresiñs. A cusiñ d'a unidade d'a lingua é insolubel por repousar n'un falso conceuto d'a lingua, pois a lingua non pode ser un arsenal de armas útiles y-escutilantes, coma non-o é tamouco o vocabulario que por moi progresivo que sexa e por moita utilidade que nos done, é cimenterio de mortos máis ou menos embalsamados, conxunto de abstracciñs.

E quen vai falar d'escolas de pintura, dibuxo, escultura? Quen s'atrevería á pedir un conservatorio de música? Co-as escolas de Madrid abonda, anqu'a algúns coma min nos pareza que sobran.

¡Lembrouse alguén de que n'a nosa terra temos os mellores canteiros d'o mundo pra croaren en todas as cibdás, y-en algunhas vilas, escolas de Artes e Oficios! ¡Iles canteiros que traballan n'a

pedra c'un xeito herdado de pais á fillos, que atá teñen unha língoa (verbo d'os argas) que fixo cabilar á moitos estranxeiros, non lles importa ós nosos homes que mandan.

As nosas Diputaciñs dan pensións que non chegan pr'a mantenza d'os pensionados ¡E non era millor que con ises cartos e algúns mais fundasen unha escola en Galicia onde os artistas traballasen n'o seu ambiente?

Eu coido que somente n'un rexime de autonomía integral se podería chegar á realidade d'os soños meus. Nada de autonomía municipal que os zugadoros d'a política convertiran n'o intre en autonomía d'o Concello. Nada de autonomía universitaria que se converta en autonomía d'o clastro. Teño pra min que somente n'unhas cortes verdadeiramente galegas homes desleigados d'a política centralista hespañola, traballarian actio pol-o conqurimento d'un Arte que sendo moi galego sería tamén moi universal. Eu coido que c'unha autonomía verdadeira d'a Universidade galega, estatuida por Galicia e non pol-os catedráticos que compoñen o clastro (metá d'eles alleos), os nosos homes de carreira serían enxebres e d'aquela as nosas vilas e cibdás dándose unha forte aperta co-as aldeas farían xuntos un pobo barudo, forte, non somente pr'a Hespaña senón tamén pr'a Humanidade. *Dizen.*

TRADIÇÃO NACIONALISTA NA CIDADE DA CORUNHA

Por Jenaro MARINHAS DEL VALLE (*)

Confesso comparecer ante vós escaso de documentação a respeito do tema que me foi proposto: A TRADIÇÃO NACIONALISTA DA CORUNHA, o qual pode ser tomado como umha desconsideração para com a audiência que tem a extrema cortesia de vir a escutar-me; mas nom é assim —tal atitude seria imperdoável—, a verdadeira causa radica no comedido do meu sentimento localista que fai que a minha erudição —deficitária en toda matéria— o seja tamén em conhecimento de vivências locais; e nom se derive desta declaração que seja eu persoa pouco amante da minha cidade e desinteressada da sua história, dos seus problemas e das suas utopias; tamém que veja no localismo algo nefando que deve ser proibido e erradicado como erva nociva. Nom, mas o considero digno e construtivo. Pouco se pode acreditar no amor à humanidade de quem despreça o indivíduo, no amor à nação de quem nom ama a sua aldeia.

No tempo da emigração às Américas, o galego que partia e se instalava no país elegido, proido de saudades do seu lugar paupérrimo perdido em descaminhos do mundo, pouco a pouco ia tomando trato e contato com outros galegos igualmente saudosos dos seus respectivos lugarejos. Juntos descobriam que todos aqueles lugares que levavam prendidos na alma de cada um formavam umha alma coletiva que se chama Galiza, umha nacionalidade que se chama Galiza, e nom tardavam em constituir esses modelos de sociedades que se chamam Centros Galegos. Partindo do seu localismo aldeão arribavam ao nacionalismo. Reconheciam a sua Nação ao tempo que esqueciam o Estado: a Espanha de que lhes falaram na escola e no quartel de tropa. Confirmavam-se galegos.

O que o localismo tem de mau é servir a miúdo de máscara para ocultar interesses de exclusivo proveito pessoal aparentando defender os da coletividade. A Galiza é pródiga em personalismo porque na sua idiosincrasia tem destacada presença o individualismo, que se manifesta tanto na construção isolada das suas moradias como na emigração: solução individual de um problema social. O personalismo constitue a face indigna do individualismo, individualismo que em si mesmo representa umha nobre defesa da íntima liberdade do ser humano frente à avalanche uniformadora da masa, do partido, da seita ou do sindicato.



Dizemos que é tradicional aquilo que tem umha remota origem e, sem necessidade de prova documental, circula como verdade histórica. A tradição nom há de ser umha miragem do passado, há de ser realidade perene que esté presente e activa na vida e na consciência popular, herança cultural que passa de geração a geração com a mesma naturalidade que de pais a filhos passam rasgos fisionómicos e temperamentais. Nom é pranta cultivada em invernadeiro, é flor silvestre que brota espontânea em terreiro de domínio público e se oferece à livre aceitação de qualquer passante.

Quando umha tradiçom precisa de apoio e subvençom oficial para se manter é que já deixou de ser tradiçom, morreu porque o povo se desinteressou dela e o que o povo deixa morrer nengumha autoridade será capaz de o ressuscitar. As tradiçons nascem, se desenvolvem e fenecem. Quando umha tradiçom se oficializa momifica-se, daí que o tradicionalismo se confunda a miúdo com algo retrógrado e conservador, quando é mais certo que toda tradiçom de hoje é de algum modo consequência de umha revoluçom de ontem. Consumada a revoluçom a tradiçom esquece-se e morre.

O povo conserva as tradiçons que levam em si um gérmo de protesta contra o que trata de o premer, ou de resistência ao que pretende assimilá-lo ou desviá-lo da própria canle. Polo contrário, desbota as tradiçons frívolas e carentes de valor idiosincrático.

O aparecimento de Cristo a dom Afonso Henriques na batalha de Ourique ou a intervençom de Santiago Apóstolo na de Clavijo podem servir de exemplo de tradiçons bastardas que nom chegarom a interessar ao povo. Nom passárom de supercherias, meras invençons de clerecia com marcada finalidade política a benefício das monarquias; transmitidas polas crónicas escritas, mas nunca pola voz divina do povo. O povo é simples; mas nom é fácil mantê-lo no engano, sabe muito bem distinguir o que lhe é consustancial do que apenas é perifolho, ornato ou disfarce que se lhe aplica sem o seu consentimento. Pode deixar-se levar por umha emoçom provocada e momentânea; mas passado o momento esquece-a e nom transmite a emoçom espúria: nom dá pé à tradiçom.

A cultura rebanhega do franquismo tratou de reviver algumas tradiçons mortas, mas como o povo nom é animal carroneiro que se alimente de cadáveres, tudo quedou em farsa folclórica e aborrecida carnavalada a destempo. Sempre será inútil bater em tambores de tradiçom com esperança de que o povo desande caminho, o povo nunca desanda, aparta qualquer obstáculo por tradicional que seja ou aparente ser e continua o seu avanço, nunca cede terreno conquistado e pode parodiar o rei francês dizendo: «Eu sou a tradiçom».

Escreveu Eloi Luís-André: «*La tradición es energía potencial atesorada por y para la subsistencia histórica del pueblo; aquello que a través del tiempo, mantiene su unidad, identidad, potencia y permanencia. Por la tradición las nuevas generaciones y las viejas se reconocen como productos vivos de una placenta maternal común*» (1).

Admitamos a tradiçom como umha corrente de rio: sempre a mesma e sempre outra. Actuemos pensando nom tanto nas tradiçons recebidas com nas que podamos legar aos que nos sucedam, porque se as nossas novidades arraigam no povo el fará delas tradiçom.

Missom de todo intelectual é facilitar-lhe ao povo o encontro com a sua autêntica imagem, procurar que poda distinguir-se entre os demais e evitar que se estranhe por matos descarriados que o conduzam à mestiçagem e à perda total da própria personalidade. Manter as tradiçons vivas como corrente sanguínea do organismo nacional e enterrar as que teimam por subsistir já apodrecidas baixo a tutela oficial, que as utiliza como âncora ou lastre retardador da marcha do povo cara ao progresso e à liberdade individual e colectiva.

Feitas as anteriores pontualizaçons em volta da tradiçom nom estará por demais fazer algumas outras sobre o nacionalismo.



O povo sabe que é povo; o que já nom sabe com tanta evidência é que constitue umha Naçom; e enquanto ao Estado considera-o alheio a si, nom lhe reconhece autoridade para impor-lhe obrigaçons

(1) Como o nome de Eloi Luís-André nom lhes dirá grande cousa aos mais jovens, convirá um inciso para dizer que foi um catedrático e publicista ourensán que prodigou a sua firma nos diários de Galiza durante o primeiro terço deste século baixo temas de problemática galega que recolheu em grosso volume intitulado GALLEGUISMO, LUCHA POR LA PERSONALIDAD NACIONAL Y LA CULTURA. Declarava-se «nacionalista gallego; pero dentro de la unidad española».

Nom aprovo polemizar com mortos, até me parece alevoso e desonesto estabelecer controvérsia com quem nom pode controversar, usar do seu turno de réplica, por tanto o que vai seguir nom atinge a Luís-André senon aos que hoje disfrutam de boa vida e concordam com o contraditório nacionalismo dele.

Se a unidade espanhola existe nom cabe mais nacionalismo que o nacionalismo espanhol, desde o do senhor Blas Piñar até o do Partido Socialista Español. A justificaçom do nacionalismo galego, catalán ou vasco, é precisamente a nom existência da unidade espanhola, a heterogeneidade dos povos peninsulares que de nengum jeito podem ver-se unificados, ainda bem que nom rechacem a uniom, e aspirem a unirem-se; mas em Europa, nom em Madrid.

e muito menos aceita ter deveres para com el. Por isso defrauda-o sempre que pode e contrabandeia sem que estime que tal proceder menoscaba a sua honestidade. Nom acerta a ver um delinqüente num contrabandista. Para o povo, burlar as ordenanças do Estado pode ser ilegal, mas nom imoral.

A rês da vissem popular, o Estado nom forma parte da sua corporaçom, é um parasita ou samesuga que o chucha e preme.

O nacional é criaçom do povo miúdo, o estatal é artifício de caciques e levitas. Mentres o Estado tende à autarquia a Naçom sustenta-se sobre a anarquia.

A Leibnitz nom lhe oferecia dúvida que um cego pudesse falar pertinentemente das cores. Nom duvidemos de que o povo, os individualistas, visionários, poetas e anarquistas, todos apolíticos, podam falar pertinentemente de questons políticas que os próprios políticos nom podem perceber. Porque sem as lunetas que lhes presta o Partido sumem-se numha cegueira intelectual absoluta. Por isso, nom é disparatado pensar que o anarquismo poda chegar a governar o mundo.

Sentir-se anarquista é afirmar-se como indivíduo, resistir-se a ser apanhado, engolido e deglutido pola sociedade, polo partido, o sindicato, a seita religiosa, a cultura oficial ou a opiniom imperante. Sentir-se anarquista é sentir-se livre, ceivo; mas nom desvinculado, que um ser humano nom é cometa errante, antes astro com órbita e luz própria. A órbita do ser humano é a Naçom, a pátria. Nom a que tremola bandeiras, canta hinos gloriosos, dispara canhons e estabelece alfândegas... nada disso. Dizer pátria é dizer origem comum, estirpe, família. Rechacemos toda pátria que assente na raça, na história, na política e ainda na geografia. Nom existe mais pátria que a cultural. Se o nosso povo galego se trasladasse a outro lugar do planeta levando a sua bagagem cultural, língua, tradiçons, saudades... Galiza seguiria existindo; mas se no actual solar se impusesse umha cultura estranha, Galiza deixaria de existir.

Toda luita nacionalista, como a anarquista, vai contra o Estado; e ao nacionalismo, como ao anarquismo, nom se chega por via democrática senom pola aristocrática, pola selecçom dos melhores. Um verdadeiro anarquista será sempre um aristócrata, como no fundo de todo aristócrata há um anarquista. Recordaredes o Príncipe Kropotkin. O dom Juan Manuel Montenegro, de Valle-Inclán é um anarquista, nom como Bakunin, mas é anarquista.

Por outra parte convém salientar que a aristocracia nom está renhida com a democracia, mais bem a complementa e sublima para nom vermo-nos governados pola chusma. O verdadeiro inimigo depredador da democracia é a burocracia, principal sostem de todo o regime totalitário. O Estado onnipotente, benquerido na Espanha oriental castelhano-aragonesa, é desapetecido pola ocidental luso-galaica, como assim o reconhecia Luís Peña Novo há mais de sessenta anos: *«Mientras el espíritu español es mesiánico y se orienta a la autocracia y a la dictadura, porque necesita una explicación sobrenatural para todos los fenómenos y necesita ver el airón del caudillo ondeando sobre las masas frenéticas y sumisas, el espíritu gallego se orienta hacia el gobierno popular y detesta todos los caudillajes porque significan la negación de su sentido liberal»*.

O espírito galego parece cominar-nos com esta paradoja: Nom sejades democratas, a democracia é umha tirania disimulada; mas defendede a democracia. Dentro do espírito galego sempre arrolado pola dúvida, empenha-se umha luita constante entre individualismo e colectivismo.



Cada animal é fiel à sua espécie, unicamente o homem discrepa do homem, diferencia-se, descarria da manada e é neste descarrio que manifesta a sua superioridade sobre os brutos que caminham atentos e sumissos à reata. O homem é um animal que disputa, dize-nos o grande Herculano. Contra o que afirmam os que da associaçom tiram lucro e poder, o ser humano é o menos social de quantos seres povoam a Terra. Unicamente os mediocres sentem necessidade de associarem-se e com freqüência para algo que nom passa de umha mediocridade. Umha mente superior (aristocrática) estará pronta a colaborar; mas renúe associar-se. A colaboraçom nom exige umha entrega total senom de umha parte de nós, nom absorve completa e inteiriça a personalidade do indivíduo. A colaboraçom limita-se à obtençom de umha finalidade concreta e sempre pode dar um fruto importante, da associaçom nom

resulta mais cousa que o enfrentamento dos associados com os nom associados. Deste modo toda associaçom resulta paradoxalmente antisocial.

Em defesa da associaçom alega-se que da uniom nasce a força. De primeiras, eticamente, nom se tratará tanto de ter força como de ter razom e, em segunda, unir-se nom é igual que associar-se. Na uniom conservamos a própria hierarquia, constituimos um parentesco, somos pares, somos todos iguais. Na associaçom o primeiro que fazemos é nombrar umha Junta Directiva, sometemo-nos a umha burocracia.



O nacionalismo é um sentimento e umha ideologia, com o significado que a ideologia assigna Gramsci: «*uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na actividade económica, em todas as manifestações da vida individual e colectiva*». Pode ser um sentimento ideológico; mas de maneira nengumha umha ideologia sentimental, que aquí a ordem dos factores si altera o produto.

Amays desse contido de carácter universal, comum a todos os nacionalismos, o nacionalismo galego que é o que agora temos em causa, salienta outras características que lhe som específicas, tais como o celtismo, o lusismo e o lirismo.

Evidentemente podem nom dar-se as tres em conjunto ou darem-se com mais ou menos intensidade, tamém pode faltar em absoluto algumha delas e ainda haverá quem manifestamente hostil a umha ou a outra, sendo esta hostilidade tam demonstrativa da sua existência como a adesom a ela.

Procuremos ver de que jeito se manifestam.

Os epítomes de *História de España* que no meu tempo nos faziam aprender na escola davam a Península povoada por duas raças: Iberos e Celtas, os Iberos na banda de Levante, os Celtas na do Poente. Nom deviam andar muito descaminhados nessa divisom porque de um lado dá-se Raimundo Lulio, Jaime Balmes, Eugenio D'Ors e do outro Prisciliano, Francisco Sanches, Leonardo Coimbra.

O celtismo foi criticado, combatido e negado por gentes que nom acertárom ou nom quissérom compreender a sua verdadeira significaçom. O celtismo é independente de umha afirmaçom categórica de descendência racial de um povo celta do que a História nos dá escassas e contraditórias notícias. O celtismo galego, dentro do nacionalismo, nom precisa de base histórica algumha porque, ainda no suposto de nunca haver existido um povo celta na antiguidade, existiria hoje um povo céltico em Galiza. Historiadores e nacionalistas falam de celtismos diferentes, como um médico e um poeta nom se referem à mesma cousa quando pronunciam a palavra coração. O coração do poeta está longe de ser um músculo sanguinolento. E quando na linguagem vulgar falamos de algumha pessoa e opinamos que tem bom coração, será ridículo que um cardiólogo venha a desmentir-nos metendo-nos polos olhos um electrocardiograma demonstrativo de que estamos equivocados. Tal é o que fai algum cronista para negar o celtismo galego.

Dentro da península hispánica chamamos celtismo a umha característica diferencial do que se conhece como iberismo. Desde umha posiçom europeia distinguimos um como espírito atlântico e o outro como espírito mediterrâneo. Dous mares que banham distinta geografia e distinta psicologia.

A Galiza perdeu, ou, senom tanto, adormeceu a sua personalidade quando deixou de mirar para o mar, o seu mar. Mentres povos pequenos como ela, Holanda, Inglaterra, Portugal, se fizerom grandes pola sua afeiçom marítima, a Galiza ficou rezagada e empobrecida por seguir a aventura terrestre dos reinos de Leom e Castela. Nom era o seu destino, nem o é ainda hoje, caminhar terra adentro, verdadeiro caminho de perdiçom. O seu caminho de salvaçom estava na rota de Ocidente, seguindo a marcha solar como estrela condutora de umha epifania própria, nunca seguir como espolique de a pé as cavalgadas castelhanas que em maridagem com Aragom brindavam por Oriente: ainda o propósito das carabelas de Colom ero o de chegar a Oriente!

As conquistas espanholas no continente americano, em Ocidente, foram empresa de extremenhos, lusitanos irmaos de raça dos navegantes portugueses empenhados nas descobertas que Camões, de clara estirpe galega, cantou nas estrofes d'Os Lusíadas.

E com isto abandonamos o celtismo, atlantismo ou como se lhe queira chamar e passamos ao lusismo.



Lusismo e castelhanismo som os dous polos de atracçom e repelência que marcam a escura história de Galiza, oscilante de um a outro como um pêndulo que já se movia nervoso nos arredados tempos do medioevo. Quando, trás da morte violenta de dom Pedro *el Cruel* de Castilha, a nobreza galega (o povo nada contava em aquelas idades) se dividia entre legitimistas, assistidos por dom Fernando I de Portugal, e bastardistas, com apoio dos franceses, partidários de dom Henrique de Trastámara como rei de Castilha. Na pugna houve quem se passou de um a outro bando com a mesma facilidade com que agora mesmo os políticos, herdeiros de aqueles cavaleiros turbulentos, transitam de partido a partido, que mais que partidos parecem partidas.

Nom sempre serán absolutamente censuráveis estes traspassos que a gente chama *cámbio de chaqueta*, porque quem se encontre apertado num casaco que lhe vem estreito fará bem em tratar de vestir um que lhe facilite os movimentos e a quem lhe venha largo e folgado um calçom político compreendemos que busque um à sua medida. O mau, o perverso, está em aqueles que ao *cambiar de chaqueta* tiram previamente do seu bolso a carteira para dar-lhe resguardo na algibeira do chaleque. Algo semelhante era o que faziam aqueles nobres cavaleiros que se deixavam seduzir polas famosas mercês de dom Henrique, que as repartia a maos cheas, despojando dos seus legítimos benefícios à velha nobreza galega, que nom lhe era adita, para oferecé-los aos magnates castelhanos e galegos castelhanistas que o proclamavam rei.

Hoje as mercês nom som condados e castelos, som governadurias, delegaçons, alcaldias, escanos parlamentares que os partidos oferecem aos seus partidários, e, de convir, a alguns independentes que gostosamente passam a depender. Modernizárom-se as prebendas; mas os prebendados em nada variárom; nada, certamente, há de novo baixo o astro solar.

As crónicas de Fernão Lopes guardam memória de dous corunheses entre os cavaleiros galegos que aderiram à causa de Fernando de Portugal, que hoje podemos denominar lusistas: Dom João Fernandes de Andeiro e dom Nuno Freire de Andrade, que personificam o lusismo da própria cidade da Corunha recebendo com grande entusiasmo e adesom popular, a chegada do rei português e durante dous anos se mantendo resistente às forças castelhanistas de dom Henrique de Trastámara, a quem facilitou a vitória a covardosa retirada de dom Fernando aos seus lares lisboetas.

Ainda hoje nestas terras compreendidas entre o Cabo Finisterre e o Cabo Ortegal, que fórom solar da tribo dos ártabros, mantem-se a simpatia lusófila com mais intensidade que no resto da Galiza incluída a zona raiana da fronteira que politicamente nos separa. O bardo Pondal nom falou unicamente por si, foi portavoz do ancestro popular.

Todos os doutrinantes do nacionalismo galego salientam e aceitam a irmandade galego-portuguesa. Verdade que encontra dificuldades para abrir-se passo entro o vulgo que nom conta com mais letras que as proporcionadas por umha educação centralista interessada em fazer ver a simpatia lusófila como estrangeirizante. Como um delito de lesa pátria espanhola, dentro da que a pátria galega apenas é umha sucursal sem poderes decisórios de nengumha classe.

E vamos com o lirismo.



Para Castela a frase «Deixemo-nos de lirismos» é umha frase anti-galega. Para João Vicente Viqueira o lirismo é a nota fundamental da alma da Galiza. Sendo assim nom podia deixar de manifestar-se marcadamente no nacionalismo especificamente galego. Aparece tempranamente nos versos dos nossos poetas da renascença. Inicialmente o nacionalismo galego é exclusivamente lírico, todo feito diferencial é cantado, todo problema socio-económico é cantado, com lamúria umhas vezes, outras com jogoralidade, e nunca ou rara vez se pensa em resolvê-lo: cantando é como escorrenta o medo o caminhante solitário nas trevas da noite. Por longo tempo predominou um nacionalismo de poetas e só recentemente, agora mesmo, começa a brotar um nacionalismo de economistas, sociólogos, pedagogos, políticos. Os poetas dêrom a voz de alarma, tocárom a rebato na consciência galega e acordou o nacionalismo activo, que começa a pisar terra firme, que trata de situar Galiza no mundo por direito próprio e nom repara em luxar-se no lameiro da política embargada polos grandes partidos centralistas, com os que há de enfrentar-se em manifesta desvantagem.

Os poetas viam em Galiza umha Dulcinea ideal, imaculada e cativa. Convém que se veja a Aldonza Lorenzo real, enzoufada polo trabalho rude, que precisa de ser polida e culturada. Dom Quixote nom cavalgou por terras de Galiza, o quixotismo arremetedor de moinhos de vento fai rir os galegos, porque na Galiza nom há que procurar combate com gigantes. Na actual política galega nom há gigantes, nom há mais que cabeçudos. Desairosos cabeçudos que bailam com passinho miúdo o *chotis* madrileño como mandam os castiços: sem extralimitar-se do reduzido quadrilátero dum baldosim; mas som incapazes da acrobacia requerida pola moderna música rockeira.

Nom nos deixemos de lirismos, mas sejam economistas, pedagogos, sociólogos e políticos nacionalistas os nossos trovadores.

E já é tempo de ver o nacionalismo com olhos locais como exige o título convocativo desta reuniom.



Se nos deixamos levar um pouco da fantasia, ou muito, porque à fantasia nom se lhe pode aplicar taxa nem comedimento, —ela precisa de voar libérrima, tam libérrima que chega a ser voo sem asa, sem peso de ave que lhe lastre a toma de alturas a onde nom alcance a gravidade terrestre...— levados por ela poderemos concluir que a Corunha nasce de um combate em defesa das próprias essências nacionais, em defesa do próprio clam. Um combate legendário entre Hércules e Geriom. Forma-se a cidade em torno á tumba de um heroi vencido: umha torre pétrea. Tumba que só excedem em monumentalidade as tumbas piramidais dos faraons egípcios. Podemos ver em Geriom um caudilho oestrímnio, a personificação do atlantismo que se defende contra a invasom do espírito mediterrâneo personificado em Hércules. Dous espíritos contrapostos: um traça ângulos, arestas, a estabilidade cúbica do Partenom; outro procura a curva, o círculo mural dos habitáculos das citânias castrejas. Arte clássica frente a arte barroca. A Galiza já era barroca antes de que a humanidade descobrisse a arte barroca. Patente o barroquismo do seu litoral e da sua orografia, igualmente o da sua psicologia. Diz bem dom Eugenio D'Ors que *«el espíritu barroco no sabe lo que quiere»*. Quanto de nom saber o que se quer há na saudade!

Mas nom será preciso cavalgar o poldro desbocado da fantasia nem intentar a espreita através nas névoas inescrutáveis que envolvem a pré-história. Venhamos a época mais esclarecida, menos longínqua no tempo e encontraremos prova de ser velha a preocupação da cidade da Corunha pola defesa da dignidade, da personalidade e da autodeterminaçom de Galiza.

A primeira protesta de que temos notícia escrita contra a usurpaçom do voto em Cortes de Galiza polos procuradores da cidade de Zamora, parte do Concelho da Corunha, segundado polo de Betanços, e consta em carta que, com data de quinze de Fevereiro do ano 1520, dirigem os nossos edis ao rei Carlos I, na que dizem: *«suplicamos a vuestra magestad no dé crédito a la dicha ciudad (Zamora) a ninguna cosa que em nombre de este reyno aya pedido o pidiere»*, e concluem pedindo ser ouvidos em justiça contra Zamora *«por ponerse, como se pone syempre em querer hablar por este reyno tan antiguo como es este de Galizia»*. Como se vé latita já no texto deste escrito umha defesa terminante da personalidade galega e do seu direito a manifestar-se ela própria. Revela umha actitude corunhesa bem aproximada do que hoje chamamos nacionalismo.

Chamamos-lhe assim desde tempo muito recente, antes tivo outros nomes que se forom relegando a medida que o conceito que expresavam levedava, tomava corpo adulto e entrava em fase de revolta. Hoje o nacionalismo é umha revolta e como tal ainda está nascendo, será obra das mocidades actuais, carece por tanto de tradiçom como nacionalismo integral e revolucionário; o de antes era doutrina, gritaria e literatura, bastante literatura.

O humorista corunhês Wenceslao Fernández Flórez acudiu prontamente ao chamamento das Irmandades da Fala e figurou alistado no grupo da Corunha. No boletim A NOSA TERRA (números 40/41, ano 1917) escrevia em galego seu (sabido é que umha novelinha sua foi traduzida por Carré): *«O sentimento nazonalista está basado nunha realidade étnica e histórica que non se pode suprimire nin da que se pode prescindire antoxadizamente. Ningún sentimento, por outra parte, pode sere tan nobre nin tan confesabre. Antes que nengunha cousa, por enriba de todo, hai que sere nazonalistas, profundamente, sinceramente, abnegadamente nazonalistas. O demás é estare entregado ôs Poderes Centrales»*. A declaraçom nom pode ser mais contundente, deveremos admitir que foi ditada pola sin-

ceridade, que no momento de ser escrita era sentida; mas o entusiasmo inicial durou-lhe pouco a dom Wenceslao: em quanto que respirou os ares do Guadarrama... tudo ficou em literatura.

Miremos com cautela para os que irrompem num partido, numha seita o numha ideologia com arrebatada força ciclónica, tudo arrasando para situar-se em posto de vanguarda. A miúdo nom tardam em rezagar-se como asustados da própria audácia. Som mais de fiar os que se acercam por passos contados e avançam sem obsessom de deixar-se ver.

Se assentamos que o nacionalismo galego tal como agora o concebemos carece de tradiçom, nom descartamos que tenha raízes, que anteriormente existam atisbos, indícios de que na sociedade corunhesa estava a germolar a consciência de ser galegamente distinta, a aspiraçom redentora de Galiza. Querendo recolher indícios, digamos que na Corunha se celebraram os primeiros Jogos Florais, em 1861; na Corunha foi posto em cena por primeira vez um drama em língua galega; na Corunha publicou-se por primeira vez um bando municipal em galego; na Corunha funcionou a primeira escola de instrucçom primária integralmente em língua galega, regentada por Ángel Casal; na Corunha criou-se a mais numerosa das Irmandades da Fala e a que se manteve por mais tempo em pé; na Corunha, em fim, reuniu-se no passado século o grupo apelidado «Cova Céltica», onde, por boca de Pondal, se lhe chamou naçom a Galiza por primeira vez. Mas foi-se-me rezagando um dado significativo que convém salientar, em 1920 resulta elegido concelhal Luis Peña Novo polo povo da Corunha. Apresentado como nacionalista, é a primeira vez que em Galiza acede a um posto público um nacionalista polo voto popular. A Federazom de Mocedades Nacionalistas de Galiza, aflorou nos anos da segunda república espanhola; mas antes, constituíra-se na Corunha umha «Xuventude Nazonalista» que, segundo deixa saber em A NOSA TERRA de 30 de Dezembro de 1917, «*ten mente de sair á defensa do ideal galeguista en todos os terreos, sendo como a gardadora do fogo sagrado do rexionalismo integral*» (2).

A Corunha foi a cidade galega que mais se viu invadida polo aluviom de gentes procedentes de outras províncias, maioritariamente da meseta central, gentes que vinham a ocupar cárregos na Administraçom civil e no Exército, a integrar a classe que mais se deixa ver na sociedade cidadá, maiormente quando a cidade é pouco populosa. Esta tona forasteira contribuiu em grande medida a fomentar a impressom de cidade desgaleguizada, que foi propagada nom sempre com honesta finalidade. O certo é que era essa umha impressom superficial e inteiramente desacorde com a realidade. O verdadeiro povo corunhês, ou melhor, o povo verdadeiramente corunhês manteve os seus rasgos de galeguidade e nom se deixou desvirtuar polo senhoritismo estranho que mais de umha vez tivo a ousadia de falar por ele.

Falou nos tempos dictatorias nos que a política centralista acentuou-se na implacável perseguiçom de todo particularismo periférico; fala hoje em mais felizes tempos de sufrágio universal. Porque o centralismo sempre contou com meios para colocar, de algum jeito «democrático», personagens do seu feitio à frente dos postos de autoridade e representatividade. Daí que o galeguismo do povo corunhês se veja em todo momento oscurecido por esses «representantes», mais obrigados para com o partido capaz de acimá-los que para com o povo eleitor. Pois admitamos que o povo os elegiu, ora bem, como defensores dos seus interesses económicos, nom como representantes dos seus sentimentos.

O povo mostra a sua galeguidade quando pode fazê-lo livremente, anárquicamente, sem autoridades que o presidam e dirijam. Foi o povo por iniciativa espontânea o que seguiu multitudinariamente os restos de Curros Henriques e os de Antom Vilar Ponte: que nom eram corunheses de nascimento, mas representavam a suas ánsias de ser e proclamar-se galego total.

Se importante é um líder, tanto ou mais importante é a base popular que o sustenta, sem a qual o líder estará condenado ao fracasso. Na revoluçom de 1846, o levantamento militar, com dom Miguel Solís ao seu frente, nom dize todo o que com aquela revolta se pretendia. Os militares perseguiam o

(2) A esta X.N. pertencerom Alfredo Canalejo e Álvaro Cebreiro. Ten-me falado Alfredo de que esta agrupaçom durou aproximadamente dous anos e acabou porque o seu objectivo nom era limitar-se à cidade da Corunha, pretendia a formaçom de grupos em todas as vilas da Galiza; mas nom achou acolhimento *em nengumha*. Em vista do fracasso, a X.N. extinguiu-se, como umha candeia que se apaga por falta de oxígeno. Perguntamo-nos: onde está essa superioridade nacionalista das demais cidades galegas a respeito da Corunha? Tanto Álvaro como Alfredo eram muito novos. Canalejo tem-me citado alguns nomes dos dirigentes, que nom lembro, porque nom se tratava de intelectuais, senom de gente do povo, desse povo ao que se lhe quer negar sentimento nacionalista.

derrocamento da ditadura do general Narváez; mas o povo, os civis que segundavam em Galiza a insurgência militar, pretendia algo mais: eram gentes aditas ao que entom se chamava provincialismo, sentimento que agora vemos personificado na figura um tanto nebulosa do betanceiro Antolín Faraldo. Sem esse condimento aquela aventura nom teria passado de ser umha militarada mais de tantas como regista a triste história moderna de Espanha.

O provincialismo corunhês era de grande importância e tinha por centro de conspiração a casa de dona Joana de Vega, Condessa de Mina, que traguia de cabeça ao governo central, o qual, respondendo às denúncias do governador militar da praça, deu ordem de que *«se la vigile y si diese motivo legal para proceder contra ella se la juzgue con arreglo a las Leyes»*. O Capitán General pede medidas mais drásticas: *«por la salva proporción que tiene esta interesada en conspirar sin que corra el menor peligro, debo manifestar a V.E. que continuará siempre del mismo modo, y tendremos dentro de la capital de Galicia la mansión de la Dirección de las conspiraciones, si no se toma la providencia de hacerla confinar a país lejano en el extranjero»*.

Nom se tomou tam dura providência mercê ao apoio que lhe prestavam os consulados de França e os afectos de que ainda gozava no Palácio Real. O prestígio da Condessa arroupou em nom pequena medida as actividades dos elementos provincialistas da Corunha. Prestígio em parte herdado do pai, —partidário e amigo de Porlier, que com tantos e tam bons amigos contou na Corunha, onde ainda hoje um clube leva o seu nome—, e de resto adquirido polo seu próprio talante liberal e progressista.

Quando o triunfo da ditadura de Narváez, era dona Joana aia da rainha e dom Agustín Argüelles tutor. Ambos presentárom a dimissom dos seus cárregos; mas mentres dom Agustín alega cobardosamente *«falta de salud»* a continuação a Condessa, dando-lhe umha lição de valentia, dize: *«Yo también, señora, tengo el sentimiento de separarme de vuestra majestad; pero no porque mi salud me prive de continuar teniendo la honra de servirlos, sino porque mi conciencia no me lo permite»*. Umha dimissom nestes términos, quando a última guerra civil a teria levado directamente ao paredom de fusilamento, porque à hora de matar o general Franco tinha menos reparo que o general Narváez.

O provincialismo, que deu carácter galego ao levantamento militar passado polas armas em Carral, é um embriom do actual nacionalismo nascido das mesmas ideias liberais e progressistas, por quanto nunca pode ser autoritário nem reaccionário, como maliciosamente é apresentado por alguns inimigos que à nobre luta descoberta preferem a emboscada caluniosa.

Provavelmente nom acertei a levar a cabo a missom que me foi encomendada de salientar a tradição nacionalista do povo corunhês, porque penso que, nom sendo inferior à de qualquer outra vila galega, tamém nom se lhe pode atribuir umha neta superioridade. Em toda Galiza o nacionalismo mais é, polo de agora, um produto de qualidade que de cantidade. Mais importante que a tradição é a sucessom, a projecção no futuro; e a sucessom está hoje garantida na Corunha pola agrupação O Facho, pola Associação Cultural Alexandre Bóveda, pola Escola Dramática Galega, pola assistência maioritariamente juvenil a todo acto de afirmação galega.

Sem renegar do passado, digamos com Viqueira: *«Miña Galicia non é que a foi, é a que será»*.

Galiza nunca foi, nunca escreveu própria história, desangrou-se fazendo a história dos reinos de Leom e Castilha, da Espanha absolutista e de duas Repúblicas que nom quissérom ser federais.

A Galiza que será há de ser segundo o comportamento das novas gerações, mais livres, mais lúidas e mais constantes do que foi a minha que poucos exemplos vivos vos oferece para serem seguidos.

(*) Este texto procede de umha conferência, que nom chegou a se pronunciar, destinada às Jornadas de Maio de 1987, organizadas na Corunha pola Federación de Asociaciones Culturais Galegas.

XO HAN CASAL: OS FRUTOS DA NÉVOA

Foi o xelío da lingua, nese encontro raizal do home coa fonte do propio pensamento, quen lle deu a Xokan Casal a dimensión humana necesaria para sentir-se dun pobo e dunha terra. Para tomar consciencia de ti.

Un organismo maltratado, enfermo, como é o dunha nación incedente, vai criando sempre os anticorpos, as defensas para sobrevivir. A lingua propia leva en ti a semente da liberación e aneposte no decorrer dos séculos para atopar a súa caule natural, a libre expresión do seu sentir, a rebeldía, aínda inconsciente, na escrita e na palabra. Escritores honbo e hai que sendo retóricos na lingua de Castela, foron e son revolucionarios na propia. Bratias, durguia, Rosalía mesmo, son exemplos claros da forza natural dun idioma oprimido.

A lingua sobrepõe á pluma ou a palabra e apresa afervoradamente as ansias do corazón que a mente trata de atpegar, de dispozar, de construír. —

E dicir, un home que como Bratias escribía no castelán requintado de época podía berrar de súfeto:

"Erque Galiza, erque-te e anda..." como en "Inlenda" e nou era mais que o veículo de forza libertaria do propio idioma.

Na Sociedade o fenómeno apresenta-se dun xeito similar: Hai, aínda nas épocas de máis escura represión, un grupo que se presenta con dignidade, todo aquilo que lle é esencial ao verdadeiro ser da patria. Xoes seulleiras, mas verdadeiros puntos de referencia, para que nós poidamos agora mesmo ser quen somos e sentir o que sentimos.

Nou sei se foi Cabal, pois, quen descubriu a lingua ou foi a lingua a que animou no seu corazón magado e deu-lle esa luzada derradeira, o resplendor do velo que se acaba, para facer inmortal a súa palabra, e deixar firmes nos anais do tempo o encontro definitivo do home consigo mesmo. O apalpar nun intre na nervadura ferida da súa identidade.

Estou a ollalo aínda agora, feble e cordial - con esa madurez e serenidade do mozo que ten a certeza dunha morte fronte - amparado polo forza disimulada de Rei - mundo Patiño, e escorto a súa palabra reposada o seu análise sempre certo de calquer tema literario - era un gran coñecedor das avangardas - ou da sociedade alienada na que tiñamos que convivir.

A cidade da Coruña - esta Coruña tan mal entendida e injustamente xulgada as mais das veces - dou mostras, mellor quezaís que ningunha outra de Galiza, de criar os anticorpos que unha sociedade mutante, corrupta ou gasepeneada por influencias estranhas, necesita para manter a súa autenticidade, e irradiar aínda algo de seu aos demais estamentos da sociedade galega.

Nou tenia que dar mais que cadro ou cinco referencias, que estou seguro son o basamento, o alicerce, da nosa personalidade histórica de hoxe.

O Album da Caridad de 1.861, primeira escola da poesía do Rexurdimento.

A Cova Céltica, do Vello Carne Aldao, de entre os dous séculos, de que saíron as primeiras organizacións que lle deron forma á nosa cultura: A Academia (hoxe tan perdida), a Escola Dramática Galega, e Editorial Lar e Cantigas da Terra.

As Irmandades da Fala de 1.916, xerme e semente do nacionalismo renovado que aínda agora nos serve de quieiro.

O Facho, Asociación cultural que hoxe nos acolle

e da que todos vós sabeis a andadura, ^U dando em obsequio andar em solta.

E tamen dum grupo, no teu tempo, de moços sonadores dum sono que agora imos descifrando com mais clareza e esperanza: Estou a falar de Johan Casal, de Reimundo Patiño, de Enrique Iglesias, de Pepe Pargo, de Eduardo Sánchez, de mim mesmo. E outros, que formaban grupos menos comprometidos, pero que andaban dalgunha maneira, preocupados pola nosa cultura nos diferentes eidos.

Certamente o entorno socio-político da Coruña nos anos cincuenta non era doado. Gobernados militarmente por un musulmán (aínda que para o caso é o mesmo), civilmente por un requeté devaluado, e municipalmente por un delegado permanente do Caudillo - e dicir, un caudillo en pequeno -, controlada a provocación doctro por ser sede de Verán, de pesca e de caza do Señor de Meliás, era difícil calquer expresión cultural, e menos política, que non estivo axustada aos programas oficiais do Estado.

Habia, pois, que andar con moito medo, e deixarse pasar, as mais das veces, por persoas finitas.

5
Rescos - falar galego etc finforesco - e andar nas
cataumbras à procura dalgunha persoa alí para
contar as nosas coitas ou os auguriantes proxectos
de futuro.

A Real Academia Galega era totalmente irreal. Non
quer dicir que non houbera membros dignos de aprecio
e de respeito. Vivia aínda un dos fundadores, e había
outros que eran académicos silenciados. Os que sonaban
eran comentaristas de fútbol e de crónica social (boas
e bantizos) que o único que aportaron ao noso
idioma foi a piqueta demolidora programada desde
gobierno central. O momento histórico non daba
para máis, pero aínda agora a cousa non se compuxo.

Aí e todo o fermento de galeguidade estaba vivo:
Os vellos patriarcas da Cova Eltica e das Irmandades da
Fala deixaran a súa semente e nas tertulias dos
cafés ou das tabernas atopabámos de vez en cando
a algún dos seus descendentes e unha oferta de
irmandade dabamos o alento de seguir adiante
e de esperar tempos mellores (sempre temos esa
insubmisión): Os carré Albarillos, os Vilas-chao, Euguis,
Martinez-Barbeito mesmo, amparaban calisquer

agosto de sentimento e froal de ⁶ nosa cultura, (e
algunas da nosa liberación)

Alvaro Cebreiro, xa enfermo, falaba-nos de Manuel Antonio
e do manifesto "Mais Alá". Don Uxío Carré Alvarellos,
vollo patriarca que eu tanto ameí, alollíanos na
sua casa de Eirís, construída no sitio mesmo onde
os feixistas asasinaron ao seu fillo, e dabanos sem-
pre unha lección de humanidade e de amor á patria.

Aínda vivía Doña Gals, a filla de Rosalía, e eu
sinto agora a emoción revivida de bicar a sua man
frola que se presentaba.

Son fontes de referencia, mas son fontes de referencia
válidos cando a patria anda perdida e andamos
atentando o camiño.

E de agradecer a Alvaro Cunqueiro, que visitaba a cidade
con frecuencia, o furo que lle deu á nosa ~~antiga~~ literatura
desde ~~as~~ Crónicas do Sochantre, que fixo a unha boa
parte da burguesía cornutesa a ler por primeira vez
en galego. Un de via a ligula forte e campañana
de Don Ramón Otero Pedrayo, pasan polos cantos
repartindo apertes, e nos nosos estazais de espazos
sentir que algo noso está aí, que o espírito da

7
terra estaba vivo. Os encontros con Manuel María e Novoneyra...

Ninguém recitou nunca cousas de Castelas: "Era nun Loureiro perto do norte"... "O galo negro" de Echegaray ou "Os autoqueses" de Jacinto Freire, como aquel vello amigo e compañeiro que se chamaba Eumede. Con el, con Payou e Pacho Ortiz fixera-se a primeira representación na Galiza de "Os vellos non deben de namorarse". Logo, con Antonio Naveira, fuxeramos en escena (eu andaba de espantador) o Don Hamlet de Cameroiro despois de mil voltas cos Censura...

A grande meta literaria dos escritores coruñeses de entón era triunfar en Madrid, e moitos frou-se e nunca mais se soubo deles. Afortunadamente.

Este era o mundo de Xohán Casal, o noso mundo, e eu sei que o seu corazón xa está fincado, descolheu un día o inquieto listrego de pelo, a charcada da terra, e dou-no íntegro á súa causa, mentras o corazón lle durou.

Unha fiteira asobollada, eris, pois, sempre, os antepasados que o faguen sobrevivir. A súa permanencia pode ser barbada, mais afora sempre en diferentes

expresivos.

8

Ainda no campo das artes que naquele tempo floresceram, A Coruña deu a sua (toda essência de gabarido - de (uma história que está por fazer) e a obra supera muitas vezes ao mesmo autor ideologicamente, na sua autenticidade: A obra de Labra, de Lago Rivas, de González Pascual, de Xosé Lois, de Xerardo Porto, de Mariano García Patiño, e grande obra de Urbano Inquis tam perdida, e de Vilan Chao e Abelludo, deram-lhe à Coruña um esplendor, que nenhum país non submetido, teria adonancia universal.

Ficou a semente e o facho. E digo o Facho no dobre sentido de palavra.

No transcurso da vida, a gente decaíste de raizame perdida em aventuras exteriores, e volta outra vez ao seu lado, ao seu bezo, como foi o animal dançante. Recuperamos vozes que andavam altas, sentimentos que andavam atfogados e que viraram fumos da sua própria fonte.

Agora mesmo, enfrontados a um estamento oficial tam denigrante como o de outrora, A Coruña está

9
dando unha mostra viva e magnífica da súa esen-
cia galega: ASociacións Culturais, Grupos teatrais, músicos
de Valia, voces novas afinadas no íntimo da Galiza
están a sonar mais fortes que nunca.

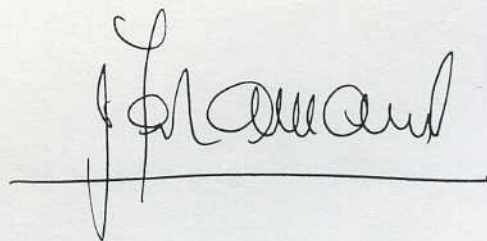
Saído delas a Xulio Valcarcel, a Ternaán-Vello,
a Monterroso Devesa, a Pilar Pallares, a Xavín Seoane,
a Manuel Rivas, a Xulio Bejar, Lino Braxe, Nato Fardo,
Salinas Portugal, Anxelos Penas, Alvarez Torheino, Alfredo
Gallego e o verso inconstante e claro de González-Ferres.
¿e tantos mais?.

A Lomía está viva. Galiza está viva. E diso
algo se lle debe tamén a Xohan Casal. A conciencia
emana ás veces, do descoñecido, do que non se sente,
do que se percibe a través do alento que fica dos
que foron. Por algo a súa presenza está hoxe
con noso.

E triste ter que dicir homes que de fronte nos
doen. nos labres, que se pronuncian aínda coa
dor dunha ferida aberta: Reimundo Patiño, Xohan
Casal, compañeiros, o xuramento está en fa'.
Galiza é unha tarefa na que o noso nome e sempre
un exemplo, unha espina, un vicio aberto

de cara o futuro.

E xa ninguen nos pode deter.



19/5/86 .

ANTÓN AVILÉS DE TARAMANCOS.

Dita polo autor na sala Luís Seoane, o 21-5-86, no primeiro acto do ciclo de homenagem ao autor corunhês, organizado por *Asociación de Escritores e Mesa Cultural da Coruña*.

O FACHO

a agrupacion cultural



Memória 1963-1991

«O FACHO» NA MEMORIA

Por Manuel CAAMAÑO SUÁREZ

Cando hai agora 28 anos naceu a Agrupación Cultural «O Facho», só un escaso número de xente moza —non máis de vinte— apostaba daquela por unha vida medianamente longa da primeira sociedade cultural galeguista de posguerra en A Coruña e a segunda en Galicia.

Mais velaquí que o chamamento que fixeran dous mozos coruñeses —Henrique Harguindey e Andrés Salgueiro— naquel verán/outono de 1963 callou nunha apaixonante obra encarreirada a facer país, consolidándose como unha institución viva e activa que se fixo presente e actuante non só en A Coruña senón que en toda Galicia.

A ETAPA FUNDACIONAL

Non foi doada certamente, para os fundadores, a posta en marcha. Se reparamos naqueles tempos ben se ve que o medio en que nacía aquela iniciativa xuvenil non era nada propicio a manifestacións galeguistas. A hostilidade dos gobernantes era total e manifesta, presidindo a súa actuación controladora unha caste de despotismo, e non precisamente ilustrado.

Mais o entusiasmo, o idealismo, a entrega xenerosa e as vixilias daqueles sementadores non admitían valados que detuveran o pulo que neles alentaba con forza. Foi con esa actitude, operando con intelixencia certa e pasiño a pasiño, como a mensaxe anovadora que traían foi penetrando nas mentes e nos corazóns dos coruñeses que enxergaban o territorio de A Coruña como parte integrante da nación galega, que se decataban que Galicia era a agra común de tódolos galegos.

Os riscos e cambadelas daquela época, na que a máxima manifestación diferencialista tolerada (e ás veces fomentada desde o poder) era a folklórica, foron sorteados con acerto. A aquela primeira etapa fundacional seguíronlle outras, nas que a resistencia á asimilación centralista fíxose vigorosamente, baseándose nun labor eficaz que foi compartido e imitado por xentes diversas en idade, sexo, procedencia social e ideolóxica.

Non serei eu, e menos nesta ocasión na que os traballos continuados de 28 anos se recollen polo miúdo nesta Memoria, quen saliente o feito de que unha institución non oficial chegue a ter unha vida ininterrumpida tan longa. Mais o certo é que neste país noso de xentes pasivas, ensoñadoras, hipercríticas e miméticas do alleo, nesta terra onde tantas iniciativas morren ou esmorecen a pouco de botarse a andar, o cumprir perto de tres décadas mantendo unha liña continuada de labor fecundo e rigoroso cara os obxectivos fixados é, cando menos, ben meritório.

LABOR NOS 28 ANOS

Eses 28 anos que agora se están a cumprir foron vividos con esforzado alento e sentido solidario polos responsábeis da agrupación, soportando perigos certos ata a desaparición física de Franco. Para nos decatar do labor levado a cabo, que logrou despertar en moitos cidadáns coruñeses e galegos a

conciencia e o orgullo de pertenza a un país con personalidade propia, abonda con follear esta Memoria e reparar nos epígrafes máis destacados. Suliñaría entre eles:

Os moitos cursos de galego de carácter público desde o 1964 (ano no que o venerable galeguista don Leandro Carré abreu a serie) e os primeiros en Galicia nos dous xornais radicados na cidade; as dúcias de conferencias e mesas redondas onde os mellores especialistas trataron sobre a problemática de Galicia en tódolos eidos da súa vida colectiva; a promoción e creación dunha literatura e teatro infantís que, amais, permiten hoxe dispor dun verdadeiro arsenal lingüístico e lexicográfico na agarda de que algún universitario se decida a traballar nel; a introducción do galego por primeira vez na literatura socio-económica, propiciando traballos e cavilacións a todos cantos tiveran algo que decir sobre esa temática, ofrecéndolles a oportunidade de pasaren pola tribuna da sociedade; a introducción do galego nos xornais e na radio; a promoción do teatro representado, creando un dos primeiros grupos teatrais de posguerra; o facer posible coas súas actividades que se publicaran tantos libros como anos de vida está a cumprir; a reivindicación permanente do uso da lingua no ensino e na vida de cada día; a promoción da creación poética coa descuberta de novos valores; o fomento da convivencia e a discusión civilizada mediante as tertulias semanais dos xoves; a popularización da cultura; a descuberta de valores literarios, poéticos, teatrais, do deseño, etc., etc.

CONCIENCIA NACIONALISTA

Todo o labor contido nesta Memoria, recollido coa meticulosidade habitual de «O Facho», tódolos traballos realizados, toda a contribución a conformar unha conciencia nacionalista, leváronse adiante, en tódolos tempos do decorrer da súa vida, sen dependencias de ningún tipo. As axudas que foron chegando lograronse derramando tempo e esforzos que cristaizaron nun labor serio e rigoroso merecedor da acollida entusiasta por parte de moitas xentes e institucións.

Ó longo dos vinte e oito anos de actividades, «O Facho» mantívose alonxado das servidumes de calquera institución ou organismo, refugando as incitacións interesadas que de cando en vez lle chegaban. E anque permaneceu independente da política partidista, como lle aconteceu a outros grupos culturais nacionalistas, levaba cabo de si, por razóns obvias na etapa franquista, unha fasquía prepolítica que lle fixo servir de abeiro a toda canta iniciativa se lle propuxera tendente a facer presente a Galicia nación.

«O Facho» fixo xermolar, co entusiasmo e a esforzada adicación dos seus mozos e mozas e dos seus fieis colaboradores veteranos, a mensaxe que os fundadores sementaron no ano 1963 logrando, incluso, que o seu influxo sobardara o marco coruñés e que moitas outras zonas da xeografía galega sentiran o seu alento concienciador como propio.

CODA

Nesta hora leda da presentación da recolleita na letra impresa do fecundo quefacer de vinte e oito anos de vida, «O Facho» mantén o roteiro fundacional. Roteiro que na mesma cidade, vangarda sempre de todo canto movemento tencionara o ben de Galicia, trazaron os que promoveran os Xogos Fro-raís do século pasado, os membros da Cova Céltica, os fundadores da Real Academia Galega, os nacionalistas das Irmandades da Fala... Mantén o mesmo roteiro que posibilitou que nos tempos modernos a cidade dos Pondal, Murguía, os Villar Ponte, Luguís Freire, Viqueira, Luís Seoane, e outros, seguira a servir de facho aceso en moitas ocasións para ver de acadar algún día unha Galicia dona de si.

A Coruña, Outono de 1991

PEQUENA HISTÓRIA

En Agosto de 1963, dous mozos estudantes, **Enrique Harguindey Banet** e **Andrés Salgueiro Armada**, dirixiron-se, polos xornais e emisoras da cidade a todas as persoas interesadas pola cultura e o idioma de Galiza, invitando-as a se integrar e traballar en equipo. (Así o recollemos, cun par de exemplos, no capítulo correspondente).

Segundo conta o sócio número 1, un daqueles dous impulsores, eles foran motivados por un libro da editorial Galaxia que viron no escaparate da librería Zincke Hnos. (onde a actual Arenas): das impresións de ambos xurdiu a idea que, meses despois, cristalizaría nese chamamento.

Chamamento que tivo tal eco que, coa pretensión de constituír unha sociedade, se formou, no mes de Outubro, unha Comisión organizadora, integrada por:

Xosé Alberto Corral Iglesias
Enrique Harguindey Banet
Xosé Miguel Harguindey Banet
Roxelio Martínez Jiménez
Leopoldo Rodríguez Regueira
Andrés Salgueiro Armada

Mercé á súa xestión constituíu-se oficialmente a Agrupación Cultural O FACHO, recibindo, con data 18 de Decembro de 1963, a comunicación da aprobación dos estatutos da sociedade.

Voltando ao rego, digamos que o 23 de dito mes de Decembro se celebrou na Casa da Cultura a 1.^a Xunta Xeral na que participaron:

Xosé Miguel Harguindey Banet
Leopoldo Rodríguez Regueira
Xermán Muñiz Castro
Enrique Iglesias Conde
X. Alberto Corral Iglesias
Elena Rosa López Meneses

Fernando Arambillet García
Maximino Cacheiro Varela
Xosé Luis Cardero
Manuela Corral Villar
Antonio Freire Longueira
Enrique Harguindey Banet
Xosé Ramón Isasi Méndez
M.^a Elena López Prado
Antonio Loureiro Veira
Roxelio Martínez Jiménez
Eduardo Martínez Suárez
Mario Orjales Pita
Xosé Luis Rodríguez Pardo
Andrés Salgueiro Armada
Arximiro Vázquez Guillén

formando os seis primeiros a 1.^a Xunta Directiva, segundo se especifica no capítulo final.

O nome e o logotipo. Aquel escolleu-se, talvez, con relación á Torre de Hércules, transmutada nun concepto e vocábulo que, con enxebreza, definía algo que pretendía difundir a cultura propia do país e en liberdade, dous valores que fenderían, sen dúbida, a cerrazón daqueles anos escuros.

Parece ser que a plasmación do símbolo funde ese facho cun sol a se pór sobre unha leira, tal como a concebiu **Reimundo Patiño** nun sol-por campesino. Pense-se que o logotipo, por esas ironías, se vulgarizou en posición invertida, mais se o pomos en forma correcta, logo se verá o que o seu autor quixo expresar.

AGRADECIMENTO

—Aos integrantes de sucesivas Xuntas Directivas que axudaron a concretar tantos aspectos de tantos anos.

A

Cursos de idioma galego

ANTORCHA Y GUÍA

«Facho» quiere decir, en gallego, la antorcha que se enciende en una torre para señal o guía. Es un nombre muy adecuado para una asociación creada en una ciudad famosa por su faro y en una comarca donde hay tantas torres y balizas marítimas; por añadidura tiene un significado simbólico: intenta señalar un camino.

La primera consecución de «O Facho» fue despertar el interés de las jóvenes de La Coruña que, salvo excepciones, se interesaban tanto por la lengua gallega como por la primera camisa que vistieron.

VICTORIA ARMESTO

(En *La Voz de Galicia*, 28-8-70)

DO IDIOMA GALEGO

(Por M. - S. de las agrupaciones culturales "O Facho", de La Coruña, y "O Galo", de Santiago)

CURSO DE GALEGO

Realizado polo equipo de Lingua
da Agrupación Cultural «O Facho»



Ramón Piñeiro, por Seoane.



Leandro Carré, por Cebreiro.



Carvalho Calero, por Seoane.

1964

I

(14-9-64 / 17-11-64)

Impartido na sala de exposicions da Casa da Cultura, por **Leandro Carré Alvarellos**, con dúas conferencias, unha de **Ramón Piñeiro** e outra (con motivo da clausura e entrega de diplomas) de **Ricardo Carballo Calero**.

1965/66

II

(2-11-65 / Maio-66)

No mesmo local, foi impartido por **Xosé Luís Rodríguez Pardo**, e complementado, a partir do 6-5-66, cun curso de Literatura contemporánea a cargo de **Marino Dónega Rozas**.

1967

III

(8-2-67 / Abril-67)

Celebrou-se no Instituto Nacional de Bacharelato (feminino) Eusébio Da Guarda, a cargo dos dous colaboradores do II curso, sendo presentado polo director do centro, **Antonio Respino Díaz**. (E pudo-se facer mercé á axuda do Xefe de Estudos do Instituto, **Felipe Herrero Alegret**, baixo o rubro de actividade de expansion cultural, superando as dificultades postas polo Gobernador Civil de turno).

1967/68

IV

(7-11-67 / Febreiro-68)

No mesmo centro que o anterior, estivo a cargo de **Xosé L. Rodríguez Pardo** e **Ramiro Cartelle Álvarez**, un por cada un dos grupos nos que, dada a alta tasa de inscriptos, houbo que reparar aos alumnos.

1969

V

(21-2-69 / 16-5-69)

A partir deste V até o núm. XIII os cursos serán organizados polos Institutos de Ensino Médio (feminino e masculino), coa nosa colabora-

ción e terán lugar sempre no Eusébio Da Guarda.

Dada a crecente matrícula, as clases estiveron esta volta a cargo de **Manuel Vidán Torreira**, auxiliado por **Luz Pozo Garza**, **Xosé Manuel Rodríguez Pampín** e **Ramón Fraga García**, todos profesores do Instituto masculino, cuxo director, **Enrique Míguez Tapia**, apresentou o curso, clausurando-se coa entrega de diplomas polos directores dos dous Institutos, director do curso, secretario da Academia Galega e presidente do FACHO, e coa lectura, por alumnos do centro, baixo a dirección do profesor **Rodríguez Pampín**, da *Antígona* de **Anouilh**, en versión de **Franco Grande** e **Beiras Torrado**.

1969/70

(30-4-69 / 19-2-70)

Simultaneamente co anterior e o seguinte, e promovido por nós e realizado conxuntamente por O FACHO e O Galo, levou-se a cabo, en *El Ideal Gallego*, e por **Ramón Fraga García** e **Antón Santamarina Fernández**, un curso de 95 leccións que foi, segundo cremos, aínda utilizando o español como vehículo, a primeira experiencia de clases de lingua galega en Galiza nun medio de masas como é un xornal. Formaba parte da sección *Do idioma galego*, completada por dous concursos de redacción (un deles infantil) e o inquérito *A lingua galega e as novas xeracións*.

1970

VI

(6-2-70/17-3-70)

Estivo a cargo de **Ramón Fraga García**, abrindo-o **Ricardo Carballo Calero** e clausurando-o **Constantino García González**.

1971

VII

(22-3-71/17-5-71)

A cargo de **Ramón Fraga García** e **Xosé Manuel Rodríguez Pampín**, clausurou-se o Día das Letras, coa presentación do método *Gallego 1*, do *Instituto de la Lengua Gallega*, por **Guillermo Rojo Sánchez**, e reseña bio-bibliográfica e lectura de poemas de **Gonzalo López Abente** polo Grupo de Teatro O FACHO.



VII Curso de idioma.



X Curso de idioma.

(Maio-1971)

Na Escola Normal e por iniciativa do profesor do centro **Manuel Espiña Gamallo**, impartiu un cursiño de lingua para alumnos do mesmo, o directivo **Xosé Luís Rodríguez Pardo**.

1972

VIII

(23-2-72/17-5-72)

A cargo dos mesmos que o VII, clausurou-se coas intervencións de **Enrique Míguez Tapia** e **Leandro Carré Alvarellos** e coa presentación, tamén por **Guillermo Rojo Sánchez**, dos libros *Gallego 2* e *Lecturas Galegas 1*, do *I.L.G.* e unha semblanza bio-bibliográfica e lectura da obra de **Valentín Lamas Carvajal**, no Día das Letras, polo Grupo de Teatro O FACHO.

1973

IX

(12-3-73/17-5-73)

Foi impartido polos mesmos profesores que os anteriores e mais por **Luz Pozo Garza**, inaugurando-se coa intervención de **Ramón Lorenzo Vázquez** e clausurando-se cun adianto do libro *Gallego 3*, do *I.L.G.*, presentado por **Xosé Luís Couceiro Pérez**. Nesta ocasión houbo tamén curso de aperfeizoamento.

1974

X

(16-4-74/30-5-74)

A cargo de **Pilar Rodríguez Varela**, o Día das Letras impartiu unha lección **Antón Santamarina Fernández**, clausurando-se o día 30, coa presenza dos directores dos Institutos e do presidente e do tesoureiro da Academia Galega, coa habitual entrega de diplomas e a representación, polo Grupo de Teatro O FACHO, de *O mendiño e o can morto*, de **Bertolt Brecht**, en versión de **Xosé L. Rz. Pardo**. Tamén houbo un curso de aperfeizoamento.

(28-4-74/30-6-74)

Baixo a dirección das sócias **Rosario Belda Otero** e **Sabela Vázquez Fandiño**, celebrou-se, no local social, un cursiño de lingua para nenos.

1975

XI

(4-3-75/15-5-75)

Dada a grossa matrícula, superior aínda e só comparábel à dos cursos V e VIII, este estivo a cargo de **Pilar Rodríguez Varela** e **Ramón Fraga Garcia**, intervindo no acto de clausura e Día das Letras **Enrique Míguez Tapia**, que fixo unha evocación da vida e da obra de **Xoan Manuel Pintos**, algúns membros da nosa Agrupación coa lectura de poemas e máis o Grupo de Teatro O FACHO coa representación de *O cantar dos cantares ou Galicia 1948* de **Eduardo Blanco Amor**.

1976

XII

(27-2-76/14-5-76)

Impartido por **Pilar Rodríguez Varela**, **Margarita Vila Mosquera**, **Manuel Felpete** e **Xosé M.^a Dobarro Paz**, constou tamén dun curso de aperfeizoamento. Clausurou-se cunha lectura de poemas de **Ramón Cabanillas** polo Grupo de Teatro O FACHO e un recital de cantigas galegas por **Antón de Santiago** e **Ramiro Cartelle**.

1976/77

XIII

(10-11-76/11-3-77)

A cargo de **Pilar Rodríguez Varela**, **Manuel Felpete** e **Xosé M.^a Dobarro Paz**.

1977/78

(6-11-77/16-5-78)

Co ensino do galego, a partir do curso 77/78, na Escola Oficial de Idiomas da Coruña, O FACHO, estimando cuberta unha etapa no seu labor de difusión do noso idioma —con máis de 1.600 alumnos matriculados nos 13 cursos e un eco tal que se ten recibido correspondencia, relacionada cos cursos, desde lugares tan lonxanos e dispares como Istambul e Nova Iorque (ver Memória 1970-75, páx. 6)— e ante a novidosa oportunidade que se lle brindaba, optou por volcar o seu esforzo divulgativo nun medio de comunicación de primeira magnitude.

Este Curso de galego, dunha expansión inusitada (pois que pudo ser seguido por moitos máis

leitores dos que se inscreberon formalmente), levou-se a cabo a través de *La Voz de Galicia*, estando a cargo da *Equipa de Língua do FACHO*, formada por **Pilar Rodríguez Varela**, **Xavier Alcalá**, **Sabela Vázquez Fandiño** e **Xosé-M.^a Monterroso Devesa** e apoiada polas ilustracions de **Siro**.

Constou de 122 leccións, 11 probas, 12 semblanzas de galegos ilustres e 15 entregas de vocabulário, procedendo-se a publicar a corrección da proba final (14-6-78) e ao conseguinte envío de diplomas a boa parte dos mil e pico de examinandos (dos cuase sete mil alumnos inscritos, sendo o primeiro destes o estudante coruñés **Xesus Serantes López**).

O curso, debidamente corrixido e aumentado, foi recollido en libro, co título de *O galego hoxe*.

1980/81

(17-11-80/Abril-81: ordinario; 20-11-80/25-5-81: especial)

Este curso, organizado conxuntamente co Ateneo da Coruña, celebrou-se, nos niveis ordinario e especial, no Instituto Da Guarda, estando a cargo, respectivamente, de **Inés Salvado Pérez** e de **Xoán C. Rábade Castiñeira**, clausurando-se, o 29-5-81, cunha lección de **Xosé Luis Rodríguez**. Os exames do curso especial (homologado pola

Xunta de Galiza en 16-5-81), celebraron-se o 8-6-81.

1982

(1-3-82/24-5-82)

Celebran-se os II cursos en colaboración co Ateneo da Coruña e esta volta no Coléxio PP. Salesianos e no Instituto de E.M. Mixto Ramón Menéndez Pidal (Zalaeta), constando de tres niveis: ordinario e especial (para mestres, desglosado en 1.º e 2.º ciclo), celebrando-se os exames no citado Coléxio, o 16-6-82, coa incomparecencia do inspector da Consellaría.

Estes cursos impartidos por **Xoán C. Rábade Castiñeira**, por **Inés Salvado Pérez** e polo noso directivo **António Gil Hernández**, xa non serían homologados oficialmente, se ben foron entregados os correspondentes diplomas o 15-7-82, ocasión na que **Francisco Salinas Portugal** falou, no Ateneo, para os alumnos sobre *A poesía portuguesa de avanguardia e a sua relación coa galega*.

1985

(9-4-85/Maio-85)

Un cursiño de aperfeiçoamento lingüístico e literario, de 20 horas, é impartido, no noso local social, por **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**.

B

Concursos literários e artísticos

«O FACHO» E A TORRE DE HÉRCULES

Non soio a Torre de Hércules alumea na noite e marca camiños entre tebras. Nos sinos culturais cheos de marexadas e vendavales, como outra Torre de Hércules, érguese tamén un faro vixiante, pulo da máis afervoadada vontade de servizo cultural, símbolo dunha Galicia inmorredeira chea de peculiaridades xenuinas dentro da gran e rica variedade cultural da comunidade española, e este faro chámase «O Facho».

Facho precisamente dise en galego dos outeiros dos montes onde se encenden facheiros para dar sinais, xa na costa, xa terra adentro; coma o penedo onde se ergue a nosa Torre. Facho en castelán quer decir tamén «antorcha», e aínda que nestes tempos a asociemos axiña con olímpica, non esquezamos que, por moitas corredoiras de Galicia, os fachucos siguen alumeando os pasos dos nosos labregos.

O Facho naceu, precisamente, —foi unha das primeiras organizacións deste tipo en Galicia—, para que, non tan soio na corredoira, sinón tamén na rua cidadán, tan amenazada polo esnobismo e a sofisticación, os cruñeses se asolaguen dentro de si e enxerguen a xenuinidade de ser de galegos.

X.M.R.P.

(En *La Voz de Galicia*, 28-5-72)



Marinhas del Valle, por Seoane



Marino Dónega, por Seoane.



Rafael Dieste, por Díaz Pardo.

Concurso Nacional de Contos Infantis O FA-CHO.

Co nome de *Concurso de Contos Infantis O FACHO* estabeleceu-se en 1968, coa pretension de axudar a fomentar e promover a criacion dunha literatura infantil galega, tendo carácter anual e sendo de sempre patrocinado pola *Caja de Ahorros y Monte de Piedad de La Coruña y Lugo*, hoxe *Caixa Galicia* (oscilando a dotación económica entre as iniciais 9.000 e as 125.000 pesetas de 1992).

O Concurso constou, desde o principio, de dúas modalidades: A) contos para nenos e B) contos dos nenos. Da III à XXI edición esta sección dividirá-se en dous apartados: 1) rapaces de 10 a 15 anos e 2) nenos de menos de 10 anos. Desde a XXII edición as idades pasan a conformar tres apartados: 1) de 12 a 14, 2) de 9 a 11, e 3) de 6 a 8 anos. (Segundo as posibilidades económicas, ten-se outorgado un ou dos premios en cada apartado).

A partir da XIV edición os xurados que evaluaron os traballos comezaron a ser de composición mixta: aos adultos uníronse rapaces. (Daquela tamén se decidiu substituír por libros —e ocasionalmente cassettes e discos— os premios monetarios na sección B).

Convocado en todos os xornais de Galiza no primeiro trimestre do ano, e concurso veu-se facendo o 17 de Maio (Día das Nosas Letras), o 18 de Maio (Día da Nosa Fala) ou, ultimamente, a finais de dito Mes da Nosa Cultura.

O eco deste concurso exemplifica-se coa participación nel de xente dos diversos países de destino habitual da nosa emigración, así como coa información que frecuentemente nos teñen solicitado estudosos da materia, a última vez, sen irmos máis alá, desde Ontario (Canadá).

Índice de participación, por modalidades, no Concurso de Contos Infantis:

CONCURSO				TRABALLOS APRESENTADOS			
Núm.		A) Para nenos		B) De nenos		Total	
I		38		10		48	
II		82		16		98	
III		48		20		68	
IV		31		13		44	
V		52		11		63	
VI		58		39		97	
VII		44		7		51	
VIII		85		11		96	
IX		70		8		78	
X		58		311		369	
XI		37		36		73	
XII		33		55		88	
XIII		40		54		94	
XIV		42		37		79	
XV		45		30		75	
XVI		34		108		142	
XVII		46		90		136	
XVIII		24		106		130	
XIX		46		35		81	
XX		12		38		50	
XXI		58		115		173	
XXII		14		64		78	
XXIII		39		82		121	
XXIV		46		55		101	
Totais		1.082		1.351		2.433	

I

Xurado: **Ricardo Carballo Calero, Xohana Torres, Marino Dónega Rozas, Jenaro Mariñas del Valle, Xosé L. Rodríguez Pardo.** Secretario: o da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *A galiña azul*, de **Carlos Casares Mourino**, de Xinzo de Limia. (Unha adaptación teatral desta obra foi estreada na Coruña, en 1976, polo *Grupo Teatral Semente*, dirixido por **Rosa-rio Belda Otero**).

2.º *Tobi e o ben*, de **Lucila Alén**, de Fermosas (Vilar de Condes-Carballada de Ávia).

3.º *A nau do lonxano país*, de **Xohán Bernárdez Vilar**, de Vigo.

M.h. *Margariliña*, de **Inés Armesto Pérez**, de Barcelona.

M.h. *O vento*, de **Emilio R. Gregorio Fernández**, de Compostela.

B) 1.º *Contos da aboa*, de **Román Torreiro González**, de Rendal (Arzua).

2.º *A sorte dun pescador*, de **Pura Fernández**, de Ferreiros (Fonfria-A Fonsagrada).

3.º *O can de Larapito*, de **Xúlio Guardado Mirás**, de Compostela.

M.h. *O pintor*, de **Emilio Alonso Pimentel**, de Lugo.

M.h. *A nena das mil monecas*, de **Sara Alonso Pimentel**, da mesma.

M.h. *Aventuras de Flechiña*, o can valente, de **Xesus Alonso Pimentel**, da mesma.

M.h. *O ladrillo*, de **Xúlio Guardado Mirás**.

M.h. *O coello e os amigos*, de **Alberto Miranda Lago**, de Gontade (Oia-Vigo).

M.h. *Cuentos del prisionero*, de **Xurxo Pedrosa Rua**, de Vigo.

M.h. *O Tio Xareque*, de **Xosé Villamarín Iglesias**, de Ourense.

II

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Jenaro Mariñas del Valle, Manuel Espiña Gamallo, Xosé L. Rodríguez Pardo, Ramón Fraga García.** Secretario: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O león e o paxaro rebelde*, de **Bernardino Graña Villar**, de Tarragona.

2.º *Estrelina do mar*, de **Dora Vázquez Iglesias**, de Ourense.

3.º *O neno que soñou cunha illa*, de **Xohán Bernárdez Vilar**, de Vigo.

M.h. *O domador*, de **Inés Armesto Pérez**, da Coruña.

M.h. *O sapo Cro-cro*, de **Manuel Blanco Rabade**, de Lugo.

M.h. *O rei que quería contos*, de **Bernardino Graña Villar**.

M.h. *A Pitusa e os outros*, de **Emilio R. Gregorio Fernández**, de Compostela.

M.h. *Un niño de carriciña*, de **Antonio Taboada Táboas**, de Redondela.

B) 1.º *Sempre é millor o soñado*, de **Federico Román Alonso**, de Ourense.

2.º *Un Xan que deixa de ser Xan*, de **Román Torreiro González**, de Rendal (Arzua).

3.º *Os dous compadres*, de **Xoán R. Fernández Saavedra**, de Lugo.

M.h. *A desgracia de Xoseño*, de **Emilio Alonso Pimentel**, de Lugo.

M.h. *As ranciñas xoguetonas*, de **Xesus Alonso Pimentel**, da mesma.

M.h. *O trasgo*, de **Francisco Campos Freire**, de Lugo.

M.h. *Contos dos mouros*, de **Xesus Corredoira e Francisco Campos Freire**, da mesma.

M.h. *A princesa Branca-Rosa*, de **Pura Fernández**, de Ferreiros (Fonfria-A Fonsagrada).

M.h. *O conto de Xanín*, de **Trinidad Fernández**, da mesma.

M.h. *Un casamento*, de **Xosé Francisco Paz Rodríguez**, de Lugo.

III

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Jenaro Mariñas del Valle, Xosé Fernández Ferreiro, Ramón Fraga García, Xosé L. Rodríguez Pardo.** Secretario: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Luarela*, de **Álvaro Paradela Criado**, de Freixeiro (Naron).

2.º *Miúdo e a campaña dos grilos*, de **Emilio R. Gregorio Fernández**, de Compostela.

3.º *Un novo amencer*, de **Isaac Alonso Estravís**, de Albacete.

B) 1) 1.º *Maruxa e a compañía*, de **M.ª Beatriz Sanmartín Vázquez**, da Coruña.

2.º *A Xoaniña e o grilo*, de **Xoán A. García López**, de Chapela (Teis-Vigo).

B) 2) 1.º *Xoga connosco, xitaniño*, de **Sara Alonso Pimentel**, de Lugo.

2.º *O labrador e o lobo*, de **Xosé M. Ramil Enríquez**, de Pácios (Baamonde).

M.h. Escola Nacional de Pácios (Baamonde), pola sua exemplar e destacada participacion.

1971

IV

Xurado: o mesmo da III edición.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O espantallo*, de **Xosé Agreló Hermo**, de Torea-Abelleira (Muros).

2.º *A morte do cuco*, de **Rafael Velasco Rodríguez**, da Coruña.

3.º *Historias dun mariñeiro bon*, de **Xaime López Arias**, de Sárria.

B) 1) 1.º *O pincel máxico*, de **M.ª Esther Monterroso Martínez**, da Coruña.

2.º *Camiños lamacentos*, de **Xosé M. Díaz García**, de Lugo.

B) 2) Ficou deserta esta categoría.

M.h. Instituto Nacional de Ensino Meio Mixto Agra do Orzán, da Coruña, pola sua entusiasta e numerosa participacion.

1972

V

Xurado: o mesmo que nas dúas edicións anteriores.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O bosque de Ouriol*, de **Arcadio López-Casanova**, de València.

2.º *Crarisca*, de **M.ª Victoria Moreno Márquez**, de Pontevedra.

3.º *O tempo pasado*, de **Benito Varela Jácome**, de Compostela.

M.h. *O anano e o pichón*, de **Xosé Francisco Grande**, de Ourense.

M.h. *Faisquiña*, de **Paco Martín**, de Lugo.

M.h. *Choniño*, de **Francisco Taxes Prego**, da Coruña.

B) 1) único. *E ten fame, señor?*, de **Luz Galocha Seivane**, de Bretoña (A Pastoriza-Lugo).

M.h. Instituto N.E.M.M. Agra do Orzán, da Coruña.

B) 2) único. *Nunha chouza de ramas viven Mariano e a sua aboa*, de **Fermín Vázquez Castro**, da Coruña.

1973

VI

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Xosé Fernández Ferreiro, Ramón Fraga García, Xosé L. Rodríguez Pardo, Xaquín Villar Calvo**. Secretario: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Sabeliña e os ratos*, de **Paco Martín**, de Bretoña (A Pastoriza-Lugo).

2.º *Pousafoles*, de **Xosé Vázquez Pintor**, de Coiro (Cangas).

3.º *As pombas coa cometa*, de **Manuel Lucero Rey**, de Pontevedra.

M.h. *O pomar de Amorín*, de **Eliseo Alonso**, de Goián (Tomiño).

M.h. *Oriel*, de **Arturo Lezcano**, de Ferrol.

M.h. *Xurxo*, de **Siro López Lorenzo**, de Ferrol.

B) 1) único. *A fraga dos paxaros faladores e a fraga leopárdica*, de **Xela Arias Castaño**, de Vigo.

B) 2) único *A rula de Xavarís*, de **Fermín Vázquez Castro**, da Pasaxe (A Coruña).

M. especial. Coléxio Inmaculada-Cisneros, da Coruña, pola sua entusiasta e exemplar participación, recomendando à entidade organizadora agasalle con exemplares de contos premiados en anteriores concursos a cada un dos alumnos do curso 6.º de E.X.B. do mesmo.

1974

VII

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Pilar Rodríguez Varela, Xosé Fernández Ferreiro, Xosé L. Rodríguez Pardo, Xaquín Villar Calvo**. Secretario: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Zoca, Zoqueira*, de **Xoán Babarro González**, de Muxia.

2.º *Un soño*, de **Xosé S. Estévez Porto**, de Cangas.

3.º *O cometa que voltou ó mencer*, de **Agustín González López**, da Coruña.

M.h. *A lebre albiña*, de **Antonio Francisco Simón**, da Coruña.

M.h. *Conto, contiño*, de **Manuel Trigo Díaz**, de Vilagarcía.

M.h. *Bulebule*, de **Rafael Velasco Rodríguez**, da Coruña.

M.h. *Historia dun tolo que sabía tocar o clarinete*, de **Fiz Vergara Vilariño**, de Santalla de Lóuzara (Samos).

B) 1) único. *Os dous curmáns*, de **Susana Antón Mandayo**, de Pontevedra.

B) 2) único. *Os lobos de Montelén*, de **Xesus Vázquez Castro**, da Pasaxe (A Coruña).

1975

VIII

Xurado: o mesmo que o da VII edición.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O cataventos*, de **M.ª Victoria Moreno Márquez**, de Pontevedra.

2.º *O cabaliño que fuxira do curro*, de **Eliseo Alonso**, de Goñán (Tomiño).

3.º *A estrela e a frol*, de **Xavier Rodríguez Barrio**, de Compostela.

M.h. *O Roxón*, de **Roberto Blanco Valdés**, da Estrada.

M.h. *Anduriña branca*, de **Xosé Dono Iglesias**, de París.

M.h. *O conto das miñas pitas*, de **Ana M.ª Fernández Martínez**, de Muxia.

M.h. *O castelo das tres adiviñanzas*, de **Xosé M. Martínez Oca**, da Coruña.

M.h. *O anano e o xigante*, de **Fiz Vergara Vilariño**, de Santalla de Lóuzara (Samos).

B) 1) único. *Estrela do mar*, de **Carlos Canosa Lorenzo**, de Muxia.

B) 2) único. *As aventuras de Xoán, Miguel e Marcos*, de **Marcos Arias Castaño**, de Vigo.

M.h. Departamento de Linguaxe do Coléxio Nacional de Muxia.

M.h. Escola Graduada de Sárdoma (Vigo).

M.h. Coléxio Nacional Ponte da Pasaxe, de Perillo (Oleiros).

1976

IX

Xurado: **Marino Dónega Rozas**, **Pilar Rodríguez Varela**, **Sabela Vázquez Fandiño**, **Xosé Fernández Ferreiro**, **Xosé L. Rodríguez Pardo**.
Secretário: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Cascabel, o cabaliño do circo*, de **Dora Vázquez Iglesias**, de Ourense.

2.º *Xocas, astronauta*, de **Xosé Fuentes Alende**, da Ermida (Cúntis).

3.º *Ao mellor voltan tamén as anduriñas*, de **Agustín Fernández Paz**, da Coruña.

B) 1) único. *A galiña e o raposo*, de **Alicia López Carril**, de Muxia.

B) 2) único. *O tolo do monte*, de **Xoán Tejo Cobas**, de Santeles (A Estrada).

1977

X

Xurado: **Marino Dónega Rozas**, **Pilar Rodríguez Varela**, **Margarida Vila Mosquera**, **Sabela Vázquez Fandiño**, **Xosé-M.ª Monterroso Devés**.
Secretário: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Os amigos do cabeceiro*, de **Ana M.ª Fernández Martínez**, de Muxia.

2.º *Dous esguirriños*, de **Manoel Riveiro Loureiro**, da Coruña.

3.º *Papá Johnny*, de **Tucho Calvo**, de Compostela.

B) 1) 1.º *O amigo*, de **Alicia Serantes Gómez**, de Fene.

2.º *O espantapaxaros*, de **Luisa Fidalgo Rodríguez**, de Quines (Melón).

B) 2) 1.º *O grande tabeiron*, de **Breogán Riveiro Vázquez**, da Coruña.

2.º *O casamento do sapo e a rá*, de **Elvira Fernández García**, de Gres (Vila de Cruces).

M.h. aos Coléxios Nacionais de Barro (Pontevedra), Pontecaldelas, Pontedeume, Sárria e Vila de Cruces.

XI

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Rosario Belda Otero, Xosé M. Martínez Oca, Ramón Fraga García, Xoán I. Taibo.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O pallaso parado*, de **Xoán Guisán Seixas**, da Coruña.

2.º *Cuca, a viaxeira*, de **Manoel Riveiro Loureiro**, da Coruña.

3.º *O Lito e máis as bestas aceleradas*, de **Alberte Avendaño Prieto**, de Vigo.

B) 1) 1.º *Eu vou-vos contar un conto*, de **Xosé R. García Bustelo**, de Iria Flávia (Padron).

2.º *Xan e as galiñas*, de **Eulália Rocha Fraga**, de Foz.

3.º *A rosa resucitada*, de **Fernando Basichi Asensi**, de *Cidade dos Rapaces Agarimo*, Arteixo.

B) 2) 1.º *Dentes grandes*, de **M.ª Paz Quiroga Labrada**, de Foz.

2.º *O paisano bó e o cego*, de **M.ª Carmo Paz Sampedro**, de Aguiño (Ribeira).

M.h. *Conto mariñeiro*, de **Eva Santamaria Dios**, de Aguiño (Ribeira).

M.h. aos Coléxios Nacionais de Foz e a Póvoa do Caramiñal e máis à *Cidade dos Rapaces Agarimo*, Arteixo.

1979

XII

Xurado: o mesmo que na edición anterior. Secretário: o da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O rei de nada*, de **Sabela Álvarez Núñez**, de Lugo.

2.º *Historia dunha castaña chamada Muxica*, de **Fiz Vergara Vilariño**, de Santalla de Lóuzara (Samos).

3.º *Carta zoolóxica a Ermelinda*, de **Xoán Guisán Seixas**, da Coruña.

B) 1) 1.º *Moisés*, de **M.ª do Carmo Gil Chan**, de Portomouro (Val do Dubra).

2.º *O espantapaxaros, o can e o Sr. Manuel*, de **Eliseo Rojo Cid**, da *Cidade dos Rapaces Agarimo*, Arteixo.

3.º *A utilidade de Burriño*, de **Marta Villamar Soto**, da Coruña.

B) 2) 1.º *O mestre*, de **Belén Rodríguez Blanco**, de Lugo.

2.º *O gato*, de **M.ª Tojeiro Ares**, de Cabanas.

M.h. ao Coléxio Nacional da Póvoa do Caramiñal.

1980

XIII

Xurado: **Xosé Fernández Ferreiro, M.ª do Carmo González Hortas, Constantino Rábade Castiñeira, Manuel Rivas Barrós.** Secretário: o da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O país dos ríos*, de **Xesus Pisón Vilapol**, da Coruña.

2.º *A cova da serpe*, de **Sabela Álvarez Núñez**, de Compostela.

3.º *O rescate das palabras*, de **Agustín Fernández Paz**, de Mugardos.

M.h. *O anxo do Anxo*, de **David Calvo Ruiz**, de Viveiro.

M.h. *O Pitís*, de **Manoel Riveiro Loureiro**, da Coruña.

M.h. *O xoubaniño do mar*, de **Xesus Vázquez Pintor**, de Cangas.

B) 1) 1.º *A pelota*, de **Breogán Riveiro Vázquez**, da Coruña.

2.º *A lancha máis rápida*, de **Ramón Gato Hermida**, de Mugardos.

3.º *Cando eu era unha cativa*, de **M.ª Teresa Piñeiro Mirás**, de Padron.

M.h. (consistentes no disco *Aló cando os animais falaban*, de **Manuel Lourenzo**, por xentileza da editora *Ruada*), aos contos remetidos por: **Isabel Cousiño Baleirón**, da Póvoa do Caramiñal; **M.ª Luz García Cajete**, do Barqueiro (Mañón); **M.ª Carmo García Pichel**, de Cesta (Ardaña-Carballo); **Lourdes Hermida Mouzo**, de Berdeogas (Dumbria); **Francisco Ledo Lemos**, de Chantada; **Encarnación Liste Coto**, da Póvoa do Caramiñal; **Salvador Pérez García**, da mesma; **M.ª Victoria Quiroga Labrada**, de Foz; **Xacinto Saavedra López**, de Mugardos; **M.ª Dolores Tubío Varela**, de Rianxo; **Marta Villamar Soto**, da Coruña; así como aos Coléxios Nacionais de Carnota, A Póvoa do Caramiñal (dous) e Rianxo.

B) 2) 1.º *O ollo cansado de cerrar-se*, de **Beatriz Arnejo Guardado**, de Portomouro (Val do Dubra).

2.º *O rato pillabán*, de **Maria Arnejo Grille**, da mesma.

1981

XIV

Xurado: **Carme Vázquez Castro**, **Carlos P. Martínez Pereiro**, **Constantino Rábade Castiñeira** e os rapaces **Patricia Pena Monelos** e **Agustín Rodríguez Carro**. Secretário: o da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Abesouro Z-23*, de **Agustín Rodríguez Caamaño**, da Coruña.

2.º *Conto dun Mougán e dun Roubapolos*, de **Xosé Luís Martínez Pereiro**, da Coruña.

3.º *Unha gaivota en terra adentro*, de **Fiz Vergara Vilariño**, de Santalla de Lóuzara (Samos).

B) 1) 1.º *O home que se foi*, de **Severino**, da Cidade dos Rapaces Agarimo, Arteixo.

2.º *O mundo através dun vidro*, de **M.ª Xosé Pascual Castro**, de Vigo.

3.º *Pedrito e o mono*, de **Pedro Varela Sergade**, da mesma Cidade dos Rapaces.

B) 2) 1.º *O boli maravilloso*, de **Olga Osorio Iglesias**, de Lugo.

2.º *O soño de Xaime*, de **Ana López López**, de Sárria.

1982

XV

Xurado: **M.ª do Carmo González Hortas**, **Xoán I. Taibo**, **Joán Guisán Seixas** e os rapaces **Eduardo Vidal Blanco** e **Alberte Martínez Pellicer**. Secretário: a da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *A leenda do Faro*, de **Fina Rouco Puentes**, da Coruña.

2.º *Boliche*, de **Siro López Lorenzo**, de Ferrol.

3.º *O planeta Cebolero*, de **Concha Blanco Blanco**, de Cee.

M.h. Ao conxunto de contos remetidos por **Manuel Lorenzo González**, de Arcade (Souto-maior).

B) 1) 1.º *Carta á cadela Maquiavela*, de **Xavier Lama López**, de Guntín.

2.º *As bebidas brancas*, de **M.ª Luz Cajete García**, do Barqueiro (Mañón).

3.º *A viaxe dun peso polos petos de varios españois*, de **Antonio Diéguez Castro**, da Coruña.

B) 2) 1.º *Don Chafalleiro*, de **Marta Arnejo Grille**, de Portomouro (Val do Dubra).

2.º *Os animais do bosque*, de **M.ª Xosé Canela García**, da mesma.

1983

XVI

Xurado: **Jurjo Torres Santomé**, **Manuel Caamaño Suárez**, **Fina Rouco Puentes** e a rapaza **Ana Antonio e Souto**. Secretário: a da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *Cartel de cego dun home indestrutíbel*, de **Xosé Luís Martínez Pereiro**, da Coruña.

2.º *O Ventomareiro*, de **Xosé Ares Villanueva**, de Vilagarcía.

3.º *Os habitantes de Nepecifonilândia*, de **Concha Blanco Blanco**, de Cee.

B) 1) 1.º *A rapaza que quería ser grande*, de **Begoña Ferreiro Bermúdez**, da Coruña.

2.º *O menosvintevello*, de **Marta Arnejo Grille**, de Portomouro (Val do Dubra).

3.º *Que grande amigo!*, de **Lourdes Freiria Barreiro**, de Pontecaldelas.

B) 2) 1.º *Os números e o neno*, de **M.ª Isabel Rodríguez Martínez**, de Bouzas (Vigo).

2.º *A botella chistosa*, de **Ana López Salgado**, das Neves (A Capela).

M.h. aos Coléxios Nacionais de O Barco de Valdeorras, A Capela, Catoira, Anxo da Guarda (A Coruña), Patrocinio de San José (Lugo), Pontecaldelas e Portomouro.

1984

XVII

Xurado: **Francisco Pillado Mayor**, **António Santamariña Delgado**, **Xosé Luís Axeitos Agrelo** e os rapaces **Nuria Caamaño Roig**, **Ana Pillado Vega** e **Cilla Lourenzo Modia**. Secretário: a da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O demo presumido*, de **Xesus Pisón Villapol**, da Coruña.

2.º *Corazón de laranxa*, de **Xosé Enrique Costas González**, de Ferrol.

3.º *As mapoulas e o vagalume*, de **Xavier Rodríguez Barrio**, de Lugo.

- B) 1) 1.º *Dulámi*, de **Cristina Vázquez**.
 2.º *Trapalladas de vellos*, de **Marta Otero Fernández**, de Compostela.
 3.º *E foi-se*, de **Ana M.ª Vázquez Díaz**, de Cee.
 B) 2) 1.º *O conto da vella*, de **Paula Rodríguez Corchado**.
 2.º *Ramón o gordinfleiro*, de **Ana Peleteiro Pensado**.
 3.º *A lingua que non falaba*, de **María Neira Barral**, de Compostela.
 M.h. aos Coléxios Nacionais de Catoira, Cee, San José de Cluny (Compostela) e A Sardiñeira (A Coruña).

1985

XVIII

- Xurado: **António Santamariña Delgado**, **Xesus Pisón Villapol**, **Francisco X. Fernández Naval** e os rapaces **Isabel Martínez Pellicer** e **Iago Alcalá Baillie**. Secretário: a da Agrupación.
 Prémios e Mencions honoríficas:
 A) 1.º *Hestória de Fertolpo*, de **Alfonso Álvarez Cáccamo**, de Vigo.
 2.º *O rei Morcego*, de **Xosé Ares Villanueva**, de Vigo.
 3.º *Deserto*.
 B) 1) 1.º *Viaxe á morte*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños.
 2.º *A enfermidade do chocolate*, de **Patricia Rojas Meijomil**, de Ferrol.
 3.º *No paleiro*, de **Sandra Mota Ceruelo**.
 B) 2) 1.º *As aventuras de Cristina*, de **Cristina Miraz Vázquez**, de Ferrol.
 2.º *Conto*, de **Rosa M.ª Rivera Ramóndez**, de Ferrol.

1986

XIX

- Xurado: **Luciano Rodríguez Gómez**, **M.ª do Carmo González Hortas**, **Xulio López Valcárcel**. Secretário: a da Agrupación.
 Prémios e Mencions honoríficas:
 A) 1.º *A cidade sulagada*, de **Antón R. Castro**, de Zaragoza.

- 2.º *A sopa de pedras*, de **Alfonso Álvarez Cáccamo**, de Vigo.
 3.º *A mona que ollaba para a lua*, de **Chiño Casas González**, de Marín.
 B) 1) 1.º *Que neniña loira!*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños (Fene).
 2.º *A fuxida do escritor Luís*, de **Viriato Riveiro Vázquez**, da Coruña.
 3.º *Rebelión na obra*, de **Xavier Riotorto Suárez**, de Areal (Larin-Arteixo).
 B) 2) 1.º *Folerpiña de neve*, de **Natália Camprubí Estebo**, da Coruña.
 2.º *Rosiña fixo máxia*, de **María Canosa Blanco**, de Cee.

1987

XX

- Xurado: **Xesus Pisón Villapol**, **Alexandre Ripoll Anta**, **Xavier Meilán Pita**. Secretário: a da Agrupación.
 Prémios e Mencions honoríficas:
 A) 1.º *O pirata Malaquías*, de **María García Yáñez**, de Casal (Tameiga-Mós).
 2.º *O lápiz que non quería ser pequeniño*, de **Mercedes Regadio López**, de Vigo.
 3.º *Deserto*.
 B) 1) 1.º *O meigo*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños (Fene).
 2.º *Viaxe ao mundo dos libros*, de **Anxélica Ayala Oca**, de Cee.
 3.º *Formigas*, de **Xavier Riotorto Suárez**, de Areal (Larin-Arteixo).
 M.h. *O pequeno planeta*, de **Natália Camprubí Estebo**, da Coruña.
 B) 2) 1.º *O home dos globos*, de **María Canosa Blanco**, de Cee.
 2.º *Conversa co libro*, da mesma.

1988

XXI

- Xurado: **Ana M.ª Fernández Martínez**, **Rosario Belda Otero**, **Joám Guisán Seixas**, **Manuel Caamaño Suárez**. Secretário: a da Agrupación.
 Prémios e Mencions honoríficas:
 A) único. *A escola de Medrapouco*, de **Divina Novio**, de Aldrei (Marrozos-Compostela).

XXI CONCURSO NACIONAL DE CONTOS INFANTÍS "O FACHO"

A Agrupación Cultural O FACHO, co patrocinio de CAIXA GALICIA, convoca a XXI edición do Concurso Nacional de CONTOS INFANTÍS "O Facho", de acordo coas seguintes

B A S E S

1.º O Concurso consta de dúas seccións:

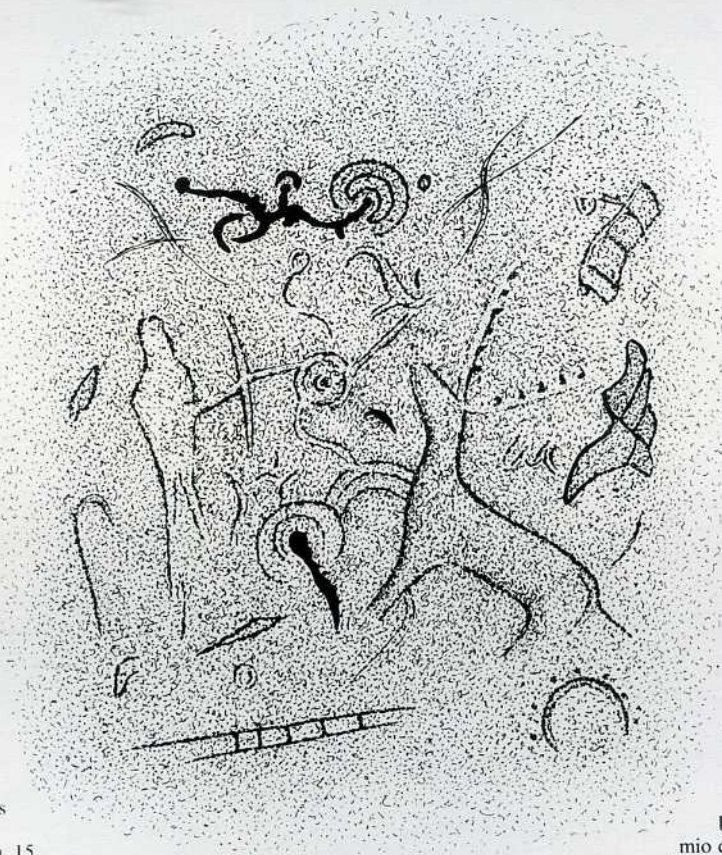
a) Contos para nenos sen limitación de idade.

b) Contos de nenos, que consignarán a idade ao pé do traballo que manden, subdividindo-se esta modalidade en dous grupos:

1) Nenos entre 10 a 15 anos; 2) Nenos de menos de 10 anos.

2.º Os traballos, de tema libre, deberán ser inéditos e escritos en idioma galego. Cada concursante poderá mandar cantos contos quixer, non podendo exceder cada conto de 6 fólíos, mecanografados a dobre espazo.

3.º Os orixinais mandarán-se por triplificado, baixo plica, se así o desexar o concursante, entrando en concurso unicamente aqueles traballos que teñan ingreso no domicilio da Agrupación Cultural O FACHO - Federico Tapia, 12-1.º C.,



A Coruña, ou apartado de Correio n.º 46—, antes do día 1.º de Maio de 1988.

4.º Os premios serán como segue:

a) Contos para nenos: Un único premio de 50.000 Ptas.

b) Contos de nenos: Premios consistentes en lotes de libros e cassetes:

1) Entre 10 e 15 anos: Un primeiro premio de un lote de libros e cassetes; un segundo premio de un lote de libros e un terceiro premio doutro lote de libros.

2) De menos de 10 anos: Un primeiro premio de un lote de libros e un segundo premio doutro lote de libros.

5.º O FACHO reserva-se o dereito á publicación dos contos no período de 18 meses, computados desde o coñecemento público do fallo.

6.º O fallo dará-se a coñecer a fins de Maio, mes no que se veñen celebrando diversos actos en torno á nosa Cultura.

7.º A A. C. O Facho reserva-se o dereito de designar o Xurado que ha fallar os premios, así como o sistema de elección dos contos gañadores.

8.º A participación neste concurso supón a aceptación expresa das presentes Bases.



B) 1) 1.º *Sobrava un*, de **Mercedes Castro Díaz**, de Ferrol.

2.º *A morte do mar*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños (Fene).

3.º *Segredos dunha árbore*, de **Raquel López Caneda**, de Compostela.

B) 2) 1.º *A cidade de Biulguilia*, de **María Cid Álvarez**, de Ourense.

2.º *As pulgas e o País dos Xigantes*, de **Ro-cío Garcia Casallerrey**, de Lerez (Pontevedra).

M.h. aos Coléxios Nacionais de Arteixo, Cee, Monelos (A Coruña), Foxo-A Estrada, San Rosendo (Ferrol), A Piringalla (Lugo), Lagoas-3 (Ourense) e de Prácticas Feminino (Pontevedra).

1989

XXII

Xurado: **Francisco X. Fernández Naval**, **Paula Carballeira Cabana** e os rapaces **Iria Taibo Corsanego**, **Viriato Riveiro Vázquez** e **Daniel Bembibre Belda**. Secretário: o presidente da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *O sumidoiro Calcarrúas*, de **Antonio Reigosa Carreiras**, de Lugo.

2.º *80 centímetros cúbicos*, de **Henrique M. Rabunhal Corgo**, da Coruña.

B) 1) 1.º *As aventuras de Estucheiro, Gominola e Negreirriña* de **Noelia López López**, de Arteixo.

2.º *Superplof*, de **Belén Garcia Iglesias**, da mesma.

B) 2) 1.º *O rio misterioso*, de **Maria Canosa Blanco**, de Cee.

2.º *Un amigo nas estrelas*, de **Raquel Belinchón Álvarez**, de Vigo.

B) 3) Deserto.

M.h. ao Coléxio Nacional de Arteixo.

1990

XXIII

Xurado: **Luisa Villalta**, **Henrique M. Rabunhal Corgo**, e os rapaces **Carmo Caudales Hermida**, **M.ª Isabel Guillén Espejo** e **Jorge Maceira Pedreira**.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º *A galiña, o lagarto e o burro*, de **Manuel Lorenzo González**, de Paredes (Vilaboa-Pontevedra).

2.º *Nin boi, nin vaca*, de **Carmela Otero Vilas** e **Magdalena de Rojas Silva**, de Compostela.

M.h. *A estrela que baixou á terra*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños (Fene).

B) 1) 1.º *Buscando a felicidade*, de **Natália Camprubí Estebo**, da Coruña.

2.º *Nin galo, nin pomba*, de **Rita Viqueira Pérez**, de Ferrol.

B) 2) 1.º *O paxaro e a volvoreta*, de **Marta Rodríguez Álvarez**, do Burgo (Culleredo).

2.º *O bául do avó*, de **María Canosa Blanco**, de Cee.

B) 3) 1.º *As aventuras da calculadora Calqui*, de **Cristina Rodríguez Álvarez**, do Burgo (Culleredo).

2.º *O caramelo de menta*, de **Ana Canosa Blanco**, de Cee.

M.h. aos Coléxios Nacionais de Arteixo, Ramón de la Sagra (A Coruña) e Meloxo-Ogrove.

1991

XXIV

Xurado: **Rosa Garcia Vilariño**, **Pepe Carballude**, **Xabier P. Docampo** e os rapaces **Sabela González Herráiz**, **Iria Taibo Corsanego** e **Patricia Varela Fernández**. Secretário: a directiva **Pura Tejelo Núñez**.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.º Deserto.

2.º *Historia dun neno godo e delgado*, de **Xosé L. Martínez Pereiro**, da Coruña.

B) 1) 1.º *Desexo azul*, de **Natália Camprubí Estebo**, da Coruña.

2.º *Silencio musical*, de **Maria Canosa Blanco**, de Cee.

B) 2) 1.º *Unha noite máxica*, de **Saida Gelpi Rivero**, de Ourense.

2.º *A caixa de cores*, de **Iria Balayo Abeijón**, de Noia.

B) 3) 1.º *O enano e a súa coroa de cristal*, de **Beatriz Agulla Mendiña**, de Bueu.

2.º *Dous irmáns*, de **Humberto Sieira Rodríguez**, de Cee.

M.h. *Na escola*, de **Ana Canosa Blanco**, de Cee.

M.h. ao Coléxio Público desta vila, pola súa ampla participación.

□ □ □

Concurso de redacción organizado por *El Ideal Gallego* coa colaboración do FACHO.

1969/70

Inserido na mesma sección *Do idioma galego* en que se publicou o curso de lingua (ver capítulo A) convocou-se o 21-12-1969 e fallou-se o 22-2-1970 un *Concurso de redacción en idioma gallego* con dúas modalidades: 1) para persoas de calquer idade, sobre o tema *Descripción xeográfica dunha comarca ou zona urbana galega*; e 2) para nenos até os 15 anos, con tema libre. Os premios consistiron en libros galegos.

Xurado: **Eugenio Pontón**, por *El Ideal Gallego*, e **Ramón Fraga García** e **Manuel Caamaño Suárez** polo FACHO.

□ □ □

Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO.

Coa denominación de *Concurso de Teatro Infantil O FACHO* instituíu-se sob pretexto de a Agrupación cumprir os dez primeiros anos de vida, convocando-se, anticipadamente, no último trimestre de 1972, e en todos os xornais de Galiza. Estabeleceu-se coa aspiración de axudar a criar un, até entón inexistente, teatro infantil en galego, contando, xeralmente, co patrocinio de *Caixa Galicia*, daquela *Caja de Ahorros y Monte de Piedad de La Coruña y Lugo* (oscilando a dotación económica entre as iniciais 25.000 e as 75.000 pesetas de hoxe). Tendo periodicidade bianual, o concurso veu-se fallando habitualmente o 25 de Xullo, Día da Pátria (salvo na 1.^a edición, en que se deu a coñecer o fallo o 1.^o de Abril), até a IX edición, en que, por reaxustes do calendario xe-

Prémios:

1) 1.^o *Polas terras das Nogais*, de **Xaime López Arias**, de Sárria.

2.^o *Recunchos de nosa terra: Ortigueira*, de **Rafael Hernández Rodríguez**, da Coruña.

3.^o *Noia*, de **Xosé Agrelo Hermo**, de Torea-Abelleira (Muros).

4.^o *Sárria e o seu val*, de **E.L.P.**, de Sárria.

5.^o *Polas terras de Sobrado dos Frades*, de **Lois Rodríguez García**, de Compostela.

2) 1.^o *As navidades na nosa Galiza*, de **M.^a Elena Fuentes Vaamonde**, de Lema (Arzua).

2.^o *A matanza do porco*, de **M.^a Xosé Martínez Barro**, da Coruña.

3.^o *Unha aldea pequena*, de **Elvira Rial Pombo**, da mesma.

4.^o *O santo de Maripepa*, de **M.^a Rosario González Santamaria**, da mesma.

5.^o *A Cruña*, de **M.^a Xosé Lage Roel**, da mesma, todas catro alunas de 1.^o de B.U.P. no Instituto Agra do Orzán.

Os traballos foron publicados no mesmo xornal e sección na súa totalidade.

ral dos nosos concursos literarios (1), pasa a fallarse o 1.^o de Outubro. O premio foi sempre único, excepto na 1.^a edición en que, na convocatoria, se previa a concesión de tres mencións honoríficas, mencións que, aínda sen preveren-se, se teñen outorgado máis veces. Excepcionalmente tamén se outorgou compartido ex-aequo (IV edición).

(1) Calendario actual dos Concursos Literarios do FACHO:

CONCURSO	DATA CONVOCATORIA	DATA LIMITE	DATA FALLO
Contos	1 Marzo	1 Maio	1 Xuño
Teatro	1 Xuño	1 Setembro	1 Outubro
Poesía	1 Outubro	1 Novembro	1 Decembro

I

Xurado: **Rafael Dieste González, Ramón Piñeiro, Jenaro Mariñas del Valle, Valentín Arias López, Antonio Concheiro Caamaño.** Secretario: o presidente da Agrupación.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *As laranxas máis laranxas de todas as laranxas*, de **Carlos Casares Mouriño**, de Ourense. (Publicada por Ed. Galaxia e estreada polo Grupo de Teatro O FACHO o mesmo ano, en Ribadavia).

Mencions honoríficas:

1. *Sinfarainín contra D. Perfeuto*, de **Bernardino Graña Villar**, de Reus (Tarragona). (Estreada polo Grupo de Teatro do I.N.B. de Padron, con dirección do autor, en 1975).

2. *O roubo do aparello*, de **Euloxio Rodríguez Ruibal**, de Compostela. (Esta obra, co título de *Un invent extraordinari*, foi estreada en Barcelona pola Compañia *Jocs a la Sorra*, en version catalana de **Jordi Coca** e **Jaume Melendres**, a fins deste mesmo ano 73).

3. *Don Rato busca un obreiro*, de **Dora Vázquez Iglesias**, de Ourense.

Obras de publicación recomendada:

4. *O profesor das estrelas*, de **Ana M.^a Fernández Martínez**, da Coruña.

5. *Os Reis do Panchito*, de **Olimpio Arca Calda**, da Estrada.

6. *A mentira*, de **Carlos García González**, de Caritel (Pontecaldelas).

UN INVENT EXTRAORDINARI

Basada en l'obra «O Roubo do aparello» d'Euloxio R. Ruibal

Segons la traducció de **Jordi Coca**

Diàlegs de **Jaume Melendres**

Revisió, realització i representació de **Jocs a la Sorra**

La representació que avui us oferim dins el XIV Cicle de Teatre de Cavall Fort, es basa en una obra escrita en llengua gallega per un jove autor, Euloxio R. Ruibal. Aquesta obra es diu *O roubo do aparello*, és a dir, «El robatori de la màquina», i va obtenir una menció honorífica en un concurs de teatre infantil, convocat per l'Agrupació Cultural «O FACHO», de la Corunya.

Euloxio R. Ruibal va enviar un exemplar de la seva obra a l'Institut del Teatre de Barcelona, on va tenir ocasió de conèixer-la un jove escriptor català, Jordi Coca, el qual, amb molt d'entusiasme, en va fer una traducció fidel, que era el que creia que havia d'arribar al públic. Però el teatre, segons que ens diu el mateix Jordi Coca, és un món complicat, en el qual intervenen tants factors i tantes persones que difícilment arriba a l'escena allò que l'autor havia escrit. I, així, l'obra que ara veureu representada, resulta força allunyada de l'original d'Euloxio R. Ruibal. Tothom, però, hi ha treballat amb entusiasme i convicció i així estem segurs que us arribarà un espectacle digne i que els esforços de tots plegats no hauran estat fets perquè sí.

1975

II

Xurado: **Rafael Dieste González, Jenaro Mariñas del Valle, Xohana Torres Fernández, Valentín Arias López, Víctor Fernández Freixanes.** Secretário: o presidente da Agrupación.

Prémio único. *Viaxe ao País de Ningures*, de **Manuel Lourenzo**, da Coruña. (Estreada polo *Grupo de Teatro Xuvenil Semente*, do Coléxio Compañía de María, da Coruña, baixo a dirección de **Rosario Belda Otero**, en 1977).

1977

III

Xurado: **Jenaro Mariñas del Valle, Manuel Lourenzo, Amália Gómez Vázquez, Rosario Belda Otero, Xosé Manuel Rabón Lamas.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *A benfadada historia de Coitado Bamboliñas*, de **Xulio González Lorenzo**, de Vigo. (Esta obra foi estreada, o ano seguinte, e baixo a dirección de **Manuel Lourenzo**, como primeiro espectáculo de recén criada *Escola Dramática Galega*, da Coruña).

Mencions honoríficas:

1. *O Rei Bandullán*, de **Ana M.^a Fernández Martínez**, da Coruña. (Estreada polo *Grupo de Teatro O Toxo*, de Quines (Melon), o ano seguinte, en Ribadavia).

2. *Un día na vida de Vladimiro e o seu can Trotsky*, de **Xosé Luís e Carlos Paulo Martínez Pereiro**, da Coruña.

3. *Xáxara, Peituda, Paniogas, Tarelo, o Rapaz e o Cachamón, ou Como trocar en rato pequeno ao meirande xigantón*, de **Roberto Vidal Bolaño**, de Compostela. (Estreada en 1979 polo *G.T. Antroido*).

1979

IV

Xurado: **Jenaro Mariñas del Valle, Antonio Concheiro Caamaño, Amália Gómez, Rosario Belda Otero, Xosé M. Rabón Lamas.** Secretário: o presidente da Agrupación.

Prémio único, compartido ex-aequo:

O vendedor de xanelas, de **Xoán Guisán Seixas**, da Coruña, e *Todos os fillos de Galaad*, de **Manuel Lourenzo**, da mesma.

1981

V

Xurado: **Francisco Pillado Mayor, Rosario Belda Otero, Miguel Pernas Cora, Xaquín Villar Calvo.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Viva Lanzarote*, de **Manuel Lourenzo**, da Coruña. (Estreada, en 1984, polo *G.T. Saíñas*, de Xove).

Mencions honoríficas:

1. *Ruada das papas e o unto*, de **Roberto Vidal Bolaño**, de Compostela. (Estreada dito ano, e baixo a dirección do autor, por *G.T. Antroido*).

2. *A fraga encantada*, de **Xosé Vázquez Pintor**, de Cangas.

1983

VI

Xurado: **Dolores Rei Teixeira, Xosé Redondo Santos, Sabela Vázquez Fandiño.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *¡Grande invento para saír do aburrimiento!*, de **Ana M.^a Fernández Martínez** e **Xoán Babarro González**, da Coruña.

Mencion honorífica. *O Premexentes non pode cos paxaros rebezos*, de **M.^a Pilar Campo Domínguez**, de Lugo. (Estreada, o ano seguinte, polo *G.T. Casás*, de Lugo, baixo a dirección de **M.^a Teresa Campo Domínguez**).

1986

VII

Xurado: **Jenaro Mariñas del Valle, Xosé Manuel Rabón Lamas, Xosé-M.^a Monterroso Devesa.** Secretário: a da Agrupación.

Prémio único. *Os soños das cidades*, de **Manuel Lourenzo**, da Coruña.

VIII

Xurado: **Xaquín Campo, Miguel Pernas, Dolores Rei**. Secretário: a da Agrupación.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *O bosque máxico de Xabarin*, de **Manuel Lourenzo**, da Coruña.

Mencion honorífica. *A historia xamais contada de Brancaneves e o rei Artur*, de **Constantino Rábade Castiñeira**, da mesma.



Concurso Nacional de Poesía O FACHO.

Naceu en 1978 coa denominación de *Concurso de Poesía Nova*, indo dirixido a poetas noveis e en lembranza do cincuentenario de *De catro a catro* de **Manuel Antón**, poeta a quen se lle dedicaria, en 1979, o Día das Letras, volume saído do prelo nesta cidade.

Este certame ten carácter anual e celebra-se no último trimestre do ano (salvo a 1.^a edición que se convocou con certo adianto. Nas tres primeiras edicións constou de tres premios, pasando desde a IV a ser de premio único, tendo oscilado a súa dotación económica entre un total inicial de 20.000 pesetas para os tres poemas e as actuais 40.000 coas que se galardoa o poema premiado. Ocasionalmente ten-no subsidiado Caixa Galicia.

Como dato anedótico do eco deste concurso, cabe citar o feito de ter participado nel mesmo un compatriota residente en Zámibia.

1978

I

Xurado: **Salvador García-Bodaño, Xaquín Villar Calvo, Xavier Alcalá, Xosé Ramón Pena, Xosé Devesa**.

Prémios:

1.º *Para escarnho e maldizer*, de **Manuel Rivas Barrós**, de Castro de Elviña (A Coruña).

2.º *Denantes*, de **Víctor Vaqueiro Fojo**, de Vigo.

IX

Xurado: **Francisco Pillado Mayor, Xosé Luís Martínez Pereiro, Xoán M. López Eiris**. Secretario: **Francisco X. F. Naval**, directivo da Agrupación.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *A estranha e misteriosa historia de Otunga e os otunguenhos*, de **Joel R. Gómez**, de Milladoiro (Ames).

Mencion honorífica. *A chave do Gran Xefe*, de **Estevo Creus Andrade**, de Cee.

3.º *Naufraxo*, de **Miguel Mato Fondo**, da Coruña.

1979

II

Xurado: **Salvador García-Bodaño, Xaquín Villar Calvo, Ramiro Cartelle Álvarez, Xosé Ramón Pena, Manuel Rivas**.

Prémios:

1.º *Retomo o fio de tempo*, de **Pilar Pallares**, de Culleredo.

2.º *Dentro dos ollos sen vida*, de **Luis Rei Moure**, da Coruña.

3.º *Soneto do mais fermoso amor*, de **Xesús Pisón Villapol**, da mesma.

1980

III

Xurado: **Amalia Gómez, Manuel Rivas, Xavier Seoane**. Secretario: o da Agrupación.

Prémios:

1.º *Deserto*.

2.º *Carta ao meu amigo...*, de **Edmundo Díaz Conde**, de Ourense.

3.º *Pensamento da noite*, de **Eloi Caldeiro Díaz**, de Sárria.

M.h. *Na parede de granito rosáceo*, de **Xosé Antón López Teixeira**, de Vigo.

1981

IV

Xurado: **Cesáreo Sánchez Iglesias, Antón Gil Hernández, Xaquín Villar Calvo.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Meditación na soedade*, de **Miguel A. Fernán-Vello**, da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Fagamos unha cruz sen senso*, de **José M.^a Bouzón Fernández**, de Vigo.
2. *Tempo de onte*, de **Antón Chaves Cuíña**, de Cambados.
3. *Pedídem axiña outra espranza*, de **Ana M.^a Romaní Blanco**, de Compostela.

1982

V

Xurado: **Pilar Pallarés, Xavier Seoane, Miguel A. Fernán-Vello.** Secretário: **Pura Tejelo Núñez**, directiva da Agrupación.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Atrocity exhibition*, de **Lois S. Pereiro**, de Monforte de Lemos.

Mencions honoríficas:

1. *Ulises*, de **Manuel Lourenzo**.
2. *Viena*, de **Luis Rei Moure**.
3. *Bosque de plastilina*, de **Xosé Enrique Rivadulla Conde**.
4. *A gárgola trouxou unha vieira*, de **Ghilherme Trocado**, os catro da Coruña.

1983

VI

Xurado: **Xulio López Valcárcel, Luciano Rodríguez Gómez, Miguel A. Mato Fondo.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Cunqueiro*, de **Eusebio Lorenzo Baleirón**, de Laño (Dodro).

Mencions honoríficas:

1. «*Children's corner*» *Debussy (1908)*, de **Júlio Béjar**.
2. *Esta é a oda a Ariadna ausente*, de **Lino Braxe Mandiá** ambos da Coruña.

1984

VII

Xurado: **Ángeles Penas, Cesáreo Sánchez, Manuel Rivas.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Que algum día o desastre estoupe em frio*, de **Flor Maceiras**, da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. «*Morte em Venécia*», de **Júlio Béjar**, da Coruña.
2. *Entre a palabra e a carne*, de **Xosé M. Millán Otero**, de Moaña.
3. *Erato luna*, de **Xosé Enrique Rivadulla Conde**, da Coruña.

1985

VIII

Xurado: **Pilar Pallarés, Ignacio Pérez Pascual, Xavier Seoane.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. «*Acougar nesta hora que tiri-ta recordos...*», de **Inmaculada Antón e Souto**, da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Ahnogebtsland*, de **Júlio Béjar**, da Coruña.
2. *Sombra de outono*, de **Antón R. Castro**, de Zaragoza.

1986

IX

Xurado: **Francisco Salinas Portugal, Cesáreo Sánchez, Miguel A. Fernán-Vello.** Secretário: a da Agrupación.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *A tarde infausta do cabaleiro namorado*, de **Antón R. Castro**, de Zaragoza.
Mencion honorífica. *Nós voltaremos ás montañas do Este*, de **Xosé M. Millán Otero**, de Compostela.

1987

X

Xurado: **Xosé Luis Axeitos Agrelo, Luís Pérez Rodríguez, Xulio López Valcárcel.** Secretário: a vicesecretaría da Agrupación.

Prémio único. *Amor ou fado é cuase igual en dous sonetos*, de **Andrés Fernández Places**, de Sanxenxo.

1988

XI

Xurado: **Pura Tejelo Núñez, Xúlio López Valcárcel, Xavier Seoane**.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Estamos de festa*, de **Xavier Cordal Fustes**, da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Poemas do bairro*, de **Xosé António Lozano Garcia**, da Coruña.

2. *O soño*, de **Francisco Souto**, de Compostela.

1989

XII

Xurado: **Luís Pérez Rodríguez, Xosé Pérez Mondelo, Luciano Rodríguez Gómez**.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Retrato de muller con navios ao fondo*, de **Xosé Manuel Millán Otero**, de Moaña.

Mencions honoríficas:

1. *Unha pomba*, de **Francisco Alonso Villaverde**, de Vigo.

2. *Na face do tempo*, de **Fernando Díaz-Castroverde Gómez**, da Coruña.

1990

XIII

Xurado: **Pilar Pallarés, Xesus Pisón Villapol, Xavier Cordal Fustes**. Secretário: a da Agrupación.

Prémio único. *Canção do homem que olha o Desterro cara a cara, em Mitilene*, de **Pedro Millán Casteleiro**, da Coruña.

1991

XIV

Xurado: **Xosé Luís Axeitos, M. A. Fernán-Vello, Pedro Milhám Casteleiro**. Secretário: o presidente da Agrupación.

Premio único. *Por tanto mirar o solpor de abril*, de **Antonia López García**, de Ferrol.

□ □ □

Concurso de Contos de Terror «Edral».

1983

I

Xurado: **Manuel Rivas Barrós, Xosé M. Martínez Oca**. Secretário: **Xavier Meilán Pita**, por *Edral*.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Árbore en Ebranda*, de **Xúlio Fontecha**, da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Príncipe branco*, de **Lino Braxe Mandiá**, da Coruña.
2. *Un intre de evasion*, de **Ramón Caride Ogando**, de Compostela.
3. *Outro día*, do mesmo.
4. *Ponte de Gondí*, de **Manuel Rei Romeu**, de Vilancosta (Berres-A Estrada).
5. *Noite infernal no convento de Belvis*, do mesmo.

1984

II

Xurado: **Xoán I. Taibo, Xúlio L. Valcárcel, Breogán Riveiro Vázquez**. Secretário: o mesmo do xurado anterior.

□ □ □

Concurso Nacional O FACHO de Cómics para Nenos.

1980

Convocado en Marzo de 1980 e fallado en Outubro, co fin de promocionar o cómic infantil en galego e contribuir así á difusión do noso idioma e á plenitude do seu uso desde a infancia, como complemento dos concursos literarios infantís xa existentes. Só se celebrou esta I edición, ante a pouca fortuna alcanzada ao intentar-se, de acordo co indicado nas bases, a publicación dos traballos premiados, non obstante apareceren algúns en *La Voz de Galicia*. Outorgáronse, a máis dos tres premios instituídos, de 30.000, 20.000 e 15.000 pesetas, varias mencions honoríficas, segundo o seguinte detalle:

Prémios:

- 1.º *A insólita aventura de Manoliño catro ás*, de **Francisco Jaraba Bará**, da Coruña.
- 2.º *O conto galáctico*, de **Xoán Carlos López Domínguez**, de Lugo.
- 3.º ex-aequo, *A illa dos carballos*, de **Xosé Carreiro Montero**, de Vigo e *No país do rei Miño*, de **Xan González**, da Coruña.

Mencions honoríficas aos traballos de:

1. Coléxio Nacional de Mugardos.

Prémio único. *Unha ave hai na noite*, de **Inmaculada Antón e Souto**, da Coruña.

1986

III

Xurado: **M.ª Xesus Diéguez Rojo, Xosé M. Martínez Oca, Francisco Pillado Mayor**. Secretario: o mesmo dos dous concursos anteriores.

Prémio único. *Ortia*, de **Rosario Pita Villares**, da Coruña.

2. **Siro López Lorenzo**, de Ferrol.
3. **M.ª Encarnación de Pablo Anaya**, de Vigo.
4. **Lalo Vázquez Gil**, de Vigo.
5. **Pedro Viéitez, Xesus Zas, Carlos Bernárdez e Xosé M.ª Rodríguez**, de Cangas.

Mostra Concurso de Cómics e Fanzines «Edral».

1985

Celebrado, a iniciativa do citado Colectivo Xuvenil, no segundo trimestre de 1985, foi dotado con un premio, por cada modalidade, de 15.000 pesetas.

Xurado: **M.ª Xesus Diéguez Rojo, Luís Bericua Tomás, Xavier Seoane**.

Modalidade de Cómics:

Prémio único. *A fronda de Lug*, de **Carlos Silvar**, da Coruña.

Accésits:

1. *Colour box*.
2. *O criador*.

Modalidade de Fanzines. Deserta, pasando a súa dotación a cubrir os accésits da outra modalidade.

C

Actos e iniciativas diversas

(DESCUBRIR GALICIA ÓS SEUS FILLOS)

Galicie tivo sempre, no que vai de século, organizacións capaces de descubrila ós seus fillos. Na Coruña de principios do vinte foi aquela organización exemplar que se chamou Irmandade da Fala, que se estendeu por todo o territorio galego, e, nesta cidade, fixéronse por entón moitas esperencias que hoxe, pasados moitos anos, repítense e téñense por novidade.

Cambearon os tempos e os problemas culturais e de todo outro tipo continúan sendo no fondo os mesmos. Polo ano 60, ou denantes, tíñase fundado A Gadaña, onde se xuntaban poetas e artistas, e no 63 fúndase O Facho.

LUIS SEOANE

(En *La Voz de Galicia*, 30-3-75,
figuración dedicada a M. Caamaño Suárez)

(Grande parte desta actividade deu lugar à edición de programas de man que non se detallan).

1964

O que se pode considerar primeiro acto desta índole é o recital que, o 27 de Abril de 1964 e no Circo de Artesáns, deron **Bernardino Graña**, **Salvador García-Bodaño** e **Arcadio López Casanova** dos seus poemários, por enton inéditos, *Profecía do mar*, *Ao pé de cada hora* e *Palabra de honor*.

Durante o ano tiveron lugar diversas xuntanzas, coa exposición, por membros da Agrupación, de temas acerca da problemática do país; en algunhas destas xuntanzas deu-se lectura a fragmentos de dúas novelas inéditas do asociado **Silvio Santiago**.

1965

O FACHO celebrou o Día das Letras cunha Feira do Libro Galego no Canton Grande. Esa mesma tarde, o presidente da Agrupación interveu no acto literario en honor de **Pondal**, organizado no Circo de Artesáns pola Academia.

No Día de Galiza promovemos dúas emisións extraordinarias: às 21,15 en Rádio Nacional de España e às 23,05 en Rádio Coruña.

1966

O Día das Letras organizamos no Canton Grande a Feira do Libro Galego. E à tarde, no Circo de Artesáns, un acto de homenaxe a **Añón**, presentado polo presidente, e consistente nunha conferencia de **Arcadio López Casanova** sobre *Vida e obra do poeta Francisco Añón* e un recital de poemas deste precursor por **Andrés Rey**.

Marcou este o comezo da serie de actos que O FACHO realizará en diante, até 1977, para celebrar o Día das Letras, editando desde agora un programa de man con textos da figura de turno.

De tres conferencias constará o ciclo de homenaxe a **Valle-Inclán** no seu centenario, celebra-

do no Circo de Artesáns no mes de Novembro:

1. Día 8. *Testimonios galegos sobre Valle-Inclán*, por **Ricardo Carballo Calero**.
2. Día 12. *O mundo galego no espello de Valle-Inclán*, por **Francisco Fernández del Riego**.
3. Día 21. *Raíz galega na obra de Valle-Inclán*, por **Sebastián Martínez-Risco**.

1967

Un segundo ciclo de 4 conferencias desenvolveuse no mesmo lugar, e foi dedicado a **Manuel Lago González**, de quen viña de cumprir-se (1965) o centenario, contando coas adhesións de **Otero Pedrayo** e do bispo de Mondoñedo-Ferrol:

- 1 Marzo, 31. *Lago González e os estudos bíblicos*, por **Xesús Precedo Lafuente**.
2. Abril, 4. *Lago González, arcebispo en contra do antigaleguismo lingüístico*, por **Manuel Vidán Torreira**.
3. Abril, 7. *Lago González, arcebispo precursor do Concilio Vaticano II*, por **Xosé Morente Torres**.
4. Abril, 24. *Lago González, poeta galego*, por **Xosé F. Filgueira Valverde**.

O Día das Letras celebra-se coa xa habitual Feira do Libro Galego e colaborando nos actos levados a cabo, diante do seu monumento, en homenaxe a **Curros Enríquez**, polo Coléxio Nacional do seu nome.

À tarde, o asociado **Emilio Vila Agra**, representando à Agrupación, interveu no acto que, organizado pola Academia, tivo lugar no Conservatorio local.

A continuación, e no Circo de Artesáns, desenvolvémos o seguinte programa:

- 1) Conferencia de **Xosé Manteiga Pedrares** sobre *Vida e obra de Manuel Curros Enríquez*; 2) lectura de poesía nova de e por **Manuel María e Alfonso Gallego**; e 3) Recital de poemas de **Curros** por **Andrés Rey**.

No mesmo Circo de Artesáns, o 24 de Maio, **Xosé L. Méndez Ferrín** fala sobre *O idioma galego nun sistema racional de insino*.

De a cabalo entre 1967 e 1968 desenvolve-se, no Circo de Artesáns, o ciclo *Problemática do idioma galego*, complementário do IV Curso de idioma, coa novidade da celebración de colóquios co público ao remate das conferencias:

1. Novembro, 10. *O problema lingüístico na Galicia de hoxe*, por **Alfonso Álvarez Gándara**.

2. Decembro, 15. *O galego e o castelán no seu contexto real*, por **Xesus Alonso Montero**.

1968

3. Febreiro, 6. *A Iglesia e as linguas vernáculas*, por **Manuel Espiña Gamallo**.

Coa xa clásica Feira do Libro Galego no Canton Grande e coa publicación do fallo do I Concurso de Contos Infantis O FACHO (fallo que se fará desde agora, neste Día), iníciase a celebración do Día das Letras, que continua, en colaboración coa Academia, cun acto literario no Circo de Artesáns, presentado polos presidentes da Academia, **Sebastián Martínez-Risco**, e do FACHO, dando o paso á conferencia de **Ramón Otero Pedrayo** sobre *Vida e obra de Florentino L. Cuevillas*.

Problemática económico-social galega, titulou-se o ciclo de 6 conferencias celebrado no paraninfo do Instituto Da Guarda no mes de xuño:

1. Día 6. *Desenrolo industrial de Galicia*, por **Carlos G. Otero Díaz**.

2. Día 11. *A reforma agraria do minifundio*, por **Odón L. Abad Flores**.

3. Día 15. *Algunhas reflexións encol da economía pesqueira galega*, por **Domingo Quiroga Ríos**.

4. Día 18. *A problemática sociolóxica do medio rural galego*, por **Mario Orjales Pita**.

5. Día 25. *As institucións xurídicas e a vida económica e social*, por **Sebastián Martínez-Risco Macías**.

6. Día 27. *O problema da planificación económica*, por **Xosé M. Beiras Torrado**.

O 20 de Setembro, lembrando á grande ferrolana no seu 75º cabodano, **Victoria Armesto**,

apresentada por **Marino Dónega**, falou, no Circo de Artesáns, sobre *Concepción Arenal e nós*.

No mesmo recinto, e culminando a serie de realizacións do FACHO en conmemoración do 20º aniversario da Declaración Universal dos Dereitos do Home, intitulado pola O.N.U. Ano Internacional dos Dereitos Humanos, tiveron lugar, o 10 de Decembro, Día da Declaración, dúas conferencias:

1. *Fundamentos filosóficos dos Dereitos do Home*, por **Xosé Manteiga Pedrares**.

2. *A Eirexa e os Dereitos Humanos*, por **Manuel Espiña Gamallo**.

1969

No Día das Letras, celebra-se a habitual Feira do Libro Galego, no Canton Grande, e o acto literario, tamén tradicional, no Circo de Artesáns, presentado por **Manuel Vidán Torreira**, que cedeu a voz a **Luz Pozo Garza** e a súa conferencia sobre *Unha lembranza do poeta Noriega Varela*.

Nos salons de dito Circo tivo lugar, o 26 de Setembro, un recital de Nova Canción Galega, a cargo dos xóvenes coruñeses **Miguel E. Pérez (Quique)**, **Xurxo X. Montes (Xurxo)**, **Xosé M. Iglesias (Xosé)**, **Alfredo Sueiro (Alfredo)** e **Marcos**.

1970

O ciclo en dúas etapas *Un país, unha cultura* desenvolveu-se con 2 conferencias e un cursiño en 1970 e outras 3 conferencias en 1972, todas elas no Circo de Artesáns, excepto a cuarta, que tivo lugar no salón de actos da Cámara de Comercio, Industria e Navegación, e o cursiño, no local da Agrupación, segundo o seguinte detalle:

1. Xaneiro, 10. *A música no folklore galego*, ilustrada con cancións, por **Hipólito de Saa Bravo**.

2. Agosto, 7 a Setembro, 15 (10 sesións). Seminario *Aportacións pra un estudo sociolóxico de Galicia*, dirixido por **Andrés Salgueiro Armada**, coa colaboración de **Marino Dónega Rozas**, do secretario da Agrupación e do directivo **Xosé L. Rodríguez Pardo**.

3. Agosto, 14. *Galicia, libro aberto*, con referencia ao seu recente libro *La marginación de Galicia*, por **Valentin Paz-Andrade**.

1972

4. Maio, 24. *O aforro e a inversion na Galicia*, por **Ramón Barral Andrade**.

5. Novembro, 2. *A planificación rexional e Galicia*, por **Xesus B. Pena Trapero**.

6. Decembro, 16. *Notas pra un estudo da literatura infantil*, por **Carlos Casares**.

1970

Patrocinada pola Agrupación, celebra-se, entre o 18 e o 27 de Abril, na sala de exposicións do Concello, unha mostra plástica do escultor **Manuel Coia** e do pintor **Xosé Lodeiro**.

Celebrou-se o Día das Letras cos habituais Feira do Libro Galego, no Canton Grande, e acto literario no Circo, no que **Xosé L. Franco Grande** desenvolveu o tema *A xeneración precursora de Manuel Valladares*.

Nun trimestre de a cabalo entre 1970 e 1971 desenvolveu-se, no salón de actos da Cámara de Comercio, o ciclo de 5 conferencias *O cooperativismo*, segundo o seguinte calendario:

1. Novembro, 20. *O cooperativismo como sistema de produción*, por **Xosé M. Beiras Torrado**.

2. Novembro, 27. *A cooperación e a escola rural*, por **Valentin Arias López**.

3. Decembro, 4. *Realidade cooperativa nunha comarca de Galicia*, por **Maximino Viaño García**.

4. Decembro, 10. *As cooperativas campesiñas de explotación comunitaria*, por **Avelino Pousa Antelo**.

1971

5. Xaneiro, 22. *Cooperativismo e desenvolvemento comunitario*, por **Mario Orjales Pita**.

O Día das Letras celebra-se, esta volta, no Instituto Da Guarda, dentro do acto de clausura do

noso VII Curso de idioma, coa presentación do libro do Instituto da Língua Galega *Gallego-1*, a cargo de **Guillermo Roxo**, e unha lectura de poemas de **Gonzalo López Abente** polo Grupo de Teatro O FACHO.

1972

No salón de actos do Coléxio Provincial de Avogados, no mes de Marzo, inaugura-se o ciclo *Cultura e sociedade*, ciclo que non pudo levar-se máis adiante da segunda conferencia, quedando así:

1. Día 23. *As raíces lingüísticas de Galicia*, por **Isidoro Millán González-Pardo**.

2. Día 28. *Cultura popular e saber ilustrado en Galicia*, por **Carlos Baliñas Fernández**.

O Día das Letras tornou a celebrar-se no Instituto Da Guarda, coa presentación, no acto de clausura do noso VIII Curso de idioma, dos libros *Gallego-2* e *Lecturas galegas-1*, a cargo de **Guillermo Roxo**, do I.L.G.; e máis cun recital, polo Grupo de Teatro, da obra de **Valentin Lamas Carvajal**.

1973

No salón de actos da Cámara de Comercio, o 6 de Marzo, apresentou-se o libro *O atraso económico de Galicia*, de **Xosé M. Beiras Torrado**, que abría a colección *Alén Nós*, de Editorial Galaxia.

O 10 de Abril, no mesmo recinto, tivo lugar unha sesión divulgatoria da xénese, desenvolvemento e conclusións do *I Congreso de Dereito Galego* —que se celebrara aquí, do 23 ao 28 de Outubro do ano anterior—, sesión que, introducida polo noso asociado **Manuel Iglesias Corral**, presidente da *Academia Gallega de Jurisprudencia y Legislación*, estivo a cargo dos congresistas **Sebastián Martínez-Risco**, **Ramón Carballal Pernas**, **Xosé A. García Caridad**, **Gonzalo de la Huerga Fidalgo**, **Marino Dónega Rozas** e **Xosé L. Rodríguez Pardo**.



Mesa-redonda sobre Teatro galego (28-2-75), con O home que falaba vegliota, de Reimundo Patiño, como telon de fondo.



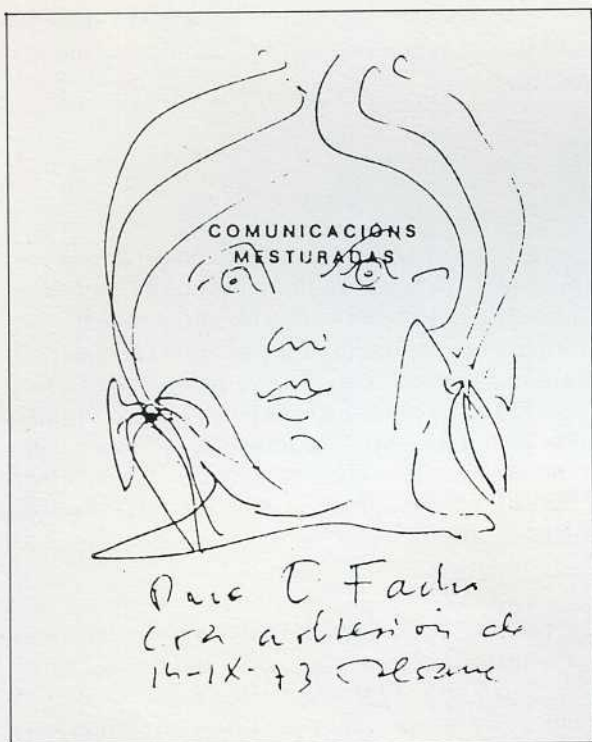
Homenaxe a Castelao (1975).

No marco da clausura, no Instituto Da Guarda, do noso IX Curso de idioma, celebra-se o Día das Letras coa presentación, por **Xosé Luis Couceiro Pérez**, dun avance do libro a saír *Gallego-3*, do I.L.G.

O 18 de Maio, co mesmo motivo, e no Circo de Artesáns, disertou sobre *O Arcebispo Lago González, un precursor do Vaticano II en Galicia* **Manuel Espiña Gamallo**. (Lembre-se como nós xa celebráramos a **Lago** o ano 1967).

O 7 de Setembro, no mesmo recinto, **Xosé Lois García Fernández** falou sobre *Os dereitos humanos na época actual*.

O 14 de Setembro, patrocinada por nós, organizou-se, na Librería Arenas, o acto de dedicatória das tres últimas publicacións de **Luís Seoane**: *Comunicacións mesturadas*, *Un feixe de dibuxos case esquecidos* e *Oito testas e dez paisaxes*.



Entre Novembro deste e Xullo de 1974 desenvolveu-se, no salón-biblioteca do Coléxio de Avo-

gados, o ciclo máis ambicioso dos celebrados até hoxe, *A Galicia rural na encrucillada*, constando de 15 conferencias, de acordo co seguinte detalle:

1. Novembro, 30. *Novas consideracións encol do enfermo galego*, por **Domingo García-Sabell**.

1974

2. Febreiro, 1. *O goberno da Galicia rural. Institucións*, por **Gonzalo de la Huerza Fidalgo**.

3. Febreiro, 15. *Capitalismo e cooperativismo actuando na Galicia rural*, por **Avelino Pousa Antelo**.

4. Marzo, 1. *O IRYDA, a súa influencia e o seu futuro na Galicia rural*, por **Odón L. Abad Flores**.

5. Marzo, 15. *A escola rural en Galicia*, por **Valentín Arias López**.

6. Marzo, 29. *O medio rural galego e a súa arquitectura*, por **Xosé M. Gallego Jorrete**.

7. Abril, 9. *O crego rural en Galicia*, por **Xaquín Gómez Barros**.

8. Abril, 19. *Galicia e os Plans de Desenvolvemento*, por **Xosé B. Pena Traperero**.

9. Abril, 26. *Dous mundos: o urbano e o rural. Relacións entre ambos*, por **Xosé Manteiga Pedrares**.

10. Maio, 2. *Consideracións sobre as alternativas da poboación galega. Industrialización e poboación rural*, por **Camilo Nogueira Román**.

11. Maio, 14. *Homes da vila na aldea. Comportamento e incidencia*, por **Xosé Vilas Nogueira**.

12. Maio, 31. *O trasfondo xurídico de Galicia*, por **Xosé L. Rodríguez Pardo**.

13. Xuño, 21. *Crise da casa. Como sistema de produción e máis de convivencia*, por **Mario Orjales Pita**.

14. Xullo, 5. *O papel do escendente agrícola na economía galega*, por **Ramón López-Suevos**.

15. Xullo, 12. *A emigración galega*, por **Xosé M. Beiras Torrado**, precedido por unhas palabras do Decano do Coléxio **Manuel Iglesias Corral**, clausurando o ciclo.

O 3 de Abril celebrara-se, na Casa da Cultura, un recital de cantigas galegas por **Antón de**

Santiago, acompañado ao piano por **Ramiro Cartelle**, que tamén apresentou competentemente e de xeito didáctico cada un dos *lieder*, que foron:

Un suspiro (**Berea e Martínez González**).

Meus amores (**Baldomir e Golpe**).

Sen niño (**Rodulfo e Rosalia Castro**).

Unha noite na eira do trigo (**Alonso Salgado e Curros**).

Un adiós a Mariquiña (**Castro Chané e Curros**).

A neniña (**Lens e Martínez González**).

Coita (ou *Mariñeiros*, de **García Abril e Álvaro de las Casas**).

Aureana do Sil (**Mompou e Cabanillas**).

A Meiga (romanza) (**Guridi e Romero/Shaw**, en tradución de **R. Cartelle**).

O laio do que se alonxa (**Groba e Iglesias de Souza**).

Alalá dos lugueses (**Freire e popular**).

Este recital repetiu-se en 1976 en varias ocasións: 14 de Maio, 5 de Agosto...

O Día das Letras esta volta xa se contaba coa audición radiofónica Da Terra e dos tempos, que se lle dedicou á festa, como tamén un acto académico, no marco do noso X Curso de idioma, no Instituto Da Guarda, onde, tras dunhas palabras da profesora do mesmo, pronunciou unha lición extraordinaria **Antón Santamarina Fernández**, finalizando o acto coa lectura de fragmentos da obra de **Johán Vicente Viqueira**.

O 29 de Maio, cumprido un mes apenas do histórico 25 de Abril, tivo lugar, no Pabellón de Deportes de Riazor, un recital de cancións polo cantautor angolano **Luís Cilia**, que iniciou con esta nosa a serie das súas actuacións por toda Galiza, e co seguinte programa:

Aqui ficas

Pobre Martinho

O menino negro não entrou na roda

Sou barco

Recuso-me

É preciso avisar toda a gente

Dia não

Exílio

Canção final, canção de sempre

Poema a boca fechada

Caminho longe

Fecundou-te

Gabriel

Clamor

Voz suspensa

Ponte conquistada. Perdas insignificantes

Sei que me esperas

Herança

Minha terra, minha espada

Adeus, trigo

Margem esquerda

Há-de haver

Ternura

Serventês

Venham leis

Fala do home nascido

Cântico de um novo mundo

Pátria, lugar de exílio

HOMENAXE A CASTELAO

Xa a fins deste ano inician-se os actos comemorativos do 25º cabodano de **Castelao** coa edición dunha tarxeta de saudación para o Nadal e Aninovo.

1975

Aos tres días do aniversario, o 10 de Xaneiro, ten lugar, no Circo de Artesán, o acto comemorativo, consistente nunha mesa-redonda na que participaron, apresentados polo noso presidente: **Ramón Piñeiro López** (*O pensamento de Castelao*), **Marino Dónega Rozas** (*Aspectos da obra literaria de Castelao*), **Ramón López-Suevos Fernández** (*A economía galega na obra de Castelao*) e **Salvador García-Bodaño Zunzunegui** (*Castelao, artista gráfico*).

Do 7 ao 28 de Febreiro celebrou-se, dedicado a **Castelao**, e coa colaboración do Grupo Teatro Circo, o I ciclo *O teatro galego hoxe*, de conferencias (4), mesas-redondas (2) e representacións teatrais (7), na sala de exposicións da Casa da Cultura (números 1, 4, 5, 7, 8, 10, 11 e 13) e no Teatro da Caixa (números 2, 3, 6, 9 e 12), segundo se detalla:

1. Día 7. *Evolución, historia e logros do teatro galego*, por **Manuel Maria**.

2. Día 8. *A farsa do cigarrón*, traballo colectivo, polo G. T. infantil Martín Códax, de Vigo.

3. Día 8. *Encol do teatro infantil galego*, por **Antonio Concheiro Caamaño, Xulio González Lorenzo e Xosé M. Rabón Lamas**, moderando o directivo **X.L.R. Pardo**.

4. Día 10. *Zardigot*, de **Euloxio R. Ruibal**, polo G. T. Circo.

5. Día 12. Segunda funcion do mesmo.

6. Día 13. *A forza dos alisios e contralisios, montana e tramontana, ciclos e contraciclos, furacáns, tornados e torbelliños ou Sobre, Sr. Segredario*, de **Pablo Rz. Crespo e Fernando Rz. Madriñán**, adaptación de *Proceso en Jacobusland*, de **E. Blanco-Amor**, polo G. T. Rosalia de Castro, de Compostela.

7. Día 14. *Sobre o porvir do teatro galego*, por **Xosé L. Franco Grande**.

8. Día 18. *Análise do feito teatral galego*, por **Manuel Lourenzo**.

9. Día 20. *O Cantar dos cantares ou Galicia 1948*, de **Eduardo Blanco-Amor**, polo G. T. O FACHO.

10. Día 21. *Teatro e sociedade*, por **Miguel Pérez Romero**.

11. Día 24. *Zardigot*, terceira funcion.

12. Día 27. *A noite vai como un río*, de **Álvaro Cunqueiro**, pola Agrup. Teatral Tesis.

13. Día 28. *Encol do teatro galego*, por **Rafael Dieste, Ánxeles Penas, Manuel Lourenzo e Antonio Concheiro**.

Fecha-se a série de actos en homenaxe a **Castelao** coa *Mostra de Cómic galego na Cruña*, que ten lugar, na sala de exposicións da Casa da Cultura —ao tempo de se desenvolver ali parte do ciclo sobre teatro— do 18 de Febreiro ao 1 de Marzo, con obra de **X. Barro, X. Campos, L. Esperante, X. Díaz, R. Lázaro, X. Marín, R. Patiño e Roxo**.

No decorrer da mesma celebran-se dous actos:

1. Día 2. *Humor gráfico, caricatura e cómic galegos*, por **Siro**.

2. Día 18 (clausura). Apresentação polos seus autores, do libro de cómic *2 viaxes*, de **Reimundo Patiño e Xaquín Marín**; seguida dunha mesa-redonda sobre o cómic galego, coa participa-

ción de **Xosé Barro, Reimundo Patiño, Xaquín Marín, Xesus Campos e Xosé Díaz**.

O 21 de Marzo, no Teatro da Caixa, tivo lugar un recital de cancións por **Miro Casabella**, co repertório seguinte:

Cantiga d'amigo

Dona Eusenda

Don Gaíferos

A lavandeira

Elvira Pérez (João Romeu de Lugo)

A Lopo xograr (Martín Soares)

A solteiriña

A unha doncela fea (Afonso X)

Cantiga d'escarnho (Afonso X)

Ora ei mengua de compañía (Afonso X)

Dona Teresa López (Afonso Soares)

As tres comadres

Pombas feridas I (L. Pimentel)

Pombas feridas II (Cabanillas)

Miserere (Cabanillas)

A Gran Muralla (Cabanillas)

O Mariscal (Cabanillas)

O meu país (X. M. Casado)

Fábula do rei-rei (Isaac Ferreira)

Fuxen (Isaac Ferreira)

Ti, Galiza (Costa Clavell)

Pobo e Terra (R. Casabella)

Canción de cuna (Pimentel)

Exilio (Manuel Alegre)

Olla, meu irmau (Aristides Silveira)

Romance incompleto (C. Emilio Ferreira)

Goethe (Celso Emilio Ferreira)

Porta (Aristides Silveira)

María Soliña (Celso Emilio Ferreira)

Galicia (García-Bodaño)

Adeus (García-Bodaño)

O 18 de Abril, no salón de actos do Coléxio da Compañía de Maria, celebrou-se unha mesa-redonda sobre *Os montes veciñais en man común*, coa participación de **Ramón Carballal Pernas, Claudio Movilla Álvarez, Eliseo Miguélez Díaz e Carlos Martínez Alonso**.

O 16 de Maio, no salón-biblioteca do Coléxio de Avogados, apresentou-se na Coruña o libro *A Galicia rural na encrucillada* (que fora presentado pola primeira volta en Compostela, na



Entrega do II Prémio de Teatro O FACHO, no marco da Mostra de grabados (1975): Rz. Caamaño, Caamaño Suárez, Villar, M. Lourenzo, Antón de Santiago, Bembibre, Charo Belda, Tomás Pena.



Homenaxe a Luís Seoane (1977): (De pé), Villar, Seoane, Dónega, Arambillet, Eduardo Martínez, Caamaño, Cartelle, Rz. Pardo; (1.ª fila), Rabón, Tomás Pena, Jenaro Marinhoas.

Faculdade de Ciencias Económicas, o 29 de Abril anterior), o cal contén 13 das 15 conferencias do noso ciclo homónimo (faltando as de **Pena** e **Manteiga**).

Interviron no acto catro dos participantes e autores: **Abad Flores**, **Beiras Torrado**, **Gallego Jorredo** e **Rz. Pardo**, precedidos no uso da palabra por **Xosé González Dopeso**.

O 21 seguinte o libro será presentado na Asociación Cultural de Vigo. Axiña alcanzaria os primeiros postos de venda.

Entre Maio e Xuño desenvolve-se, na Casa da Cultura, o ciclo *Galicia e a muller galega*, coas seguintes catro conferencias:

1. Maio, 23. *O ensino das linguas vernáculas*, por **Maria Victoria Moreno Márquez**.

Abortada pola autoridade gubernativa a conferencia que **Maria Xosé Queizán Vilas** ia dar o día 30, sobre *Situación da muller na familia e na sociedade*, tivo lugar a

2. Xuño, 3. *Os dereitos da muller e a súa problemática en Galicia*, por **M.^a das Mercés Suárez Díaz**.

3. Xuño, 6. *A Eirexa galega e a muller*, por **Marta García de Leániz**.

4. Xuño, 19. *A cultura galega hoxe*, por **Teresa García-Sabell Tormo**.

Do 7 ao 17 de Xullo, no noso local social, tivo lugar unha *Mostra de grabados*, con obra de **Perfecto A. Estévez**, **Xaquín Marín**, **Eloy Lozano**, **Quesada**, **Aurichu**, **Antón Sobral**, **Liño Cabezas**, **Xosé Guillermo**, **Reimundo Patiño**, **Santiago Mayer**, **I. Basallo** e **X. Nieto**.

1976

O 6 de Febreiro, na aula de cultura Lume, tivo lugar a presentación do libro *Xoguetes pra un tempo prohibido*, de **Carlos Casares**, novela gañadora do concurso Galaxia, conmemorativo dos 25 anos da fundación da editorial viguesa.

O 13 de Febreiro, na mesma aula, apresentou-se, polo seu autor, o libro *Nova conciencia na Igrexa Galega*, de **Xosé M. Rodríguez Pampín**.

O 22 de Abril, na mesma, tivo lugar a presentación do libro *No cadeixo*, polo seu autor, **Paco Martín**, e mais por **Xavier Alcalá**.

O 4 de Maio, no decorrer do Curso de idioma, **Xavier Alcalá** fala, no Instituto Da Guarda, sobre *Situación actual da lingua galega e a súa normalización*.

O 8 de Maio celebrou-se, na Casa da Cultura, como preámbulo do ciclo de homenaxe a **Cabanillas**, polo Día das Letras e no seu centenário, unha mesa-redonda sobre *O ensino en Galicia*, na que interviron **Valentín Arias López**, **Eduardo Gutiérrez Fernández**, **Gonzalo Vázquez Pozo** e **Xaime Barreiro Gil**.

(Cumpre lembrar que este ano, como ocorrerá no 77 e no 79, O FACHO fará o esforzo de publicar un folleto con obra do personaxe e reseña bio-bibliográfica).

Entre o 12 e o 20 de Maio desenvolveu-se, no mesmo escenario excepto a terceira, o ciclo de 3 conferencias que se detalla:

1. Día 12. *A poesía de Ramón Cabanillas*, por **Xavier Carro**.

2. Día 17. *O nacionalismo da poesía de Cabanillas*, por **Xosé L. Franco Grande**.

3. Día 20. *O teatro de Ramón Cabanillas*, por **Manuel Lourenzo** (na aula Lume).

O 15 de Xuño, **Marino Dónega Rozas** presenta, en Lume, o seu libro *Poesías. Escolma de Ramón Cabanillas*.

O 12 de Xullo, tamén na aula Lume, apresentou-se o noso folleto *Informe... Urquiola*, da equipa *Trasmallo*, estando o acto a cargo de **Fernando González Laxe**, **Xulio Pardellas**, **Alicia Carballido** e **M.^a Carme Martínez**.

O 3 de Novembro, **Víctor Fernández Freixanes** presenta, en Lume, de man do noso presidente, *Unha ducia de galegos*.

Na Casa do Mar, o 16 de Novembro, celebrou-se unha mesa-redonda sobre *Problemas actuais da Galicia mariñeira*, coa intervencion de **Alfredo Fernández Prieto**, **Xulio Pardellas de Blas** e **Fernando González Laxe**, apresentados polo noso presidente.

Con anterioridade à mesa, tivo lugar a presentación, polo autor, do libro *Problemas da pesca costeira galega*, do próprio **González Laxe**.

Entre Novembro deste ano e Marzo de 1977 celebra-se o ciclo itinerante de mesas-redondas *Galicia: unha terra, un pobo, unha fala*:

I. Na Sociedade R. e I. da Gaiteira (ciclo completo).

1. Novembro, 12. *Galicia, unha lingua, unha cultura*, por **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**; *Idioma galego e conciencia solidaria*, polo presidente do FACHO; *A lingua galega hoxe*, pola directiva **Sabela Vázquez Fandiño**.

2. Novembro, 19. *O teatro galego*, polo directivo **Xaquín Villar Calvo**, seguido da representación de *O cantar dos cantares*, de **E. Blanco-Amor**, polo G. de Teatro O FACHO.

3. Novembro, 26. *A economía galega*, por **Fernando González Laxe**; *A industrialización de Galicia*, por **Xavier Alcalá**; *O aforro galego*, polo secretario da Agrupación.

4. Decembro, 3. *A política en Galicia*, polo directivo **Xosé L. Rz. Pardo**; *O mundo sindical en Galicia*, polo directivo **Xosé Bembibre Regueiro**; *A emigración galega a Europa*, polo directivo **Tomás Pena Castelo**.

1977

II. Na Universidade Laboral celebraron-se unicamente dúas mesas, as números 1 e 3, o 22 de Xaneiro e o 4 de Febreiro, respectivamente.

III. No Instituto de E. M. Feminino de Ferrol e no Coléxio Lestonnac, organizado pola Delegación do Coléxio de Aparelladores e Arquitectos Técnicos, somente se deron as mesas números 1 e 4, o 4 e o 25 de Marzo.

IV. Na Sociedade Gandeira *La Unión y la Honradez*, de Mesoiro, o 5 e o 26 de Marzo seguintes, celebraron-se os actos números 3 e 2.

V. Na Asociación Cultural Domingo de Andrade, de Cee, celebrou-se, o 26 de Marzo, a n.º 4.

1976

O 26 de Novembro do ano anterior, no marco do noso XIII Curso de idioma, no Instituto Da Guarda, **Xosé-M.^a Monterroso Devesa** falou sobre *Galiza para alleos e propios*.

E o 29 seguinte, na aula Lume, **Xavier Alcalá** fai unha exposición, con diapositivas, sobre *O País de Gales: un país á procura das suas señas de identidade*.

1977

Na aula Lume ten lugar, do 14 ao 28 de Xaneiro, unha *Mostra de debuxos* de **Siro**.

O 21 de Xaneiro, no Quiosco Alfonso, parece ter tido lugar un pase de filmes galegos de **Carlos L. Piñeiro** (*Equipo Imaxe*): *Illa* 1976 e *A Ponte da vereá vella* (1977).

Coa colaboración, novamente, do Grupo Teatro Circo e agora tamén de varias Asociacións de Viciños da cidade, celebra-se, entre Xaneiro e Febreiro, o *II ciclo de Teatro Galego*, de acordo co seguinte calendario:

1. Xaneiro, 29. A. VV. Bário das Flores. *O Cantar dos cantares*, de **E. Blanco-Amor** e recital de poemas de **Ramón Cabanillas**, polo G. T. O FACHO.

2. Febreiro, 5. A. VV. Bens. *Amor e crimes de Xan o Panteira*, de **E. Blanco-Amor**, polo G. T. Antroído, de Compostela.

3. Febreiro, 11. Local do FACHO. *O artellamento dos grupos teatrais galegos*, mesa-redonda coa participación de **Roberto Vidal Bolaño**, **Amparo Gómez Cores** e **Xosé Agreló Hermo**.

4. Febreiro, 25. A. VV. Atochas-Monte Alto. *O longo viaxe do capitán Zelta*, obra colectiva baseada nun conto de **Xaquín Marín**, polo G. Teatro Circo.

5. Febreiro, 27. A. VV. San Roque-Cidade Escolar-Labañou. *Metá e metá*, de **Xosé Agreló Hermo**, polo G. T. Candeia, de Noia.

Na aula Lume presenta-se, o 17 de Marzo, e polo seu autor, o libro *Estrutura da pesca costeira galega*, de **Fernando González Laxe**.

O 28 do mesmo mes e máis o 1 de Abril, na sala do Coléxio da Compañía de María, teñen lugar senllas sesións de cine galego, co pase dos seguintes filmes: *O cadaleito* (**E. R. Baixeras**, 1977), *O herdeiro* (**M. Gato**, 1976), *Fendetestas* (**A. F. Simón**, 1975), *Retorno a Tagen Ata* (**E. Lozano**, 1974), *O pai de Migueliño* (**M. Castelo**, 1977) e *Illa*.

O 13 de Maio inaugura-se, no local social, para clausurar-se o 23 seguinte, unha *Mostra de publicacións infantis galegas*, cunha mesa-redonda, apresentada polo presidente da Agrupación, levada por **Paco Martín** (polo suplemento *Axóuxere*), **M.^a Cruz Carballido Barral** (polo método *Picariños*) e **Xosé Fortes Bouzán** (pola revista *Vagalume*).

O 18 de Maio tivo lugar, no Instituto Da Guarda, o acto literario, presentado polo presidente da Agrupación, no que interviron **Marino Dónega Rozas** e **Ramón Piñeiro López**, para falaren sobre *Anton Vilar Ponte e as Irmandades da Fala* (no día en que se cumprian 61 anos da súa fundación na Coruña), e con motivo de se lle dedicar, ese ano, ao patriota viveirense o Día das Letras.

En data indeterminada, **Siro** presenta o seu álbum *Os sete pecados capitais*.

1978

O 16 de Xaneiro envia-se unha serie de inquéritos a directores de máis de 90 coléxios privados de E.X.B. da provincia, sobre o emprego do galego no ensino, contestada só por catro dos encuestados.

O 17 de Xullo ten lugar, no local social do FACHO, a presentación do noso libro *O galego hoxe* polos membros da *Equipa de Língua* que o realizou (salvo **Siro**), aos que precedeu no uso da pa-

labra o presidente da Agrupación, acompañado do vicepresidente.

O 8 de Agosto seguinte, procede-se, no marco da Feira do Libro (Xardíns), á firma-dedicatória masiva de exemplares de dito libro.

O 2 de Agosto, os membros da Directiva **Xaquín Villar Calvo**, **Xosé-M.^a Monterroso Devesa** e **Miguel Pernas Cora**, sob pretexto de entregar ao Delegado Provincial do Ministerio de Educación y Ciencia un exemplar do libro *O galego hoxe*, fan-lle chegar a preocupación do FACHO polo traslado de mestres galegos fora de Galiza.

O 24 de Outubro ten lugar, na librería Nós, a presentación, polo seu autor e máis por **Xosé M. Martínez Oca**, do libro *Homes de ningures*, de **Xoán I. Taibo**, que o ano seguinte alcanzaria o Premio da Crítica española.

O 7 de Novembro o Patronato do Pedron de Ouro, Eds. do Castro e O FACHO presentan, na librería Nós, o tomo que recolle os relatos galardoados no II Concurso Modesto R. Figueiredo, *A fundición e outras narracións*, da autoría de **Xavier Alcalá**, **Xosé M. Martínez Oca**, **Xoán I. Taibo** e **Xavier Rodríguez Barrio** (único ausente no acto).

En colaboración coa Plataforma Galega da Cultura, O FACHO desenvolve, no local da Asociación de Viciños dos Mallos-Sagrada Familia-Estación, e en Novembro, unha Semana da Cultura Galega, co seguinte calendario:

1. Día 14. *A literatura galega*, por **Xosé Ramón Pena Sánchez**.
2. Día 15. *A lingua galega*, por **Carmen Vázquez Castro**.
3. Día 16. *O cine galego*, por **Carlos L. Piñeiro**.
4. Día 17. *Os nomes galegos das ruas da Cruña*, polo secretario do FACHO.
5. Día 18. *Historia de Galicia*, polo vicepresidente da Agrupación.

O 4 de Decembro leva-se a cabo, no paraninfo do Instituto Da Guarda, a entrega de premios



I Dia da Nosa Fala (1980).

Mostra do libro luso-brasileiro (1981).



do I Concurso de Poesía Nova O FACHO, coa intervención de **Bernardino Graña**, quen falou sobre *Poesía lírica e amorosa*.

1979

Como adesion ao Ano Internacional do Neno e do Xoven, O FACHO publica, o 11 de Febreiro, na folla *Arco da Vella*, de *El Ideal Gallego*, os *Direitos do Neno* no noso idioma. A raíz disto, no conxunto do monumento do Neno, de **Mon Vasco**, inaugurado, por iniciativa da UNICEF, pouco despois, nos Xardíns de Méndez Núñez, incluíu-se unha outra placa cos dereitos en galego, no lugar da única que ía ir en español (hoxe ambas desaparecidas).

Como unha adesion máis, findando o ano sai o noso libro *Contos pra nenos*.

O Día das Letras, no paraninfo do Instituto Da Guarda **Xosé Ramón Pena**, autor do folleto dedicado por nós ao poeta rianxeiro, dá unha conferencia sobre a *Significación de Manoel-Antonio na literatura galega*, á que segue un recital de poemas do mesmo na voz de **Andrés Rey**.

O 18 de Outubro, no salón de actos de FENOSA, realiza-se a entrega dunha edición especial para traballadores de dita empresa de *O galego hoxe*, intervindo o director xeral, **Julián Trincado Settler**, **Antonio Remeseiro** polo comité de traballadores, os membros da equipa autora **Rodríguez Varela** e **Alcalá** e o presidente da Academia.

O 16 de Novembro, no Quiosco Alfonso, ten lugar, sob-pretexto da entrega de premios do II Concurso de poesía, un acto literario consistente nunha conferencia de **Xosé Luís Méndez Ferrín** sobre *Horizontes novos da poesía galega*, e na lectura, por integrantes do Grupo de Teatro, dos poemas galardoados.

O 13 de Decembro, no mesmo local, ten lugar a conferencia de **Xosé Puentes González** acerca de *O Estatuto de Autonomía*.

O 21 de Decembro, na aula de cultura de Caixa Galicia, dá **Siro** unha conferencia con diapositivas sobre *Simplicissimus e Gulbransson: influencias europeas en Castela*.

1980

O 29 de Xaneiro, na mesma aula da Caixa, ten lugar unha mesa-redonda sobre *O idioma galego no ensino*, coa participación de **Xoán Carlos Verdini Deus**, **M.^a Pilar García Negro** e **Sabela Vázquez Fandiño**, apresentados polo secretario da Agrupación.

O 31 de Xaneiro, no local social, celebra-se a presentación do noso libro *Contos pra nenos*, a cargo de **Manuel Caamaño Suárez**, **Bieito Ledo**, **Rosario Belda Otero** e **Ramón Fraga García**.

O 22 de Febreiro ten lugar, na aula da Caixa, unha mesa-redonda sobre *Panorámica do teatro galego*, a cargo de **Miguel Pernas Cora**, **Manuel Lourenzo** e **Santiago Fernández**, apresentados polo director do Grupo de Teatro O FACHO.

O 20 de Marzo, na mesma Caixa, **Alfonso Pereyra** pronuncia unha disertación sobre *Mapas paleolíticos en Galiza*.

No mesmo recinto celebra-se, o 18 de Abril e por **António Gil Hernández**, unha conferencia sobre *As normas lingüísticas da Xunta: aspectos técnicos e dimensión política*.

No Quiosco Alfonso ten lugar, o 12 de Maio, e abrindo as novas (I) Xornadas do Rexurdimento, a mesa-redonda *Por uns medios de comunicación galegos*, a cargo de **Xosé Antonio Gaciño Barral** (imprensa), **Constantino Cabanas** (rádio) e **Xosé Luís Castro** (television), apresentados polo presidente da Agrupación.

Seguen as Xornadas cun concerto de canto e piano, o día 13 e na igrexa de San Nicolás, a cargo da soprano **M.^a Teresa del Castillo**, acompañada por **Ramiro Cartelle**, co seguinte repertorio:

Cantares vellos e novos de Galicia: Soedades, A mala fada, Canto de Berce, Afrixida, Canta o galo, Bágoas e sonos, ¡Pesóulle!, Non te quero por bonita, A bordo, A sorte (Marcial del Adalid e Fanny Garrido/popular). Un tema popular: ¡Adiós, meu meniño! (Marcial del Adalid), Adieu, va, mon homme! (Maurice Ravel). Seis baladas galegas: As lixeiras anduriñas, Doce sono, Negra sombra, Lonxe da terra, Unha noite na eira do trigo, O pensar do labrego (Xoán Montes e S. Golpe, R. Castro, A. X. Pereira e M. Curros). Cantigas: En Mai, Fleurs d'amour, Premier printemps, Rosa de Abril, ¡Ay, mi amor! (Andrés Gaos e Heine, Gaos e R. Castro). Para piano só: 2.ª barcarola e Resignacion (Del Adalid), Luz (José Estarrona), Canto de berce (Gaos).

A peza de **Ravel** foi estreia mundial neste acto.

O día 16 **Andrés Rey** dá, na Delegación de Cultura (praza de Pontevedra), un recital de 24 poemas de **Francisco Añón**, **Rosalía Castro**, **Eduardo Pondal**, **Manuel Curros**, **Ramón Cabanillas**, **Luís Seoane**, e **Celso E. Ferreiro**, así como de seis cousas de **Castelao**.

O cuarto acto das Xornadas ten lugar o 17, na Caixa Galicia, consistindo nunha conferencia de **Xesus Alonso Montero** sobre *As Irmandades da Fala*.

O 18 de Maio, instituído por nós este ano como Día da Nosa Fala, culminan estas Xornadas do Rexurdimento co descubrimento, no baixo da casa número 38 da rua Rego da Auga, dunha placa co seguinte texto:

O 18 de maio de 1918
fundou-se aquí a primeira das
Irmandades dos Amigos da Fala
ao impulso dos nacionalistas galegos
Antón e Ramón Vilar Ponte
(1881-1936) (1891-1953)
Homenaxe da Agrupación Cultural O FACHO
18 de Maio - Día da Nosa Fala - 1980

(Cumpre esclarecer que a fundación tivo lugar no 1.º andar e que en lugar de 1891 debéra

constar 1890, como ano correcto). Entre a multitude, asistiron ao acto **M.ª Teresa Villar Chao**, sobriña e filla, respectivamente, dos fundadores, algúns dos co-fundadores, como **Benito Ferreiro**, o alcalde da Coruña, un representante da Deputación Provincial, o presidente do Pedron de Ouro e o presidente da Academia, facendo a presentación do acto o presidente e máis o secretario do FACHO. Desde Caracas chegou-nos unha calorosa testemuña do fillo de Antón, **António Villar Chao (Tonecho)**, no mundo do deporte).

O 6 de Xuño ten lugar, no local social, o acto de entrega dos premios do noso XIII concurso de contos.

O 13 do mesmo mes, **Paulino Pérez Mendaña** falou, na Caixa, sobre a *Situación sanitaria actual en Galiza*.

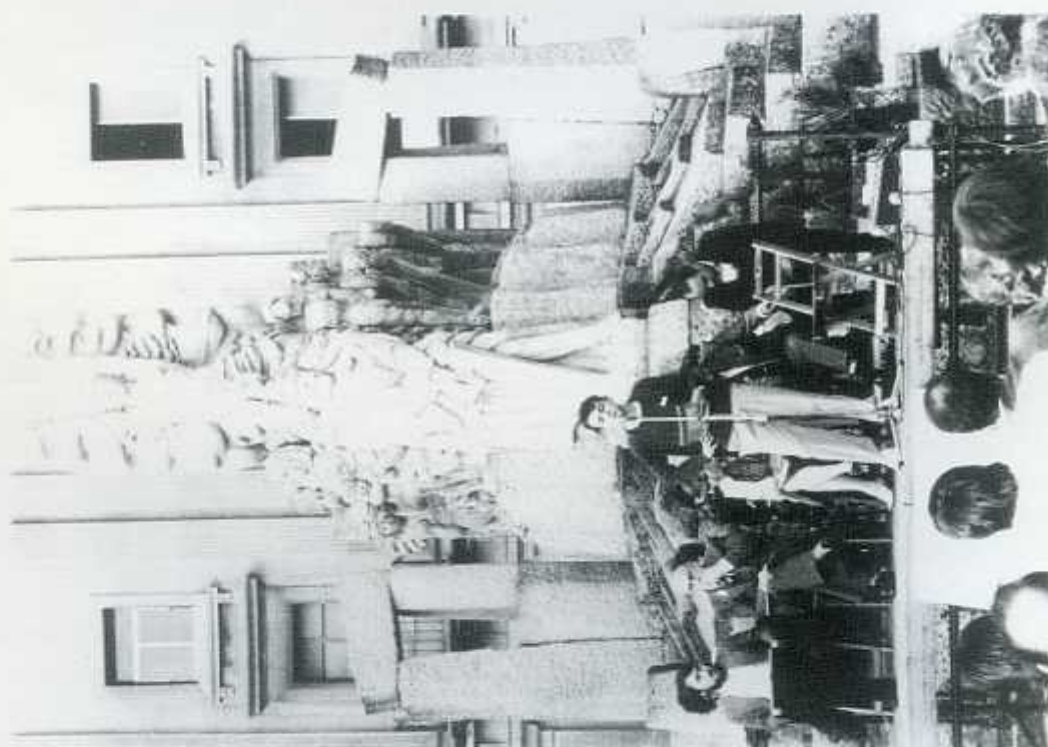
O 9 de Xullo, no local social, realiza-se a presentación do número 0 do boletín societario *Arco da Vella*.

No mes de Outubro celebra-se, na Caixa, un ciclo de conferencias sobre *Arquitectura rural galega*, de acordo co seguinte calendario:

1. Día 17. *Importancia da arquitectura da Galicia rural*, por **Manuel Caamaño Suárez**.
2. Día 24. *As construcións populares galegas e o seu coñecemento*, por **Begoña Bas López**.
3. Día 30. *Significado artístico da arquitectura popular galega*, por **Felipe Senén López Gómez**.

Do 20 de Outubro ao 6 de Novembro ten lugar, na aula Lume, a mostra dos traballos presentados ao noso Concurso Nacional de Cómic para Nenos, no marco da cal, aquel primeiro día, se procedeu á entrega dos premios aos galardoados.

O 22 de Outubro, na librería Nós, **Manuel Suárez Suárez**, secretario do Patronato da Cultura Galega, de Montevideo, falou sobre *Galicia no Uruguai: de El Viejo Pancho ao Patronato da Cultura Galega*, apresentando o libro editado por



Homenage a Curros ao pé do seu monumento (1983). Esquerda: Rivadulla, Tomás Barros, Víctor F. Sampedro, Xulio Valcárcel. Dereita: Seoane, Villar, Fernán-Vello, Valcárcel.

aquela entidade da emigración *El Viejo Pancho: un gallego en la poesía nativista oriental*, de **Pedro R. Barreiro**.

Xavier Alcalá fala, o 28 de Novembro e na Caixa, sobre *A revolución electrónica*.

O 5 de Decembro presenta-se no local social do FACHO o libro *Pacífico Sul*, polo presidente da entidade promotora, **Gustavo Santiago Valencia** e por **Xoán I. Taibo**, **Xosé Ramón Díaz Sánchez** e **Román Raña Lama**, autores dos relatos contidos no tomo, gañadores do V Concurso Modesto R. Figueiredo, do Patronato do Pedron de Ouro.

1981

O 30 de Xaneiro, **Felipe Arias Vilas**, director do Provincial de Lugo, fala, na Caixa, sobre *Os museos de Galicia e a súa problemática*, presentado polo directivo **Fernando López-Acuña López**.

Sob pretexto do IV centenario do pasamento de **Luís de Camões** e tamén do centenario de *Follas Novas* de **Rosalía** e *Aires da miña terra* de **Curros** (todos tres eventos do ano anterior), e máis para facermos público recoñecemento da doación, polo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, de 250 volumes, constitutivos dunha pequena biblioteca-piloto portuguesa, incorporada á nosa Biblioteca Castela (outros 65 volumes foron-nos doados meses despois pola Fundación Gulbenkian, tamén de Lisboa), O FACHO organizou, entre o 1 e o 13 de Febreiro, na sala de exposicións da Casa da Cultura, a *Mostra do Livro Luso-brasileiro* (na que a presenza do Brasil foi apenas testimonial, pola nula resposta da súa Embaixada en Madrid e mercé á cesión temporal de parte da súa biblioteca brasileira por **Carlos Sixirei**, de Xavestre-Trazo).

Mais non só foi a Mostra (que, despregada por 14 vitrinas horizontais e ilustrada con fotografías gran-tamaño e cartaces, supuxo un esforzo sen precedentes e contou con outras invalorable axudas, a salientar a da librería Couceiro, de Compostela, e a do propio director da Casa da Cultura, á vez que tivo un mercado eco nos meios,

mesmo na rádio e na televisión portuguesas, e houbo de ser prorrogada dous días), senon o ciclo de actos que se realizaron no seu marco, oficialmente clausurado polo embaixador de Portugal en Madrid, **João de Sá Coutinho Rebelo Sotomaior**, conde de *Aurora*, e que foron os seguintes:

1. Día 1. *A ascendência galega na literatura portuguesa: de Camões a Pessoa*, de **Alfredo Guisado** a **Augusto Abelaira**, por **José António Fernandes Camelo** (leitor de Português na Universidade compostelá).

2. Día 3. *Área lingüística galego-portuguesa: unidade e diversidade*, por **José Luís Rodríguez Fernández**.

3. Día 5. *Leitura*, por **M.^a Teresa da Silva Evangelista**, de poemas dos autores portugueses **Camões**, **Júlio Dinis**, **Teixeira de Pascoais**, **Cesário Verde**, **Pessoa**, **Eugénio de Andrade**, **António Gedeão**, **José Afonso**, do angolano **Geraldo Bessa Vitor** e do brasileiro **Thiago de Mello**.

4. Día 10. *Cultura popular e culturas africanas no Brasil*, por **Carlos Sixirei Paredes**.

5. Día 11. *España e Portugal nas orixes da literatura galega moderna*, por **Ricardo Carballo Calero**, na sesión de clausura presidida polo embaixador, o presidente do FACHO e o alcalde en funcións da Coruña.

O 25 de Febreiro, na Caixa, tivo lugar a presentación, polo propio autor e polo presidente da Agrupación, dos álbums de **Siro Coas Raíces na terra** e **Homes e mulleres**, falando o debuxante ferrolán sobre *O humorismo en Galiza*.

Na Delegación de Cultura, **Constantino Rábade Castiñeira**, falou, o 26 dese mesmo mes, sobre *Evidencia e actualidade do fenómeno OVNI*.

No noso local social celebra-se o ciclo *Colóquios coa Mocidade*, dirixido nas tres primeiras sesións polo presidente do FACHO, de acordo co seguinte calendario:

1. Marzo, 11. *A parella*.
2. Marzo, 17. *Parella e convivencia*.
3. Marzo, 25. *Parella e reprodución*.
4. Abril, 1. *O desencanto*, presentado por **Manuel Miragaia**, consistiu nunha mesa-redonda

coa participación de representantes de organizacións xuvenís, por esta orde: **Pilar Senén** e **Alberto Valín** (independentes), **Miguel Pellicer** (XCG), **Enrique Pena** (UCD), **Estanislao Fontenla** (MGR), **Carlos Marcos** (NN.GG. de AP), **Carlos Aller** (CNT) e **Camilo Rodríguez** (independente).

5 Abril, 15. *Iniciación à comprensión da música clásica*, por **Antón de Santiago**.

6. Maio, 6. *O movemento ecoloxista*, por **Manolo Fraga** (Natureza).

O 13 de Marzo, na Caixa, **Manuel González Vidal** fala sobre *Historia da Galicia pesqueira*.

As II Xornadas do Rexurdimento comezan o 15 de Maio coa charla que o secretario da Agrupación dá, na Caixa, sobre *Os nomes das ruas da Coruña*.

Como segunda xornada, o 17 de Maio descubriuse, no primeiro andar do número 126 da rua do Orzán, unha placa co seguinte texto:

*Aquí naceu
Andrés Gaos Berea
1874-1959
figura universal do
nacionalismo musical galego
Agrupación Cultural O FACHO
18 Maio 1981
Día da Nosa Fala*

Despois dunhas palabras do presidente da Agrupación, a Banda Municipal da Coruña interpretou a peza de **Gaos** e **Rosalía Castro** *Rosa de abril* e máis o noso hino. Desde Buenos Aires, o fillo do maestro **Gaos** remeteu-nos cordialísima carta de agradecemento.

Seguen as Xornadas o 18 coa mesa-redonda, tamén na Caixa, *Por uns medios de comunicación galegos*, na que participaron, moderando o vicepresidente do FACHO, **Xosé Luis Castro** (televisión), **Manuel Rivas** (xeral), **Cándido Barral** (rádio) e **Xosé Antón Gacío** (imprensa); sendo esta a segunda que se fai sobre o tema (a primeira fora precisamente un ano atrás).

O 5 de Xuño ten lugar, no local social, a entrega dos premios do noso habitual concurso de contos.

Finalizan as Xornadas o 11 de Xuño cun novo recital de poemas portugueses, esta vez na Caixa, na voz da mesma **M.^a Teresa da Silva Evangelista**, agora con obras de: **Fernando Pessoa** e os seus heterónimos, **Eugénio de Andrade**, **José Régio**, **António Gedeão** e **José Afonso** (Portugal), **Thiago de Mello** (Brasil), **Geraldo Bessa Vitor** (Angola), **Ovidio Martins** (Cabo Verde) e **Francisco José Tenreiro** (São Tomé), nun total de 22 poemas.

O 23 de Xullo ten lugar, na aula Lume, a presentación por **Xavier Seoane** do libro de **Manuel Miragaia**, *Xénese e apocalipse*.

O 7 de Novembro e no Hotel Atlántico, organizada por *La Voz de Galicia* e O FACHO e coordinada polo noso vicepresidente, tivo lugar a mesa-redonda *O idioma galego e a radio*, na que participaron **Juan Monge** (R. Galicia, Cad. SER, Compostela), **Benito Vázquez** (R. Cadena Española), **Manuel Pedro Barreira** (RNE) e **Víctor F. Freixanes** e **Xúlia Díaz** (ambos de R. Popular, Cad. COPE, en Vigo e Ferrol, respectivamente). As intervencións, transcritas por **Torre Cervigón**, foron publicadas a toda plana en LVG do 19 seguinte.

No teatro Luís Seoane, o 21 de Decembro, celebra-se a entrega dos premios do noso concurso de poesía coa lectura dos poemas premiados, realizada por actores da compañía titular da sala, e precedida por una conferencia de **Manuel María**, sobre *Vision da poesía galega contemporánea, desde a posguerra até os nosos días*.

1982

O 28 de Xaneiro presenta-se no local social o cassette *Puff*, con música e xogos infantís galegos adaptados ao programa de preescolar, acompañado dunha guía didáctica, todo da autoría de **Carmen López Taboada** e **Manuel Rico Verea**, con música do Grupo *Fuxan os Ventos*, un

de cuxos integrantes, **Mini**, estivo presente no acto xunto con **M. Rico**.

Unha homenaxe ao poeta rianxeiro levou-se a cabo o 1 de Febreiro na sala Luís Seoane, organizada por nós e a cargo do *Grupo Tesis*, consistente nunha lectura de poemas de *De catro a catro* e na proxección do filme curto *Manuel Antonio*, de **Xosé Antón Jiménez**, con intervencións de **Santiago Prego** e **Xavier Villaverde** sobre *Os problemas do cine en super-8 e do cine galego en xeral* e *Manuel Antonio o aparecido*, respectivamente.

No Coléxio Maria Barbeito, do Ventorrillo, e suspiado pola Comision de Cultura da Asociacion de Pais de Alunos, levou-se a cabo, organizado polo FACHO, nos meses de Febreiro e Marzo, o ciclo Cultura para todos, proxectado para os bairros da cidade, co seguinte calendario:

1. Febreiro, 12. *História da Coruña*, polo noso vicepresidente.
2. Febreiro, 19. *Sexoloxia e reproducion*, polo presidente da Agrupacion.
3. Marzo, 12. *Os instrumentos tradicionais galegos*, por **Fernando López-Acuña López**.

Este ciclo, que aqui quedou interrompido por razons alleas ao FACHO, repetiu-se nalguns outros bairros. Consta-nos, por exemplo, que na Asociacion de Viciños dos Mallos-S. Familia-Estacion se impartiu a charla número 2 o 16 de Marzo.

O 1 de Marzo, cabodano do escritor mindoniense, O FACHO, A. C. A. Bóveda, Escola Dramática G., Luís Seoane e Tesis organizan, naquela Sala, unha *Evocacion de Cunqueiro*, con dúas conferencias de **Manuel Rivas** e **Xosé-M.^a Dobarro Paz** e a representacion de *A noite vai como un río*, dirixida por **Xosé Redondo**.

Cultura galega e empresa foi unha mesa-redonda organizada o 5 de Marzo na Caixa con: **Isaac Díaz Pardo** (Cerámicas do Castro), **Manuel Caamaño Suárez** (Ed. Escola Aberta), **Xulián Maure** (Eds. Xerais de Galicia), **Felipe Senén** (Promocións Culturais Galegas) e **Uxio Fernández** (Ed. Ruada), apresentados polo noso presidente.

No Centro Fonseca, organizamos, o 30 de Marzo, a conferencia do portugués **Aníbal Pinto de Castro** sobre *Eça de Queirós e a narrativa portuguesa do seu tempo*.

Iniciando cedo as III Xornadas do Rexurdimento, na Caixa, o 23 de Abril, **Xosé Ramón Barreiro Fernández** falou sobre *Os pronunciamentos do século XIX e o levantamento galego de 1846*.

A iniciativa nosa, o Concello da Coruña coloca, no vestíbulo do Teatro Rosalia Castro, o 25 de Abril e no marco da I Festa da Poesia, unha placa co seguinte texto:

Promovidos por
José Pascual López Cortón
celebraron-se aquí o 2 de Xullo de 1861
os primeiros XOGOS FLORAIS DE GALIZA
que deron lugar ao Album de la Caridad
fitos fundamentais do Rexurdimento
cultural e da nosa conciencia nacional.
Concello da Coruña, 25 - Abril - 1982

O 14 de Maio, seguindo as Xornadas, **Xosé Manuel Beiras Torrado** fala, na Caixa, sobre *Nacionalismo e economía galega*.

O Día da Nosa Fala realizan-se dous actos:

1. Descubrimento, polo noso presidente, no número 21 da rua Juana de Vega, e lembrando que ese ano se cumpriran, o 20 de Decembro, os 75 da estreia pública do noso hino na Habana, dunha placa do teor seguinte:

Aquí morou
os seus derradeiros anos o poeta
Eduardo Pondal
1835 - 1917
autor da letra do
Hino Nacional Galego
Homenaxe da Agrupacion Cultura O FACHO
18 de Maio Día da Nosa Fala 1982

O actor **Andrés Rey** recitou, no lugar, uns poemas, como adianto do

2. Recital de poemas do bardo bergantiñán, en total 31, por dito actor, na Delegación de Cultura.

Seguen-se as Xornadas coa presentación (prevista en principio para o 31 de Maio), o 14 de Xuño, na Sala L. Seoane, do noso volume *Teatro para nenos. Premios de teatro infantil O FACHO*.

Como último acto destas Xornadas, hai que reseñar a entrega de premios do noso concurso de contos, realizada no noso local social o 18 de Xuño seguinte.

Entremédias, tamén en Maio, celebrárase, organizado por nós e outras cinco entidades —Alexandre Bóveda, A.G.A.L., A.S.-P.G., Ateneo e Escola Dramática— a *Homenaxe Nacional ao Profesor Ricardo Carballo Calero*, que se distribuíu por outros tantos locais, a saber:

1. Día 19. *Algunhas consideracións sobre o labor lingüístico do Profesor Carballo Calero*, por **José Martiño Montero Santalha** (no Ateneo).

2. Día 21. *Carballo Calero como crítico literario*, por **Francisco Rodríguez Sánchez** (Delegación de Cultura).

3. Día 24. *Leitura de textos de Ricardo Carballo Calero*: poéticos (por **Araceli Herrero Figueroa**) e teatrais (por Escola Dramática), introducidos por **Xoán C. Verdini Deus** (Teatro L. Seoane).

4. Día 25. *O mito do enxebrismo*, por **Jenaro Marínhas del Valle** (Ateneo).

5. Día 27. *Pondal, profeta do iberismo*, polo propio **Ricardo Carballo Calero**. E como adhesión á nosa lembranza do poeta da Ponte-Ceso (Caixa Galicia).

6. Dito día. Ceia-homenaxe nun restaurante de Riazor, ofrecida polo noso presidente no nome dos organizadores e materializada nunha artística peza do ceramista **Francisco Pérez Porto**, dando-se lectura ás máis de 250 adhesións de toda a parte.

O 22 de Xuño, no noso local ten lugar un coloquio en torno á traxectoria e perspectivas do se-

manario *A Nosa Terra*, con responsábeis do mesmo.

No acto de entrega de diplomas aos alumnos do curso corrente de idioma, pronuncia, na sede do Ateneo, o 15 de Xullo, unha conferencia sobre *A poesía portuguesa de vangarda e a súa relación coa galega*, **Francisco Salinas Portugal**.

O 22 de Outubro, **Gonzalo de la Huerga Fidalgo** fala, na Caixa, sobre *A Administración territorial na Galicia autonómica*.

Entre o 25 de Outubro e o 10 de Decembro deste ano, durante 7 semanas e no paraninfo do Instituto Da Guarda, desenvólvese o *Seminario de Divulgación Cultural O FACHO*, de unha hora diaria e co seguinte calendario:

1. Outubro, 25 a 29. *Arqueoloxía e antropoloxía galegas*, por **Felipe Senén López Gómez**.

2. Novembro, 2 a 5. *Arquitectura popular galega*, por **Manuel Caamaño Suárez**.

3. Novembro, 8 a 12. *Belas Artes*, por **Xavier Seoane Rivas**.

4. Novembro, 15 a 19. *A poesía galega*, por **Luciano Rodríguez Gómez**.

5. Novembro, 22 a 26. *Miscelánea*:

Día 22. *As alternativas enerxéticas na Galiza*, por **Xavier Alcalá**.

Día 23. *Percorrido histórico pola Coruña I. (até o século XIX)*, polo vicepresidente da Agrupación.

Día 25. *Glosa do teatro galego: desde as orixes á mostra de Ribadavia*, por **Francisco Pilla-do Mayor**.

Día 26. *Ecoloxía e protección da natureza*, por **Víctor Miguel Rodríguez**.

6. Novembro, 29 e 30. *As orixes do cine mudo*, por **Luis Quiroga Valcarce**.

Decembro, 1 a 3. *Orixe, desenvolvemento e situación actual do cinema galego*, por **Miguel Castelo Agra**.

7. Decembro, 6 a 10. *Xeografía e Historia de Galiza*:

Día 6. *Percorrido histórico pola Coruña II (século XX)*, polo mesmo que o 1.

Día 7. *História moderna*, por **Alberto Martínez López**.

Días 9 e 10. *Xeografía de Galicia*, por **Augusto Pérez Alberti**.

O 19 de Novembro ten lugar, no Instituto Da Guarda e no marco do noso I Seminario, na semana dedicada a dito xénero literario, a entrega de premios do concurso de poesía O FACHO.

O 24 de Novembro, na Caixa, **Xosé Sesto López** presentado polo noso presidente, falou sobre *Alexandre Bóveda*.

O 14 de Decembro, tamén na Caixa, **Ramón López-Suevos** falou sobre *Aspectos diferenciais do colonialismo na Europa Occidental*.

1983

O 27 de Xaneiro, na Caixa, **Antón Avilés de Taramancos**, presentado polo noso presidente, falou sobre *Vivencias de Colombia en poemas galegos*, referindo-se principalmente ao seu libro inédito *Cantos caucanos*.

O 23 de Febreiro, **Cipriano Jiménez Casas** fala-nos, na Caixa, sobre *A fase terminal da vida: sabemos morrer?*

O 24 de Febreiro, en colaboracion coa Tratoría Fratelli, oferece-se ali un recital poético a cargo de **Ánxeles Penas, M. A. Fernán-Vello, Xúlio Valcárcel e Xosé Devesa**.

Na Caixa, o 22 de Marzo, **Eliseo Miguélez** fala sobre *Impacto do ingreso no Mercado Común sobre o agro galego*.

Do 13 ao 25 de Abril estivo aberta, na aula da Caixa, a mostra: **Siro e Xaquín Marín: dibuxos de humor**, que se organizou coa nosa colaboracion e foi inaugurada por unhas palabras de **Domingo García-Sabell** e unha conferencia de

Clodio González Pérez sobre *O humorismo gráfico galego até os nosos días*.

Patrocinado polo Concello e na sua sala de exposicions, organizamos, o 29 de Abril, como *Homenaxe à Galicia traballadora*, con motivo do 1 de Maio, un recital poético con **M. A. Fernán-Vello, Lino Braxe, Manuel Rivas, Xavier Seoane, Xúlio Valcárcel e Xosé Devesa**.

O 26 de Abril, na Caixa, ten lugar a conferencia de **Fidel Vidal** sobre *As condutas suicidas*.

O 16 de Maio ten lugar, na aula Lume, a presentación, polo noso presidente, **Felipe Senén**, o noso directivo **M. A. Fernán-Vello** e o propio autor, do libro *Alba de auga sonámbula*, de **Xúlio L. Valcárcel**.

Xa no marco das (IV) Xornadas do Rexurdimento, cumpre mencionar a colocación, no baixo do número 14 da Rua Santo Agostiño (por lamentábel error a mesma foi colocada na casa contígua, número 16), e con motivo do 150º aniversario do nacemento deste patriota galego, dunha placa do seguinte teor:

*Aqui viveu e morreu
Manuel M. Murguía
1833 - 1923
impulsor do Rexurdimento
nacional de Galiza
Agrupación Cultural O FACHO
18 Maio Día da Nosa Fala 1983*

No acto, ao que asistiron o Cronista oficial da cidade e a Banda Municipal, participaron o noso presidente e o Concellal de Cultura.

O 20 de Maio, na Dirección de Cultura (praza de Pontevedra), ten lugar a conferencia de **Xusto G. Beramendi** sobre *Pasado e presente do pensamento de Murguía*.

Para tamén comemorar o 75 cabodano de **Cu-rrros**, o 27 de Maio tivo lugar, ao pé do seu mo-

numento, un recital poético, presentado polo presidente do FACHO e apoiado polo Concello, no que participaron: **Vítor Sampedro, Lino Braxe, Enrique Rivadulla, María Díaz Vidal, M. A. Fernán-Vello, Xavier Seoane, Xúlio Valcárcel, Manuel Rivas e Tomás Barros**. Ao remate do cal, a Banda Municipal interpretou o noso hino e o coro Cántigas da Terra fixo unha oferenda floral.

O 3 de Xuño, cerrando as Xornadas, na aula da Caixa procedeu-se à entrega dos premios do noso habitual concurso de contos.

O 16 deste mes, **Antón Alonso Núñez** pronunciou, no local social, unha conferencia acerca de *Esperanto e galeguismo*, durante a cal foi apresentada a tradución de *Retrincos* de **Castelao** à língua auxiliar internacional, baixo o nome de *Vivéroj* ou *Anacos da vida*.

Seguindo cos actos de homenaxe a **Murguía** iniciados nas Xornadas de Maio, con motivo do seu 150º aniversario, no mes de Agosto, patrocinada polo Concello e a Dirección de Cultura, en cuxo local tivo lugar, celebrou-se, entre o 11 e o 20, unha *Mostra de pintura*, inaugurada coa lectura, por **José Redondo Santos**, dun texto do Cronista oficial da cidade e un concerto da Orquesta de Cámara municipal con obras de **Mozart, Bach e Groba**.

O día 16 tivo lugar un recital dos poetas: **Ánxeles Penas, María Díaz Vidal, Xúlio Valcárcel, Tomás Barros, Xosé Devesa e Álvarez Torneiro** (este na voz de **Andrés Rey**).

O día da clausura ofreceu un outro concerto, con obras de **Mozart, Soutullo e Vert, Albéniz, Fz. Caballero, Montes, Brage e A. Gundín/P. Asensi**, a orquesta de pulso e pua da Agrupación Musical Albéniz.

Na mostra participáron: **Gloria de Llano, Ánxeles Penas, Fina Mantiñán, Raquel López, Villaverde Pumar, Isolino Seoane, J. Fernández Sánchez, Tomás Barros, A. Yebra de Ares, Gancedo, José Francisco, José Luís Martínez, Manuel Caridad e Lola Artamendi**.

O 28 de Setembro, no local social, realizou-se a entrega dos premios do noso concurso de teatro.

A entrega dos premios do concurso de poesía, que tivo lugar o día 3 na Caixa, marcou o comezo da serie de actos cos que se celebrou, en Decembro, o 20º aniversario do FACHO, segundo este calendario:

1. Día 3. Entrega de premios e recital de poemas a cargo de **Bernardino Graña, Luz Pozo, S. Garcia-Bodaño, Manuel Maria, Uxio Novoneyra e Avilés de Taramancos**, coa ausencia de **Xosé L. Méndez Ferrín** (quen enviou expresiva adhesión) (Caixa), seguido de ceia onde se leron outras adhesións como as da AGAL e Alexandre Bóveda, na Galiza e o Patronato da Cultura de Montevideo e a *Hermanidad Gallega* de Caracas, na outra Galiza.

2. Días 9 a 17. Exposición fotográfica sobre a galería coruñesa con mesa-redonda alusiva, o día 14 (ver capítulo do Colectivo Edral) (Sala Luís Seoane).

3. Día 15. *As Agrupacións culturais: problemática e futuro*, mesa-redonda, moderada polo presidente do FACHO, coa intervención de **Xosé Manuel Beiras Torrado, Manuel Caamaño Suárez, Xosé Antonio Gaciño Barral e M.ª Pilar García Negro** (Caixa).

4. Día 21. Inauguración, no noso local, da mostra, que días antes se despregara no escape-rate da librería Colón, co material gráfico producido polo FACHO neses vinte anos (publicacións e folletos de toda índole).

5. Día 23. Concerto de música folc a cargo de *Derradeiro Duan* (ver Colectivo Edral) (Salesianos).

6. Emisión dunha peza de cerámica alusiva.

Nota. O libro *Contos dos nenos galegos*, presentado aínda seis meses despois, viña a marcar o colofon deste 20º aniversario.

Cumple salientar o tratamento que *La Voz de Galicia* e *Antena-3* prodigaron à celebración (ver capítulo correspondente).

1984

O 25 de Marzo O FACHO planta un carballiño —de vida efémera— nos Xardíns de Méndez Núñez, en lembranza do poeta uruguaiano **Julio J. Casal**, o seu libro *Árbol* e a súa revista *Alfar*, en cuxo acto participan **Miguel González Gar-**

cés e **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**, glosando vida e lendo alguns dos poemas, como o que segue, traducidos ao galego e publicados na ocasión polo FACHO. Aderiron à celebración ADEGA e Natureza:

O carvalho

*Apousei a cabeza
no tronco
do carvalho... Descia-me
até o espírito
o celme de umha música de estrelas.
Dentro do tronco havia
umha garganta de cristal:
Cantava
desenfiando-se, um colar de pedras
de países lonjanos.
Era um balbor de festa.
Umha ledize
de áuga e raíz.
Um esfregar de pálpebras de pétalas
de recendos recém amanhecidos.
O tronco era um oco de séculos,
umha buguina de ecoar antergo.
Os páxaros já mortos
do jardim
retornaram à vida.
Gaiola rechoucheira era o carvalho.
E eu sentia no ouvido
um tremor de penugens
e um alvoroço colegial de bicos.*

No 5.º cabodano de **Luís Seoane** vários colectivos da Coruña e de Ferrol, O FACHO entre eles, e o Museu Carlos Maside, coa apoio da Deputación Provincial e da Consellaría de Educación e Cultura, organizan un ciclo que se desenvolve no mes de Abril, do seguinte xeito:

1. Día 3. *Mostra homenaxe dos artistas galegos a Luís Seoane* (La Terraza): **Xúlio Maside**, **Santiago Mayer**, **Xusto Moreda**, **Ánxeles Penas**, **Reimundo Patiño**, **Felipe Criado**, **Eládio Mosquera**, **Felipe Senén**, **Xaquín Marín**, **J. Fernández Sánchez**, **Lola Padín**, **Fermin Encinar**, **Perfecto Estévez**, **Lago Rivera**, **Tomás Barros**, **Manuel Torres**, **Pérez Carballo**, **Fina Mantiñán**, **Manuel Moldes**, **Prieto Nespereira** e **F. Pérez Porto**.

2. Dito día. *Introdución à obra e pensamento de Luís Seoane*, por **Ricardo Carballo Calero**, no mesmo local.

3. Día 4. *Luís Seoane e o teatro*, por **Francisco Pillado Mayor**, seguido de *O irlandés astró-*

logo, de **Luís Seoane**, escenificado pola Cía. titular (Dirección de Cultura).

4. Día 5. Inauguración dunha mostra da obra gráfica, bibliográfica e deseñística de **Luís Seoane**, e mesa-redonda sobre *A cultura galega no exilio*, coa participación de **Carmen Muñoz de Dieste**, **Marino Dónega Rozas**, **Francisco Fernández del Riego** e **Domingo García-Sabell** (Museu Carlos Maside, O Castro).

Un ciclo dedicado a **Afonso X o Sábio**, no VII centenario do seu pasamento, —muito mellor traído que o académico de catro anos atrás co Día das Letras—, desenvolveu-se co seguinte guión:

1. Abril, 25. *Presencia da Coruña e de Galicia na obra do Rei Sábio*, por **Miguel González Garcés** (Dirección de Cultura).

2. Abril, 27. *A comedia humana nas cantigas de Santa María*, por **Bernardino Graña** (Dirección de Cultura).

3. Maio, 3. *A poesía profana de Afonso X*, por **Ricardo Carballo Calero** (Caixa).

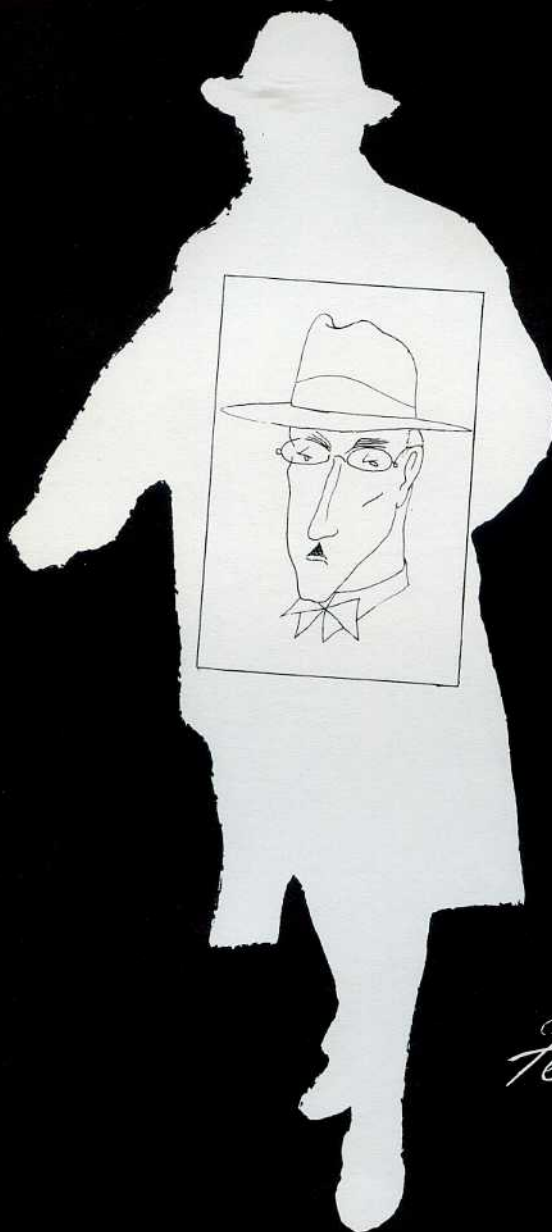
O 16 de Maio, na Aula Lume, presenta-se, polo presidente e vicepresidente do FACHO e polo directivo **Manuel Rivas** o libro *Poesía do Condado*, que recolle poemas, fotografías e gravados contemporáneos, a partir da iniciativa da Asociación Cultural O Condado, de Salvaterra do Miño, de celebrar un festival poético anual, desde 1981.

Se ben se volta a reparar, despois de varios anos, na figura designada pola Academia para dedicar-lle o Día das Letras, publicando o número 1 da *Revista Monográfica de Cultura* en torno a **Armando Cotarelo Valledor**, O FACHO participa, como integrante da Federación de AA. CC. Galegas, na realización da *I Carreira popular en defensa do idioma galego e contra a súa represión*, que parte da praza de Pontevedra o 17 de Maio.

Polos fins de Maio ou comezos de Xuño presenta-se o número 3 da revista *Escrita*, da Asociación de Escritores en Língua Galega.

HOMENAXE A PESSOA

(1888 - 1935)



CONFERENCIAS

MARIA DA GLÓRIA PADRÃO (Portugal)

«Fernando Pessoa, introdução à poesia»

ALBANO MARTINS (Portugal)

«Os herdeiros de Alvaro de Campos»

JOSÉ NOGUEIRA GIL (Portugal)

«Introdução aos heterónimos»

LUISA PENA (Portugal)

«A poética de Fernando Pessoa»

ROMÁN RANHA LAMA (Galiza)

«Pessoa, o amor, as máscaras»

FRANCISCO SALINAS PORTUGAL (Galiza)

«Alvaro de Campos e o finximento»

XOSÉ LUIS RODRIGUEZ (Galiza)

FIDEL VIDAL (Galiza)

Fernando Pessoa

A.C. O FACHO

A Coruña - Primavera 1985





Homenaxe ao galeguismo histórico (1987).

O 19 de Xuño, na librería Couceiro, o presidente e o vicepresidente da Agrupación e o membro do consello de redacción da publicación **Francisco Pillado Mayor** presentaron o citado número 1 da *Rev. Monográfica de Cult.* dedicado a **Cotarelo Valledor**.

O 20 de Xuño presenta-se, na Caixa, abrindo o acto da entrega de premios do concurso de contos, o noso libro *Contos dos nenos galegos*, cunha mesa-redonda sobre *Breve historia dunha grande fantasía: o concurso de contos do FACHO*, e *A literatura infantil*, por **Manuel Caaamaño Suárez** e **Agustín Fernández Paz**, respectivamente, precedidos dunhas palabras sobre o volume publicado, por **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**.

A continuación, os actores **Amalia Gómez**, da Cía. L. Seoane, e **Xosé Manuel Vázquez**, da Escola Dramática Galega, leron algúns dos contos do citado libro.

Entre o 18 de Xuño e o 3 de Xullo organizábase, no bar **O Patacón**, unhas *Xornadas de proxección de diapositivas*, coa participación de **Carlos Silvar**, **Luís M.**, **Vari Caramés**, **Juan Rodríguez**, **Manuel Vilarinho**, **Luís Carré**, **Arximiro**, **Santi**, **Sergio Abad**, **X. Faraldo**, **Julio Correa** e **Moncho Rama**.

O 20 de Xullo, na librería Couceiro o presidente e **Luis Rei Núñez** presentaron o libro do vicepresidente, **M. A. Fernán-Vello**, *Seivas de amor e tránsito*, que o ano seguinte alcanzara o Premio da Crítica española.

O 8 de Outubro ten lugar, no Centro Fonseca unha mesa-redonda sobre *B.U.P.: alienación ou creatividade*, coa participación de **Enrique Tello León**, **M.^a Pilar García Negro**, **Ana António Souto** e **M.^a Teresa Correa Fernández**.

O 22 de Novembro, na mesma sala, presenta-se o libro *La masonería y La Coruña*, de **Alberto Valín Fernández**, polo propio autor e **Xosé Ramón Barreiro Fernández**, precedidos na palabra polo noso presidente.

O 18 de Xaneiro, no transcurso dunha cea, ten lugar a entrega de premios do Concurso de poesía 84.

O 6 de Marzo, co Ateneu e na súa sede, organizábase unha charla, presentada polo presidente do FACHO, sobre *Técnicas de grabado*, complementada cunha demostración práctica desta arte, aberta ao público asistente, a cargo de **Manuel Facal**.

O 14 do mesmo, na Caixa, e moderada por **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**, realizábase a mesa-redonda en torno a *Centros galegos na Galiza de alén-mar*, coa participación de **Manuel Suárez Suárez**, **Antonio Santamariña Delgado** e **Manoel Riveiro Loureiro**.

Organizado polo COSAL (Comité de Solidariedade con América Latina), a Sala Luís Seoane, O Ateneu, Alexandre Bóveda e nós, realizábase un ciclo de *Solidariedade con Centro-América*, co seguinte programa:

1. Marzo, 25. Proxección dun vídeo sobre Nicaragua (Centro Fonseca).
2. Marzo, 28. Proxección dun outro vídeo sobre El Salvador (ídem).
3. Abril, 2. Diapositivas sobre Guatemala (Ateneu).

Entre o 25 de Abril (casualmente data portuguesa) e o 7 de Xuño, levou-se a cabo o ciclo de homenaxe a **Fernando Pessoa**, no seu 50.^o cabodano, dando-se a circunstancia de ser o segundo celebrado en Europa, despois do de París, o mes anterior. O calendario, cuberto con figuras portuguesas e galegas, desenvolveu-se do seguinte xeito:

1. Abril, 25. *Pessoa, o amor, as máscaras*, por **Román Ralha Lama** (no Ateneu).
2. Abril, 26. *Introdução aos heterónimos*, por **José Nogueira Gil** e *Os herdeiros de Álvaro de Campos*, por **Albano Martins** (Centro Fonseca).
3. Maio. *Fernando Pessoa: introdução à poesia*, por **M.^a da Glória Padrão**.

4. Maio, 15. *Álvaro de Campos e o finximento*, por **Francisco Salinas Portugal** (Centro Fonseca).

5. Xuño, 7. *Alguns aspectos da obra de Fernando Pessoa*, por **José Luis Rodríguez e Heteronímia e identidade, por **Fidel Vidal** (no Ateneu).**

O 25 de Xuño, no Centro Fonseca, ten lugar a mesa-redonda *As artes plásticas*, coa participación de **Laureano Álvarez**, **Fermin Encinar**, **Felipe Criado**, **Correa Corredoira** e **Xurxo Lobato**.

O 26 deste mes, na librería Couceiro, realízase a presentación do libro *Preséncias*, do noso directivo **Xavier Seoane**, coa intervención do mesmo, de **Xosé Luís Axeitos** e de **Xosé Devesa**.

O 29 de Xullo, no Salón Fonseca, presentamos o libro de **Xavier Alcalá** *Tertulia*, coa participación de **Manuel Caamaño Suárez**, **Luis Álvarez Pousa**, **Xaquín Villar Calvo**, **Xosé M. Martínez Oca**, **Ramiro Cartelle Álvarez**, **Xosé M. Monterroso Devesa** e o propio autor.

Un recital poético baixo o lema *En galego para Galiza*, e en colaboración con outros colectivos, levou-se a cabo o 19 de Outubro no Ateneu.

1986

Pola segunda volta fai-se entrega dos premios do concurso de poesía (85) no transcurso dunha cea, o 17 de Xaneiro do novo ano.

Na Caixa, é presentado, polo presidente da Agrupación, o directivo e membro do consello de redacción **Francisco Pillado Mayor** e máis polo coordinador dese 2.º número, **Xosé-M. Monterroso Devesa**, a *Revista Monográfica de Cultura. De Castelao a Bóveda*, precisamente o 29 de Xaneiro día do centenario de **Castelao** (segundo o Rexisto Civil).

O ciclo *Impacto para Galiza da entrada de España na C.E.E.* desenvólvese en nove meses, en-

tre 1986 e 1987 no Centro Fonseca, nas seguintes xornadas:

1. Abril, 9. *A política agrícola común (PAC) e as súas repercusións no campo galego*, por **Ramón Muñiz de las Cuevas**, presentado polo directivo **Andrés Salgueiro**.

2. Abril, 17. *Os mapas cor de rosa, a integración da Galiza no quadro internacional*, por **Ramón López-Suevos Fernández**.

3. Maio, 8. *Aproximación do tratado de adhesión á C.E.E. no sector pesca: a perspectiva da pesca galega*, por **M.ª do Carme García Negro**.

4. Outubro, 23. *Integración europea e militarismo*, por **Xoán I. Taibo**.

5. Novembro, 21. *Repercusión da política agrícola comunitaria na agricultura galega*, por **Eli-seo Miguélez Díaz**.

1987

6. Xaneiro, 16. *Repercusións económicas e políticas do ingreso na C.E.E. para Galiza*, por **Xosé Manuel Beiras Torrado**.

1986

O 11 de Abril ten lugar, no Circo de Artesáns, unha tertulia con **Miguel González Garcés**.

O 18 de Abril no Pazo de Mariñán, en colaboración coa Deputación Provincial, celebra-se, fruto de importante esforzo, o concerto *8 compositores galegos de hoxe*, interpretados ao piano polo francés **Jean-Pierre Dupuy**, de acordo co seguinte programa:

I

Juan Durán - *Sonata veneciana*

Fernando V. Arias - *Campás melidenses*

M. Soto Viso - *En-Re-Do*

Xavier de Paz - *Fugaz. Unha mirada ao pasado*

Paulino Pereiro - *Atlante*

II

Manuel Iglesias - *Movimento para piano*

Carlos López García - *14 estruturas para piano*

Manuel Balboa - *Cunha esquecida mistura de espellos*

Un ciclo de homenaxe a **Xohán Casal**, no seu 25º cabodano, desenvolve-se entre o 21 de Maio e o 11 de Xuño, no Teatro Luís Seoane, co-organizado por Asociación de Escritores e Mesa Cultural, de que O FACHO fai parte:

1. Maio, 21. *Xohán Casal: os froitos da névoa*, por **Anton Avilés de Taramancos** (cuxo contido enriquece a primeira parte deste volume).

2. Xuño, 11. *A figura e os recordos de Xohán Casal*, por **Manuel Maria e Alfonso Gallego Vila**.

O 22 de Maio, no Centro Fonseca, o presidente do FACHO e o directivo **Xavier Seoane** acompañando ao propio autor, presentan *Sede e luz*, de **Miguel González Garcés**.

As AA. CC. O FACHO, Alexandre Bóveda e Oza, a Escola Dramática G., a A.S.P.G., a Asociación de Escritores e o Liceo de Artesanos de Monelos, o 24 de Maio, instalan unha placa de bronce (axiña desaparecida) no pedestal do seu monumento, como desagravio a **Castelao** pola lenda en español que dito pedestal ostenta, monumento que fora inaugurado, para maior escárnio, o Día das Letras. A efémera placa dicía:

*A Castelao en desagravio
Asociacións Culturais da Coruña
Sempre en Galiza. Sempre en galego.*

No acto interveu, de maneira destacada, o noso sócio **Jenaro Marinho del Valle**, a máis de lerem-se poemas e un manifesto, e facer-se unha oferta floral.

O 20 de Xuño ten lugar, na librería Couceiro, a entrega de premios do tradicional concurso de contos.

O 29 de Xullo, conmemorando o cincuentenario do asasinato do poeta andaluz, **Bernardino Graña** disertou, na librería Couceiro, sobre *Poemas galegos e xografía en Lorca*.

O 1 de Decembro, coa colaboración da librería Couceiro, abre-se no noso local unha *Mostra*

dos fondos da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa, que permanecerá toda esa semana, acto no que **Jenaro Marinho del Valle** pronuncia as seguintes palabras:

INTERESSE E UTILIDADE DOS CLÁSSICOS

Sobre outras publicacións de inquestionável interese acerca de temas especificamente portuguesas que figuran nos catálogos da Casa da Moeda, nós, os galegos, temos de acentuar a nosa atención sobre as dedicadas aos escritores clásicos da literatura portuguesa, já que atingem marcadamente a nosa propia literatura galega. Toda literatura que se preze asenta-se sobre um seu período de madurez que apelidamos clássico e a el deve dirigir a mirada todo o que pretenda estudá-la ou ocupar um lugar no estamento das letras; mas non, de nengum jeito, para imobilizar-se nos seus esquemas e cânones estilísticos, unicamente para non se perder de si, para non outrizar-se em expressões estranhas.

Os clásicos farán na arte literaria o efecto da âncora na arte de navegar: defender o navio de ser levado à deriva polos ventos e as correntes: o que non seria de todo fatal se o levassem mar afora, por derrotas de abertos horizontes. Mas no caso galego, a onde nos levaria com toda certeza seria a bater as quadernas contra os leixões e arrecifes do romance central e centralista, protegido polo Estado espanhol, lamentavelmente segundado por umha parte da nosa intelectualidade proclive a extasiar-se na contemplación do propio embigo, atitude que bem sabemos a que conduz: à inconsciência e à catalepsia.

FALTA DE CLÁSSICOS PRÓPRIOS

Carecemos de clásicos galegos a consequência de um secular desuso literario da língua, e a carência dessa âncora estabilizadora desvia-nos cada vez mais do nosso próprio ser e sentir e fai que, a mais de um século andado desde que se iniciou o intento de recuperação literaria do galego, partindo dos resíduos dispersos e adulterados do velho romance, conservados polo povo analfabeto, ainda non contemos non já com um escritor ou umha obra senom com umha só página que poda servir de modelo a quem teime iniciar-se no cultivo da literatura em galego.

Deixando de lado emotividades que todos sentimos, temos de admitir, mesmo que doa, que os nossos maiores vultos literarios se expressaram

Ciclo - Homenaxe ao Galeguismo Histórico

(A CORUÑA - GALIZA - 1987)

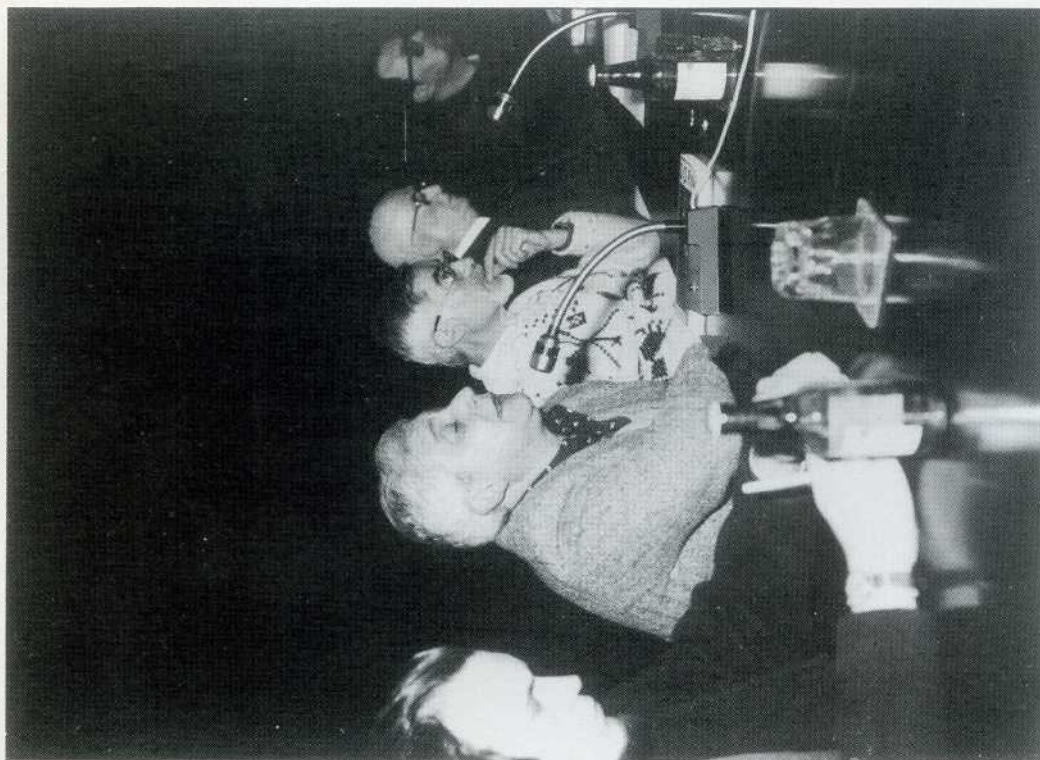


Manuel Beiras, Ramón Martínez
López, Xenaro Mariñas del Valle,
Avelino Pousa Antelo, Xaquín
Lorenzo, Ricardo Carballo Calero,
Ramón Máiz, Xavier Castro.

27, 28, 29 de maio e 4, 5 de xuño

Salón Fonseca, 20 horas

Agrupación Cultural «O FACHO»



Homenaxe a Reimundo Patiño (1987).

em língua castelhana e que em galego nom se encontram paralelos ao Padre Feijoo, Dona Emília, Valle-Inclán e actualmente um Cela ou um Torrente, todos tributários dos clássicos castelhanos.

O que daria de si a comunhão dos escritores galegos com os clássicos portugueses está por ver; mas dada a afinidade espiritual e lingüística que nos irmana com a ribeira atlântica em maior medida que com a seca meseta ibérica, cabe supor que a nossa aportação às letras galego-portuguesas nom seria de valor inferior às que levamos feito às letras castelhanas, ou, de preferi-lo, espanholas.

JUSTIFICADA APROPIAÇÃO DOS CLÁSSICOS PORTUGUESES

Qualquer que frequente umha edição crítica de algum clássico português, encontrará a pé de página abundantes notas esclarecedoras de tal-qual locução ou vocábulo que podem ser úteis ao leitor português, mas que som totalmente desnecessárias para um leitor galego, posto que permanecem vivas na fala da nossa gente. Quer isto indicar que nom estão aqueles escritores quinhentistas de Portugal mais afastados da nossa fala galega que da actual língua portuguesa e bem podemos sem reparo algum tomá-los polos nossos próprios clássicos e como âncora salvadora que nos defenda de ver quebrado o casco da nossa nau literária galega em duro embate contra os acantilados do romance central.

Sei que tudo isto desagradará a mais de um a quem soar-lhe-á como lusismo; mas nom me negará que o luso e o galego nascem de umha raiz comum, som irmaos siameses que nom podem ser separados sem sacrificar a vida de um deles, e com toda seguridade o vitimado havia de ser o galego, que nom conta com próprios órgãos vitais de cultura e depende inteiramente dos latidos do coração do outro.

O 11 de Decembro, na biblioteca citada, ten lugar a apresentação do libro *Ritual pra unha tribo capital de concello*, de Manuel Maria, coa presença do autor, de Xosé Manuel del Caño e do directivo Lino Braxe.

1987

Comeza o ano coa xa habitual entrega de prémios do concurso de poesia (86), no transcurso

dunha ceia de confraternidade, que ten lugar o 16 de Xaneiro.

O 3 de Abril, M.^a Xosé Queizán Vilas fala, no Centro Fonseca, sobre *Francisca Herrera Garrido e a literatura feita por mulleres en Galiza*, como adesión à figura que a Academia designou para lembrar o Día das Letras dese ano.

No mesmo mes, entre o 6 e o 11, ten lugar a *Exposición Homenaxe a Reimundo Patiño*, no seu segundo cabodano, organizada conxuntamente polo FACHO e a Escola Dramática Galega, cuos presidentes a apresentaron na Caixa, e que foi enriquecida polos seguintes actos:

1. Día 8. Conferencia con diapositivas, polo directivo Xavier Seoane.

2. Día 9. Mesa-redonda con Bernardino Graña, Avilés de Taramancos e Xoán I. Taibo.

A mostra, itinerante, procedia de Madrid (Centro Conde Duque) e de Vigo, e contou coa presenza do pai do malogrado criador nacionalista.

O ciclo *Homenaxe ao Galeguismo Histórico* celebra-se no salón Fonseca e coa colaboración de Caixa Galicia, entre o 27 de Maio e o 5 de Xuño, de acordo co seguinte calendario:

1. Maio, 27. Mesa-redonda con Manuel Beiras (*Experiencias persoais no galeguismo*), Ramón Martínez López (*A pretensión galeguista de modernidade e universalidade*) e Jenaro Marín del Valle (*A gestación da Mocidade Galeguista na Coruña: 1933*).

2. Maio, 28. Mesa-redonda con Avelino Pousa Antelo (*As Mocidades Galeguistas e o nacionalismo*) e Xaquín Lorenzo (*O pensamento da xeración Nós*).

3. Maio, 29. *Ruptura e continuidade no galeguismo histórico* (Do século XIX à Xeración Nós), por Ramón Maiz Suárez.

4. Xuño, 4. *A identidade específica do galeguismo no século XX*, por Xavier Castro.

5. Xuño, 5. *Os deputados galeguistas. Lembranças persoais*, por Ricardo Carvalho Calero.

O 9 de Marzo, na librería Couceiro, **Xosé Luis Axeitos** e **Xúlio Valcárcel** presentan o libro de **Xavier Seoane** *O canto da terra*.

O 7 de Abril inician-se para se deter o 1 de Decembro as *Tertulias dos Xoves no FACHO*, nas que, durante estes catro anos, viñeron participando numerosos invitados, a maior parte da cidade, sobre os máis diversos temas, en torno aos cales o público habitual adoita dialogar co invitado de turno. Até agora, ano a ano, pasaron polo noso local social:

1. Abril, 7. **Manuel María** (desde Monforte).
2. Abril, 14. **Isaac Díaz Pardo**.
3. Abril, 21. **Alfonso Pereyra** (*As orixes de Galiza*).
4. Abril, 28. **Xosé Ramón Barreiro Fernández**.
5. Maio, 5. **Constantino Cabanas**.
6. Maio, 12. **Siro**.
7. Maio, 19. **Carmen Muñoz de Dieste**.
8. Maio, 26. **Xaquín Villar Calvo**.
9. Xuño, 9. **Xavier Alcalá**.
10. Xuño, 16. **Felipe Senén**.
11. Xuño, 23. **Manuel Lourenzo**.
12. Xuño, 30. **Marcelino Liste Buján**.
13. Setembro, 1. **Miguel González Garcés** (*A Coruña, 1589*).
14. Setembro, 8. **Antonio Santamariña Delgado**.
15. Setembro, 15. **Agustín Hervella** (*A Coruña e a ópera*).
16. Setembro, 22. **Manuel Caamaño Suárez** (*As xeracións galeguistas da posguerra*).
17. Setembro, 29. **Xosé Luís Martínez Suárez**.
18. Outubro, 6. **Manuel Vidán Torreira**.
19. Outubro, 13. **Alberto Valín Fernández**.
20. Outubro, 20. **Francisco Pillado Mayor**.
21. Outubro, 27. **Alfonso Eyré** (*A Nosa Terra*, desde Vigo).
22. Novembro, 3. **Lluís V. Aracil** (desde Barcelona).
23. Novembro, 10. **Ramón Otero Pedrayo** na súa voz (audición do seu discurso do 27-9-75, en Rianxo, como adhesión ao seu centenario, en que se lle dedicou o Día das Letras).

24. Novembro, 17. **Luis Pérez** (*Eduardo Blanco-Amor no Río da Prata*).

25. Novembro, 24. **Alfonso Mascuñana Bordas** (COSAL).

26. Decembro, 1. **Jenaro Marínhas del Valle**, A quen se agasalla sob pretexto do seu 80º aniversario, e con quen se clausura este primeiro ciclo de tertulias.

No interin houbera outras actividades, como o 2 de Maio, en que se apresentou, na librería Couceiro e por **Pilar Pallarés** e o presidente do FACHO, o libro coeditado por varias entidades *Muiñeiro de brétemas* (2.ª ed.), de **Manuel María**, quen tamén estivo no acto, e cuxo colofon di:

*As Agrupacións Culturais da Galiza
encuadradas na Federación de Asociacións
Culturais Galegas
e particularmente:
Alexandre Bóveda e O Facho, da Coruña,
Francisco Lanza, de Ribadeo e
Castelao, de Monforte de Lemos,
renden homenaxe
ao poeta da pátria
Manuel María
con esta 2.ª edición de
«Muiñeiro de Brétemas»
o seu libro primeiro
que saí do prelo de O Castro-Moret
no Castro de Samoeiro (Oseido-Sada)
o 26 de abril de 1988
aniversario dos Mártires de Carral*

O 10 de Xuño tivo lugar na Caixa a entrega de premios do concurso de contos, coa presenza de **Siro** e **Joán Guisám**, que fixeron uso da palabra, previo o cal o presidente do FACHO tivo unha lembranza para **Claudio Sanmartín** e para **Ben-Cho-Shey**, recén mortos.

Este 25 de Xullo inaugura-se o hábito de presentar unha oferenda floral diante do monumento a **Castelao** (tal día e máis o 30 de Xaneiro de cada ano) coa lectura dun manifesto, previamente remitido aos medios de comunicación, e a interpretación polos presentes do hino, aos sons de unha ou de varias gaitas.

Este acto no Día da Pátria fai-se à tardiña, para non cadrar coas celebracións de Compostela e, sobretudo, para irmos criando o costume nas máis cidades e vilas que, como a nosa, non venñen prestando à data atención algunha.

Chegadas as datas do 25º aniversário do FACHO, desenvolve-se unha serie de actos, ben máis modestos que os do 20º aniversario, que foron como segue:

1. Recital de poetas galardoados nos nosos concursos 1978-87, no que participaron: **Manuel Rivas, Pilar Pallarés, Imma A. Souto, Luís Peireiro, Andrés F. Places, Rivadulla Corcón e Lino Braxe**, precedidos polos poetas premiados no concurso 88, a quen se lles entregaron os galardons nese acto, no que se tivo unha lembranza para **Eusebio Lorenzo**, prematuramente malogrado, figurando no programa de man o seu poema *Cunheiro*.

2. Seguiu-se o recital dunha ceia de irmandade, onde se leron as adesions recibidas de: **Xaquín Villar, Xavier Alcalá, A Nosa Terra, Cesáreo Sánchez, AGAL, M.ª Pilar García Negro, INTG, UTG, Comité local do PSG, AS-PG, Consello comarcal do BNG, Ateneo da Coruña e A.C. Alexandre Bóveda**, cuxos presidentes acompañaron ao noso, que dirixiu aos moitos e cualificados asistentes as seguintes palabras:

Queridos amigos:

Se comemorar significasse meramente evocar un pasado orgulhando-se de tê-lo, como quem tem unha lousa enriba de unha sepultura, eu renegaría da palabra e do concepto. Se co-memorar, polo contrario, significa co-lembrar, fazermos memoria em comum sobre um passado honroso, para, a continuacão, reflexionarmos sobre um presente baixo mínimos e sobre as possibilidades de um futuro melhor, de aquela nom terei, como creio que nom teremos todos, inconveniente algum em reconhecer que hoje estamos reunidos, em gozosa comensalia, para celebrarmos os primeiros 25 anos da nossa entranhável «Agrupacion Cultural O FACHO».

O pasado está aí e conhecede-lo todos: O FACHO fíxo-se acreedor a figurar, e digo-o sem temor a ser acusado de hiperbólico, entre os fitos que marcam o historial patriótico da Coruña moderna; si, O FACHO pode, folgadoamente, ocupar um lugar entre as múltiples lições de amor pola liberdade, de democracia ou de galeguismo, de nacionalismo (galego) em suma, que esta cidade tem repetidamente impartido.

E fíxo-se merecedor disso por ser facho e guieiro, despertador e canto da conciencia galega da Coruña e da Galiza mesma: Quem, se nom, começou, e em pleno franquismo, com os cursos de idioma e com os concursos literários dirigidos aos cativos? Quem, se nom O FACHO, manteve unha apreciável trajetória teatral e radiofónica — «Da terra e dos tempos» —, ou promoveu outras artes como a música e o desenho em cómic? Quem, se nom O FACHO, pulou a habitualidade das conferencias na nossa língua nacioal ou foi o primeiro em organizar, em galego, grupos infantis e juvenis?

Tudo isto seja dito sem desmerecimento dos mais que, com o tempo, nos acompanhãrom neste labor iniciado em solitário; e tamém permita-se-nos aos actuais directivos em

cujo nome falo, prezar-nos de algo que foi realizado por outros mui anteriores a nós, o que nos redime da provável qualificação de egolatria ou autocomplacência...

Este, o pasado. A respeito do presente, digamos, de unha vez, o que todos sabemos: que nom está á altura daquel: as circunstancias son outras, mas nom estamos aquí para justificar-nos. Só lamentaria a inexistência dentro da nossa organizacão de um grupo juvenil como foi «Edral», sem cujo colectivo a soluçom de recambio —ou, melhor, de auto-revoluçom cultural— nom é possível: assi, vemo-nos limitados a manter —teimudamente, isso si, e sempre na brecha— as posiçoms logradas, mas sem fazermos o avanço imprescindível nesta guerra de resistência contra unha administracão prepotente e anti-galega como a ninguém se lhe oculta. Por isso nom era cousa de hoje exceder-nos na celebraçom.

E por isso vos estímulo, a sócios e amigos, para que ache-guedes as vossas gentes mais novas às nossas actividades. O futuro, está claro, será digno de ser vivido como agrupacão cultural na medida em que respondamos ao reto dos tempos: incidirmos na mocidade e que ela mesma escolha a ferramenta mais eficaz para conseguirmos entre todos unha Coruña mais galega e unha Galiza mais consciente de si.

Isto é algo que queria hoje expressar, pedindo-vos desculpas polo tempo roubado ao lezer, e aproveitando a ocasião para constatar a minha gratitude pessoal a esta equipa imelhorável, com cujo esforço conjunto O FACHO está «mantendo o tipo», e a todos os presentes, nomeadamente aos nossos sócios protectores, amigos que nos alentades em labor tam grato e ingrato à vez.

Máis nada.

3. Como se recolle no capítulo correspondente, mandou-se facer un pratiño de Sargadelos e editou-se un auto-adesivo con estrofe de **Celso-Emílio Ferreiro**.

4. Tornou-se a montar, esta volta na libreria Couceiro, e do 5 ao 25 de Decembro, unha exposicion do noso material gráfico semellante à de cinco anos atrás.

Nota. O libro *Concurso Nacional de Poesia O FACHO, 1978-1989*, comemorativo da data, non sairá até Xaneiro de 1991.

Entre a atencion que os meios de comunicacion nos prestãron, debemos salientar *La Voz de Galicia* e *Diario de Galicia*, con reportaxes alusivas à data; e a Caixa agasalhou-nos cun artístico cruceiro.

1989

Inauguran-se as actividades deste ano coa apresentacion do libro de **Manuel Caamaño Suárez** *Sobre Galicia como responsabilidade*, acto que tivo lugar na libreria Nós o 19 de Xaneiro, protagonizado polo autor e por **Isaac Díaz Pardo** e



Libreria Colón (1983).



Libreria Couceiro (1988).

Marino Dónega Rozas, editor e dedicatário dunha obra na que O FACHO ocupa un lugar de preferéncia tal que o faría merecente de figurar entre as nosas publicacións polas múltiples referéncias á Agrupación, da que o autor foi presidente tantos e tan proveitosos anos.

O 30 de Xaneiro celebrámos, pola primeira volta, o Día de Castelao, instituído por nós, coa oferta floral, lectura de manifesto e interpretación do hino que xa iniciáramos o 25 de Xullo anterior.

Inicia-se o 9 de Febreiro, para rematar o 30 de Novembro, a segunda xeira de *Tertulias dos Xoves no FACHO*, co seguinte calendario:

27. Febreiro, 9. **Antón de Santiago** (*O entroido coruñés*).

28. Febreiro, 16. **Jurjo Torres Santomé**.

29. Febreiro, 23. **Manuel Suárez Suárez** (*A emigración*, desde Compostela).

30. Marzo, 2. **Manuel Gallego Jorrito** (*A arquitectura galega hoxe*).

31. Marzo, 9. **Xoán C. Verdini Deus** (*A problemática universitária*).

32. Marzo, 16. **Pablo Porta Martínez** (*Castelao artista*, desde A Estrada).

33. Marzo, 30. **Xosé Manuel Rabón Lamas**.

34. Abril, 6. **María Díaz Vidal** (*O amor na literatura*).

35. Abril, 13. **Xosé Luís Axeitos** (*Literatura social galega*).

36. Abril, 20. **Luis Pita** (*O mundo das comunicacións*).

37. Abril, 27. **M.^a Pilar García Negro** (*O idioma segue sendo un problema*).

38. Maio, 4. **Xosé Chao Rego** (*A Igrexa na Galicia de hoxe*).

39. Maio, 11. **Uxío Fernández** (revista *Economía Gallega*).

40. Maio, 18. **Xavier Seoane** (*Arte galega contemporánea*).

41. Xuño, 1. **Xosé Luís Martín Freire** (*O sindicalismo na Galiza hoxe*).

42. Xuño, 8. **Carlos Vales** (ADEGA: *Os bosques galegos*).

43. Xuño, 15. **Laura Lizancos** (*O que é a grafoloxía*).

44. Xuño, 22. **Gonzalo de la Huerza Fidalgo** (*A problemática da Justiça no noso país*).

45. Outubro, 5. **Xulio Valcárcel** (*Antonio Machado e nós: homenaxe no seu 50º cabodano*).

46. Outubro, 19. **Xosé M.^a Bello Diéguez** (*Estado actual da arqueoloxía entre nós*).

47. Outubro, 26. **Francisco X. Fz. Naval** (SGHN: *A problemática dos incendios en Galicia*).

48. Novembro, 2. **Miguel Castelo** (*Flash-back e panorámica actual dun nonnato cine galego*).

49. Novembro, 9. **Antón Baamonde** (*Tédio e modernidade*, desde Lugo).

50. Novembro, 16. **Manoel Riveiro Loureiro** (*Vision da emigración por un que a padeceu*).

51. Novembro, 23. **Cándido Barral** (*O papel da rádio na Galiza*).

52. Novembro, 30. **Begoña Bas** (*Situación actual da etnografía en Galicia*).

Retrocedendo no tempo, o 9 de Xuño tivera lugar, no noso local, o acto de entrega de premios do concurso de contos.

Entre o 27 e o 29 de Xuño celebra-se, no salón Fonseca, un mini-ciclo en homenaxe a **Eduardo Blanco-Amor**, aos 10 anos do seu pasamento, segundo o seguinte detalle:

1. Día 27. *A evolución da narrativa de E. Blanco-Amor*, por **Pilar Rus**.

2. Día 29. *Aspectos biográficos de E. Blanco-Amor*, por **Gonzalo Allegue**, **Carlos Laiño** e **Luis Pérez**, coordinador desta celebración.

O 25 de Xullo O FACHO realiza, unha volta máis, os actos do Día da Pátria, diante do monumento a **Castelao**.

1990

O 30 de Xaneiro, volta a se celebrar o (II) Día de Castelao diante do seu monumento.

Reinician-se o 15 de Febreiro, para rematar o 4 de Outubro, na súa terceira etapa, as *Tertú-*

lias dos Xoves no FACHO, que se desenvolverán desta arte:

53. Febreiro, 15. **Félix de la Fuente** (*O novo Museu de BB.AA. da Coruña*).

54. Febreiro, 22. **Roberto Luis Moskowich** (*Rexurdimento da bruxería e das ciencias paranormais*).

55. Marzo, 1. **Manuel Gil de Bernabé** (*O liño en Galiza e a súa recuperación*).

56. Marzo, 8. **Cláudio López Garrido** (revista *Can sen dono*).

57. Marzo, 22. **Paulino Pereiro, Juan Durán e Juan Vara** (Asociación Galega de Compositores).

58. Marzo, 29. **Xurxo S. Lobato**.

59. Abril, 5. **Ramón Álvarez** (*Técnicas dos tintes en fibras na artesanía popular*).

60. Abril, 19. **Antón F. Malde** (revista *Folhas de Cibrao*).

61. Abril, 26. **Rosa García Vilarinho** (*Pondal e Bergantiños*).

62. Maio, 3. **Antonio Núñez Gómez** (Coléxio de Xordos).

63. Maio, 24. **Adolfo Bobadilla Pardos** (Asociación Cidadá de Loita contra a Droga).

64. Maio, 31. **Carlos Velasco**.

65. Xuño, 7. **Luis Alonso** (*Os galegos en América: a propósito da conmemoración dun centenario*).

66. Xuño, 14. **M.^a Xesús Fernández** (*O deiro da muller á interrupción do embarazo*).

67. Setembro, 20. **Manuel Espiña Gamallo** (*Hipocresía e sinceridade na sociedade actual*).

68. Setembro, 27. **Xoán M. Carreira** (*A investigación musicolóxica na Galiza*).

69. Outubro, 4. **Ricardo Flores** (*O teatro como meio proselitista*, desde Buenos Aires).

Voltando para atrás, temos que, entre o 8 e o 10 de Maio, levou-se a cabo, motivada no seu recente pasamento, unha *Homenagem urgente a Ricardo Carvalho Calero*, co seguinte calendario:

1. Día 8. *Dimensión humana de R. Carvalho Calero*, por **Carmen Blanco e M. A. Fernán-Vello** (na Caixa).

2. Día 9. *A obra literaria de R. Carvalho Calero*, por **Carlos Quiroga e Cláudio Rodríguez Fer** (na Caixa).

3. Día 10. *O idioma em R. Carvalho Calero*, por **M.^a do Carmo Henriquez Salido, José Martinho Montero Santalha e José Luís Rodríguez** (S. Fonseca).

O 22 de Xuño ten lugar, no local da Agrupación a habitual entrega de premios do concurso de contos.

Entre o 9 e o 11 de Outubro lembra-se o 50º aniversario do pasamento de **Manuel Lugris Freire**, cos seguintes actos, no Centro Fonseca:

1. Día 9. *Manuel Lugris Freire e o nacionalismo liberal da Coruña*, por **Ramón Maiz Suárez**.

2. Día 10. *O teatro de Lugris Freire*, por **Francisco Pillado Mayor**.

3. Día 11. *Noticia de unha peça esquecida de Lugris Freire*, por **Henrique M. Rabunhal Corgo e Visions pessoais de Lugris Freire, por **Jenaro Marínhas del Valle e Manuel Lugris Rodríguez**.**

As intervencións dos días 10 e 11 foron reproducidas no número 23 da revista *Agália*, ese mesmo Outono.

O 16 de Novembro, coa decisiva colaboración do Museu de Belas Artes, que cede local e piano, ten lugar, no seu recinto, unha homenaxe ao maestro **Alberto Garaizabal**, organista e compositor basco de longa traxectoria na nosa cidade.

Dito acto consistiu nunha conferencia sobre *Alberto Garaizabal e a vida musical na Coruña*, por **Xoán Manuel Carreira**, promotor deste evento; e máis nun concerto de piano, a cargo de **Nicolás Cadarso**, quen interpretou as seguintes obras de **Garaizabal**:

Tres danzas (gavota, minueto e fandango).
Preludio-canción, e
Vals brillante.

Amais da presenza dunha das fillas do maestro, recibéronse adhesións de Euzkadi, unha do Conselleiro de Cultura e Turismo do Goberno Basco (Vitória) e outra, en galego, da Sociedade de Estudos Bascos (Eusko Ikaskuntza, Donostia), cuxo texto non nos resistimos a reproducir facsimilmente:

INDICACIONES
RECEPCION

CORREOS Y TELEGRAFOS TELEGRAMA

ZCZC COT201 PDT227 SST132 1550
ESCO CO ESSS 093
SSERASTIAN 05/34 15 1035

1409



AGRUPACION CULTURAL "O FACHO"
MUSEO DE BELLAS ARTES
PLAZA DE PINTOR SOTOMAYOR
CORUNA

UNE A.B. TG-2. Nueveveya. S. A. 1989

A SOCIEDADE DE ESTUDOS VASCOS SUMASE CORDIALMENTE O HOMENAXE
A PROL DO MESTRE ALBERTE GARAIZARAL MACAZAGA ORGAIZADO POLO
FATO CULTURAL O FACHO NO MUSEO DE BELLAS ARTES DA CORUNA OS
POVOS QUE HONRAN OS SEUS TRABALLADORES CULTURALS HONRANSE A
SI MESMOS. VIVA GALIZA - GORA EUSKADI
EDORTA KORTADI
SEGREDARIO XERAL EUSKO IKASKUNTZA

1991

A cuarta xeira das *Tertúlias dos Xoves no FA-CHO* desprega-se entre o 24 de Xaneiro e o 12 de Decembro, de acordo co seguinte calendario:

70. Xaneiro, 24. **Antonio González Rodríguez** (*Nova Zelándia, nas antípodas de Galiza*).

71. Xaneiro, 31. **Xoán Ramón Vidal Romani**.

72. Febreiro, 7. **Santiago Fernández** (*O actor na escena, na rádio e na televisión*).

73. Febreiro, 28. **Xoán I. Taibo** (*Vivencias persoais entre Galiza e Madrid*).

74. Marzo, 21. **Carlos Parga** (*Asemblea de Obxectores - Colectivo de Insumisos*).

75. Abril, 4. **Xacobe Meléndrez Fassbender** (*Comision Galega Pró Amazonia*).

76. Maio, 2. **César Morán Fraga** (*O mundo de Álvaro Cunqueiro; é a nosa adesion á figura a quen se lle dedicou o Día das Letras*).

77. Maio, 23. **Xosé Manuel Sarille Fernández** (*Mesa pola Normalizcion Lingüística, desde Compostela*).

78. Xuño, 6. **Xoán Xosé Mariño** (*O escultor José Ferreiro e a súa obra na comarca coruñesa, coa presentación do seu libro sobre dito noíes ilustre, desde Outes*).

79. Xuño, 13. **Xosé M.^a Gómez Vilabella** (*Comercio co Magreb: antecedentes e futuro, coa presentación do seu libro Cacería de ciclóstomos en Ifni*).

80. Outubro, 17. **Federico Martín Palmero** (*Algunhas claves na evolución da economía galega*).

81. Outubro, 24. **Arsénio Iglesias Pardo** (*O R. C. Deportivo na perspectiva do fútbol galego*).

82. Novembro, 21. **Felipe Sande Bello** (*A cultura xitana*).

83. Decembro, 12. **Arturo Iglesias Fernández** (*A literatura infantil*).

Retomando o comezo do ano, temos que o 30 de Xaneiro celebra-se, como xa ven sendo habitual o (III) Día de Castelao.



Algunhas das primeiras Tertúlias dos Xoves no FACHO (1988): 1) Con Carmen Dieste, Jenaro Marinhoas, presidente e secretaría do FACHO. 2) Con Díaz Pardo, T. Villar-Chao, Elvira de G. Garcés. 3) Con Siro.

O 7 de Marzo presenta-se, na sala de exposicions da Delegacion da Presidencia (ex Delegacion de Cultura, da praza de Pontevedra), nun acto acompañado de servizo de *bufet*, o noso libro *Concurso Nacional de Poesia O FACHO (1978-1989)*, rematando cun breve e espontáneo recital dos poetas **Ángeles Penas** (Coruña), **Francisco Souto** (Compostela) e **Francisco Alonso Villaverde** (Vigo), precedidos da palabra do actual presidente e dos ex-presidentes **Manuel Caamaño** e **Xaquín Villar**, mentor do Concurso. Enviaron mensaxes **Isaac Díaz Pardo** (editor) e **Manuel Rivas** (primeiro galardoado).

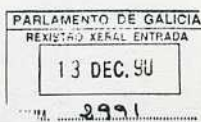
O 5 de Abril, a Comision Institucional do Parlamento Galego aprobou a nosa proposta (de 30-10-90, ver cap. E), apresentada polo deputado **Camilo Nogueira Román** (PSG-EG) o 23 de Xaneiro anterior, de institucionalizar o Dia de Castelao (30 de Xaneiro). Fora, en cámbio, rexeitada (o 5-2-91) a primeiramente presentada, en 13 de Decembro de 1990, pola deputada **M.^a Pilar García Negro** (BNG), que reproducimos po-

la sinalada razon de ter sido a primeira, inda que non lograra o suceso desexado.

A profunda dimension do feito é obxectiva, con independencia da utilización que logo se lle dé ao tema, e así foi como nós expresamos publicamente a nosa satisfaccion e recoñecimento aos grupos parlamentares que luitaron por con-segui-lo.

Nese mesmo mes de Abril celebran-se, no Salon Fonseca, os *Colóquios na Literatura: autor/leitor, un xogo de complicidade*, de acordo co seguinte calendario:

1. Dia 10. *A linguaxe do cotidiano*, por **Suso de Toro** (narrativa).
2. Dia 16. *A palabra contra o tempo*, por **Xúlio Valcárcel** (poesía).
3. Dia 23. *O texto como pretexto*, por **Roberto Salgueiro** e **Xúlio Lago** (teatro).
4. Dia 30. *O milagre da iniciación*, por **Xosé Antonio Neira Cruz** (literatura infantil).



Á MESA DO PARLAMENTO:

O GRUPO PARLAMENTAR DO BLOQUE NACIONALISTA GALEGO, a iniciativa de **MARIA PILAR GARCIA NEGRO**, ao amparo do Regulamento da Cámara, presenta a seguinte PROPOSICION NON DE LEI, para o seu debate en Comisión, relativa á institucionalización do "Dia de Castelao".

EXPOSICION DE MOTIVOS:

O 30 de Xaneiro cumpre-se o aniversario do nacemento do ilustre patriota **Alfonso Daniel Rodríguez Castelao**. No ano 1991, cumpren-se cento e cinco anos do nacemento de Castelao e seria unha boa oportunidade para a Xunta de Galiza institucionalizar esta data como DIA DE CASTELAO, con carácter de xornada nacional destinada ao recordo e actualización da personalidade, a traxectoria e o labor político, artístico e literario dunha das figuras de máis alta significación da nosa historia contemporánea.

Con data 30 de Outubro de 1990, a Agrupación Cultural "O Facho", da Coruña, unha das máis antigas do país, tomou o acordo de instar aos diferentes grupos parlamentares da Cámara Galega a faceren-se eco desta proposta de institucionalización do "Dia de Castelao", co obxecto de que a mesma servise para reflectir sobre a significación e vivencia da súa figura, sen que esta homenaxe ficase reducida a actos puramente conmemorativo-protocolares que non aportasen nada ao coñecemento real de Castelao entre a poboación galega. O Grupo Parlamentar do Bloque Nacionalista Galego, concordando plenamente con esta proposta e tendo defendido desde sempre esta necesidade de difusión do pensamento e as creacións de Castelao, así como ten denunciado a manipulación do seu nome e da súa figura para aproveitamentos políticos absolutamente antitéticos ao que el representou, fai-se eco desta proposta e formula a seguinte

PROPOSICION NON DE LEI

O Mes da Cultura celebra-se con varios actos: o primeiro foi a tertulia dedicada a **Cunqueiro**, xa apuntada.

O 15 de Maio, no mesmo Salon Fonseca, apresentamos o libro *Obra política de Ramón Villar Ponte* (volume que recolle, dentro da colección *Documentos*, a re-edición fac-similar de dúas obras: *Doctrina nazonalista* e *Breviario da autonomía*), intervindo o prologuista da re-edición, **Xusto G. Beramendi**, presentado por **Manuel Caamaño Suárez** e seguido na palabra polo editor **Isaac Díaz Pardo**.

O 20 de Xuño ten lugar, no local social, a entrega de premios do concurso de contos.

O 7 de Novembro, no salon Fonseca, ten lugar en lembranza do seu 10.º aniversario, a conferencia de **Xosé L. Axeitos** sobre **Rafael Dieste** baixo o título: *A aventura epistolar de Rafael Dieste, un exemplo de ética solidaria*.

O 27 de dito mes, e no mesmo lugar, celebra-se unha mesa-redonda, en homenaxe ao desaparecido actor galego-arxentino **Fernando Iglesias - Tacholas**, coa participación de **Isaac Díaz Pardo**, **Francisco Pillado**, **Xúlio Lago** e **António Santamariña**, coordinados por **Luís Pérez**.

O FACHO presenta, no primeiro trimestre do ano, à Deputación Provincial, o proxecto de unha homenaxe ao editor de música e músico **Canuto Berea**, no seu centenário; homenaxe que constaría de tres partes: 1) Exposición do fondo editado durante máis de un século na casa da Rua Real, 38, coa edición de un catálogo, que incluíra a reprodución de algunhas das pezas galegas orixinais do mesmo Berea; 2) Reedición, en un ou en varios álbums, de unha serie de partituras de música galega editadas por Canuto Berea; e 3) Ciclo de conferencias sobre dita figura e concerto de música lírica galega coas obras da súa autoría e/ou edición antes citadas.

Dita homenaxe está en curso de preparación nos momentos en que saí esta *Memoria*.

D

Publicacions

(UNHA LONGA FOLLA DE SERVIZOS)

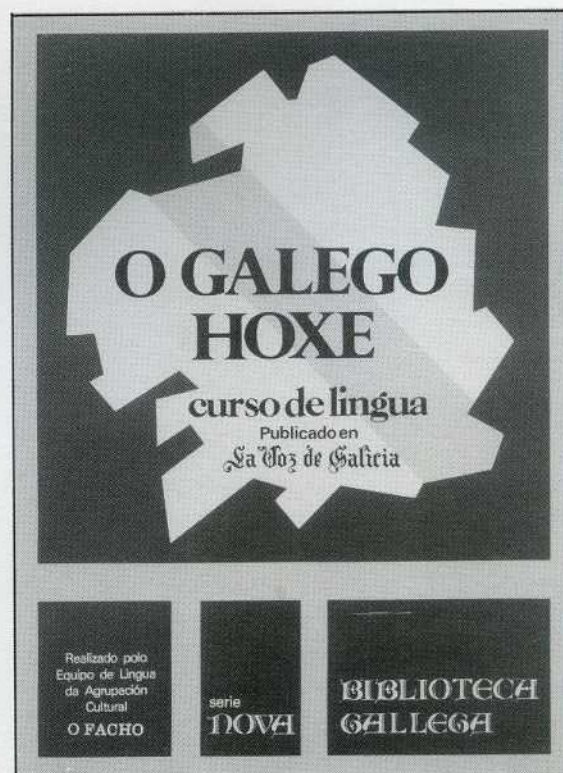
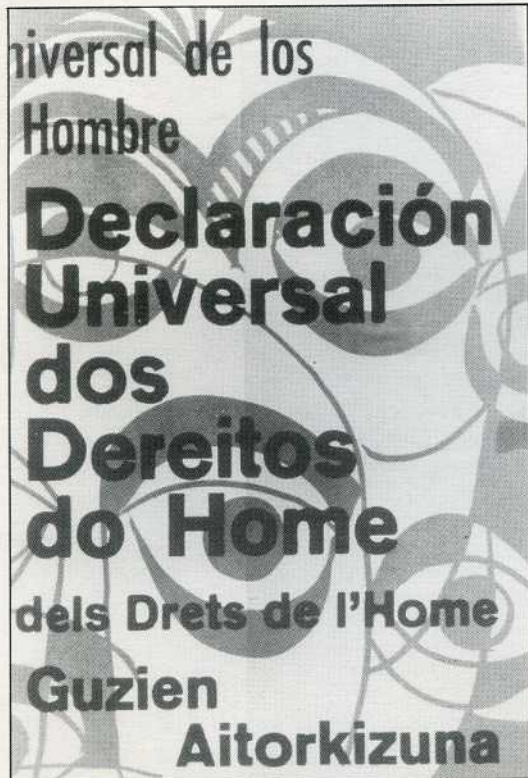
A agrupación cultural O Facho, que desde a A Cruña proxecta sobre toda a nosa terra a luz e o quentor da súa galeguidade da mellor lei, non podía menos de comportar-se de xeito que na súa xa longa folla de servizos ao patrimonio espiritual do país, figurase en destacado lugar un título que fixese referencia ao fomento e promoción da lingua galega, alma da nosa realidade colectiva, sacramento que nos identifica como membros dunha comunidade consciente da súa unidade e da súa caracterización no concerto das étnias peninsulares; de tal sorte que, no momento da historia que vivemos, non podemos conceber unha Galiza que esquecese a súa propia fala, unha Galiza sen galego, senón como unha Galiza desalmada. De sobra temos coñecido desgovernos que nos empobreceron economicamente. Non nos desgovernemos nós no que concerne aos bens espirituais, de forma que renunciemos por frouxidade ou inconsciencia ao tesouro da nosa lingua. Se perdéramos a nosa alma, xa non seríamos nós

os que beneficiaríamos eventuais prosperidades de índole material.

Por iso, porque a lingua é o instrumento da propia cultura, a agrupación cultural O Facho ten consagrado á lingua unha sostida atención. Desde 1964 vén organizando cursos de ensino do idioma. En 1978, un equipo no que colaboraron profesionais da filoloxía, a pedagogía, as artes literarias e as artes plásticas, formulou unhas leccións que se publicaron no xornal La Voz de Galicia, e serviron de base de traballo a un elevadísimo número de alumnos. A fórmula revelou-se como moi acertada pola proba do éxito. Pensou-se entón en reunir nun volume aquel material.

Así naceu este libro, que, no curto espazo de tempo transcorrido desde Xullo de 1978, atinxiu, coa presente, nada menos que nove edicións, pois é a novena esta que o lector ten neste momento nas súas mans.

.....
RICARDO CARBALLO CALERO,
(Do Prólogo a *O galego hoxe*,
9.ª edición, 1980)



Incluimos neste a xeito de catálogo cronolóxico as publicacións de todo tipo con carácter individualizado e por modestas que foren, e non somente aquelas (poucas) custeadas por nós senon, e principalmente, as por nós promovidas e realizadas a cargo de diversas editoriais ou institucións, así como as que promoveron os propios autores premiados nos nosos concursos literarios. Non se fan constar segundas edicións, nen posteriores, salvo cando supuxesen unha substancial alteración da primeira.

1967

Vida i exemplo de Manoel Lago González, arcebispo galego. Escolma de textos. Tip. El Ideal Gallego, A Coruña, 1967 (autor que non consta: **Marino Dónega Rozas**).

Ven inserida no programa do ciclo de conferencias organizado no centenario do **Arcebispo Lago**, a formaren un folleto único.

1968

Declaración universal dos dereitos do home. Moret, A Coruña, 1968. Edición tetralingüe, nos catro idiomas do Estado español, con prólogo, tamén tetralingüe, de **José A. González Casanova**. A capa do libro, tamén utilizada como saudación ese mesmo fin de ano, foi do sócio **Isaac Díaz Pardo**.

A edición de 1.500 exemplares, conmemorativa do *Ano Internacional dos Dereitos Humanos* (declarado pola ONU ao se cumprir, o 10-12-1968, o 20.º aniversario da *Declaración*), posta á venda nas principais vilas galegas, esgotouse en dez días.

A galiña azul, por **Carlos Casares**, Galaxia, Vigo, 1968. Capa e ilustracións de **Trichi, Ilda, Mima e Alberto García Alonso**.

É o conto premiado, ese mesmo ano, no I Concurso de Contos Infantís O FACHO.

1969

Introducción á economía galega de hoxe, por **Abad Flores, X. M. Beiras, X. Isla, S. Martínez**

Risco, M. Orjales, Otero Díaz e D. Quiroga, Galaxia, Vigo, 1969. Capa de **Xohán Ledo**.

Recole as conferencias do ciclo *Problemática económico-social galega, 1968*, organizado polo FACHO en Xuño deste ano.

(Boletín, sen título, da Agrupación), Tip. El Ideal Gallego, A Coruña, 1969.

A xeito de (I) *Memoria* (de Setembro 1968 a Setembro 1969) e onde se recolle, asimesmo, o labor desenvolvido por outras asociacións culturais e novas referentes ao noso idioma e cultura. (Foran antecedentes seus as catro circulares extensas para os sócios de 1965 e ciclostilo e unha quinta, xa chamada *Boletín informativo*, de data Xaneiro/Febrero de 1967, que incluía unha *Memoria das actividades da nosa Agrupación no ano 1966*, e da que non hai constancia de que se chegase a enviar aos asociados).

O león e o paxaro rebelde, por **Bernardino Graña**, Galaxia, Vigo, 1969. Capa e ilustracións de **Trichi, Ilda, Mima e Alberto García Alonso**.

É o conto premiado este ano no II Concurso de Contos Infantís O FACHO.

1970

(II) *Memoria 1963-1969*, Moret, A Coruña, 1970. Capa: ampliación do símbolo do FACHO, por **Reimundo Patiño**.

Comprende as actividades realizadas pola Agrupación nese período, así como o eco que as mesmas tiveron nos medios de comunicación.

1971

Dous contos, por **Álvaro Paradela**, ed. do autor, Xúbia (Naron), 1971.

Un dos cales, *Luarela*, é premio no III Concurso de Contos Infantís O FACHO o ano anterior.

Miúdo e a campaña dos grilos, por **Emilio Gregorio Fernández**, Galaxia, Vigo, 1971. Capa

e ilustracions de **Trichi, Ilda, Mima e Alberto García Alonso**.

2.º premio no III Concurso de Contos Infantís O FACHO (1970).

1972

O espantapaxaros, por **Xosé Agreló Hermo**, Galaxia, Vigo, 1972. Capa e ilustracions de **Mima** (García Alonso).

É o conto gañador do IV Concurso de Contos Infantís O FACHO (1971).

1973

Contos con reviravolta, por **Isaac Alonso Estravís**, Castrelos, colección *O Moucho*, núm. 32, Vigo, 1973.

Entre estes dez contos está *Un novo amencer*, que fora galardoado co 3.º premio no III Concurso de Contos Infantís O FACHO (1970).

O bosque de Ouriol, por **Arcadio López Casanova**, Galaxia, Vigo, 1973. Capa e ilustracions de **Mima** (García Alonso).

É o conto gañador do V Concurso de Contos Infantís O FACHO (1972).

Mar adiante, por **M.ª Victoria Moreno Márquez**, Do Castro/Celta, Lugo, 1973. Capa de **Carmen Arias** e ilustracions da autora.

Volume entre cuxos oito relatos se inclúe, sen título, *Crarisca*, 2.º premio do V Concurso de Contos Infantís O FACHO (1972).

As laranxas máis laranxas de todas as laranxas, por **Carlos Casares**, Galaxia, Vigo, 1973. Capa e ilustracions de **Luís Seoane**, en base aos seus figuríns e decorado da obra.

É a obra gañadora, ese mesmo ano, do I Concurso de Teatro Infantil O FACHO.

1975

Cantigas galegas. Trátase dun folleto confeccionado a ciclostilo, no seio da Agrupación, sen

data (1975?), con capa azul clara e símbolos célticos como decoración.

Dirixida aos nenos que asistían ás actividades extra-escolares impartidas por ese tempo no noso local.

A Galicia rural na encrucillada, por **D. García Sabell, X. M. Beiras, M. Gallego, M. Orjales, R. L. Suevos, X. R. Vilas, X. L. R. Pardo, O. L. Abad Flores, V. Arias, X. Gómez Barros, A. Pousa Antelo, C. Nogueira e X. G. de la Hueraga**, Galaxia, Vigo, 1975.

Contén 13 das 15 conferencias do ciclo homónimo, celebrado por nós entre Novembro de 1973 e Xullo de 1974.

Sinfarainín contra D. Perfeuto, por **Bernardino Graña**, separata da revista *Grial*, núm. 48, 2.º trimestre, Galaxia, Vigo, 1975.

Esta obra obtivera unha mención honorífica no I Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1973).

1976

Ramón Cabanillas - Día das Letras Galegas, Moret, A Coruña, 1976. Capa e ilustración interior de **Siro**.

É un folleto que consta dunha biografía, bibliografía e escolma do autor cambadés (debidos, inda que non figure, a **Xaquín Villar Calvo**).

Informe sobor das consecuencias biolóxicas, económicas e hixiénicas do desastre do Urquiolá, polo equipo *Trasmallo*, da Facultade de Ciencias Económicas de Compostela (**F. González Laxe, Xosé Verde Pardo e Xulio X. Pardellas**), Moret, A Coruña, 1976. Ilustración interior de **Siro**.

Trátase dun folleto de características similares ao anterior.

1977

(III) *Memoria 1970-1975*, Moret, A Coruña, 1977. Capa idéntica á da Memoria anterior, a outra cor.

Comprende as actividades realizadas nesta etapa pola Agrupación.

Antón Vilar Ponte - Día das Letras Galegas, Moret, A Coruña, 1977. Vida e obra e escolma doctrinaria por **Xosé Devesa**. Capa e ilustración interior de **Siro**.

É un folleto semellante ao de Cabanillas, editado coa colaboración de Escola Aberta.

Viaxe ao País de Ningures, por **Manuel Lourenzo**, Galaxia, Vigo, 1977. Capa de **Luis Seoane**.

É a obra gañadora do II Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1975).

1978

O galego hoxe - Curso de Lingua, polo Equipo de Lingua da Agrupación Cultural O FACHO (**Pilar Rodríguez, Sabela Vázquez Fandiño, Xosé-M. Monterroso Devesa, Xabier Alcalá e Siro López**), Imp. La Voz de Galicia, A Coruña, 1978. Prólogo de **Ricardo Carballo Calero**.

«Método de galego que en pouco máis de ano e medio acadou oito edicións e unha cifra de volumes distribuídos de cerca de 20.000. Semellante número de libros e semellante número de edicións nun prazo de tempo tan curto, constitúe un éxito certo dentro do mercado do libro galego. Non se sabe de ningún outro libro galego que chegara a estes niveis de difusión. O libro, recomendado pola Comisión Mixta Xunta-Ministerio para o coñecemento do galego, coas correccións precisas xa feitas, axeitando o texto ás normas ortográficas que van leva-lo selo oficial, axiña entrará de novo no prelo» (M. Caamaño Suárez en *La Voz de Galicia*, 5-3-80). Como ese axeitamento significou —ironías da vida política galega!— a condenación do método, fica demostrado con ter sido esa 9.^a edición a última. Por que? Pois porque as normas ortográficas do 80 foron, á súa volta, modificadas en 1982... co que o método ficou obsoleto (!) en tan minguido termo.

1979

Manuel Antonio - Día das Letras Galegas. Imp. La Voz de Galicia, 1979. Vida e obra e escolma do poeta e prosista rianxeiro por **X. Ramón Pena**. Capa de **Siro**, ilustración interior de **Maside**.

Terceiro e último folleto da serie de figuras ás que se lle dedicou dito día.

Contos pra nenos, por **Paco Martín, Xoán Barro, M.^a Victoria Moreno Márquez, Eliseo Alonso e Dora Vázquez**, Galaxia, Vigo, 1979. Capa e ilustracións de **Xosé Manuel Xiráldez**.

Recolle un conto de cada un dos autores citados, todos premiados nos nosos concursos de contos infantís, por esta orde:

Sabeliña e os ratos (VI ed., 1973), *Zoca Zoqueira* (VII ed., 1974), *O cataventos* (VIII ed., 1975, 1.^o premio), *O cabaliño que fuxira do curro* (id., 2.^o premio) e *Cascabel, o cabaliño do circo* (IX ed., 1976).

Publicación feita en adhesión ao *Ano Internacional do Neno*, sería incluída polo IBBY (*International Board on Books for Young People*), tres anos máis tarde, na lista de honra do certame internacional *H. Ch. Andersen*, como representante da Literatura infantil galega.

1980

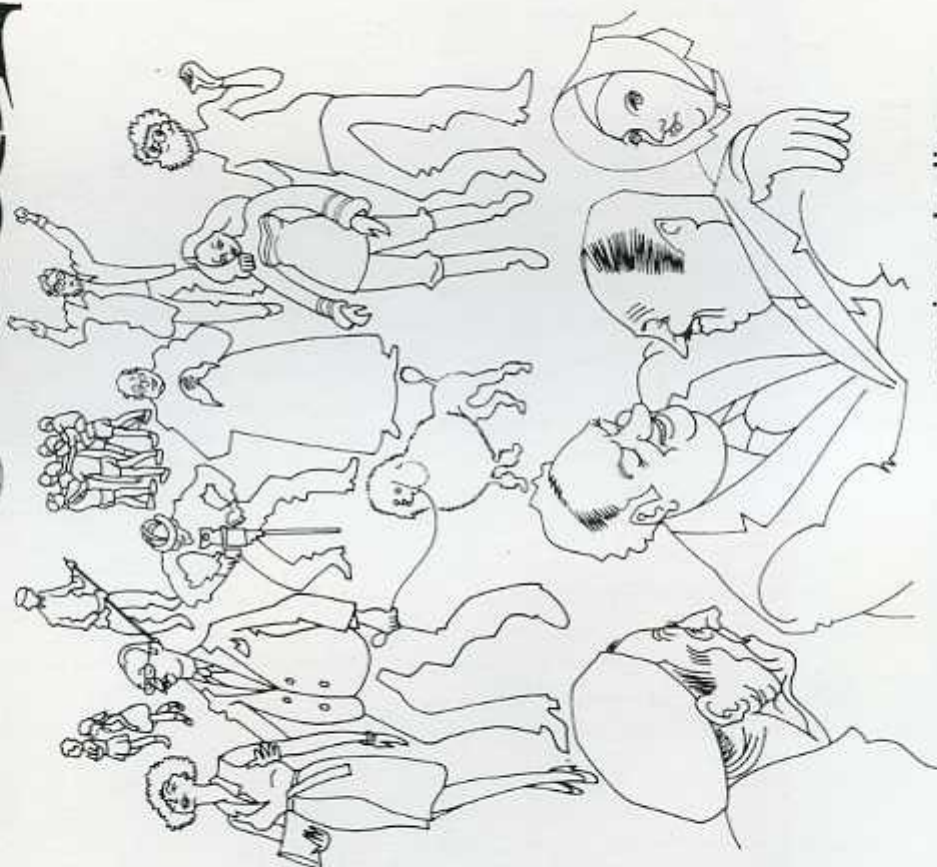
O galego hoxe - Curso de lingua, etc., etc. Imp. La Voz de Galicia, A Coruña, 9.^a edición, 1980. Prólogo (novo) de **Ricardo Carballo Calero**. Ed. corrixida por **Xoán Carlos Rábade Castiñeira**.

Vexa-se o que dela se di ao comentarmos a 1.^a edición (1978). En relación con esta, o 22 de Outubro dese ano, remeteu-se carta ao director da colección *Biblioteca Gallega* de *La Voz de Galicia*, extrañando-nos de que figure, nesa 9.^a edición, unha súa nota redactada en español, «disonando da unidade idiomática que, en todo momento, nos preocupamos por lle dar ao texto, como se puxo en evidencia ao pasarmos ao galego a nota da coberta posterior».

Orixes certa do faro de Alexandria e outros contos, por **Xan Guisán**, Brais Pinto, colecc. *Cuadernos da Gadaña*, núm. 4, Madrid, 1980. Capa de **Virgil Finlay**, contra-capa de **Restif de la Bretonne**, ilustracións de **Pilar Bandrés**. Prólogo de **Nacho Taibo**.

Inclúe *O pallaso parado* e *Carta zoolóxica a Ermelinda*, 1.^o premio no XI Concurso de Con-

O galego HOXE



equipo de lingua
da agrupación cultural "**o facho**"

Capa que ía levar (e non levou) O galego hoxe, por Siro.

Revista
Monográfica
de Cultura

nº 1



17 de Maio 1984. Día das Letras

ARXANDO COTARELO VALLEDOR



Publicación da A. C. «O FACHO»



EDICIÓS DO CASTRO/Poesía

tos Infantis O FACHO (1978) e 3.º no XII Concurso (1979) respectivamente.

Ronseles, por **Pura e Dora Vázquez**, Imp. La Región, Ourense, 1980.

Inclue *D. Rato busca un obreiro*, da segunda, mencion no I Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1973), logo tamén incluída na *Antoloxía do teatro galego*, de **Pillado e Lourenzo** (1982).

1981

Traxicomédia do vento de Tebas namorado dunha forza e Todos os fillos de Galaad, por **Manuel Lourenzo**, O Castro, Sada, 1981. Capa de **Xosé Díaz**.

A segunda obra fora premio no IV Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1979).

Reiciñeira, por **Eliseo Alonso**, O Castro, Sada, 1981. Capa de **Xosé Díaz** e ilustracións de **X. Vilasantar**. Limiar de **Alicia M.ª Alonso Rivas**.

Inclue oito contos para nenos, entre eles: *O pomar de Amorin*, mencion honorífica no noso VI Concurso de Contos, e *Tulitates*, que, co nome de *O cabaliño que fuxira do curro*, foi 2.º premio no VIII Concurso de Contos (1973 e 1975, respectivamente).

Teatro para nenos. Premios de teatro infantil O Facho, VV.AA., Ed. do Castro, Sada, 1981. Capa de **Karawane**.

Comprende dúas pezas: *A benfadada historia de Coitado Bamboliñas*, de **Xúlio González Lorenzo** e *Viva Lanzarote*, de **Manuel Lourenzo**, premios no III e V Concursos de Teatro Infantil O FACHO (1977 e 1981, respectivamente).

O Rei Bandullán, por **Ana M.ª Fernández**, *Cuadernos da Escola Dramática Galega*, núm. 17, A Coruña, Maio, 1981. Capa de **Carmela Correa**.

É obra mencionada no III Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1977). (Ver seguinte ficha).

Contos degañados, por **Xoán Babarro e Ana M.ª Fernández**, Casals, Barcelona, 1981. Ilustracións de **Espiño**, **Maria Rius** e **Montse Ginesta**.

Libro destinado ao ensino, inclúe catro obriñas procedentes dos nosos concursos, segundo detalle:

1. *O profesor das estrelas*, de **Fernández**, mencion no I Concurso de Teatro (1973).

2. *Zoca Zoqueira*, de **Babarro**, premio no VII Concurso de Contos (1974).

3. *O conto das miñas pitas*, de **Fernández**, mencion no VIII Concurso de Contos (1975), e

4. *O Rei Bandullán*, de **Fernández**, mencion no III Concurso de Teatro (1977).

1982

Boliche, por **Siro**, ed. do autor, Pontedeume, 1982. Ilustrado por el mesmo.

É o conto que dito ano obtivo o 2.º premio no XV Concurso Nacional de Contos Infantis O FACHO.

1984

(Folleto sen título, confeccionado pola Agrupación a ciclostilo, en Febreiro de 1984, con capa amarela).

Comprende seis poemas de **Julio J. Casal**, en edición bilingüe castelano/galega, traducidos por **Xosé Devesa**.

Contos dos nenos galegos, Impta. La Voz de Galicia, A Coruña, 1984. VV.AA. Ilustrado por doce nenos dos coléxios *Unión Mugardeza* de Mugar dos Seguros e *O Ramo de Barallobre* (Fene), correspondendo á aluna do primeiro destes centros, **M.ª Celeste Barcia Bujones**, o deseño da capa.

Comprende os 56 contos de nenos premiados (excepción das mencions honoríficas) en anos sucesivos nos Concursos de Contos Infantis O FACHO I (1968) a XVI (1983). A edición, conmemorativa do noso 20.º aniversario, foi patrocinada por Caixa Galicia, que a distribuíu masivamente entre centros de ensino e xuvenis.

Revista monográfica de cultura, núm. 1, **Armando Cotarelo Valledor**. *Día das Letras*, Ed. do Castro/Moret, Sada, 1984 (Xuño). Capa: **Maside**, e ilustracións deste, de **Fernando Cortés** e de **Xan González**.

Comprende traballos de **R. Martínez, X. R. Barreiro Fernández, R. Carballo Calero, Xoán M. Carreira e A. Herrero Figueroa**, así como unha antoloxía de textos de Cotarelo, entre eles a obra dramática *Hóstia*.

O consello de redacción forman-no o directivo **M. A. Fernán-Vello** e os asociados **Roxélio Martínez Jiménez e F. Pillado Mayor**.

I.º ciclo de Poesía «Edral», VV.AA., A Coruña, 1984.

Folleto a ciclostilo feito por este colectivo xuvenil do FACHO, onde se recollen, con poema introdutorio de **M. A. Fernán-Vello**, producións dos 14 poetas participantes no ciclo citado, celebrado entre Xuño e Setembro dese ano, e que foron: **Braxe, V. Sampedro, Ana Antón, Canitrot, Rabunhal, Imma, Samuel, Xurxo Souto, Béjar, Ch. Pita, X. C. Pereira, A. Montes, Román e Rivadulla**.

O Premexentes non pode cos paxaros rebezos (ou memorias dun escribano), por **Maria Campo Domínguez (Marica)**, *Cuadernos da Escola Dramática Galega*, núm. 48, A Coruña, Outubro de 1984. Capa de **X. Vizoso**.

É obra mencionada, o ano anterior, no VI Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO.

1986

Revista monográfica de cultura núm. 2, De Castelao a Bóveda, por **Xosé-M.ª Monterroso Deseva**, Do Castro/Moret, Sada, 1986 (Xaneiro). Capa: **Maside e Castelao**, ilustracións deste, de **Cebreiro**, de **Xosé Escudero** e de **F. Sesto Novás**.

Comprende, amais, unha recopilación, baixo o título de *Os poetas da Pátria cantam a Bóveda*, e constitúe a adhesión do FACHO ao cincuentenario do fusilamento deste e ao centenario do nacemento de Castelao, a cuxa data, 30 de Xaneiro, se refere o colofon.

1987

A fraga encantada, por **Xosé Vázquez Pintor**, ed. do autor/Xunta de Galicia, Cangas, 1987. Ca-

pa e ilustracións de **Pablo Avilés, Sergio Calo, Noa Frias e Cibrán Rios**.

Obra mencionada en 1981 no V Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO.

O demo presumido, por **Xesus Pisón**, Galaxia, Vigo, 1987. Capa e ilustracións de **Fernando Sampil**.

É o conto que levou o premio no XVII Concurso Nacional de Contos Infantís O FACHO (1984).

Un día na vida de Vladimiro e o seu can Trotsky, por **Xosé Luís e Carlos P. Martínez Pereira**, Sotelo Blanco, Barcelona, 1987. Capa de **Alfonso Costa**.

É obra mencionada no III Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1977).

1988

Lendas que poderían ser, por **Fina Rouco**, Cals, Barcelona, 1988. Capa e ilustracións de **Anna Vivarés e Teresa Seguí**.

Inclúe a *Lenda do Faro*, premio do XV Concurso Nacional de Contos Infantís O FACHO (1982).

Muiñeiro de brêtemas, por **Manuel Maria**, 2.ª ed., O Castro/Moret, Sada, 1988. Capa de **Mario López Rico**, ilustracións do mesmo e de **Rafael Alonso** (esta, da 1.ª edición).

É unha re-edición (do seu primeiro libro, de 1950) en homenaxe ao poeta, feita conxuntamente polas AA.CC. *O FACHO* e *Alexandre Bóveda* (da Coruña), *Francisco Lanza* (de Ribadeu) e *(Castelao)* (de Monforte de Lemos) e o resto das encadradas na *Federación de AA.CC. Galegas*.

¡Grande invento para saír do aburrimiento!, por **Ana M.ª Fernández e Xoán Babarro**, Sotelo Blanco, Barcelona, 1988; capa de **Alfonso Costa**.

É o premio do VI Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO (1983).

O rei de nada e outros contos, por **Sabela Álvarez**, Xerais, Vigo, 1988. Capa e ilustracions de **Dánae Barral**.

Inclúe *O rei de nada*, 1.º premio e *A cova da serpe*, 2.º premio respectivamente no XII (1979) e no XIII (1980) Concursos de Contos Infantis O FACHO.

1989

O cataventos, por **M.ª Victoria Moreno Márquez**, Sotelo Blanco, Barcelona, 1989. Capa e ilustracions de **Carme Peris**.

Dez anos despois do colectivo *Contos pra nenos*, saí individualmente este conto que lle valera á autora o 1.º premio no VIII Concurso de Contos Infantis O FACHO (1975).

1990

Concurso Nacional de Poesía O Facho (1978-1989), Do Castro/Moret, 1990. Capa de **X. Vizoso**.

Comprende os 38 poemas (premiados e mencionados) do Concurso e período citados e trata-se dunha edición conmemorativa do 25.º aniversario da Agrupación.

1980/83

Boletín Arco da Vella.

No seu número 0 explicita-se que este é un «boletín feito de cara aos asociados e aos non asociados» por máis que nacera como un substitutivo das circulares que, periodicamente, se viñan remetendo a aqueles, e tamén como sucedáneo das recentemente desaparecidas *Da Terra e dos Tempos* (audición quincenal en Radio Nacional de España) e a homónima *Arco da Vella*, folla semanal de El Ideal Gallego, confeccionadas ambas pola nosa Agrupación; e, máis atrás, do Boletín cuxo único número se tirou en 1969 e, antes aínda, dos catro boletíns a ciclostilo que se enviaron aos sócios durante 1965 e houberon de suspender-se por prohibición gubernativa.

Os tres primeiros números saen a ciclostilo e os tres seguintes, do prelo do párroco de Barallobre (Fene), todos baixo a coordinación do asociado **Francisco A. Vidal**, segundo se detalla:

Números	Datas	Formato
0	Xullo 1980	20,8 × 30,7
1	Marzo 1981	
2	Xuño 1981	
3	Marzo 1982	18 × 24,5
4	Outono 1982	
*5	Primavera 1983	

* Repite-se, por error, a numeración 4.

1964/1990

Relación á parte merece a edición doutros impresos (saudacións de Nadal, carteis, autoadesivos, dípticos —fora os programas de actos, que suman máis de 70 e as bases dos concursos e outros—) e a emisión de pezas de cerámica conmemorativas que, na súa maioría, se detallan a seguir:

1964. No Día de Galiza, tarxeta coa efíxie de Sant Iago, por **Villar Chao** (anverso) e a Oración a Noso Señor Santiago, de **Cuevillas** (reverso).
1964. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Villar Chao** e vilancico do século XVII.
1965. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño e texto de **A. Gallego Vila**.
1966. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Villar Chao** e poema do **Arcebispo Lago**, a quen se lle dedicara ese ano un ciclo de conferencias.
1967. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Villar Chao** e poema de **Celso Emilio Ferreiro**.
1968. Nadal. Tarxeta-díptico reproducindo a capa, de **Díaz Pardo**, do noso libro *Declaración Universal dos Dereitos do Home* e textos relativos a este dereitos.
1969. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Creo** e poema de **Cabanillas**.
1970. Nadal. Tarxeta-díptico conmemorativa do cincuentenário da revista *Nós*, con deseños e texto de **Castelao**.
1971. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Díaz Pardo** e poema de **Rosalía Castro**.
1972. Nadal. Tarxeta-díptico conmemorativa do II centenario do pasamento do **Padre Sarmiento**, coa súa efíxie e breve biografía.



TEATRO para nenos

Xulio Glez. Lorenzo
A BENFADADA HISTORIA
DE COITADO BAMBOLINAS

Manuel Lourenzo
VIVA LANZAROTE



Prémios de teatro infantil O Facho

EDICIÓS DO CASTRO

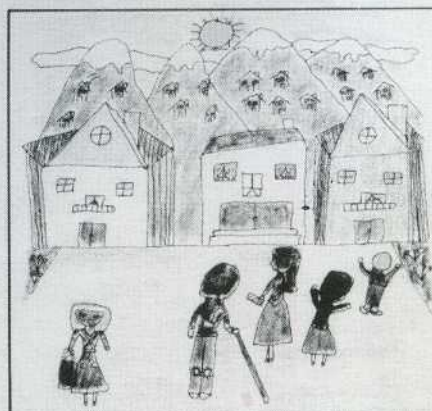
AGRUPACIÓN CULTURAL "O FACHO"

contos pra nenos



ed. galaxia.

Contos dos nenos galegos



PREMIADOS NOS CONCURSOS NACIONAIS
DE CONTOS INFANTIS CONVOCADOS POLA
AGRUPACIÓN CULTURAL O FACHO
1968 - 1983

CO PATROCÍNIO DA
CAIXA DE AFORROS DE GALICIA

1973. Nadal. Tarxeta-díptico conmemorativa do 50.º cabodano de **Murguia**, co seu retrato por **Castro Couso** e unha curta biografía.
1974. Nadal. Tarxeta-díptico conmemorativa do 25.º cabodano de **Castelao**, cunha súa caricatura por **Maside** e un suxerente texto alusivo; tarxeta coa que se prepara a serie de actos dedicados ao Guieiro nos dous meses inmediatos.
1975. Nadal. Tarxeta-díptico con ligno-gravado de **Luis Seoane** e poema de **Cabanillas**, no alborecer do ano a el dedicado, centenario do seu nacemento.
1976. Maio. Cartel (dous tamaños) dedicado a **Cabanillas**, coa súa caricatura por **Siro**. Agosto. Cartel e díptico dedicados aos cuarenta anos da execucion de **Alexandre Bóveda**, ambos co seu retrato por **Maside** e o díptico coa súa evocación gráfica por **Castelao** (*A derradeira lección do mestre*), o poema que lle dedicara **Celso Emilio Ferreiro** e un texto alusivo ao seu significado. Nadal. Tarxeta-díptico dedicada a **Antón Vilar Ponte**, no comezo do ano a el asignado, coa súa caricatura por **Maside** e un seu texto político.
1977. Maio. Carteis dedicados, no seu ano, a **Antón Vilar Ponte** e ás *Irmandades da Fala* (ambos deseñados por **Siro**) e en colaboración con Escola Aberta. Cartel de cego (dous tamaños) deseñado por **Díaz Pardo**, anunciando a representación polo Grupo de Teatro O FACHO da obra *Paco Pixiñas e a nave espacial*. Pratiño de Cerámicas do Castro co deseño do cego violinista, tirado do cartel anterior, coa lenda: *Grupo de Teatro O FACHO, Galicia 1977, Paco Pixiñas*. Nadal. Tarxeta-díptico co mesmo deseño do cego e texto extraído da obra de referencia.
1979. Nadal. Tarxeta-díptico con motivo plástico de **Luis Seoane** (Muller pensativa, 1953) e poema de **Celso Emilio Ferreiro**, como homenaxe aos dous, ao finar o ano do seu pasamento.
1981. Fin de ano. Calendario de bolso para 1982, coa letra do hino e a relación de algunhas efemérides galegas con vocación de permanencia (30 Xaneiro, 10 Marzo, 26 Abril, 17 Maio, 18 Maio, 28 Xuño, 25 Xullo, 17 Agosto, 12 Outubro —Día do Emigrante—).
1982. Cartel (dous: un sobre fondo vermello, outro sobre azul-mariño) co símbolo do FACHO, de **Reimundo Patiño**, recriado nunha composición en espiral por **César Menéndez**, destinado a unha campaña pró novos sócios, co lema *Asociar-se ao FACHO é apoiar a nosa cultura*. Fin de ano. Calendario de bolso para 1983 co mesmo motivo (en vermello) do cartel anterior e a referencia ao noso 20.º aniversario.
1983. Peza circular de cerámica, tipo medallón, realizada por **Santiago Ramón González López**, con motivo espiral en relevo, conmemorativa do 20.º aniversario da Agrupación. Outra serie de dúas pezas de barro, representando senllas figuras do entroido, foi feita para a ocasión polo mesmo ceramista.
1984. 4 tarxetas postais, en branco e negro, con fotografías artísticas sobre a galería coruñesa, procedentes da *I Exposición Monográfica de Fotografía «Edral»* (Decembro, 1983), dúas de **Vari Caramés** e as dúas restantes de **Chus García** e **Moncho Rama**.
- 1984? Auto-adesivo co lema *Edral - O Facho - Non á desgalerización*, e deseño de **Felipe Senén**.
1985. Cartel-programa do ciclo dedicado ao poeta portugués **Fernando Pessoa**, no seu 50.º cabodano, da autoría de **Arximiro** e motivo de **Almada Negreiros**.
1988. Pratinho de Sargadelos reproducindo o símbolo de **Reimundo Patiño**, conmemorativo do 25.º aniversario do FACHO. Auto-adesivo editado por idéntica circunstancia, para incorporar aos carteis de 1982, realizado por **Arximiro** coa estrofa de **Celso Emilio Ferreiro**: *Ergueremos a espranza/ sobre esta terra escura/ como quen ergue un FACHO/ nunha noite sen lua*, e como lembranza do poeta celanovés ao se iniciar o 10.º aniversario do seu pasamento e ano de dedicación do Día das Letras.
1989. Díptico a **Maria Pita**, no cuarto centenario da falida invasión inglesa, con gravura de **Luis Seoane** e o poema de **Lorenzo**

Varela (como homenaxe aos dous no seu 10.º cabodano, en 1979 e 1978, respectivamente) e máis un plano da Coruña do século XVI cunha referencia ao nomenclátor histórico e galego da Cidade Vella, de novo reivindicado por nós.

1990. Cartel (producido por Caixa Galicia) sobre deseño de **Felipe Senén**, anunciando a representación das obras *Xan Baralocas* e *Anxélica nas portas do ceu*, polo Grupo de Teatro O FACHO.

E

A nosa opinion nos meios
O eco do noso labor nos mesmos

A CALADA PACENCIA DOS SEMENTADORES

O despertar masivo da conciencia galega abre camiños insospeitados. Por aquí e por acolá un clamor de xustísimo recoñecemento crece de día en día a través de todos os medios de expresión, facéndolle descubrir á xente os hourizontes da súa persoalidade tan postrada e macilenta.

¡A pacencia dos sementadores! Velahi a clave deste fermoso alborear.

Pero ¿onde están os pacientes sementadores de anos e anos de obscuridade? ¿Onde están os homes que con fe lúcida e insobornable foron tecendo fíos de todos os cores nas épocas do máis anodino daltonismo?

Hoxe chegou ás miñas mans a memoria de «O Facho», destes derradeiros seis anos, e, do mesmo xeito que xa me apabullara a memoria anterior tamén este relato de traballos sin número e de infíndas pacencias veume repetouteir no peito como pode facelo no de todo galego que sinta a emoción da súa terra.

Calquer atento lector da prensa diaria saberá xa abondo do teimoso tecer, firme, calmo e sin

desmaios, desta exemplar labarada de luz galega que é «O Facho». ¿A cuántas xentes non chegou? A través dos cursos de galego, ciclos de conferencias, mesas redondas, recitais, teatro, enquisas, conmemoracións, todo elo espallado, tamén co seu peregrinar pola xeografía galega, ¿a cuántos galegos non lle foi petar na porta? ¿Cántos nenos leen os contos dos seus concursos e cuántos escritores non xurdiron coa súa chamada? ¿Cántos non son os que escoitan tamén a súa voz ao entrar nas súas casas coas ondas da radio?

Pero aínda hai máis. ¿A cuántas institucións de todo tipo non axudou «O Facho» a recobrar ou descubrir a súa dimensión galega? A súa laboura «socrática», para min posiblemente a máis importante anque non a máis notoria, por ser probablemente a máis duradeira e universal. Non se contentou con alumear por sí mesmo, e foi encendendo fornos e candiles por todas partes, facendo así boa honra ao seu nome.

X. M. R. P.
(En *La Voz de Galicia*,
3 - 4 - 77)

(A nosa opinion)

Incluimos aquí aquelas comunicacións que di-
reita ou indireitamente foron aparecendo na im-
prensa, reproducindo-se mesmo algunhas parcial-
mente publicadas e máis outras que nen publica-
das foron, caso das dúas que seguen (coa segun-
da non hai plena seguridade sobre que non fose
publicada):

1964/65

Sra. C. A.

Muy Sra. nuestra: En primer lugar explicarle que la Agru-
pación Cultural O FACHO no contesta a su artículo «La Es-
pañolización de Galicia» por su contenido, repleto de unos
tópicos manidos que sobradamente conocíamos, sino por la
difusión del periódico en que fue publicado, y por los posi-
bles efectos que en algunas posibles personas pudiera hacer.
Y decimos posibles personas porque cualquiera medianamente
inteligente podría contestar a cada apartado de su medita-
ción de una forma parecida a esta:

En el Caso de los Hermanos González, que por hablar
gallego son tachados de «paletos» por una estanquera, ca-
ben preguntarse varias cosas. ¿Son paletos por hablar una
lengua distinta? ¿por hablarla mal? La estanquera dice:
«¡Qué lástima! ¡Parecían tan finos! Entonces, ¿cuál es la for-
ma fina de hablar? ¿La de la estanquera? Mucha vanidad
hay en esa frase que, desgraciadamente, estuvo mucho en bo-
ca de gentes nacidas en nuestra tierra.

Además, esa palabra «paleta», ¿es tan fea?... Además...
es muy reversible. Porque para nosotros, en el Caso de los
Hermanos González, la paleta sería la estanquera.

Y ahora, si usted lo permite, C. A., vamos a pasar al se-
gundo motivo de su meditación: el Caso de «os dous anos
e unha ovella» —los dos corderos y una oveja—. En primer
lugar explicarle, o aclararle, o recordarle, que el gallego no
es un dialecto sino un idioma; y para no extendernos dema-
siado, como última instancia, remitimos a usted a Cela y a
la Academia Española de la Lengua, que le podrían aclarar.

Respecto a esos embrollos de los niños de las escuelas ru-
rales, le recordaremos también un sabio consejo de la UNES-
CO, del que esperamos ya tendría usted noticia. Para la
UNESCO el mejor método didáctico es la enseñanza prima-
ria en la lengua materna. ¡Claro que a lo peor, la lengua ma-
terna de los gallegos no es el gallego, o la UNESCO está mal
aconsejada!

Completando este caso, y resolviendo el tercero y cuar-
to, le diremos que no habría problemas del tipo que usted
señala, si los maestros aprendieran el gallego en el curso de
su carrera o, por lo menos, que los maestros de las escuelas
rurales fueran gallegos. En estos dos Casos que usted expo-
ne destaca esa manía de echar las culpas a los demás.

En el caso quinto de la meditación se podría replicar que
nada tiene de particular que el niño con quien usted quiso
conversar en gallego, le respondiera en castellano. También
los niños tienen cierta experiencia y suspicacia.

Refiriéndonos a esos leoneses, le contaremos un caso
acontecido en este curso en un Colegio Mayor compostela-

no. Exactamente un grupo de leoneses universitarios comenzó
a meterse con sus compañeros gallegos porque «ni sabían,
ni hablaban el gallego». En respuesta, los estudiantes galle-
gos comenzaron a utilizar su lengua vernácula siempre que
podían.

En cuanto a esos artistas de la caricatura fácil, artistas
sin arte, que siempre pululan demasiado, nosotros también
nos reímos. Nos reímos porque ningún gallego que quiera
hablar en su forma de expresión usual dice «ajua», en todo
caso diría «auga».

DEDUCCION

Nosotros nos preguntamos si ese artículo suyo, C. A.,
no sería el ideal para el hombre gallego definido por Ortega
y Gasset en «España Invertebrada». Nos preguntamos si us-
ted no cae en su artículo en el pecado que Ortega nos planti-
fica a todos los gallegos.

Nos parece que lo que verdaderamente se impone es
EUROPEIZAR Galicia. Eso simplemente. Y, en Europa, lo
que se lleva es hablar cada uno su propio idioma y aparte,
los más posibles de los países vecinos. Respetándose unos a
otros es la forma de unirse. Observe que los Países Nórdi-
cos, sinceramente, no tienen una cultura y una estructura so-
cial demasiado atrasados, más bien nos parece que están en
el otro extremo. Con lo cual no vemos el nexo entre el atra-
so social y el uso de la lengua vernácula.

Usted parece que se sentiría inferior si hablase en lengua
gallega, cree que es un ridículo escarnio para la raza. Usted
dice amar a Galicia, pero pide la desaparición de una de las
prerrogativas vivas que le quedan. ¿Qué ama usted de Gali-
cia? ¿Unos pinos, unos prados, unas calles?... Creemos fuer-
temente que Galicia es más que todo eso. Como creemos que
es algo más que una cocina barroca, los pinos verdes, o el
arado romano arando el campo...

Todos los miembros de la Agrupación Cultural O FA-
CHO, y muchos jóvenes más de toda Galicia estamos deci-
didos a luchar por el pleno desarrollo de esta tierra nuestra.
Nos desagradaría no hablar nuestra lengua materna. Por eso
luchamos y tenemos interés en aprenderla. Esta carta podría
escribirse en gallego, sin embargo hemos creído mejor ha-
cerlo en castellano.

Finalmente, usted pide «españolizar Galicia». ¿De qué
forma? ¿Catalana, castellana, vasca, andaluza?... ¿O galle-
ga? ¿No estamos en que España es bonita por su enorme va-
riedad? De todas formas, a nosotros nos parece que hay mu-
chas cosas importantes por Europa adelante que nos conven-
dría importar.

Atentamente le saluda,

La Agrupación Cultural O FACHO

La Coruña, 15 de Junio de 1964

La Coruña, Julio de 1965

CARTA ABIERTA A
C. A.

Muy Sra. nuestra:

La Agrupación Cultural «O Facho», a raíz de su artícu-
lo publicado el 14 de Junio de 1964, escribió a usted una carta

que, no sabemos por qué motivo, no publicó «La Voz de Galicia». En ella exponíamos algunos argumentos en contra de su artículo. Cuando ya creíamos finalizado el asunto, nos vimos sorprendidos, y la verdad que no muy gratamente, con un nuevo artículo, el 10 del corriente mes; en él aparte de insistir en los supuestos fundamentales del artículo del pasado año, califica usted de «mentalidades con una apreciación escasa» a quienes respondimos manifestando nuestra disconformidad. Al menos no se hace una exclusión de la Agrupación Cultural «O Facho» de entre esas personas que quieren, según usted, mantener por TRADICION un estado de cosas verdaderamente penoso.

Pero si nos duele el ser así tratados, más nos duele el que, cuando queramos contestar, no hallemos la posibilidad de dar a conocer nuestro parecer, ya que por lo visto ni nuestras opiniones ni nuestros argumentos tienen igualdad de oportunidades con los de usted. Y no nos parece muy leal atacar a quien no puede defenderse.

Respecto al artículo aparecido el 10 del actual, creemos que es de fácil contestación. El caso del maestro de Arzúa nos parece elocuentísimo. Lo que ocurre es que usted saca de él unas conclusiones y nosotros otras: usted parece creer que es mejor cambiar a los niños, y nosotros creemos lo mejor cambiar los libros. Pero no queremos cansarla con nuestras «divagaciones» y recurriremos al «criterio de autoridad», que en este caso es Antonio M. Badia i Margarit, catedrático de la Facultad de Filosofía y Letras de Barcelona.

En su libro «LLENGUA I CULTURA ALS PAISOS CATALANS» publicado por Edicions 62, Barcelona 1964, Badia trata de diversas cuestiones de la lengua catalana, entre ellas el bilingüismo en la escuela. No creemos incompatible el comprender los problemas de Cataluña, e incluso su lengua, con la españolización. Al menos para nosotros no lo es. Pues bien, aunque Badia i Margarit habla del problema concretándolo a Cataluña, casi todas las observaciones se pueden aplicar a Galicia, sustituyendo sólo «Cataluña» por «Galicia», o «catalán» por «gallego».

Distingue en primer lugar los tipos de bilingüismo y apunta después sus peligros: cómo tanto la lengua catalana como la castellana quedan afectadas y cómo, según una encuesta realizada por personas técnicas en el campo de la Primera Enseñanza, los niños que tienen por expresión corriente la lengua catalana, al encontrarse con la escuela en castellano, asimilan mucho menos de la realidad exterior que aquellos niños en los que es espontánea la lengua castellana. Y se pregunta: «¿Habremos de dar la razón a los padres que piensan, de buena fe, que hacen un buen servicio si les hablan en castellano? ¿Habremos de luchar contra el bilingüismo, cosa que en nuestro país quiere decir que el castellano, más que lengua oficial, tienda a llegar a ser la lengua «natural» del país? No lo creemos así. Y no aduciremos razones teóricas ni políticas (derechos de las minorías étnicas y culturales, etc.). Nos limitaremos a razones lingüísticas». Seguidamente Badia i Margarit examina esas razones y propone una fórmula de bilingüismo en la escuela según la cual el parvulario debe ser hecho en lengua materna, y sólo a partir de los 9 ó 10 años comenzará una introducción muy calculada de la lengua oficial, para continuar, ya consolidada esta última, a los once o doce años, la normal enseñanza en la lengua que se prefiera; y dice: «Por otra parte la fórmula es sencillísima, no ignoramos que escandaliza a alguno, pero tenemos que decir que hemos llegado a ella de una manera objetiva y que muchos con los mismos datos obtuvieron una conclusión mucho más radical». Según él eso es, más o menos,

lo que se hace en Suiza, en donde el parvulario se hace en «SCHWYZERTÜSCH» o alemán de Suiza, y cuenta cómo hablando con colegas suizos, éstos afirman que sería imposible hacerlo en «HOCHDEUTSCH» o alemán común, pues ello ocasionaría un gravísimo retraso en la formación intelectual del niño.

Sigue Badia examinando algunas ventajas que la aplicación de esa fórmula de bilingüismo reportaría, como son: 1.ª La normal formación humana; 2.ª La adquisición de un castellano correcto, y 3.ª La facilidad que, al distinguir claramente dos sistemas lingüísticos distintos, tendrían los niños para el aprendizaje de otras lenguas. Y concluye su trabajo sobre el bilingüismo diciendo: «Llevado con lógica y comprensión el bilingüismo ha de servir para fortalecer los conceptos básicos, para conocer a fondo la lengua oficial a través de la lengua materna propia, para adquirir una agilidad mental notable en todos los terrenos, y para facilitar muchísimo la asimilación de nuevas lenguas. Haremos muy bien, pues, primeramente en no renunciar a un bien que la historia, la familia, y la cultura ponen en nuestras manos, y después, en luchar para sacar de este bien irrenunciable todas las ventajas culturales que las orientaciones científicas más solventes nos ofrecen».

Nosotros también amamos a Galicia, C. A., nos preocupamos por sus problemas y tratamos de aportar soluciones. Pero no queremos encerrarnos en nosotros mismos. No somos infalibles, y en esta hora en que el mundo se abre al diálogo, nosotros quisiéramos también dialogar con todos acerca de nuestros problemas. Por ello la invitamos a usted y a todos los que se preocupan por este problema, a celebrar un coloquio, en el que, dialogando y esforzándonos por oírnos objetivamente unos a otros, tratemos de hallar la solución de esas cuestiones que usted apuntaba desde «La Voz de Galicia».

No queremos mantener ese penoso aprendizaje en nombre de una «TRADICION» que no creemos que nadie medianamente inteligente o medianamente honrado, invoque.

Como ve nuestra posición es abierta y de diálogo, esperamos que la suya también lo sea.

Atentamente la saludamos,

La Agrupación Cultural O FACHO

1965

Cabería citar aquí os programas radiofónicos do 25 de Xullo aos que se fai referéncia no capítulo C.

1965 / 66

Cabe citar neste capítulo as saídas na rádio do Grupo de Teatro, unha cara Novembro de 1965, e dúas en 1966 (8-1 e 25-7), a primeira e a terceira por Rádio Coruña, a segunda por Radio Nacional de España.

Tamén non parece ter sido publicada a seguinte carta:

A la vista del artículo «Sobre el idioma gallego en la Liturgia», aparecido el día 7 del mes en curso en el diario «El Ideal Gallego», la Agrupación Cultural «O Facho» se cree en el derecho y en el deber de hacer una serie de acotaciones a los términos en él vertidos. Adelantamos que no nos guía afán polémico alguno, sino solamente el deseo de exponer a la consideración de los lectores algunas de las opiniones formuladas en los últimos tiempos por voces muy autorizadas de la Iglesia y que son totalmente contradictorias a las formuladas por el articulista. No dudamos, puesto que él lo dice, que en esa Carta Circular que motivó su artículo, carta que desconocemos, se viertan contra la Iglesia «injustas y gravísimas inculpaciones», cosa que lamentamos profundamente. Tampoco creemos «que sea la Iglesia la sola y gran responsable de la postración y decadencia en que se halla el idioma gallego». Y aunque es cierto que su postración es evidente (no se enseña en las escuelas, los medios de difusión lo tienen proscrito, la Iglesia en Galicia usa exclusivamente el castellano en el altar y en el púlpito, etc.) su decadencia no lo es tanto, pues su cultivo en los medios intelectuales y universitarios es de todos sabido que en los últimos tiempos creció de forma notable. También estamos de acuerdo en que el número de clérigos fervientes cultivadores del idioma gallego es grande y desinteresado su trabajo. Podemos recordar aquí al Arzobispo Lago González, gran defensor de la lengua gallega en sus escritos y discurso de ingreso en la Real Academia Gallega. Hecho este preámbulo, pasamos a concretar los puntos del artículo que los escritos y declaraciones de voces notables de la Iglesia contradicen totalmente.

1. La Iglesia ha de actuar y actúa sobre realidades vivientes y concretas, debiendo atenerse a la realidad parlante de la región, que según el articulista aquí en Galicia es esta: el habitante de Galicia habla castellano o gallego según le parece o le conviene. Incluso afirma que con predominio para el castellano. Que su realidad parlante es el bilingüismo y que sus hijos hablan y escriben el castellano con la misma perfección y elegancia que si fueran naturales de Castilla.

Las autorizadas voces de los jóvenes canónigos de la Colegiata coruñesa D. José Morente y D. Manuel Espiña, nos dijeron hace poco en unos artículos publicados en «La Voz de Galicia» (26 y 30 de Abril de 1966) y «El Ideal Gallego» (fechas similares) bajo el título genérico de «Los Evangelios en gallego»:

«Concretándonos a Galicia, hay que destacar un hecho sociológico muy significativo. La población rural representa el 75 por 100 de la total siendo la lengua habitual y exclusiva el gallego. El castellano, del cual entiende únicamente las expresiones utilitarias (aunque alguien piense lo contrario), lo emplea con dificultad como quien camina con muletas y sin conciencia exacta de su significado, sólo cuando tiene que acercarse a los representantes del poder o a «gentes ajenas a su mundo». Pasando a la población urbana que representa el 25 por 100, hemos de señalar tres sectores: el laboral, el profesional y el intelectual. El sector laboral, hoy tan crecido, también tiene el gallego como idioma habitual, aunque entiende y habla más fácilmente el castellano. Para convencerse de esto, basta como ejemplo escuchar las conversaciones en los medios de transporte que cruzan una ciudad tan cultivada como La Coruña».

Refiriéndonos al sector profesional: si no habla habitualmente el gallego, cierto que lo entiende y que lo emplea con

la clientela pertinente. Y por último el sector intelectual es preciso reconocer que valora y usa cada vez más no sólo el gallego culto o literario, sino también el gallego como lengua coloquial.

Estamos conformes con el articulista en que Galicia es un país bilingüe puesto que el castellano también es una lengua de Galicia, aunque desde luego no es nuestra lengua vernácula. Es una lengua lo suficientemente extendida y arraigada (no tanto como él dice, si nos atenemos a los datos de los señores Espiña y Morente) como para tenerla muy en cuenta y no ser exclusivistas. Por eso, porque somos bilingües, conviene recordar aquí lo que la UNESCO (Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura), organismo al cual pertenece España, afirmó en el año 1951 en una reunión mundial de especialistas en París:

«En los países donde hay una lengua vernácula diferente de la oficial, en ella debe darse la enseñanza primaria porque el niño aprende más rápidamente empleando esa lengua que mediante otra con la que no está familiarizado».

2. Al usar preferentemente (nosotros diríamos exclusivamente, mientras no se demuestre lo contrario) el castellano, en el altar y en el púlpito, la Iglesia sigue una sapientísima norma apostólica, sin agravio de nadie. En las ciudades y villas porque el gallego ha caído casi en desuso. Y en las aldeas, porque todos entienden el castellano y muchas veces lo hablan, y porque la lengua vernácula vive en ellas dividida y atomizada... lo que llevaría a la multiplicación de los textos gallegos hasta el infinito, etc.

Extraemos de unas declaraciones aparecidas en «Faro de Vigo» el 11 de octubre de 1964 bajo el título «La liturgia y el idioma gallego», hechas por la autorizada voz del ilustre canónigo compostelano D. Jesús Precado Lafuente:

«Y vayamos ahora con el gallego y la liturgia. Como sacerdote, deseo que la mente del Concilio y las ideas de los pontífices de la Iglesia se lleven a la práctica. Pienso que en muchas ocasiones el idioma gallego es un buen instrumento de apostolado.

Juzgo que sería muy conveniente predicar en gallego en la mayoría de las parroquias rurales de Galicia siempre que el sacerdote se cuidara de no caer en una fácil chabacanería. En los mismos lugares podría explicarse al pueblo la misa, leer las partes variables y el ordinario en idioma gallego.

En Galicia tenemos dos variantes del idioma: el vulgar y el que llamaríamos literario. Tal división, como aparece a todas luces, no es exclusiva de nuestro país. El vulgar, a pesar de las múltiples variantes fonéticas y los modismos peculiares de cada comarca conserva su unidad, y dos gallegos procedentes de polos opuestos de la región se entienden perfectamente cuando se encuentran».

Unos meses más tarde en un artículo publicado en «El Ideal Gallego» (28 de Julio) titulado «El gallego en la Liturgia», cuyo autor es el canónigo D. José Morente, y refiriéndose a los que son partidarios de la inclusión de la lengua gallega en la Liturgia y en la Pastoral escribe lo siguiente:

«Primeramente desean que reparemos en las disposiciones emanadas de la Jerarquía Católica al querer aplicar la Constitución Circular sobre la Sagrada Liturgia. Efectivamente, el Episcopado español aplicando a España lo prescrito en el artículo 40 d) de la Instrucción de la Sagrada Congregación de Ritos, que dice: «En las naciones donde se hablen distintas lenguas se harán traducciones (de los textos litúrgicos) a cada una de ellas y se someterán al examen especial de los obispos interesados», comunica en sus «Normas

para la utilización de las lenguas vernáculas en la misa y sacramentos», lo siguiente: «Por lo que se refiere a las otras lenguas vernáculas habladas en nuestra patria, las traducciones han sido confiadas a los obispos de las regiones interesadas, según lo dispuesto en el artículo 40 d) de la Instrucción de la Sagrada Congregación de Ritos».

«No cabe duda que Galicia, dentro de España, es una de las regiones que cuenta con lengua vernácula, distinta de la castellana, y que por lo tanto tiene derecho a utilizarla en la Liturgia».

Más adelante prosigue:

«¿Acaso es un óbice para la fijación de unos textos sagrados únicos, las múltiples diferencias de expresión, según las comarcas regionales?»

La respuesta debe ser negativa, pues tales diferencias no son tan profundas como para constituir verdaderos grupos dialectales. Se reducen con frecuencia a supresión, aumento o cambio de alguna letra conservando un conjunto morfológico y fonético casi idéntico. En los demás casos será cuestión de seleccionar entre los muchos sinónimos, el vocablo más usual en toda Galicia».

El joven sacerdote D. Andrés Torres Queiruga, en un artículo publicado en el n.º 9 de la revista GRIAL (Revista Galega de Cultura), titulado «Nota para unha Teoloxía do galeguismo», artículo con licencia eclesiástica, dice esto:

«Cantar as loubanzas de Deus é algo ó que a Escritura invita a todas as criaturas: a neve i o fogo, a pedra, o páxaro i hasta o cetáceo. Negarlle tal dereito a unha criatura de tan grande i entranábel entidade coma o galego, na que tantos recibimos o don maravilloso da fala, aprendimos a amar ós pais i a Deus, espresamos as nosas ledicias i os nosos temores ou participamos do dos demais, no que, en fin, se trasfunde e do que se alimenta canto hai de máis íntimo e de máis sublime nos corazóns de varios millóns de seres, sería unha cousa —e perdóneseme a dureza da verba— sinxelamente monstruosa. Sería —visto pola outra faciana— intentar privar a Deus de unha voz, de un tono no coro unánime das suas loubanzas, impedir o acceso ó ameto do seu amor deses finos e peculiarísimos recunchos da sensibilidade que solo o xenio da nosa língoa pode despertar axeitadamente.

Si esta tremenda verdade chega a golpearnos os ollos da ialma, ela solo abundará para desfacer tantas «dificultades prácticas» —as que o son i as que solo o parecen— como andar por ahí paralizano os ánimos de moitos».

3. La emigración tiene una gran influencia en el ocaso de los idiomas vernáculos. Galicia, país emigrante, ve decaer el idioma gallego debido en gran parte a la emigración, viene a decir el articulista.

Es de todo el mundo sabido la gran preocupación que las colectividades gallegas en la emigración sienten por el cultivo y expansión del idioma vernáculo. Innumerables pruebas nos lo demuestran. Mas he aquí una bien reciente, y precisamente referida al empleo del gallego en los actos litúrgicos dentro de la comunidad gallega de Buenos Aires, la más importante del mundo.

A petición de fieles gallegos de Buenos Aires y confirmando lo que los señores Morente y Espiña decían en este párrafo de sus artículos sobre «Los Evangelios en gallego»: «Además la religión necesita de la cultura para poder expresarse y llegar al alma de todos los hombres. Así se explica la apostasía religiosa de tantos emigrantes nuestros al abandonar su propio ambiente; habían recibido su formación re-

ligiosa en dos lenguas (latín y castellano) que no satisfacían su espíritu y, consiguientemente, tal religiosidad no calaba hasta la intimidad de su alma, sino que tan solo se adhería a la superficie de su personalidad», el Padre Luis Villamarín, capellán de la colectividad gallega de Buenos Aires, viene celebrando con permiso del Arzobispado de aquella ciudad, una misa en lengua gallega todos los domingos desde el día 8 de mayo («La Noche», 28 de mayo). Comprobados los magníficos resultados como medio para recristianizar las gentes descristianizadas, ya se está estudiando la forma de poder celebrar varias misas en otros puntos de la misma ciudad.

Después de todo lo expuesto, la opinión de esta Agrupación es: que la lengua que impera en Galicia es el gallego, aun conviviendo con el castellano en las ciudades y villas; que el bilingüismo es una realidad innegable y que por lo tanto la enseñanza en lengua vernácula en ciertos lugares, tal como manda la UNESCO, es una necesidad ineludible; que el uso exclusivo del castellano en el altar y en el púlpito no concuerda en absoluto con lo que dice la Encíclica PACEM IN TERRIS en su apartado 90 en el capítulo referente al «Trato de las minorías», ni con lo ordenado en el Concilio Vaticano II; que la variedad expresiva del gallego no entraña dificultad alguna para el entendimiento de gallegos procedentes de polos opuestos del país y que por lo tanto el adoptar textos únicos es totalmente factible; que el que se solicite la implantación de la Liturgia en la lengua vernácula de Galicia, es no sólo un derecho que nos asiste a los gallegos sino también un deber de todo hombre bien nacido: el deber de ayudar a resolver un problema que afecta a la dignidad del hombre gallego del campo, que, hasta ahora, a la pobreza de su nacimiento une la subestimación hacia su lengua, lengua tan digna como la que más.

La Coruña, Julio de 1966

1968

Tamén parece lícito incluír neste capítulo unha comunicación à Real Academia Galega, que non à imprensa, promovida, con data 11 de Dezembro de 1968, polas Xuntas Directivas das AA.CC. Auriense, de Vigo e O FACHO, facendolle unha série de consideracions acerca do noso idioma e cultura na hora presente.

A Academia contesta, en Febreiro, anunciando a preparación dun epitome gramatical e resaltando o labor das AA.CC. que, segundo expresa, son merecentes da xeral gratitude dos galegos.

1970

O 22 de Febreiro dirixese unha outra carta à mesma Real Academia, relativa à inquietude da nosa Agrupación, en plena celebración dun cur-

so de idioma, entre outras cousas, pola non publicación das normas ortográficas para o galego, que foran aprobadas, na sesión do día 15 anterior, pola citada corporación. A Academia contesta favorablemente.

O primeiro paso importante na nosa presenza nos medios de comunicación deu-se, esta volta coa colaboración da A. C. O Galo, de Compostela, en *El Ideal Gallego*, ao desenvolvermos ali, desde o 29 de Abril de 1969, a sección *Do idioma galego*, nas tres modalidades e etapas que se indica:

- 1.^a Curso de idioma (ver capítulo de cursos).
- 2.^a Concurso de redacción en galego (ver capítulo de concursos).
- 3.^a Inquérito sobre A lingua galega e as novas xeracións, cuxas 39 respostas foron publicadas desde Abril até Outubro de 1970. O cuestionario, que constaba de 10 puntos, xiraba en torno a: postura persoal cara à lingua, xuízos que lle merecía a súa problemática e as súas implicacións no ensino, na Igrexa católica, no mundo sócio-económico e nas relacións sociais, así como o valor da lingua e o que representaban as institucións culturais galegas; cuestionario que responderon: **Ricardo Palmás Casal** (Buenos Aires), **Xesus Cambre Mariño** (S. Juan Pto. Rico), **Carlos Abreira López** (Chicago), **M.^a Teresa Barro** e **Carlos Durán** (Londres), **Ramón L. Chao** (París), **Isaac Alonso Estravís** (Albacete), **Xoán X. González Gómez** e **Basilio Losada Castro** (Barcelona), **Xosé F. Domínguez Martínez** (Bilbao), e na

Terra, **Tereixa Fernández Sánchez**, **Adela Figueroa Panisse**, **S. García-Bodaño**, **Tereixa García-Sabell**, **Xulio Maside Medina**, **Aurichu Pereira Carballo**, **M.^a Carmo Rios Panisse**, **Lois Rodríguez García**, **Xoán X. Santamaría Conde**, **Antón Santamarina Fernández** e **Andrés Torres Queiruga** (Compostela); **Nemesio Barxa Álvarez**, **Francisco González Rodríguez**, **Manuel González Rodríguez**, **M.^a Asunción Montero Pérez** e **Mariña Sánchez García** (Ourense); **Santiago do Campo Figueiral** (A Rua-Petin); **Valentín Arias López**, **Xosé L. Franco Grande**, **Xoán López Facal** e **Camilo Nogueira Román** (Vigo); **Xosé L. Fontenla Rodríguez** (Pontevedra); **Xaime F. López Arias** e **Agustín Rodríguez Caamaño** (Lugo); e **Ramiro Cartelle Álvarez**, **Antón de Santiago Montero**, **Xosé M. Rodríguez Pampín** e **Xaquín Villar Calvo** (A Coruña).

O 4 de Xuño enviamos escritos aos decanos dos sete Coléxios de Abogados de Galiza, suxerindo-lles a discusión, no próximo *IV Congreso Nacional de la Abogacía*, a celebrar-se en León, do problema das linguas do Estado español, sendo tida en conta dita suxerencia no decorrer do Congreso (15/21-6-70), que aprobou por unanimidade e aclamación a utilización de tales linguas nas actividades xudiciais e análogas.

O 11 de Xuño remete-se aos sócios a seguinte circular coa fasquia dun cuase-manifesto, que, a maiores, é reproducida en *La Voz de Galicia* do día 13:

Amigo e consocio:

Supoñémolo enterado de que, a raíz da imposición do PEDRON DE OURO 1970 á escritora e xornalista VICTORIA ARMESTO, o noso asociado Rey de Viana propuxo o facer unha suscripción tendente a deixar, de unha voz, debidamente acondicionada a casa onde viviu o fináu Rosalía de Castro.

Recollida esa proposta pola xornal "La Voz de Galicia", comprometéuse a aportar unha cantidade semellante á do premio "Fernández Latorre", ou sexa 25.000 pesetas, e a levar adiante a suscripción poñendo ao dispor de tal empresa toda a forza de que dispón coas súas delegacións espalladas polo país.

Tendo en conta o que pra a comunidade galega representa Rosalía, a voz máis fidel do pobo galego, a nosa Agrupación sintéuse donde o primeiro intre comprometida no que se fora a orgaizar pra conquistar os medios con que acondicionar, como se merez, a casa da Matanza. E así o pasado día 2 manifestamos públicamente nas páxinas de "La Voz de Galicia" a nosa incondicional colaboración, aportando 1.000 pesetas e decindo que invitariamos aos 500 asociados de "O FACHO" a participar na suscripción.

O 2 de Outubro dese ano parece inaugurar-se a xeira dos nosos comunicados aos medios, coas seguintes *Notas sobre do teatro en Galicia*, asinadas polo Grupo Teatral O FACHO:

NOTAS SOBRE DO TEATRO EN GALICIA

As propias ouservacións, dacabalo dunhas lecturas de textos teatrás, xunguidas ao importante renacemento do feito teatral en Galicia, case todo él, ou polo menos o máis importante, encadrado na liña dun «teatro independente», obríganos a espoñer estas cativas reflexións que, pra nós, son previas a calquer intento independentista no que, dalgún xeito, quixéramos enxergarnos aínda que, polo dagora, debido ás nosas propias limitacións, cecáis non chegue nin siquer a intento.

Humildemente, pois, e por si de algo valeran si non pra nós soíos pra algún máis que queira acometer o traballo que se presenta por diante, imos a sulñar os problemas máis radicás que se lle plantexan ao teatro en Galicia.

En primeiro termo distinguimos totalmente «teatro en galego» de «teatro en Galicia», por non atopar correspondencia entre tales termos, xa que as dúas coordenadas nas que se debe encadrar de orixen o feito teatral veñen marcadas: a) pola conceptualización intelectual do feito teatral; e, b) pola dimensión socio-temporal na que se produce tal feito; a asimilación entre tales termos, si a hai, virá a posteriori.

Vexamos brevemente cada unha de tales coordenadas.

a) A conceptualización básica do teatro, a nivel intelectual, é a de que o teatro é unha linguaxe, ou seña, é un instrumento de comunicación.

Tal afirmación radical lévanos a categorizar os distintos elementos que, como tal linguaxe, o compoñen. Así, dun lado nos atopamos con que a «obra teatral» ou «guión» ou «bastidor literario» correspóndese co que no estudo do linguaxe se chama significado, mentras que a «organización escénica», o «montaxe teatral», a «interpretación», ven sendo o soporte, os significantes. Tal como no linguaxe verbal hai un soporte de significantes: fonemas, morfemas, sintagmas, etc., e un significado do linguaxe ou fala aprehensible ao través precisamente de tales significantes i escrivamente ao través deles, tamén no teatro dáse tal soporte e tal significado, caracterizado éste por aquilo que se di e non por aquilo cómo se di.

Esta primeira categorización elemental lévanos a unha síntesis inmediata, cal é a de que a categoría que lle corresponde ao feito teatral é a da comunicación, e dentro dela haberá que se mover, refugando a falsía que encerra a proposición de reducir o teatro ao «mensaxe», que, ao fin e ao cabo, non supón máis que o manter a categoría clásica dos «transcendentes» eliminando toda posible investigación racional, e deixando o teatro nas mans dos «inspirados», dos «xenos», dos «autores». Eliminada, por falsa, tal redución, énos permitido o colocar a idéntico nivel de investigación tanto a «comedia dell'arte» coma o ritual chamanístico adicado a refugar ou atraer as forzas emanadas do totem ou do tabú.

A redución do mensaxe, supón o subordinar enteiramente o feito teatral ao significado e, deste xeito, a comunicación así establecida convírtese en «mitin», «discurso», «literatura» e pódese afirmar, como facía Ortega, que é mellor leer a obra teatral cada un na súa casa que véla representada. Pro tamén o exceso ou redución contraria, a subordinación do

feito teatral aos seus significantes, acarrea o risco de quedar-se no puro «rito», converter o teatro en verbalismo (oral ou xestual), en «relixión».

A categoría de comunicación esixe a dualidade emisor-receptor, sendo o teatro o vehículo de comunicación; i este vehículo, como deixamos dito, compónse dos elementos significado-significantes. O emisor é o grupo ou persoa que fai teatro; o receptor é o espectador co que se intenta comunicar e ao que se lle quere comunicar algo. A comunicación teatral establécese cando o linguaxe que o teatro é resulta intelixible pra o espectador-receptor.

Polo tanto, a extensión conceptual que se produce cando se asimila «teatro en Galicia» a «teatro en lingua galega», viría a negar esa dobre dimensión ínsita no concepto mesmo do teatro como linguaxe propio e reduciría os significantes a unha posición subordinada, debilitando a especificidade do montaxe, do xesto, da escenificación, os cales somentes terían a función de axudar ou reforzar o significado verbal-«tra chegar a postular a equivalencia «linguaxe teatral»-«lingua oral».

b) Sendo o teatro un linguaxe, a súa praxis virá condicionada fundamentalmente polo medio socio-temporal no que se produce.

Estas notas, pois, sobre do teatro en Galicia, sin programar nada, intentan simplemente inxertar a conceptualización teatral que levamos exposta, no medio socio-temporal no que se pode producir o feito teatral adoptando un criterio finalista susceptible, desde logo, de calquer crítica e confrontación dialéctica.

Seguindo as reflexións anteriores, é válida, indiscutiblemente, a conclusión de que tanto pode ser teatro o que se alíña no chamado «realismo socialista» coma o máis corrente nos nosos escenarios, peyoratizado baixo a adxetivación de «teatro de consumo»; pro, tanto nun caso coma noutro, pra nós existe unha inversión ao suxetar o linguaxe teatral a condicionantes propios da súa praxis concreta, universalizándoa, esquencendo que tal categoría universal somentes lle pode corresponder ao concepto do teatro máis non á súa praxis. A universalización conceptual, pola contra, ao marcar o feito teatral dentro do contexto da «comunicación», obriga a impoñer como única norma apriorística do feito teatral a da existencia ou posibilidade de tal comunicación.

En principio, pois, o teatro non pode ser visto ao través da súa praxis concreta, aínda que sin ela, como é lóxico, non se poida ver en funcionamento, nin, tampouco, pode ser visto na instrumentalización pra o servizo dunha clase, grupo ou élite, sinón que a aproximación ao feito teatral débese facer dentro do concepto de comunicación e pola existencia ou intento da mesma co home en xeneral, considerado como receptor universal que, en cada intre en que se produce o feito teatral, concretízase no home-espectador.

Este plantexamento previo, que non desbota a discusión posterior con utilización de fautores extrateatrás, nos leva da man a condicionar toda a «praxis» teatral en Galicia polo feito de que, no home-espectador galego, independentemente do seu vencellamento a unha clase ou grupo determinado, dáse un código de intelixibilidade específico, cal é o representado por unha lingua oral e unha cultura que o diferencia, poñamos por exemplo, do home-espectador de Burgos ou Burdeos.

A esixencia de comunicación obriga, daquela, a considerar ao home-espectador concreto do xeito máis universal posible, buscándose, na praxis teatral, os significantes máis am-

plos, o código maioritario dos receptores, que leva dende a investigación das reaccións psicolóxicas máis profundas ás máis externas do coñecemento. Dende a procura dunha teoría xestualista e ouxestualista que se corresponda o máis posible ca estrutura sociocultural do país, hastra a utilización do código verbal maioritario en Galicia, o idioma galego.

O problema do significado, que non imos a tratar hoxe aquí, virá, xa de seguido, rexido en gran parte pola valía estética do soporte empregado, dos significantes nos que se asente, e tal significado será valorable, fundamentalmente, como valor ou disvalor, si ten en conta as necesidades culturais de se receptor universal concretizado no espectador do feito teatral en Galicia.

Como resumen, pois, entendemos que as investigacións e intentos prácticos do teatro en Galicia que vaian orientadas polo camiño que deixamos derregado, responderán ao criterio máis válido sobre da función a cumprir polo feito teatral; as que non se baixen a este rego, nacerán tolleitas en por si e a súa función será nula ou marxinal.

O Grupo Teatral O FACHO

1973

Outro meio, importantísimo, ao que tivemos acceso foi Radio Nacional de España (*Centro Emisor del Noroeste*), única que cubría o país todo, onde iniciamos, o 6 de Setembro de 1973, a emisión cultural quincenal (en xoves alternos, ás 2 da tarde) e en galego *Da Terra e dos tempos*, que foi a primeira levada a cabo nesa emisora, e que se emitiu pola última vez o 23 de Novembro de 1978, co programa número 131.

Realizado por locutores da rádio oficial, O FACHO redactaba o seu contido (música incluída), consistente en temas de actualidade, novidades, difusión da nosa historia e cultura en xeral, entrevistas aos principais intelectuais de Galiza, etc., etc.

Precedida por *O Espello*, de Rádio Popular de Ferrol, foi seguida doutras nas principais cidades.

1974

O 3 de Xullo, en LVG e novamente por unha cuestión teatral, O FACHO asina un comunicado *Sobor do teatro galego na actualidade* (arredor da Mostra de teatro galego paralela á de Ribadavia), que se reproduce na súa integridade (por certo, contestado por **Luz Pozo Garza** e no mesmo xornal, o 5 seguinte):

SOBOR DO TEATRO GALEGO NA ACTUALIDADE

(Arredor da «Mostra de teatro galego
paralela á de Ribadavia»)

As recentes xornadas teatrais organizadas pola Agrupación Cultural Abrente de Ribadavia puxeron de novo en candeeiro as bases fundamentais para existencia e continuidade dun teatro especificamente galego na Galicia de hoxe.

Ao longo do certame e, fundamentalmente, no decurso das mesas sostidas entre aficionados, teóricos e membros dos grupos intervinientes, quedaron de manifesto os puntos que, esquemáticamente, refrexamos de seguido:

1. Condición popular do teatro galego.

Partindo da aceptación como premisa de traballo de que o teatro galego débese inxertar nas condicións sociais específicas do pobo galego, lonxe, por tanto, de formulacións cosmopolitas para uso estético dunha crás intelectualmente privilexiada, a consecuencia primeira e fundamento da pervivencia dun teatro galego con especificidade ven da man de que tal teatro adequirea xeitos comunicativos coas crases populares da Galicia que non forzosamente deben coincidir, si non superar, as primitivas tesis ruralistas do teatro galego nos primeiros anos do século que andamos.

2. A lingua galega como medio de expresión oral no teatro galego.

Como derivación do presuposto popular prefixado deantes, a utilización do idioma galego como medio de expresión oral ven de seu, xa que, ao sere tal idioma o vehículo de comprensión intelectual do pobo galego e supoñer a incorporación duns valores autóctonos, culturais e de todo tipo, a función social do teatro somentes se poderá levar a cabo partindo da utilización do idioma galego como medio de expresión oral.

3. O autoctonismo na elección de textos teatrais.

Plantéase o problema do teatro traducido e do autóctono. As negativas para aceptación dun teatro creado orixinariamente por autores de fora de Galicia i en idioma distinto do galego, carecen de todo fundamento racional se, a tales textos, se lle aplican os resultados que se tiran dos outros dous presupostos analizados.

Un teatro popular supón un texto literario e unha representación plástica que achegue i establezca comunicación entre o pobo e a obra e tal comunicación, indubablemente, non precisa dun texto orixinariamente galego, pois ademais das condicións específicas do pobo galego en canto tal, éste incorpora condicións xenéricas a todo fato humano que de feito poden sere refrexadas por calquer home. O teatro dun Brecht, ou dun Weiss, ao se referiren a situacións xenéricas ao humano é indubable e necesario que debe ser incorporado ao feito teatral galego.

Tal feito teatral, expresado oralmente no idioma galego, supón, si se fai con diñidade, unha aportación esencial xa que cumpre a súa función de enseñanza e comunicación co pobo ao que se dirixe.

Nin siquer se plantexa a alternativa, pois a aceptación dun teatro traducido non supón, nausoluto, a negativa dun teatro autóctono sempre e cando tal teatro teña algo que decir e propoñer ao pobo galego. Si este teatro, aínda que seña de autor galego i escrito en galego, carece de valía no con-

texto actual da sociedade galega, ben polo seu excesivo ruralismo ou, ao revés, polo intelectualismo elitista, é indubidable que debe ser desbotado.

I estos son os puntos que nós creemos máis importantes e sobre dos que deben dirixir o seu traballo os grupos galegos con conciencia da súa outa misión e responsabilidade que lles acae nesta hora, e nos que se anda a facer un verdadeiro teatro galego.

O FACHO

A Cruña, Vran do 1974

O 27 de Setembro O FACHO subscibe, con outras entidades e varios intelectuais, un comunicado, asinado polo Grupo de Teatro Rosalia de Castro, de Compostela, denunciando a maneira en que foron organizadas as *III Jornadas de Teatro de Vigo*, nomeadamente por ter sido programadas practicamente de costas ao feito teatral galego.

1975

Primeiro dunha serie de manifestos, xa en democracia, este do último ano da Ditadura e 6 de Abril, é un valente alegato que gallardamente publicaron EIG e LVG, facendo-se eco del, igualmente, **Manuel Roldán** no seu *Suma y sigue* de Radio Nacional de España.

A INDUSTRIALIZACION DE GALICIA

Un intento fallido de «O FACHO»

A industrialización de Galicia: velahí un tema polémico no que os mitos, os prexuízos ideolóxicos, os conflitos de intereses e, ao cabo, as mistificacións están ensarilladas e dificultan a percepción axustada e diáfana dos auténticos problemas.

Os mitos, primeiro: porque en todo país subdesenvolado a verba «industrialización» suscita maquinalmente unha visión de benestar económico e otórgalle á industria un poder taumátúrxico que, na realidade, non ten en xeito algún.

Os prexuízos ideolóxicos, tamén: porque o crecemento industrial, nas nosas latitudes, adoita ser orientado e manipulado ideolóxicamente pra outar a colaboración, entusiasta incluso a poder ser, dunhas poboacións requeridas pra seren moito máis os seus artifices que os seus beneficiarios.

Os conflitos de intereses, en fin: porque son intereses concretos, diverxentes e, con frecuencia, no fundamental, conflictivos os que entran en xogo nas fórmulas alternativas de desenvolvemento industrial, namentras se dean as condicións precisas pra que a política económica se poida plantexar inequivocamente en función das necesidades prioritarias.

E con todo, o progreso económico de Galicia pasa, sin dúbida, por algunha forma de desenvolvemento industrial. Nesto

hai acordo unánime. Nesto e cáseque en nada máis. Pouco é, mais é un punto de partida. Por eso, todo o que contribúa a craxear os camiños alternativos e os problemas de toda indole que se abren e xurden de ahí en diante, constituirá, xa que logo, unha aportación estimábel ao progreso colectivo dos galegos que, ou se fai solidariamente, ou non será tal.

Movida por esta arela, a Agrupación Cultural «O FACHO» tencionaba celebrar en primeiro lugar unha mesa redonda para a que contaba coa colaboración dos profesores universitarios señores Beiras e López-Suevos e dos inxeñeiros industriais señores Nogueira e López Facal. Posteriormente abrigada a esperanza de ofrecer unha sesión conxunta con catro breves conferencias dos mesmos especialistas seguidas dun curto debate público. E xa, nun derradeiro esforzo organizativo, propúxose levar a cabo un ciclo de conferencias seguidas de coloquio, pretendendo deste xeito dar un novo paso no camiño andado deica o de agora cos ciclos «Problemática económico-social galega 1968», «O cooperativismo» (1970-71), e «A Galicia rural na encrucillada» (1973-74). Pois ben, ningún dos tres proxectos devanditos, propostos escalonadamente, pudo chegar a bó fin por causas alleas a esta Agrupación.

Polo tanto, debéndose aos asociados, aos simpatizantes e ao público que desexa formarse e informarse en tema tan actual e polémico, a Agrupación Cultural «O FACHO» vése na obriga de lle dar publicidade a esta nota informativa dando conta de todas as vicisitudes polas que tuvo que pasar no seu anxeio de seguir no labor de clarificar todas cantas cuestións atingan ao presente e, sobor de todo, ao futuro de Galicia.

E xa pra rematar, manifesta o seu fondo agradecimento: aos confereciantes invitados, quen es renunciano a fondas conviccións, estiveron dispostos a esgotar todas as alternativas que «O FACHO» lles iba ofrecendo; ao Colexio da Compañía de María, que xentil e xenerosamente tiña ofrecida a súa hospitalidade; e a cantos nos animan no noso que-facer, e que nesta ocasión, vivamente interesados polo tema, nos tiñan comunicado o seu alento e o seu apoio. A todos, grazias.

Agrupación Cultural O FACHO

En 17 de Decembro dese ano crucial, divulga-se a seguinte Declaración:

DECLARACIÓN DAS ASOCIACIÓNS CULTURAIS GALEGAS SOBRE A AMNISTÍA E O DECRETO DE LINGUAS NACIONAIS

Diante as circunstancias de hoxendía as Entidades Culturais Galegas que suscriben o presente comunicado, fan constar á opinión pública a súa preocupación polo regulamento vixente dos dereitos de expresión e reunión —que tanto lles afectan— e demais dereitos consagrados nos textos internacionais —suscritos e ratificados polo Estado español—, que impide o libre desenvolvemento das súas actividades sociáis.

Nese senso, agardan que sexan implantadas decontado as liberdades democráticas devanditas.

Do mesmo xeito, piden espresamente a derogación do Decreto que regula o uso das linguas nacionais do Estado español, por ser altamente discriminatorio para o idioma galego, ao escluilo da Administración a todos os niveis e prohibir

ARCO DA LVELL

Realiza a Agrupación Cultural «O Facho»



o seu uso con carácter oficial aos galegos, reafirmando aínda por riba o statu quo, igualmente discriminatorio, mantido no Decreto sobre o Ensino de 30 de maio de 1975.

As Entidades Galegas firmantes, recollendo o sentir popular, formulan o seu desexo de que sexa realidade unha amnistía xeral, que abranza a todos os presos políticos sin ningunha restrición e aos sancionados administrativamente nos eidos sindical, do ensino, cultural, etc.

Igualmente as Entidades Culturais Galegas apoian a posición do Consello Xeral da Abogacía, manifestada públicamente nestes días, en relación ao Decreto de Prevención do Terrorismo e demais lexis repesivas.

Galicia, Nadal 1975

Suscriben o presente escrito:

Ag. Cultural ABRENTE, de Ribadavia (Ourense)
Asoc. AMIGOS DA CULTURA, de Pontevedra
ATENEO DE MOAÑA (Pontevedra)
ATENEO DE OURENSE
ATENEO DE PONTEVEDRA
Ag. Cultural AURIENSE, de Ourense
Ag. Cultural AVANTAR, de Carballiño (Ourense)
Asoc. CULTURAL DE VIGO
Ag. Cultural FRANCISCO LANZA, de Ribadeo (Lugo)
Ag. Cultural O FACHO, de A Cruña
Ag. Cultural O GALO, de Santiago de Compostela
Ag. Cultural O TRAMALLO, de Pontedeume (A Cruña)
Ag. Cultural OS CABACEIROS, de Maceda (Ourense)
Ag. Cultural OS CIGURROS, de A Rúa (Ourense)
Ag. Cultural OS CHOUPOS, de Verín (Ourense)
Ag. Cultural SEMENTEIRA, de Viveiro (Lugo)
Asoc. Cultural VALLE-INCLAN, de Lugo

1976

Desde entrado Xaneiro de 1976 até o 4 de Marzo de 1979 —embora haxa con posterioridade algun Arco aillado—, pinzando e despois sucedendo a sección de LVG, O FACHO leva, en EIG, a folla dominical semanal *Arco da vella*, baixo a responsabilidade inmediata de **Xavier Alcalá**, e na que, coas seccións *Safari toponímico*, *Colleita por leiras alleas*, *Ten reparado vé. en que...?*, e outras non fixas, colaboraron algúns dos escritores daquela radicados na Coruña e a súa comarca, algúns mesmo remetendo as súas colaboracións desde fora; e dando lugar a espontáneas tertulias en torno ás mesas de redacción que, semanalmente, se celebraban no local da Agrupación. Con cabeceira de **Siro** e tira de **Xaquín Marín** (*Gaspariño*), lembramos, sistematicamente ocultos baixo os correspondentes pseudónimos, os nomes de **Xosé M. Mz. Oca**, **Xoán I. Taibo**, **Xaquín Villar**, **A. Rodríguez Caamaño**, **M. Miragaia**, **X. Ramón Pena**, **Xosé-M.^a Monterroso**...

No seo daquelas tertulias mesmo surxiría, proxecto efémero, o colectivo poético *Saraiba*...

Iniciada a transición política, prodígan-se as manifestacións de opinión. Así, o 17 de Maio de 1976, *Dous mil firmantes dun escrito piden a normalización da lingua galega*, como reflexa LVG do día anterior; asinantes da rexión Ferrol-Coruña-Compostela, entre eles entidades e entre as cales O FACHO, segundo se reproduce:

DOUS MIL FIRMANTES DUN ESCRITO PIDEN A NORMALIZACION DA LINGUA GALEGA

Neste «Día das Letras Galegas» —adicado a Ramón Cabanillas— escritos como o presente serán dados a conocer á opinión pública facendo unha serie de peticións encol da normalización da lingua galega. Firmado por dous mil cidadáns galegos da zona da Cruña, o Ferrol e Santiago —profesores e alumnos da Universidade Galega, das Escolas Universitarias de Arquitectura Técnica, de E.X.B., do Colexio Universitario, dos Institutos de Ensino Medio, do Curso de Lingua Galega que rematou antonte, do Grupo Teatro «Circo», da Agrupación Cultural «O Facho», do Real Coro «Toscos e Froles» do Ferrol, obreiros de «Astano» e da «Bazán», veciños dos barrios de Labañou e das Frores da Cruña, empregados, profesionais, escritores e artistas— dirixen á opinión pública chamando a atención sobre a normalización do idioma galego e apuntando os medios para levala á práctica:

Os abaixo firmantes, obreiros, labregos, mariñeiros, estudantes e profesionais galegos, queremos facer público ao país e á Administración, o seguinte:

Que nembargantes ser o idioma galego falado polo oitenta por cento da poboación —e entendido, practicamente, por todos os galegos—, nin se quere reconecer esta realidade nin admitir a súa vitalidade, polo que se ve afastado do Ensino, da Eirexa, dos medios de comunicación e da propia Administración. De seguirse, pois logo, a esquecer os dereitos que como idioma dun pobo ten, as nosas xentes seguirán a padecer unha colonización idiomática que, desde hai séculos, están a levar cara a marxinação total. Coidamos, logo, que xa chegou o intre de lle pór freno a situación tan desesperada, pedindo:

a) Que todos os centros de ensino galegos teñan como medio de expresión o idioma galego asina o demande a maioría do estudantado, axeitando a planificación do ensino á situación real do país galego.

b) Que a prensa diaria editada na Galicia bote en galego o cincuenta por cento do seu texto e, a máis de galeguizar os topónimos que o contido dos textos sirva para achegar a todos os lectores as noticias do seu país, así como tamén o coñecemento da nosa realidade nos eidos económico, político, cultural e social.

c) Que as emisoras de radiodifusión empreguen o galego en horas de grande audición, dando a saber nestes espazos radiofónicos a cultura popular galega e os problemas e conflitos da nosa sociedade.

d) Que a TV emita no noso idioma, tamén en horas de grande audiencia, espazos con temática axeitada á situación real de Galicia en todos os niveis.

e) Que as Diputacións e Concellos galegos restituían os topónimos ao seu ser galego, e que nas súas xuntanzas corporativas utilicen oficialmente o noso idioma. Petición que tamén facemos estensiva aos Xuzgados, Tribunais, Colexios de Licenciados, Asambleas, Claustros, etc.

f) Que nas diócesis galegas os seus bispos dispoñan a galeguización total da litúrxia, único xeito de estaren realmente cabo dos humildes.

Coidamos que é este o único xeito de iniciar na práctica a normalización do noso idioma, dereito que temos todos os galegos, e que, por razóns elementais, non se nos pode negar.

Dazasete de Maio de 1976. «Día das Letras Galegas. Adicado a Ramón Cabanillas (1876-1959).

LVG do 24 de Decembro dese ano publica outro comunicado noso: *O FACHO contra a celulosa de Ponteceso*, deste teor:

«O FACHO», CONTRA A CELULOSA DE PONTECESO

Hoxendía, e cando se está a falar tanto de democracia, cando se di tantas veces que a vontade do pobo debe ser respetada, cando estamos nun proceso de cambeo e camiños cara a unha sociedade democrática, aínda existen feitos que ñoñan ou marxinan os verdadeiros desexos do pobo.

O tema da instalación en Ponteceso dunha planta de celulosa e papel, é un bó exemplo de análise para saber si estamos en trance de pasar a unha sociedade democrática ou en troques aínda teremos que estar máis maduros e continuar e seremos guiados polos nosos «representantes» ou «políticos» centralistas.

Cando o 28 de marzal do ano que está a dar as últimas boqueadas na vila de Ponteceso a manifestación pacífica e autorizada berraba «o pobo xa falóu, non queremos a celulosa...», estábamos asistindo a un proceso de toma de conciencia i expresión da vontade do pobo nun marco predemocrático, mais cunha decisión firmemente tomada: oposición á instalación da planta de celulosa.

Alcaldes da bisbarra de Bergantiños, confradías sindicais, de pescadores, presidentes de «Hermandades» da bisbarra, en total 15 institucións oficiais, e máis as firmas dos veciños tomaron coa súa decidida conducta opositora unha definitiva posición. Mais por si esto non abundara, podemos dicir que nunha enquisa feita no ano 75 no porto de Malpica, co gallo dunha tese de licenciatura dirixida polo profesor Beiras, os mariñeiros mostraban a súa posición contraria á instalación da celulosa con un porcentaxe do 96,4, mostrándose partidarios sómentes o 3,6 restante («Estructura da pesca costeira galega: un caso representativo», páxina 192). E noutro porto como Muxía, noutra enquisa, o porcentaxe obtido é cáseque o mesmo: máis do 95 por cento dos mariñeiros non desexan a instalación da celulosa en Ponteceso.

Mais esa oposición á celulosa de Ponteceso, o mesmo que ás que se pretendían ou pretendían instalar noutros lugares de Galicia, lévanos a considerar o proceso de industrializa-

ción no que se ten que basear a economía galega para saír do subdesenrolo no que está mergullada. E esa industrialización e o desenrolo conseguinte de Galicia, pasan pola planificación racional dos nosos recursos, co cal se percuraría construír unha economía artellada sectorialmente e a nivel de todo o ciclo productivo. Deste xeito evitariáanse os escesos nalgúns sectores cunha excesiva capacidade estrutural, eliminándose a fuxida de bens producidos que non participan no produto nacional bruto galego, e impediríase o drenaxe de escedentes doutros sectores para fora e a conseguinte emigración da poboación galega como resultado deste desaxuste.

Na bisbarra de Bergantiños, cuia riqueza fundamental é o agro e a pesca, o tipo de industrialización debe basearse nestes sectores. Calquer intento de industrialización que poña en perigo a economía bergantiñán supón un auténtico risco e un ataque á sociedade en xeral, sendo as clases máis desfavorecidas, os labregos e os mariñeiros, clases que xa veñen padecendo a historia que non vivíndoa, as que serían levadas a unha verdadeira desfeita.

De se instalar dita planta de celulosa supoñeríalle ao sector pesqueiro un grave coste. Dada a coxuntura internacional de defensa das plataformas costeiras dos países soberáns, as flotas de Muxía, Camariñas, Camelle, Laxe, Corme e Malpica, adicadas fundamentalmente á pesca de baixura, ou sexa barcos que desenrolan a súa actividade perto das costas, veríanse afectados dunha contaminación mariña de irreparables consecuencias. E o mesmo acontecería para o marisqueo, xa que os efectos serían tan perigosos que o exemplo da ría de Pontevedra é un caso que non precisa máis que unha observación ocular.

Polas dúas razóns apuntadas, a primeira porque o pobo manifestou o seu sentir e a segunda porque é necesario facer i esixir para Galicia unha industrialización axeitada aos nosos recursos e planificada racionalmente, a Agrupación Cultural «O Facho» apoia e alenta ao pobo de Bergantiños nesta loita que ten marcados acentos antidemocráticos, caciquiles e de intereses privados tanto galegos como alleos ao noso país.

Entrementras Galicia siga a ser presa da rapiña capitalista, mentras continúe a padecer unha dependencia colonial na que os nosos recursos mineiros, hidroeléctricos, pesqueiros, do agro e humanos son espoliados unha e outra vez, entanto a nosa lingua e cultura sexan tratadas de un xeito folclórico e como instrumento propagandístico... mentras a nosa terra estea sometida ao centralismo abafante, en suma, nin un soio galego pode permanecer impasible diante do que está a acontecer.

1977

Dos xornais do 17 de Febreiro de 1977 tomamos o comunicado que ali se reproduz, motivado polo conflito social das Encrobas (Cerceda), baixo o titular *O FACHO: riqueza pra todos*:

«O FACHO»: RIQUEZA PRA TODOS

«O Facho», entidade cultural que dende hai máis de trece anos ven traballando arreo pola promoción e defensa da lingua e cultura galegas, e, parellamente, do patrimonio material e social de Galicia, diante do que ven de ocorrer en As Encrobas (Cerceda-A Cruña), manifesta:

a) Que se solidariza cos labregos que están a defenderen civilizadamente os seus lexítimos dereitos tratando de impedir que se lle espropie as súas terras de un xeito arbitrario, sin recibiren a cambeo o que é de xusticia e piden.

b) Que o asoballamento secular das clases populares galegas maniféstase unha vez máis no que está acontecendo en As Encrobas. Trátase de presentar á opinión pública como un ben social ou público o que somentes é un ben privado, é decir, a explotación por unha empresa capitalista dunha riqueza de todos, como é a dos lignitos, para obter sin máis o beneficio máximo pra uns poucos.

c) Que si se bota unha ollada ás cifras da enerxía que se produce en Galicia e da que aquí se consume, a explotación dos lignitos de Meirama soio tería razón de ser, dende o noso punto de vista, ou sexa do ben da comunidade galega, nun caso de extrema necesidade enerxética.

d) Que a depredación das nosas riquezas por parte dos axentes oligárquicos, autóctonos ou non, sin importarlle o progreso social e cultural do noso pobo, está claramente evidenciada, unha vez máis, no caso dos lignitos de Meirama.

e) Que o mesmo que no noso comunicado de 24-XII-1976, publicado neste xornal sobre a instalación dunha planta de celulosa e papel en Cospindo-Ponteceso, repetimos que «entramentas Galicia siga a ser presa da rapiña capitalista, mentras continúe a padecer unha dependencia colonial na que os nosos recursos mineiros, hidroeléctricos, pesqueiros, do agro e humanos son espoliados unha e outra vez, entanto a nosa lingua e cultura sexan tratadas dun xeito folklórico e como instrumento propagandístico... Mentras a nosa terra estea sometida ao centralismo abafante, en suma, nin un soio galego pode permanecer impasible diante do que está a acontecer».

f) Que a negociación cos nosos labregos se realice, agora e sempre, dentro dos canles dunha verdadeira xusticia social e democrática a que como seres humanos teñen total dereito.

O 3 de Novembro de 1977, con ocasion do comezo do curso de galego en LVG, publica-se neste xornal unha pequena historia dos nosos cursos de idioma. Dito curso inicia-se o día 6 seguinte para durar 6 meses (ver capítulo Cursos).

Esta circular, con todas as características dun manifesto, mandou-se aos sócios o 28 do mesmo mes (xornada á que se dedicou especialmente a nosa audicion *Da Terra e dos tempos*, do 1 de Decembro, con transcripcions de *Sempre en Galiza*, de **Castelao**). (Vexa-se páxina seguinte).

1978

O 14 de Marzo fai-se público un comunicado conxunto (do FACHO e varias organizacions) en repulsa pola detencion de manifestantes, o 12 anterior, en Maria Pita, a favor da liberdade de ex-

presion, en solidariedade co grupo teatral catalán *Els Joglars*.

Un comunicado noso, en solidariedade coa Agrupacion Cultural Abrente, publica-se en LVG do 8 de Xuño de 1978:

SOLIDARIEDADE CON «ABRENTE» DE RIBADAVIA

É evidente a utilidade da arte teatral, particularmente nun país que, coma o noso, tan necesitado está de dinamizar a súa cultura. Este empuxe debía partir da iniciativa dun organismo oficial que, chamándose Ministerio de Cultura, nacéu para velar por ela. E xa que non parte, era de agardar que as peticións de axuda que a ese organismo chegan fosen recibidas e atendidas satisfactoriamente. Non embargante, a Agrupación Cultural «Abrente» ven esperando infructuosamente que lle sexa concedida esa axuda, solicitada en momentos duros en que, sen locais axeitados nin medios de ningunha caste, anda a organizar a VI Motra de Teatro de Ribadavia, con categoría internacional e a participación de perto de 20 grupos, a se celebrar o vindeiro día 17.

«O Facho» chama a atención, daquela, encol do mal e máis a urxencia que a súa solución requir, tendo en conta, a maior abundamento, o renome que este feito cultural acadou, derivado da súa permanencia e tamén da súa calidade, xunto coa realidade indiscutíbel de ter promocionado unha chea de obras como endexamáis se deran na historia do teatro galego.

1979

O 16 de Febreiro de 1979 sai, en LVG e EIG, referencia á nosa protesta polo asunto que segue:

A Agrupacion Cultural O FACHO protesta enerxicamente pola pretendida destrucion por parte do Banco de Bilbao do estudo Galicia, realidade económica e conflito social.

Cando en calquer circunstancia seria condenábel unha manobra anti-cultural de tal irresponsabilidade, no caso do noso país, onde non abundan obras de tal envergadura, é, sobre immoral, indignante a súa eliminacion.

Por iso O FACHO fai un chamamento a autores e Banco para que cheguen a un acordo sobre que facer co libro, de xeito que, este atendendo á súa imaxe pública e aqueles tentando que non se perda o seu labor, saian beneficiados todos os galegos.

O 16 de Outubro endereza-se ao Concello un escrito sobre o tema do nomenclátor, na primeira dunha serie de infrutuosas tentativas cara á súa galeguizacion e democratizacion, en base a un plan de tres puntos: 1.º Recuperacion de nomes históricos; 2.º Descastrapizacion de certos topónimos, e 3.º Dedicacion a persoas, feitos e luga-

Amigo e consocio:

Estamos convencidos de que se está a vivir uns tempos decisivos para en-
carreirar o futuro da nosa Terra. E a pouco que os galegos conquiramos un mínimo de uni-
dade, Galicia debe atopar vieiros axeitados que posibiliten a solución dos seus proble-
mas.

Os que integramos a familia de O FACHO, nome que hoxe goza dun prestixio
ben ganado e que xa está chantado nas páxinas do rexurdimento da nosa cultura e da nosa
toma de conciencia como pobo diferenciado dentro do Estado español, de sempre viñemos cre-
ballando para que o feito cultural e socio-económico específico de Galicia chogasen al-
gún día a acadar canles nos que percurar a súa plonitude.

E hoxe, co cambeo político que se está a levar a cabo e co feito de que
a problemática das nacionalidades asoballadas polo centralismo está a ser sentida, com-
prendida e compartida por moitos, eses canles, configurados nuns órganos de Goberno gale-
go, están en camiño de lograrse.

E nós contribuímos positivamente a esa toma de conciencia co noso teimudo
labor encetado hai agora 14 anos, labor que ofrece un saldo pouco común e que nestos in-
tres ovidénciase no Curso de Galego de "La Voz de Galicia", nas colaboracións diversas
noutros medios de comunicación, nas publicacións ininterrompidas con material procedente
do noso quefacer (hai pouco publicóuse a peza de teatro infantil "Viaxe ao país de Nínque-
ros", de Manuel Lourenzo, e a 2ª edición do conto infantil "A galiña azul", de Carlos Ca-
sares, ambas dúas obras premiadas nos nosos concursos), o traballo constante do Grupo de
teatro, agora representando por toda Galicia o "Paco Pixiñas", etc., etc.

Mais para o Poder central, alá tñ distante na Meseta mais ben porto e
ben presente cos delegados que aquí tñ, a realidade das nacionalidades soio choga a on-
tendela si a presión popular se fai presente e actuante.

Por eso o domingo día 4, convocadas por cáseque todas as forzas políticas
e sindicais e apoiada por Colexios profesionais e outras institucións van ter lugar na
Cruña, Ourense, Lugo e Vigo manifestacións PRO-AUTONOMIA DE GALICIA.

Nós coidamos que coa nosa traxectoria de traballo efectivo e limpo a prol
da concienciación do país non debemos estar silandeiros diante desta primeira mostra rei-
vindicativa dos nosos dereitos nacionais, que conta, ademais, co consenso de todas as
forzas democráticas.

E así invitamos a todos os nosos asociados, amigos e simpatizantes, xun-
tamente cos seus fillos, a participar na manifestación do domingo 4 aquí na Cruña, que
partirá ás 12 da mañán da Plaza de Portugal, como tamén animamos a que se levo a ela a
bandeira galega e que se poña nas fiestras e balcóns dos nosos fogares, como mostra do
noso sentimento de pertencencia á comunidade galega.

Co pensamento posto na Terra mándalle cordiais saúdos

a xunta directiva

res que son merecentes de tal, seguindo-se unha longa lista, encabezada por Castelao é Bóveda, segundo se detalla: Prisciliano, Afonso X, D. Dinis, Porlier, Acevedo, Faraldo, Vicetto, Valladares, Saco e Arce, Th. Braga, Carolina Michaelis, Santalices, Pablo Iglesias, Ricardo Mella, López Ferreiro, Lúgris Freire, Basilio Álvarez, Noriega, irmaos Vilar Ponte, Asorei, Lesta Meis, Manuel Antón, Viqueira, López Abente, X. Sigüenza, Leandro Carré, Amado Carballo, Pessoa, V. Risco, S. Risco, Otero Pedrayo, Bouza Brey, L. Seoane, Lorenzo Varela, e Celso Emilio Ferreiro (mortos ese ano, inda non morrera Blanco Amor), Pimentel, G. Lorca, Ánxel Casal, Julio J. Casal, Xohán Casal; 1,17 e 30 de Maio; 28 de Xuño, 17 de Agosto; Irmandiños e Mártires de Carral; e, por fin, Barcelos, Braga, Coimbra, Guimarães, Porto, Cataluña, Euskadi, Andalucía, Canarias e Castela.

O 11 de Novembro O FACHO emite un comunicado en favor dos licenciados en idioma galego-portugués, procurando que sexan empregados os seus coñecimentos antes que os de outros no proceso de ensino da nosa lingua, de xeito de obter os mellores resultados nos ensinando.

O 21 de Novembro envia-se escrito à Academia, no que, referindo-nos à sua utilíssima biblioteca, nos doemos das dificuldades que supón para os investigadores, o non abrir polas tardes e máis o carecer de máquina fotocopiadora.

O 24 do mesmo publica-se en LVG o seguinte comunicado:

A Agrupación Cultural O FACHO protesta publicamente polo insulto que representa para o noso País o «Estatuto de Madrid», artellado polos centralistas.

Ese Estatuto significa o menosprezo da nosa realidade como pobo, condenándonos a sermos apenas rexión do ámbito cultural castellano.

Con el, a Galiza seguirá a ser un país subdesenvolvido económica, política e culturalmente...

Para que a Historia non se mofe de nós débémonos revoltar contra quen nos conducen a un novo Medulio.

Temos que denunciar os servidores fieis do centralismo.

Temos que adoptar unha actitude colectiva de resistencia...

Defendamos o noso porvir; sexamos nación no concerto das nacións.

*¡Xuremos!
«Direito ou torto,
sen máis alcuño nen achego,
doente ou san, vivo ou morto,
galego... ¡e só galego!».
(Cabanillas, o noso)*

1980

LVG do 4 de Xaneiro publica, parcialmente, un noso comunicado que se reproduce a seguinte:

A A.C. O FACHO E O CONFLITO LINGÜÍSTICO EN GALIZA

A lingua dun pobo é un dereito natural. Por tanto, non é democrático, nin tan sequera humano, poñelo en cuestión mediante lei ningunha, e menos manipulando as mentes duns pais previa e secularmente desgaleguizados, como o fai o Real Decreto 1981/79 de 20 de Xullo.

Amaís, esta Agrupación entende que a sociedade galega non é bilingüe, senón diglósica, e necesita superar esta situación anormal por camiños totalmente opostos aos que se están seguindo na actualidade.

Concretando, as recentes accións contra profesores que dan as súas clases en galego poden levar a sancións, xa iniciadas de feito polo Ministerio de Educación, e apoiadas no citado Real Decreto de Bilingüismo.

Fica claro, pois, que o tal Decreto, máxime en mans de intereses alleos ao pobo galego e á súa cultura, é unha arma de fío cortante para o seu dereito natural e para quen queren facer uso deste.

A Agrupación Cultural «O Facho» amosa a súa repulsa cara o tal Decreto e apoia publicamente a decidida actitude de cantos profesionais do ensino, co seu exemplo persoal ou as súas manifestacións, demostrando estar pola defensa da expresión no idioma nacional de Galiza.

No XXX cabodano de Castelao.

A Cruña, Xaneiro de 1980.

O 9 do mesmo mes dirixen-se tres comunicacións ao Concello da Coruña: 1) Sobre a necesaria presenza das Agrupacións Culturais e Asociacións de Viciños na comisión de festas do verao; 2) Sobre a necesidade urxente de substituír o monumento ao Mariscal Carmona (na praza de Portugal) por un outro que mellor reflexe a irmandade luso-galega; 3) Insistindo no dito en 16 de Outubro sobre o nomenclátor.

O 28 do mesmo mes, O FACHO adere à repulsa do proxecto de redución da idade penal aos 15 anos e, en xeral, ao proxecto de Lei Tutelar de Menores.

Dá-se a coñecer, con data 2 de Marzo, a proposta aberta cara à implantación do Día da Nosa Fala cada 18 de Maio, para formaren, co 17 de Maio (que se propon rebautizar como Día das

Nosas Letras), o núcleo das Xornadas do Rexurdimento. Vexamos o texto íntegro de dita iniciativa:

Sen ningún ánimo de protagonismo, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO fai, ás institucións culturais de Galiza, a seguinte

____ PROPOSTA SOBRE O "DÍA DAS LETRAS GALEGAS" ____

O idioma "strictu senso" dun país é a súa fala, creación directa do pobo. A literatura é a sublimación da escrita que é, á súa volta, a transcripción desa fala.

- o -

O 17 de maio de 1863 Rosalía Castro adicou o seu libro "Cantares gallegos" a Manuel Murguía, seu home, co gallo de el cumprir os trinta anos.

- o -

O 17 de maio de 1963, no centenario daquela efeméride, a Academia Galega instituíu a celebración anual do Día das Letras Galegas, sucesivamente adicado a figuras senlleiras da nosa literatura.

A fixación da data foi un éxito, axiña desbordado pola realidade na súa dimensión de mero Día das Letras, ate o tornar nunha verdadeira semana da cultura galega en todas as súas manifestacións.

- o -

O 18 de maio de 1916, ao impulso dos irmáos Vilar Ponte, fúndanse, na Coruña e na primitiva se da Academia, as Irmandades dos Amigos da Fala, acontecemento sobranceiro, tanto senón máis do que o outro, no proceso de recuperación nacional de Galiza e a súa cultura.

- o -

Tomando en consideración a venturosa converxencia das dúas datas, pensamos ser cabalmente oportuno o implantar o 18 de maio de cada ano como DÍA DA NOSA FALA, e, xunGUíndoo co día 17 anterior, DÍA DAS NOSAS LETRAS, darlles a ambos os dous o nome de XORNADAS DO REXURDIMENTO.

- o -

Sancionariábase así o que xa viña sendo de feito o Día da Nosa Cultura, superada unha etapa en que o poder central non deixaba xogo ás celebracións aínda as tepedamente entusiastas, cun sospeitoso cariz político.

- o -

Relacionariábase, ao tempo, o feito lingüístico e natural co feito literario, elaborado e catapultador decisivo, no noso caso, do dobre feito cultural e político, máis asumido cada día polos galegos.

- o -

E, sobre todo, aproveitariábase a nova dimensión para lle dar ao evento un carácter netamente popular, é dicir, fomentador da cultura do pobo e, de paso, como meio de lle render a ese pobo os frutos da cultura galega recreada pola intelectualidade do país.

Na Coruña, febreiro de 1980.

A filosofía que, à maiores da expresa, subxace tacitamente na proposta poderia-se resumir no abandono do seguidismo à Real Academia Galega, que mesmo se viña practicando por aqueles que, con óptica liberadora abertamente superadora da desta institución, aceptaban, sen embargo, salvo casos excepcionais, rotinariamente, a figura escollida. Así, O FACHO celebraría anos andados a Afonso o Sábio —o nome da Academia en 1980—, mas nesta ocasión, chegado o mes de Maio, volcará o seu esforzo no feito da creación, 64 anos atrás, das Irmandades da Fala. Despois de 15 anos, o 78 fora xa una excepción, de actuar a nosa entidade como verdadeira *mocidade* da Academia, axudando decisivamente, coas mais AA.CC., à popularización da data, chegara a maioría de idade.

A proposta tivo adhesions de todo tipo e de toda a parte: desde a propia Academia ao Alcalde da Coruña e à Consellaría de Cultura, pasando pola Irmandade Galega de Madrid, o Centro Galego de Santander, a colectividade galega de Montevideo (Uruguai), a Asociación Terra de Melide, o Patronato da Cultura Galega (Montevideo), a A.C. Francisco Lanza (Ribadeu), A.C. Galega (Hamburgo —daquela R.F.A.) e a Escola Dramática Galega (A Coruña). A Casa de Galicia de Bilbao, por exemplo, adoptou-na na convocatoria anual das súas xornadas culturais; o Patronato do Pedron de Ouro (Compostela) chegou a adaptar o seu calendario, para que a entrega do Pedron non estorbase as celebracións da Coruña... O xornalista **Ángel Padín** merece mención à parte pola atención que lle prestou ao tema na *Hoja del Lunes* coruñesa, e LVG cedeu-nos unha páxina especial na data, así como *La Región* de Ourense e a revista *Man Común* (da Coruña, no seu número 0).

Con todo, o Día da Nosa Fala no se deu institucionalizado à par do Día das Letras, e iso porque, alén da inercia típica e tópica, nen a Academia se dignou adoptá-lo, nen as institucións autonómicas tiveron a vontade de chantar-lle o carimbo oficial: nen a nosa propia Agrupación foi constante na súa promoción, toda hai que dicé-lo. Se ben a data, tamén cumpre recoñecé-lo, quedou flotando, até hoxe, en determinados estádios para aflorar, de cando en vez, en escritos ou manifestos da mais variada procedencia. (O mesmo **Cunqueiro**, o ano da proposta do FACHO, escribe, no *Faro de Vigo* do 17 de Maio: *Hoxe ce-*

lebramos os galegos o Día das Letras, das nosas Letras, val decir, o día da nosa fala...).

O 20 de Marzo envia-se comunicación à Asociación de Libreiros da Coruña, sobre a necesaria restauración do texto galego que figurara no monumento ao Libro, nesta cidade, e era como segue:

*Que endexamáis
se aparte o libro
da túa man e
dos teus ollos
San Xerónimo.*

O mesmo se lle referiu personalmente ao escultor **Buciños**, en ambos os casos con idéntico e nulo resultado.

O 24 remete-se ao Concello un escrito comunicando-lle o plan do FACHO para a instalación en varias fachadas da cidade, de diversas placas conmemorativas de feitos galegos e coruñeses, coa finalidade de contribuir à reconstrución histórica da nosa comunidade: cinco das nove propostas cristalizarán no decorrer dos anos.

En 30 de Abril o Concello responde agradecendo.

O 1 de Agosto EIG publica o noso comunicado *Por unha rádio galega*:

POR UNHA RÁDIO GALEGA

Ante o caso recente de «Rádio AS MARINHAS», clausurada por orde governativa, a Agrupación Cultural O FACHO quer chamar a atención do público sobre os seguintes puntos:

Para a normalización efectiva do idioma galego non abonda co ensino do mesmo na escola e o bacharelato.

Outramente, para lutar contra a diglósia, os medios de comunicación masiva son a mellor arma.

Se xornais e revistas resenten-se do «analfabetismo» que dificulta a lectura de información en galego, a rádio e a televisión non poden argumentar neste senso. Con todo, cadeas privadas de rádio e a mesma RTVE nos seus programas para a Galiza ignoran sistematicamente o noso idioma (salvo a «esmolá» de Panorama de Galicia).

Ante isto, a Agrupación Cultural O FACHO considera reprochable todo atranco legal contra iniciativas de facer rádio local expresada en galego. Contrariamente, os organismos oficiais da Galiza deberían axudar a vencer ditos atrancos, seguindo o exemplo do que se fai noutros países do estado español.

Esperamos que a nosa chamada de atención teña eco e se converta nunha esixencia fronte à Consellaría de Educa-

O 26 de Outubro dá-se conta do noso segundo comunicado contra o decreto de bilingüismo.

1981

En Abril de 1981, a raíz dos cambios habidos na corporación municipal coruñesa, reiteramos a proposta sobre o nomenclátor do 16-10-79 e 10-1-80.

O 17 de Maio LVG cede-nos unha plana inteira que, baixo o epígrafe *A Agrupación Cultural O FACHO por un idioma normal*, recolle tres traballos dos nosos presidente, vicepresidente e secretario.

O 8 de Xuño seguinte remete-se á mesma corporación municipal carta expresando-lle a nosa satisfacción por ter adoptado o idioma de Galiza como oficial, abrigando «a confianza de que esa decisión non fiquen en letra morta, e, pola contra, non sexa senon o comezo dunha actitude natural tendente a normalizar a situación xeral e cultural do país, da que non é pequena parte a recuperación da toponimia local, concretada na actualización do nomenclátor urbano da Coruña, punto sobre o que O FACHO ten insistido reiteradamente ante ese Concello».

Entre dez Agrupacións Culturais, O FACHO manifesta-se o 11 de Xuño contra o xuízo a celebrar o 30 seguinte a **Francisco Carballo Carballo** e a favor da libre circulación do libro *Historia de Galicia*, deste e outros autores, obxecto de secuestro.

Atendendo carta-circular do Concello, remete-se á Comisión de Subvencións, con data 26 do mesmo mes, e recollen-no os medios o 30 seguinte, un avance do noso programa de actividades e máis os criterios da Agrupación sobre subsídios, en cuxo apartado se fai unha serie de suxerencias, entre as cales: campaña do libro nos barrios, ex-

posición *A Coruña na cultura galega*, fundación formal do Museo Luís Seoane como centro cultural da cidade, campaña de teatro infantil ou de guiñol polos barrios, edición duns *Cadernos populares* sobre temática local...

En Xullo manda-se ao presidente da Academia esta carta:

Non lle descubriremos nada novo se lle pomos de manifesto a situación de total irregularidade que está a sufrir o sector da comunicación na Nosa Terra: nen o idioma nacional de Galiza, nen a realidade do país revestem nel o protagonismo desexado.

Ante o silencio de uns e a inoperancia de outros, a Agrupación C. O FACHO iniciou, xa o pasado ano, unha serie de actos (mesas redondas con profesionais) en torno ao problema dos medios de comunicación en Galiza.

Este ano profundizou-se no tema, de tal xeito que estamos a confeccionar unha memoria do estado actual do país, no campo informativo, informe que, no seu día, distribuiremos a cantas institucións e colectivos teñan ou deban ter resposta para o tema.

De momento, e ante a nova situación autonómica galega, —coas posibilidades, se ben cativas, que o Estatuto proporciona— está claro que todo o desenvolvemento e normalización que este asunto require depende, en gran medida, da presión social que se exerza nos medios de prensa, rádio e televisión.

Por iso é que nos diriximos a vós, co rogo de que esa corporación, dados a súa audiencia a determinados niveis e os seus propios fins, se manifeste publicamente sobre a urxente galeguización dos medios de comunicación do país.

A que a Academia contestou nestes termos:

Veu-se comunicación da Agrupación Cultural O FACHO rogando á Academia que se manifeste publicamente sobre a urxente galeguización dos medios de comunicación do país.

Quedou acordado acceder ao que a devandita Agrupación Cultural solicita, facendo público na prensa este acordo e proseguir neste labor dentro da área que á Academia compete.

En Setembro, envia-se aos medios de comunicación unha nota que dicía:

O FACHO E O PROBLEMA DOS PROFESORES DE GALEGO

A Agrupación Cultural O FACHO, coñecedora do conflito plantexado por instrucións recibidas da Inspección do Bacharelato en Galiza nos institutos correspondentes, con respecto ao ensino do galego,

APOIA totalmente o comunicado que a Asamblea de Profesores ven de facer público.

Conscientes da gravidade do tema neste momento decisivo para o idioma nacional de Galiza, interpelamos ás autoridades competentes (Xunta de Galiza, Delegado do Goberno), para que tomen as medidas conducentes cara a definitiva normalización da nosa situación lingüística.

No mesmo mes, o día 28, vai unha nova carta à Academia, con ocasión do seu 75.º aniversario, facendo «votos porque, à volta de 25 anos máis, sexamos todos os galegos os que nos sintamos satisfeitos polo labor de defensa da lingua e cultura nacionais que teña realizado a Academia Galega».

O 3 de Outubro sai en LVG un artigo en *Lembranza de Antón Vilar Ponte*, no seu centenário, asinado como tal polo *secretário da Agrupación Cultural O FACHO*.

En Decembro O FACHO adere-se mediante comunicado público, e participa nela, à manifestación do día 13, a favor da liberdade de expresión, a raíz do procesamento do xornalista catalán **Xabier Vinader**.

1982

O 26 de Febreiro, en unión da A.C. Alexandre Bóveda, critica-se publicamente o xeito de elaborar-se o programa de acción cultural do Concello, e, posteriormente, o 3 de Marzo, O FACHO fai as súas aportacións ao mesmo, por exemplo, propondo un *Festival musical da nosa fala*, de contido folk e con carácter periódico, como alternativa ao *Festival do mundo celta* que o Concello defendía (entre outras razóns por existir xa o de Ortigueira).

O 11 de Marzo publica-se a nosa adhesión à Asociación Galega de Mestres en Paro, apoiando a súa táboa reivindicativa, particularmente no que atinxía à defensa e promoción da lingua e cultura galegas.

A partir das manifestacións do Prof. **Barreiro Fernández**, no curso da súa conferencia, por nós organizada, o 23 de Abril, O FACHO fixo

un chamamento ao pobo e ao goberno daquel municipio, para que, nun novo cabodano dos Mártires de Carral, recuperasen a memoria histórica de seu, restaurando e mantendo en debidas condicións o sitio do enterramento dos homes que caíran en defensa da liberdade. (O Consello local do PSG-EG aderiu à proposta).

O 16 de Maio, o directivo **M. Anxo Fernán-Vello** asina, como tal, en LVG, un artigo titulado *O Día das Letras Galegas*. (Casualmente, dito día, o profesor do noso curso de idioma, **J. C. Rábade** publica un outro artigo, en *El Progreso*, sobre *Día das Letras Galegas, Día da Nosa Fala*).

O 9 de Xuño (saíndo o 12) O FACHO manifesta-se nos seguintes termos, a favor das emisoras de F.M.:

O FACHO APOIA A INSTALACION DE EMISORAS DE F.M.

A Agrupación Cultural O FACHO apoia o manifesto da Asociación de Enxeñeiros de Telecomunicación da Galiza, nomeadamente no seu punto 3.º, onde se fai eco das reclamacións, por institucións e corporacións municipais galegas, de emisoras de F.M.

Compre ter en conta o espallamento da poboación galega e as más comunicacións —motivadas en grande parte pola peculiar orografía do país, que supón unha barreira para as comunicacións audiovisuais.

En consecuencia co antedito e máis por razóns de carácter económico, podemos afirmar que o medio audiovisual ideal para o noso país é o rádio.

De aí que O FACHO EXIXA DO GOBERNO GALEGO QUE, seguindo o exemplo dos gobernos vasco e catalán, ARBITRE AS MEDIDAS NECESÁRIAS, con base no Estatuto de Autonomía, que leven à INSTALACION DE EMISORAS DE FRECUENCIA MODULADA POR TODO O TERRITORIO nacional.

Estamos convencidos de que ese é un dos camiños máis eficaces para elevar o «status» sócio-cultural do pobo galego.

O 22 de Xullo de 1982, pola cuarta volta, e baseados na noticia da iminente elevación ao pleno da corporación municipal da reforma do nomenclátor urbano, urxe-se a tal medida: por fin aproba-se un principio de galeguización —ben é certo que aplicado dun xeito pouco racional— no pleno do 24-9-82... que ficou en papel mollado até hoxe.

Nun escrito conxunto, comentado na imprensa do 19 de Outubro, a Compañía L. Seoane, Escola Dramática G., Agrupación T. Tespis, O Clube de Espectadores do Teatro L. Seoane e as AA.CC. Alexandre Bóveda e O FACHO opoñen-se à anunciada creación dunha Compañía Municipal de Teatro, por vulgar que, amáis de ter sido elaborado o proxecto de forma anti-democrática, suporía a condena à desaparición dos grupos teatrais coruñeses.

1983

En Febrerío dá-se na imprensa noticia da nosa denuncia, diante do presidente do *Consejo General del Poder Judicial*, de non ter-se-lle permitido ao traballador **Manoel Riveiro Loureiro**, expresar-se en galego durante a celebración dun xuízo na Maxistratura de Traballo da Coruña, confiando «en que feitos como o denunciado non se volvan a repetir en orde à salvagarda da dignidade individual e colectiva dos cidadáns galegos» que teñen o dereito ao uso do seu idioma dentro dos límites da Galiza, e diante de calquer instancia pública ou privada: un mes despois, o presidente do alto organismo, e así o reflexaron os medios, responde dando conta de que o tema foi abordado na última reunión da comisión permanente do Consejo, tomando-se o acordo de «indicar al presidente de la Agrupación Cultural O FACHO, de La Coruña, que el tema a que se refiere su escrito está siendo objeto de estudio y quedará regulado en la futura Ley Orgánica del Poder Judicial».

Aos cinco anos do primeiro emite-se, o 17 de Marzo de 1983, un novo comunicado de solidariedade coa A.C. Abrente:

É NECESÁRIO «ABRENTE»

A prensa confirmou hai uns días o que xa se temía. A Asociación Cultural Abrente, de Ribadavia rematou o seu fecundo camiñar polos eidos da cultura e pechou as súas portas. As causas: non dispoñer de medios económicos para novo local.

E neste «impais» todo está a seguir o mesmo. A indiferencia e o silencio. A pregunta é: coñece o Conselleiro de Cultura o inxente labor que, cara a promoción do teatro mui claramente do que non se está a facer pola cultura no

A Agrupación Cultural O Facho, cuxo Grupo de Teatro participou activamente na case totalidade das Mostras Teatrais de Ribadavia, estreando, entre outras, a primeira obra de teatro infantil galego —«As laranxas máis laranxas de to-

das as laranxas», de Carlos Casares—, non pretende con estas liñas levantar acta do enterramento da Asociación irmá, senón chamar a atención dos «mandamases» da cultura galega, para que acaden solución a feitos como este, que falan mui claramente do que non se está a facer pola cultura no noso país. — Agrupación Cultural O Facho, La Coruña.

O 9 de Xuño dá-se conta da adhesión do FACHO aos afectados da empresa telefónica INTEL-SA e o apoio à múltipla convocatoria para unha manifestación na rua dito día.

O seguinte día aparece reflexada na imprensa a nosa nova comunicación ao Concello en solicitude da reforma do nomenclátor urbano.

Un conxunto de 8 colectivos, os mesmos do comunicado do 19-10-82, sumados o Ateneo da Coruña e o noso propio Grupo de Teatro, piden ao Concello, e publica-se o 30 de Xuño de 1983, que realice as xestións oportunas tendentes à recuperación para a cidade das Xornadas de Teatro Galego que se viñeran celebrando en 1978, 1979, 1980 e 1981, suspendendo-se desde o anterior ano 1982, sen coñecer-se o motivo: conseguise por esta (última) vez.

O 18 de Setembro dá-se conta nos xornais de que sete entidades, encabezadas pola Federación de Asociacións de Veciños e nós entre elas, se manifestan contra a decisión de paralizar as obras de reforma do Quiosco Alfonso adoptada polo Concello (que, con este acto, inicia o rumbo de replantexamento da nova política de infraestructuras culturais da cidade, rompendo co actuado e proxectado pola anterior corporación municipal).

O 18 de Outubro remete-se escrito à Alcaldía, insistindo, ante a iminente instalación da sinalización vertical das ruas, na petición dun nomenclátor galego.

O 1 de Novembro a imprensa dá noticia do documento, subscrito por ADEGA, Natureza, Compañía L. Seoane, Escola Dramática G., Tespis e as AA.CC. Alexandre Bóveda e O FACHO, no que se enxucía a actuación municipal na área de cultu-

ra no período recente, ao carecer-se dun programa e non ter-se contactado regularmente coas entidades cidadás; solicita-se, entre outros, a constitución dun Consello Municipal de Cultura, integrado polas mesmas, a consecución da rehabilitación da infraestrutura cultural da cidade e a extensión da cultura a todas as zonas urbanas.

O 4 de Novembro publica-se, con ocasión da constitución, o día anterior en Compostela, do Consello da Cultura Galega, o seguinte escrito, asinado por case 50 entidades culturais, O FACHO entre elas:

Consello da Cultura Galega por non responder as necesidades e expectativas que a nosa cultura nacional esixe.

2. Igualmente, denunciámos o procedemento claramente antidemocrático e dixital con que se escolleron as institucións e os individuos que o van integrar.

3. Mostrámos a nosa repulsa ante a ignorancia olímpica que se fai de todo o movemento asociativo e de base que está a dinamizar na realidade a cultura galega: asociacións culturais, extendidas por todo o país, grupos de teatro, asociación de escritores, sindicatos do ensino, cine - clubs, organizacións pedagóxicas, etcétera, auténticos promotores e realizadores da cultura galega.

4. Denunciámos o sectarismo manifesto na composición do Consello, do que fican excluídas sistematicamente as organizacións citadas, precisamente as que impulsan a animación cultural e oficializan o idioma nacional. O que contrasta coa práctica habitual dalgunhas das institucións integrantes que o ignoran en demasía ou totalmente na súa vida orgánica.

5. Con esta composición en que aparecen representadas as institucións designadas e, a maiores, os seus membros cualificados a título individual, denunciámos a manipulación que se vai facer dos cartos públicos destinados á actividade cultural.

Por todo isto, contestámos —coa autoridade que nos da a nosa práctica diaria a prol da nosa cultura— a constitución deste Consello que levará, polo seu carácter restrictivo e antidemocrático, a un control dictatorial da planificación cultural galega».

Con ocasión do 20.º aniversario da nosa Agrupación, LVG cedeu-nos dúas páxinas do seu caderno de cultura do 8 de Decembro, cubertas con textos de **R. Carvalho Calero**, **Manuel Lourenzo**, **M. Caamaño Suárez** e máis do presidente do FACHO e do directivo **Fernán-Vello**.

1984

O 13 de Abril aparece reflexada na prensa a preocupación do FACHO polo futuro do muíño sito na Agra do Orzán, na rua (antigo camiño) da Gramela, con ocasión da súa desmontaxe.

O 17 de Maio, difunde-se o seguinte *Manifesto da Agrupación Cultural O FACHO aos que somos nación, nos Días das Letras e da Fala*, que saí o 18 nos medios. (Ver páxina seguinte).

O 21 de Xuño once entidades sócio-culturais, entre elas O FACHO, critican duramente o (non) feito neste campo polo Concello da Coruña.

Ante a iminente apertura do curso 84/85, O FACHO pide à Xunta, con data 2 de Setembro, a regularización da vida do Conservatorio Superior de Música da Coruña, dadas as irregularidades académicas, fiscais, administrativas, económicas e de orde interno que nese centro se presumen.

1985

Unha nova denuncia da política anti-galeguista do Concello difunde-se, asinada polo FACHO, A.C. A. Bóveda, Escola Dramática G. e Mesa Cultural da Coruña, o 22 de Febreiro de 1985.

1986

Ainda o 1 de Febreiro de 1986 O FACHO emplaça ao Concello, en nota feita pública, a un debate sobre a problemática cultural, denunciando a súa «utilización exclusiva do castelano en to-

MANIFESTO DA AGRUPACION CULTURAL "O FACHO" AOS QUE SOMOS NACION,
nos dias das Letras e da Fala.-

Non foi nunca A Coruña cidade de linterna xorda, nen endexamais cobriu as obrigas dos tempos con bóveda de silencio. Cando reinaron as tebras, ergueu peitoril de luz e bandeiras de liberdade. Cando o grande renascer da / conciéncia galega, foi cova que teceu a propia identidade e espazo onde / floresceu a propia cultura, sempre con asas para abranxer outros mares e / ir ao encontro de todos os camiños. Esa é a herdanza que nos sostén e non / outra.

Desde esa fidelidade e desde o actual compromiso, non podemos facer destas datas simbólicas das nosas Letras e Fala, medida decisiva da nosa dignidade, a festa de Galiza que todos desexamos. O idioma e a cultura nesta nosa cidade galega segue a ser un pensamento cativo para as institucións que nos rexen.

Non nos doi tanto, quizais por forza do costume, a falta de apoio e a / inibición oficial nen o incumprimento de promesas de campaña senón os síntomas de belixerancia e menosprezo contra todo o que signifique a Galiza viva e as súa expresións culturais.

En tempos en que deberíamos estar saudando a normalización, nemo-nos na obriga de denunciar persecución e disimulados intentos de doma e castración. Pobre cultura a que xurde dos cartapácios de burócratas insensíbeis ou que / se convirte en mercadería de favores.

Compre desmitificar a historia escrita con letra falsa que pretende apresentar a cultura galega como un cadáver do pasado, fillo torpe de melancolia e nostálgicas necrofilias. Con esa versión parcial os detractores debuxan a propia caricatura. Eles, os que ocultan ignorancia con disfraz cosmopolita e uniformista, son os provincianos. Eles son os do mundo cativo, / desleigado das conciéncias que vibran en liberdade.

Desmitificar, sí. Con orgullo e paixón. Porque o corpo da cultura galega curtido en resisténcias, é múltiple e vizoso. A identidade, como os ríos da nosa Terra, renova-se na creación e na procura conflitiva. Frente á incom- / prensión e o desprezo de imbéciles e escuros hai que multiplicar os ritmos / de recuperación e creación.

O espazo da esperanza e da galeguidade é o de toda a sociedade. Hai que limar prexuízos, superar complexos, dignificar fronte ao desacougo. Hai que entusiasmar nun proxecto solidario no que a cultura sexa medida do benestar.

Nesta tarefa, desde A Coruña, en 1.984, na fidelidade á herdanza e no actual compromiso, a Agrupación Cultural O FACHO chama aos que SOMOS NACION.

dos os ordes da vida pública, administrativa e cultural».

O 22 de Marzo, O FACHO expresa publicamente a súa solidariedade cos sindicalistas **Antón Cruz Freire** e **Cesáreo Sánchez Iglesias**, que ian ser xulgados, o 24 seguinte, acusados de coaccions, resistencia e desobediencia ás forzas do orde público con ocasión da folga xeral do 29 de Novembro de 1984.

O 17 de Maio sai en LVG o seguinte comunicado:

PUBLICIDAD

SEÑORES DO CONCELLO:
O nome desta cidade é

A CORUÑA

«O IDIOMA É O CORPO SENSÍBEL DUNHA CULTURA E TODO ATENTADO Á LÍNGUA PECULIAR DUN POVO REPRESENTA UN ATENTADO Á SUA CULTURA PECULIAR»
(CASTELAO «Sempre en Galiza»)

A. C. Alexandre Bóveda, A. C. «O Facho», Escola Dramática Galega, Teatro «Luis Seoane», Colectivo Xuvenil «Edral»: Apoio: A.G.A.L. (Asociación Galega da Língua).

O 16 de Xuño subscibemos, con outras cinco AA.CC. e 84 particulares, a petición de dimisión do presidente da Academia, por considerarse tal cargo incompatible co de Delegado do Goberno español na Galiza.

Diante da sentenza 84/1986 do Tribunal Constitucional do Estado español que declara inconstitucional o deber de coñecer o galego contido na Lei de Normalización Lingüística de 15-6-83, O FACHO lamenta publicamente, o 29 de Xuño, que «por parte das institucións estatais se siga a considerar o idioma galego como estranxeiro no seo da súa propia comunidade, mantendo o carácter de subordinación ao que se vé submetido e impedindo» así a súa normalización, exortando a todos os galegos ao seu uso e espallamento.

1988

O 8 de Abril de 1988 emite-se o seguinte comunicado:

CONTRA AS RESTRICCIÓNS NO HORARIO DO MUSEU DE BB.AA.

A Agrupación Cultural O FACHO expresa o seu asombro polo feito inexplicable de o Ministerio de Cultura (?) reducir ás mañás o horario de apertura do Museo Provincial de Belas Artes da Coruña.

Nunha época en que, por fin, se está procedendo á dinamización da vida destas institucións, supón un lamentábel retroceso limitar as posibilidades do público para acudir a elas e familiarizarse coa arte en xeral e coa galega en particular que se custódia e mostra en dito Museo, máis aínda cando se está pensando en ampliar o mesmo e, nestes momentos, se está realizando ali, en horario de tarde, un louvável labor de divulgación doutras artes, como a música, ou celebrando conferencias ilustrativas do máximo interese.

Confiamos, pois, na revocación da directriz que se comenta.

Aínda unha oitava volta, a imprensa publica, o 13 de Maio, unha comunicación á Alcaldía reivindicando a galeguización e democratización do nomenclátor urbano.

Inicia-se a tradición da oferta floral diante do monumento a **Castelao**, cada 25 de Xullo a cada 30 de Xaneiro, coa lectura (e publicación, o 24 de Xullo) do seguinte manifesto. (Páx. 201).

O 4 de Agosto aparece na imprensa un outro noso comunicado, instando ao Concello a que adecente e restaure os monumentos ubicados nos Xardíns de Méndez Núñez, particularmente as placas dos Dereitos do Neno e o busto de **Murguía**, todos desaparecidos ultimamente.

O 14 de Setembro, respondendo a algun colectivo de pronunciado anti-galeguismo, O FACHO emite unha nota na que se proclama defensor da liberdade lingüística, e, por iso mesmo, do noso idioma, por estar especialmente discriminado, aliñando-se, «como estivo durante os últimos vintecinco anos, xunto aos que defendan unha Galiza máis nosa e unha Coruña máis galega, único xeito de que a nosa nación, afincada nas súas raíces culturais, recupere a dignidade que lle corresponde no concerto dos povos do mundo».

O 31 de Decembro, O FACHO asina, con outros colectivos, a oposición á utilización do futuro Coliseum como escenario circunstancial de espectáculos taurinos.

A cultura de un povo é o froito da súa alma. A lingua é o expoñente supremo desa cultura. A lingua é un instrumento de comunicación e é un signo de identidade. Galiza é un povo diferenciado, é unha nación, en grande medida por ter unha cultura de seu e unha lingua orixinal que, a maiores, deu orixe a un idioma internacional.

A Coruña foi un facho na Galiza, mais hoxe xa non é, como foi, unha adiantada na defensa da nosa terra. A Coruña non pode virar as costas á lingua nacional da Galiza, nen á mesma Galiza. Todo goberno municipal, sexa cal for a súa composición, se quer servir á cidade e ao seu entorno, con visión de futuro, non a pode separar do resto do país. Entre condená-la a ser unha capital de provincia española, mais ou menos brillante, e facé-la o núcleo cultural e de progreso da Galiza, apuntalando a súa propia personalidade, ten que optar por isto último. E todo cidadán ou colectivo que queira xogar un papel activo na marcha da colectividade cara ao porvir debe estar alerta e existir en cada momento de quen o administra o esforzo de imaxinación intelixente e o impulso de realización eficaz dun plan dignificador dese agrupamento de homes e mulleres, para que sexa - algo mais que unha simple masa amorfa e consumista, e constitúa - un grupo humano vivo, cun ideal de servizo á comunidade e mais ao mundo en que estamos insertos.

Estas reflexións fai-nas O FACHO, diante do monumento a Castelao e no Día da Pátria, cando vai cumprir 25 anos de vida, nada como naceu esta agrupación con esa vocación de servizo ao país desde A Coruña, desde esta Coruña onde surxiron tantas outras iniciativas semellantes entre as cales: a Biblioteca Galega, os monumentos aos Mártires de Carral e a Curros, o Teatro Principal dedicado á nosa poeta nacional, a Academia Galega, da que a actual non é nen sombra, as Irmandades da Fala, as editoriais Iar e Nós, as primeiras exposicións de arte galega...

Desde esta Coruña na que resta tanto por facer, para que os nosos rapaces e seus pais tomen conciencia do que é sermos galegos, para que as nosas ruas e prazas teñan nomes galegos, para que as nosas institucións sexan galegas.

Viva Galiza!

Con motivo do (I) Dia de Castelao, que é, á vez, o Dia Internacional da Paz, o 30 de Xaneiro de 1989 emite-se o seguinte manifesto:

MANIFESTO DA AGRUPACION CULTURAL
O FACHO NO DIA DE CASTELAO, 30-1-89

Neste país no que formalmente nos rexe os principios democráticos e neste Día de Castelao, a Agrupacion Cultural O FACHO quer chamar a atencion sobre determinados feitos que non casan con esta pretendida práctica democrática.

Sen irmos máis lonxe queremos facer unha reflexion sobre o tema da liberdade de expresion e o seu reflexo na liberdade de lingua.

Dando por sabido que o galego é a lingua propia de Galiza, defendemos hoxe como defendémos sempre o proceso da súa normalizacion e entendemos que desde as instancias oficiais non hai unha vontade decidida de resolver politicamente o problema. Asi podemos citar casos de represion e discriminacion, lamentabelmente non excepcionais, contra profesores, escritores, funcionarios, cregos, etc., quer polo emprego do galego, quer pola súa opcion normativa dese galego.

Un caso que afecta directamente aos colectivos que como O FACHO estamos a loitar pola normalizacion cultural en xeral e lingüística en particular, é a manipulacion constante que se fai dos comunicados que son, ou ben mutilados ou ben traducidos, o que trae como resultado unha contradiccion manifesta con respecto ao labor destas agrupacions.

E xa noutro orden, queremos tamén denunciar o que está acontecendo con Castelao, que se ben non foi absolutamente eliminado do panorama oficialista, como Alexandre Bóveda, si está sendo obxecto, unha vez sepultado, dunha política de enterramento ideolóxico, co total esquecemento do seu relevante papel no soerguemento da nosa pátria.

É por isto que O FACHO promove a recuperacion do noso guieiro nacional, do cal actos como o de hoxe é apenas unha chamada de atencion cara unha política de real e profundo descubrimento da súa mensaxe.

Aproveitando asimesmo que estamos no Dia Internacional da Paz, queremos rematar cunha afirmacion de pacifismo, sendo como somos os galegos en palabras de Castelao «xente prudente e de bó sentido, liberal e pacifista» na nosa arela de xustiza e liberdade universal.

E unha volta máis, o 2 de Febreiro, fai-se constatar a nosa protesta polo estado deplorábel dos monumentos dos Xardin de Méndez Nuñez.

O 19 de Marzo aparece na imprensa a nosa preocupacion pola vella igrexa de Santa Maria de Oza, cuxa restauracion e a do seu formoso entorno, para goce dos coruñeses, non parece contemplar-se especialmente na recuperacion do Sanatório Marítimo; chamando a atencion, no

centenario de **Asorei**, sobre as obras suas que posúe a nosa cidade, nomeadamente aquelas que podan pasar máis desapercibidas.

Por iniciativa nosa, xunto con tres entidades máis, solicitamos publicamente do Parlamento galego a institucionalizacion do Dia de Castelao, cursando, con data 17 de Abril, a todos os grupos parlamentares, a seguinte proposta:

PROPOSTA AO PARLAMENTO DA GALIZA
PARA A INSTITUCIONALIZACION
DO «DIA DE CASTELAO»

Os colectivos culturais da cidade da Coruña, tendo en conta a funcion cívica que cumpren as efemérides como medios para a sensibilizacion cidadá en relacion cos valores do País, estiman da maior conveniencia instituir como «DIA DE CASTELAO» o 30 de Xaneiro de cada ano, data do nacemento do noso prócer por excelencia, coa mesma categoria de xornada nacional da Galiza que ten o 25 de Xullo, Día da Pátria.

Coidamos inecesário extender-nos sobre as razons da escolla de ALFONSO DANIEL RODRÍGUEZ CASTELAO, por ser sobradamente coñecida a trascendencia que a súa figura tivo no século XX e na Historia xeral da Galiza, sen cairmos en mitificacions improcedentes, mais recoñecendo a necesidade imperiosa de recuperar unha vida e unha obra que, como as suas, están sendo alarmanamente esquecidas.

Tal rememoracion periódica, á maneira en que se adoita en moitos países do mundo, deberá servir como acto evocador e ocasion de reflexionar na figura homenaxeada en estreita relacion coa actualidade do País, sen dar en actos meramente comemorativo-protocolarios que limiten a homenaxe a esa única data.

Proposta que elevamos aos voceiros dos grupos políticos con representacion no Parlamento da Galiza para que procedan á súa consideracion, na Coruña, a primeiro de Abril de mil novecentos oitenta e nove.

Asinado: Agrupacion Cultural O FACHO, Ateneo da Coruña, Cooperativa Luís Seoane, S.C.R.D. Tempo Novo.

A Fundacion Castelao apoia publicamente a tal proposta.

O Dia da Pátria emite-se o seguinte manifesto:

MANIFESTO DA A.C. O FACHO O DIA DA PÁTRIA
PERANTE O MONUMENTO A CASTELAO, 27-5-89

Nestes últimos meses produciu-se no noso país un evento fundamental cal foi a constitucion do TRIBUNAL SUPERIOR DE XUSTIZA da Galiza, evento que, ao tempo, é un dos feitos máis destacados da historia contemporánea desta cidade galega onde radica dito Tribunal. Asombrosamente, este acontecemento non tivo apenas repercusion social e isto fala dunha falta absoluta de sensibilidade nosa cara a estas e a outras realidades, como a propia asuncion do feito nacional galego, con todas as suas consecuencias.

En tempos nos que se clama por unha xustiza cabal que xulgue con ecuanimidade, eficacia e sen demoras, que faga realidade o império do dereito e a mesma esencia da democracia, que sen xustiza non é máis que unha caricatura lamentábel, debemos ollar a constitucion do Tribunal Superior de Xustiza da Galiza como algo esperanzador e, con todas as súas limitacions de partida, un avance no camiño da recuperación da nosa personalidade nacional.

Castelao, como cotidiario denunciador dos males que aqueixaban, e aínda aqueixan, ao país, foi un crítico implacábel cara a xustiza que se aplicaba na Galiza: no seu labor gráfico e na súa obra en xeral pode-se dicir que o tema da xustiza é unha constante: —NON ME FAN XUSTIZA, SEÑOR! di-lle un pobriño ao crucificado do cruceiro: valla este como un dos exemplos sobranceiros da preocupación do noso Guieiro por tema tan vital para o desenvolvemento humano.

Neste 25 de Xullo de 1989, por outra parte, non queremos esquecer dous fitos, diversamente combativos ambos, un universal, como a Revolución Francesa, e un outro galego, como o Catecismo do Labrego, dos que se cumpren agora dous e un século respectivamente: que cada quen tire as reflexións do caso.

Para nós está claro que son, en cadanseu contexto, dous berros de liberdade e dúas exixencias de xustiza e xulgamos non sería traballo estéril procurar a relación subxacente entre ambos fenómenos: entre a repercusión mundial de un e a impregnación da sociedade rural galega que logrou o outro.

Estas e aquelas consideracións fai-nas O FACHO perante a efíxide do primeiro dos nosos patriotas, ALFONSO DANIEL RODRÍGUEZ CASTELAO, o DÍA DA PÁTRIA.

VIVA GALIZA!

O 11 de Agosto sai (aínda que erroneamente interpretado como se proxectásemos a organización dun desprazamento a Pontevedra) a invitación do FACHO para que os coruñeses se acheguen ao cemitério de San Mauro, render homenaxe a **Alexandre Bóveda**, o 17 seguinte.

1990

O (II) Día de Castelao emítese o seguinte manifesto, saído na prensa o 27 de Xaneiro de 1990:

MANIFESTO DE O FACHO CON MOTIVO DO DÍA DE CASTELAO, 30-1-90

Con data do 1.º de Abril de 1989, e a partir dunha iniciativa de O FACHO, logo suscrita polas agrupacións culturais coruñesas Ateneu da Coruña, Sociedade Tempo Novo, de Elviña, e Teatro Luís Seoane, apoiada despois pola Fundación Castelao, apresentou-se unha PROPOSTA AO PARLAMENTO DA GALIZA PARA A INSTITUCIONALIZACIÓN DO «DÍA DE CASTELAO», este «30 de Xaneiro de cada ano, data do nacemento do noso prócer por excelén-

cia», institucionalización que se suxería tivese a «mesma categoría de xornada nacional da Galiza que ten o 25 de Xullo, Día da Pátria».

«Coidamos inecesario», tal como dicíamos na proposta, dirixida a todos e cada un dos Grupos Parlamentarios, «extender-nos sobre as razóns da escolla de ALFONSO DANIEL RODRÍGUEZ CASTELAO, por ser sobradamente coñecida a transcendencia que a súa figura tivo no século XX e na Historia xeral da Galiza, sen caírmos en mitificacións improcedentes, mais recoñecendo a necesidade imperiosa de recuperar unha vida e unha obra que, como as súas, están sendo alarmantemente esquecidas».

«Tal rememoración periódica», seguíamos dicendo, «à maneira en que se adoita en moitos países do mundo, deberá servir como acto evocador e ocasión de reflexión na figura homenaxeada en estreita relación coa actualidade do País, sen dar en actos meramente conmemorativo-protocolarios que limiten a homenaxe a esa única data».

Pois ben, esa «actualidade do País» sobre a que queremos reflexionar hoxe, ben ao noso pesar, é que, transcorridos dez meses, coa serie de eventos que houbo polo meio, todos e cada un dos grupos parlamentarios —nacionalistas ou non— deron a calada por resposta: O FACHO prefere non exteriorizar a súa opinión sobre a materia, principalmente non tocante aos partidos nacionalistas: pode que o asunto non fose todo o importante que nós xulgamos, mais, cando menos, puido obterse un simple «acuse de recibo» da nosa proposta.

Hoxe O FACHO insiste na súa teima, que tornará a presentar a partir da constitución do novo Parlamento. Parecenos fundamental que un país como este, que está en período de consolidación, dispoña da datas específicas nas que honrar, dignamente, a aqueles que o honraron a el: e CASTELAO (como Bóveda), son un fito da nosa Historia que están sendo, cada un en grao diferente, totalmente esquecidos, cando non citados en falso ou en vao, como acontece, por exemplo, coa «Medalla Castelao» que outorga a Xunta de xeito tan alarmantemente discrecional.

Queremos, asemade, ter unha lembranza para o patriota Manuel Lugris Freire, de cuxo pasamento se cumpre este ano o 50.º aniversario, figura indisculpablemente arrombada pola Academia Galega, en concreto à hora de designar, ano tras ano, a persoa à que se lle dedica o Día das Letras: a súa significación na traxectoria do galeguismo moderno é tal que hoxe só nos limitaremos a anunciar o firme propósito de O FACHO de relembra-lo, dignamente, no decorrer de 1990, ao esquecido patriarca.

Pois que, como o demostra o que parellamente pasou co monumento a Pablo Iglesias, o incivismo segue a actuar impunemente na nosa cidade, solicitamos, unha volta máis, do Concello coruñés a restauración, e futura custódia, destes monumentos e doutros, como o de Murguía, aquí por trás, que simplemente desapareceu hai anos, sen que aqueles aos que lles compete se preocupasen por repoñe-lo, reforzando aquel incivismo activo co pasivo seu.

Viva Castelao! Viva Galiza!

Día Mundial da Paz.

O 15 de Marzo O FACHO pronuncia-se (e sai na prensa o 16) a favor da liberdade de opción

lingüística dentro do noso idioma, nos seguintes termos:

O FACHO APOIO A LIBERDADE LINGÜÍSTICA PARA O GALEGO

Desde a súa fundación, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO ten como obxectivo prioritario a promoción do idioma propio do país e así o demostrou cos primeiros cursos de lingua que aquí se impartiron.

Foi con posterioridade cando, en colaboración con «La Voz de Galicia», sacou á luz o curso «O galego hoxe», cuxa 9.^a edición (1980), foi adaptada á primeira normativa con afán harmonizador que aquí houbo.

É desde aquela que O FACHO adoptou esta modalidade como lingua de uso escrito en toda a súa documentación interna e externa, considerando-a suficientemente aberta e intermedia entre as dúas correntes lingüísticas actuais (confronte-se a «Introdución» do número 2 da súa Revista Monográfica de Cultura, 1986).

En consonancia con ese espírito conciliador, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO xamais exixiu nas bases dos seus concursos (alguns deles pioneiros na literatura infantil galega) normativa ortográfica concreta algunha, e así o entenderon os sucesivos xurados calificadores que atenderon sempre, cara á súa clasificación, á riqueza literaria, lingüística e conceptual das obras.

Idéntica actitude adoptou esta entidade no momento de publicar por conta súa ditas pezas literarias (confr. «Contos dos nenos galegos», 1984), ou outras (confr. números 1 e 2 da Revista Monográfica de Cultura, 1984 e 1986), e, inda que non sempre con éxito, suxeriu o mesmo respecto a aquelas editoriais que tiveron a ben publicar orixinais procedentes dos citados concursos.

En base a todo o exposto, e fora de calquer motivación pontual de tipo partidista, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO apoia, sen reservas e con muita esperanza, a proposición-non-de-lei da deputada do Grupo Parlamentario do Bloque Nacionalista Galego, dona M.^a Pilar García Negro, nomeadamente no que ten a ver coa liberdade real de creación e de expresión literaria e coa mínima flexibilidade normativa que todo idioma en período de consolidación precisa.

O 24 de Xullo sai un novo manifesto noso por mor do Día da Pátria, lido diante do monumento a **Castelao**, como se fai adoitado:

MANIFESTO DIANTE DO MONUMENTO A CASTELAO, 25-7-90

No último semestre produciu-se no país cultural unha serie de acontecementos de diversa magnitude que hoxe merecen a nosa reflexión.

Por unha parte, o idioma, que segue a recibir un tratamento indigno daqueles que se consideran galegos e non saben nen quereren valorar o que de mellor ten criado o povo galego: a súa lingua.

Non hai máis que lembrar, sucesivamente:

1.^o Unha proposta ao Parlamento, que O FACHO apoiou sen reservas, sobre «a liberdade lingüística para o galego», non obrigando, neste período de consolidación do idioma, a seguir universalmente unha normativa rixida que fora implantada como experimental e transitória; proposta que non tivo andamento, prolongando-se así unha situación de flagrante inxustiza para aqueles cidadáns que, exercendo a súa liberdade moral e legal, se ven reducidos a súbditos de 2.^a categoría.

2.^o O Decreto da Presidencia da Xunta regulando a concesión da isención da disciplina de Lingua e Literatura galegas, en calquer nivel do ensino non universitario, en determinadas circunstancias, marca un grave retroceso no proceso de normalización lingüística; ocasión na que O FACHO apoiou a campaña, falida, en contra de dita medida legal.

Por fin, aí temos o xeito de o máximo xerarca do Goberno galego comerciar co idioma falado na Galiza exterior e coas autovías, intercambiando, con alarmantemente trivialidade, un instrumento milenário de comunicación social e signo de identidade nacional inegociábel con unhas supostas vías de comunicación circunstanciais e que deberan conseguirse por outros medios.

A maiores desta en tres capítulos que pudéramos considerar farsa se non fose traxedia, pululan ondequer manifestacións, cada volta, por fortuna, menos fariseas, de grupúsculos integrados polos cipayos de sempre que, so pretexto de liberdade interlingüística, non fan senón atacar o idioma propio noso e inda que lles pese, deles mesmos histórica e legalmente, dando un exemplo tristísimo de servilismo mental e entreguismo político, pondo turbios intereses persoais por riba dos colectivos; querendo ignorar que a igualdade real supón o reforzamento do débil.

Noutra orde de cousas, O FACHO non pode deixar de recoller, na súa literalidade, o que, tan atinadamente, dicía o noso asociado, D. Isaac Díaz Pardo, estes días, opondo á gallarda actitude do Parlamento catalán para co prócer Lluís Companys —sempre os cataláns!— a barateira e desafortunada cerimonia de adxudicación e entrega das xa depauperadas medallas Castelao.

«¿Cando o noso Parlamento —dicía Isaac— vai facer algo semellante con Alexandre Bóveda e con Ánxelo Casal? Pola contra, acabamos de escuitar que a Galiza 'non lle interesa onde estivemos en 1931 ou en 1936, senón onde queremos poñela no ano 2000'. E este despropósito —segue Isaac— dixo-se nun acto presidido polo nome de Castelao, que se ten significado pola súa conduta en 1931 e en 1936, polo que non pode estar máis clara a súa manipulación. A historia hai que coñecé-la para non repetí-la. Outra cousa é que haxa que superá-la e non utilizá-la para dividir».

Como non todo há ser negativo, temos para nos alegrar o feito positivo da constitución da Universidade da Coruña, cuxa divisa 'HAC LUCE' en torno ao inevitábel Faro de Breogán, parece anunciar aquí un venturoso futuro para a nosa cultura autóctona, se dito centro de estudos é quen de sugar o externo e útil, aprofundando no interno ou propio para, dando-lle virtualidade ao seu nome, criar cultura duplamente universal. Pois, como afirmaba o noso inesquecible profesor Carvalho Calero, «o galeguismo é unha forma de modernidade, e o antigaleguismo umha forma de arcaísmo de reacción intempestiva, já que o noso nom se trata de um nacionalismo que se fecha em si mesmo, senom tudo o contrario, (desque) Galiza foi tanto mais europea quanto mais galega foi».

O 26 de Setembro, como inicio do ciclo de conferencias en homenaxe ao ilustre sadense, dirixese á Alcaldía un escrito (saído na imprensa o 29), solicitando unha rua da cidade para **Manuel Lugris Freire**.

O 30 de Outubro solicita-se, por segunda volta, (e recolle-o a imprensa do 3 e do 6 de Novembro) a institucionalización do Día de Castelao, agora aos novos grupos parlamentares da presente lexislatura e polo FACHO en solitario. (Ver a historia desta iniciativa no capítulo C e en 1991).

Invitado o presidente da Agrupación pola revista *Galicia-10* a enviar a opinión do FACHO respecto ás carencias da Coruña, no terreno cultural, ás portas do ano 2000, marcando-lle un folio de extensión, e dado o muito que foi reducido o texto (saído aínda contra o 29 de Decembro, é dizer, tarde e incompleto e máis sorrateiramente contestado, con luxo de espazo, pola entidade aludida), parece útil dá-lo a coñecer na súa integridade:

POR UNHA CORUÑA-FARO CULTURAL

As realidades físicas determinantes do destino coruñés, e, portanto, da personalidade cultural da Coruña dan de si, constitúen per se unha simboloxía ben clara. Así, a súa dupla condición natural de península tan pronunciada con unha Baía (con porto no acougo da ría) que olla para a Galiza e unha Enseada (a do bravo Orzán, cos seus luminosos areais) que mira cara o mundo. Así, os seus fitos de creación humana, coincidindo cos naturais, as galerías da Mariña (moderno e felicísimo logro, conxunto de cristais receptores) a colleitaren avidamente a claridade solar, e a Torre (ou Faro emisor) expandindo a súa luz desde a Antigüedad. Estes fitos, evidentemente, definen unha cidade como a nosa que estivo de sempre, por imposición da súa xeografía, condenada a un intercambio constante co interior e máis co exterior e, por iso, atinxen doadamente a categoría de símbolos seus.

Ora, como agrupamento cultural, O FACHO (con un nome que tanto ten a ver co Faro) procurou, desde a súa fundación, contribuír ao reencontro da Coruña coas súas raíces galegas, a lingua a primeira, cumprindo, en grande medida de mao da mocidade, un papel dinamizador e revulsivo que, en principio, á Academia Galega lle estaría reservado, máis que, como é sabido, esta non exercía. E sen que a nosa entidade pretendese adoptar xamais un papel protagonista, tal e como vai demostrá-lo unha volta aínda.

Se algo lle falta á Coruña é, ao meu ver, o que precisamente non lle falta: unha Academia Galega, máis unha Academia dinámica e aberta, protagonista na nosa promoción cultural, sábia e por sábia humilde, e fortemente dotada dos medios humanos e económicos que lle cumpren para exercer esa misión para a que foi criada por un grupo de patriotas

como Murguía e Curros, sen esquecer ao soñador Fontenla, tres caras de un mesmo progresismo galeguista (o intelectual na Terra, o poeta civil na diáspora e o obreiro e emigrante): todo isto é o que hoxe nen posúe nen ten trazas de posuír, a menos que experimente un cambio radical, a Real Academia Galega, fundada na Coruña cando A Coruña era o foco da cultura do país, e sendo cronoloxicamente na Galiza a primeira institución de carácter cultural; desde hai escasos anos segundada, cando menos nominalmente, pola Real Academia Gallega de Bellas Artes Nuestra Señora del Rosario, que até entón non tiña tal cualificación de galega. E hoxe felizmente reforzada a nosa cidade coa novísima Universidade, cuxo lema, en torno ao inevitábel faro, parece anunciar aquí un venturoso futuro para a nosa cultura autóctona, se dito centro de estudos é quen de sugar o externo e útil, aprofundando no interno ou propio para, outorgando virtualidade ao seu nome, crear cultura duplamente universal: sería lamentábel que ambas institucións, Universidade e Academia, non alcanzasen a altura a que están chamadas e, coordinando as súas actividades académicas, non reintegrasen á Coruña no seu tradicional posto de avanzada cultural galega. As divisas Colligit, expurgat, innovat da primeira, aplicada a si mesma, e Hac luce da segunda, rigorosa e entusiasticamente desenvolvidas, poden converter radicalmente a vida cultural da nosa cidade.

Eis o noso reto cultural para A Coruña 2000, reto que, desde hai case 27 anos, ven mantendo modestamente máis sen repouso, a Agrupación que hoxe me honro en presidir.

A Coruña, 18-5-90, DÍA DA NOSA FALA, (aniversario da fundación aquí das Irmandades da Fala).

1991

Un novo manifesto di-se e publica-se no (III) Día de Castelao. (Ver páxina seguinte).

O 1 de Xuño publica-se a nosa nota de agradecemento aos grupos parlamentares (BNG e PSG-EG) que luitaron e/ou conseguiron a institucionalización do Día de Castelao.

O 11 de Xuño EIG publica o noso segundo (desde 1989) comunicado reivindicando a recuperación da vella igrexa de Oza.

O 25 de Xullo difunde-se o habitual manifesto do FACHO polo Día da Pátria, prescindindo, esta volta da nosa presenza diante do monumento a Castelao, segundo no mesmo se explicita:

Por tres anos consecutivos O FACHO veu acudindo ao monumento de Castelao, nos Xardíns de Méndez Núñez, cada 25 de Xullo; outras tantas veces se personou a nosa Agrupación ali cada Día de Castelao, 30 de Xaneiro. De seis en seis meses facíamos esa oferenda simbólica coroando a nosa reflexión sobre o acontecer do País nese período. O pasado 5 de Abril, culminando a nosa aspiración, conseguiu-se por

MANIFESTO DA AGRUPACION CULTURAL O FACHO NO "DIA DE CASTELAO", 30-1-91,
que será lido diante do seu monumento nos Xardins de Méndez Núñez, 18 hs.

- Un ano mais, e é o terceiro, reunimo-nos diante do seu monumento -tan maltratado como sempre-, para reflexionar, no DIA DE CASTELAO, sobre o acontecer do País - neste último semestre.

E facemo-lo un grupo de xente orgullosa do seu, sen que nos deteña sermos poucos e se a celebración é ou non é oficial, pese a que esta volta houbo dúas forzas parlamentares que, á nosa iniciativa, propuxeron a súa institucionalización.

- Entre o muito que aconteceu, reseñemos, como mais recentes, un feito lamentábel, se ben con final feliz, cal foi o das dificultades aínda existentes para a utilización do galego nas institucións (da Xustiza, neste caso); e outro esperanzador, cal é a constatación de que, de fronte á debilidade da Galiza diante da realidade económica comunitaria, parecería que imos tirar desta nova integración internacional máis que da integración chamada nacional, como sería un crecente contacto con Portugal, con todo o que isto pode comportar para a nosa cultura e idioma, - non menos que para a nosa economía.

- É bo repararmos en que neste 1991 se cumpre o centenario dos Xogos Florais de Tui, os primeiros verdadeiramente galegos despois do importante antecedente coruñés de 1861. E tamén os 75 anos de feitos da maior transcendencia histórica que tiveron - lugar nesta cidade, tais a publicación da obra de Antón Vilar Ponte, "Nacionalismo gallego: nuestra afirmación regional", que deu orixe, o mesmo ano, á fundación - das Irmandades da Fala e do decenario "A Nosa Terra". Sen esquecermos a traxedia social de Nebra, que se desenvolveu en ditas datas, triste balanço da defensa dos seus intereses por uns labregos do Porto do Son.

Tudo isto evocamo-lo co respecto que nos impón a nosa mellor historia e co afán - de mantermos viva a lembranza dos que, cos seus actos, fixeron posíbel para nós - falarmos de Galiza en termos de nación. Mais, insistimos en que non o facemos coa autocomplacencia de que xa todo se cumpriu, senón coa firme convicción de que cuase todo está por cumprir-se neste País invertebrado.

- Hoxe tamén é o DIA MUNDIAL DA PAZ e nesta conxuntura dramática é tanto mais necesario lembrá-lo, pois que o drama que actualmente se está a vivir na vella Mesopotamia, alén de un feito eticamente inaceitábel, toca-nos na carne a muitos povos e ten todas as características de unha confrontación internacional de consecuencias insospeitadas. Se os nosos povos todos se erguesen como un povo só contra esta - hecatombe, cabería abrigar a esperanza de que a guerra se detería. Con esa ilusión é que entonamos hoxe o noso hino. Viva Castelao! Viva Galiza!

fin que, polos bós oficios do deputado Camilo Nogueira Román, fose institucionalizado o 30 de Xaneiro como Día de Castelao, ocasión en que O FACHO expresou publicamente o seu recoñecimento a este e máis á deputada M.^a Pilar García Negro quen, meses atrás e con peor sorte, tamén presentara ao Parlamento a nosa proposta.

Seguindo vixente a razón que ao pé de Castelao nos convocaba, por estimarmos que é de todo punto necesario que o noso, como calquer país que se precie de tal, teña as súas celebracións cívicas propias, —tentando O FACHO cubrir este vacío nos hábitos cidadáns dos coruñeses—, pasamos, desde hoxe a enfatizar o Día de Castelao coa nosa presenza ante o seu monumento, sen por iso deixar de emitir e divulgar a nosa reflexión na data nacional de Galiza. E a nosa reflexión coincide hoxe co debate público ao que ultimamente vimos asistindo, reflexión e debate que tentan propiciar a necesaria unidade dos galegos para xuntos mellor afrontar o reto da modernización do país, nesta encrucillada europea, cando o entendemento entre nós e cos irmáns portugueses semella ser a resposta máis lóxica e máis esperanzada aos nosos vellos problemas sócio-económicos.

Só desde a unidade será posíbel protagonizar unha presenza activa, dinámica, ambiciosa en todos os estamentos da vida política social, económica e cultural galega. Só desde a unidade das forzas nacionalistas será posíbel enfrontarmos con garantías ás complexidades dun proceso ao que Galiza acede nunha condición desfavorábel. Só desde a unidade será posíbel levar a cabo actuacións tendentes á superación do noso trauma histórico.

Como articular esa unidade? Que camiño tomar para que sexa eficaz? Os políticos serán os encargados de cristalizar ese anseio que hoxe con especial significado latea en todos nós, cidadáns comúns que asistimos, entre escépticos e esperanzados, á última oportunidade de vertebrarmos en torno a un proxecto común. Deles será a responsabilidade se non chegan a atopar a linguaxe que aproxime. Sobre todos nós reacerán as consecuencias dunha realidade traumática que nen podemos nen queremos admitir.

O horizonte do ano 93 xurde diante de nós como un reto capital, aínda que imposto. A entrada en vigor dun espazo

económico único, sen fronteiras, previsto pola Acta Unica, a partir do ano 1993, cadra cronoloxicamente co ano xacobeu, celebración que paralelamente co seu carácter relixioso, conleva unha fonda significación cultural e europeísta, articulada ao redor do vello camiño de iniciación. Esta coincidencia está a propiciar a celebración dunha serie de eventos de carácter institucional que lamentablemente se están a facer de costas á realidade nacional, privando de contido e aínda de sentido a algo que podería coallar no protagonismo de Galiza en Europa e no mundo: é á cabeza dese mundo que a Xeración Nós pretendía colocar-nos. Hai que reclamar e conseguir a presenza do nacionalismo en todos e cada un dos acontecementos que agardan ao noso país, na seguridade de que só desde a reflexión e a profundización no noso ser nacional, estes acontecementos cobran significado.

Co pensamento en Bóveda e Castelao, Viva Galiza!

O día seguinte envia-se aos medios, a nosa postura ante a clausura de Rádio-4 de R.N.E., nos seguintes termos:

Independentemente das motivacións que no seu día, hai seis anos, deran pé á creación de Rádio Catro - Rádio Nacional de España, non cabe dúbida de que a súa clausura nestes momentos significa contarmos cunha tribuna menos, e de importancia indiscutíbel, para a normalización do noso idioma, significando, á vez, un paso atrás no obrigado apoio dos entes públicos estatais ás culturas e ás chamadas linguas de España.

Por iso a Agrupación Cultural O FACHO non pode permanecer calada diante deste feito que, a maiores, parece comportar perxuizo para un grupo de traballadores do medio: só coa asunción, polo aparato subsistente de Rádio Nacional de España, da práctica que daba razón de existencia á emisora desaparecida, ou sexa, a utilización exclusiva do galego, podería subsanar-se o dano provocado coa eliminación deste medio de expresión no idioma do país.



(O eco do noso labor)

À parte da profusa informacion surxida, polo xeral, da nosa propia iniciativa (notas e comunicados, cartas abertas, comunicacions e manifestos) remetida aos mesmos —textos estes a que se ven de facer referencia no anterior apartado do capítulo—, os meios de comunicacion teñen reparado frecuentemente no noso labor con comentarios e, sobretudo, entrevistas a directivos —tanto máis de agradecer en tempos de dificultade—, como o demostra a simples enumeracion que segue e que non é exhaustiva —pois se omiten xeralmente as innúmeras noticias derivadas de e referidas a actos puntuais—, que compón unha especie de bibliografía comentada, seguida da outra (libros). Inclúese, igualmente, relacion da publicacion en ditos meios de textos premiados nos nosos concursos.

1963

A primeira noticia que temos do FACHO surxe en LVG do 16 de Agosto de 1963, na sección *Pluma de medianoche*, de **Luis Caparrós**, quen se fai eco da demanda de colaboracion dos xóvenes **Andrés Salgueiro Armada** e **Enrique Harguindey Banet**, para que todos os que se interesen pola creacion dunha agrupacion de cultura galega se dirixan a eles nos seus domicilios respectivos (ver a Pequena historia, nesta mesma Memoria). Igual demanda dá-a a coñecer Rádio Nacional de España.

1964

O 10 e o 15 de Xaneiro de 1964, aparecen en LVG senllas noticias sobre a (I) *Campaña do peso Pró Teatro galego*: na primeira fala-se xa da Agrupacion Cultural O FACHO, a segunda, ben máis extensa e que fai unha pequena historia do teatro galego, refírese, sen nomear á Agrupacion, ao seu recén elixido primeiro presidente.

A Campaña ia dirixida a dotar de fondos o Premio Castelao e, promovida, como é ben sabido, pola A.C. O Galo, de Compostela, estaba na Coruña a cargo do FACHO.

O 1 de Febreiro, a mesma LVG recolle, na sección *Cinco minutos de charla*, de **Rubén San Ju-**

lián, as declaracións feitas polo flamante tesoureiro da non menos flamante Agrupacion Cultural O FACHO, principalmente no tocante á dita (I) *Campaña do Peso*.

O 26 de Abril, El Progreso, de Lugo, publica as manifestacions, en galego, que un dos fundadores do FACHO, o mozo **Enrique Harguindey Banet**, remete como resposta ao inquerito *Hoy de Europa y Galicia*.

(Curiosamente, ao día seguinte leva-se a cabo a que talvez sexa a primeira actividade cultural que O FACHO fai por propia iniciativa, e da que tamén dá conta a imprensa —do 28—: un recital poético de **B. Graña**, **S. G.-Bodaño** e **A. L. Casanova**, que ten lugar no Circo de Artesáns, segundo se informa no capítulo correspondente).

O 10 de Setembro, o redactor-xefe de Rádio Coruña, **Francisco Pillado Rivadulla**, dá noticia sobre o I Curso de idioma do FACHO.

O 15 de Decembro LVG dá ampla informacion, através dunha entrevista de **Rubén San Julián** ás asociadas **Inés Armesto Pérez** (directiva) e **Pura Barrio Val**, non só da *II Campaña do Peso Pró Teatro galego*, senon tamén da propia Agrupacion Cultural O FACHO, no seu primeiro aniversario.

1968

Até o 14 de Marzo de 1968 non nos consta outra entrevista: nesta ocasion é **Eugenio Pontón**, na sección *Cinco minutos de charla*, de LVG, quen entrevista ao noso presidente.

O 2 e o 9 de Xuño, na páxina extraordinaria dominical *Mundo infantil* de LVG, publican-se, respectivamente, e dun xeito parcial, os contos *A galiña azul* e *O can de Larapito*, premiados no noso I Concurso de contos infantís.

O 1 de Xullo, na sección *Contéstenos, por favor*, de La Hoja del Lunes, **Celso Ferreiro** entrevista ao noso presidente.

Na Revista de Economía de Galicia, da Editorial Galaxia, e no seu número 61/63 (correspondente ao semestre Xaneiro/Xuño 1968), veñen amplas referencias ao noso ciclo *Problemática económico-social galega 1968*.

O 12 de Outubro, baixo o título *La economía de Galicia en gallego*, a revista barcelonesa Destino, na súa sección *Economía y sociedad*, a cargo de **Josep M. Muntaner i Pascual** comenta eloxiosamente o noso ciclo de conferencias mencionado.

Unha atención sen precedentes se presta á nosa celebración do Ano Internacional dos Dereitos do Home:

30-11-68. Na sección *A nosa Galicia*, de LVG, **Ángel Padín** comenta o noso proxectado ciclo.

10-12-68. No mesmo Día dos Dereitos Humanos, o Diario de Pontevedra publica un fragmento do limiar do noso libro, debido a **J. A. González Casanova**.

12-12-68. El Progreso, de Lugo, fai a reseña do libro.

10-1-69. EIG, na sección *Díganos la verdad*, **Celso Ferreiro** entrevista ao noso presidente co mesmo motivo.

24-1-69. Na sección *Tertulia literaria*, da revista catalana Tele/Estel, aparece a reseña que reproducimos:

tertulia

DRETS DE L'HOMME

Editorial Moret de la Corunya ha publicat una edició de la **Declaració dels Drets de l'Home** en quatre llengües: gallec, basc, castellà i català. Prologa el llibre J. A. González Casanova, catedràtic de Dret Polític de la Universitat de Santiago.

O 29 de Decembro de 1968, na sección *A nosa Galicia*, de LVG, fai **Ángel Padín** referencia á literatura infantil galega e ao libro *A galiña azul*.

1969

O propio **Padín** fai, o 9 de Xaneiro de 1969, unha pequena memoria da nosa Agrupación, no seu primeiro quinquenio, na mesma sección de LVG.

O 11 de Xaneiro, na sección *El tema del día*, de EIG, **Celso Ferreiro** fala das Agrupacións Culturais e en especial do FACHO.

O 24 de Xullo, en Faro de Vigo, P. (**Francisco de Pablos**) dá unha visión panorámica da nosa Agrupación baixo o suxestivo título de *O FACHO, una institución coruñesa que vela por nuestra cultura*.

O 15 de Novembro, en *A nosa Galicia*, de LVG, **A. Padín** comenta o noso boletín-memoria para os sócios, recién enviado.

O 1 de Decembro, **M.^a Dolores Santaella** entrevista, na sección *Contéstenos, por favor*, de La Hoja del Lunes, a **Ramón Fraga García**, co-responsábel da sección de EIG *Do idioma galego*, sobre O FACHO, a lingua e a cultura de Galiza.

1970

O 22 de Agosto en LVG, **Victoria Armesto** publica, baixo o título *Antorcha y guía*, unha eloxiosa reseña sobre O FACHO.

1971

O 1 de Maio, **Mayte Suárez Santos**, de LVG, entrevista ao profesor do Curso de idioma, **X. M. Rodríguez Pampín**, baixo os epígrafes *Tratar de ser galego consecuente non é ningún hobby* e *Dentro dunhos anos falarán galego uns 200 millóns de persoas*.

O 26 de Setembro de 1971, nas páxinas *Los domingos de La Voz* de LVG, inicia-se a importante xeira constituída pola sección *Contos para os nenos galegos*, que durará, polo menos, até o 4 de Xullo de 1976, cuase 5 anos; realizada co obxecto de que tanto os nosos nenos como os seus mestres pudesen dispor de material axeitado en momentos en que era aínda incipiente a edición de literatura infantil no noso idioma e en tanto non se facía realidade a implantación do ensino do galego nas escolas —di a nota de presentación— tal como se aprobou na Lei Xeral de Educación Básica; e nutrida con textos procedentes dos concursos de contos infantís O FACHO. Aí publicáronse dous contos de nenos e máis de 50 para nenos, estes dos seguintes autores: **Agrelo Hermo** (2 contos), **Lucila Alén** (2), **Eliseo Alonso** (2), **Alonso Estravís** (2), **Antonio Francisco Simón**, **Inés Armesto**, **Bernárdez Vilar** (2), **Blanco Rábade**, **Blanco Valdés**, **Xosé Dono**, **Xosé Estévez**, **Fariña Jamardo**, **Ana M.^a Fernández**, **García-Bodaño**, **Agustín González**, **Franco Grande**, **B. Graña**, **Emilio de Gregorio**, **A. Lezcano** (2) **Siro López**, **X. López Arias** (2), **M. Ricardo Lorenzo** (2) **Paco Martín**, **X. M. Mz. Oca**, **M.^a V. Moreno**, **Camiño Noia**, **A. Padín**, **Á. Paradela**, **G. Roxo**, **Antón de Santiago**, **Taboada Táboas**, **F. Taxes**, **M. Trigo**, **Varela Jácome**, **Dora Vázquez** (2), **Pura Vázquez**, **Vázquez Gil**, **Vázquez Gundín**, **Vázquez Pintor**, **Velasco** (2), **Fiz Vergara** (2) e **Pedro Villar**.

1972

O 28 de Xaneiro, en *El Progreso*, de Lugo, **López Castro** entrevista á asociada **Carmen Otero**, en grande parte sobre a Agrupación.

O 28 de Maio, no *Outeiro de San Xusto*, de LVG, X.M.R.P. (**Xosé M. Rodríguez Pampín**) escribe sobre *O Facho* e a *Torre de Hércules*.

O 5 de Agosto, **Siro**, en EIG, entrevista ao presidente da Agrupación baixo a frase *O idioma galego está introducándose en campos que fai catro anos parecían increíbles*.

1973

En *La Hoja del Lunes*, do 1 de Xaneiro, **Orestes Vara Calzada** entrevista ao secretario do FACHO en *Contéstenos, por favor*.

O 27 de Maio, **José Antonio Gaciño** de EIG (baixo a sigla J.A.G.) entrevista a un portavoz do Grupo de Teatro: *Nos volcaremos especialmente hacia el teatro infantil*.

O 2 de Xuño, a revista *Triunfo*, de Madrid, número 557, publica unha carta do noso presidente cunhas pontualizacións a un artigo anterior de **Perfecto Conde Muruais** sobre o Grupo de Teatro O FACHO e a Mostra de Ribadavia.

No cuarto trimestre do ano, a que corresponde o número 42 da revista *Grial*, de Vigo, nas páxinas 396, 512/514, fan-se comentários sobre o noso labor na literatura e no teatro infantís.

1974

O 3 de Xaneiro, EIG publica, baixo o rubro *O idioma galego no ano 1973 (I)*, unha panorámica da actualidade da nosa Agrupación (indubitabelmente da autoría do seu presidente) co título *O FACHO e a literatura infantil no 1973*.

O 4 de Xaneiro **Antón de Santiago**, en LVG, entrevista ao presidente con ocasión do 10.º aniversario do FACHO.

Este ano EIG publica *Xurxo*, de **Siro**, que fora mención no Concurso de Contos do ano anterior.

O 24 de Febreiro, nun *Outeiro de San Xusto* de LVG, **M. Espiña Gamallo** louva o labor do FACHO.

O 3 de Xullo, **Luci Garcés**, en LVG entrevista a integrantes do Grupo de Teatro.

En Decembro dese ano EIG/ **Luis Pita** fai unha encuesta, baixo o título *La Navidad no es sólo una fiesta*, a representantes de cinco entidades ou colectivos, entre eles o presidente do FACHO, quen fai balanço do ano cultural galego que acaba.

1975

No número 1 da revista infantil Vagalume (Xaneiro), aparece *Faisquiña*, de **P. Martín**, mencion que fora no noso V Concurso de Contos.

O 14 de Febreiro LVG, en *De sol a sol*, entrevista ao director do Grupo de Teatro.

O 1 de Marzo, en LVG, J.R.D. (**Juan Ramón Díaz**), cunha extensión desusada, practicamente a toda plana, recolle o desenvolvemento da mesa-redonda *O teatro galego hoxe*, celebrada o día anterior e que clausura o ciclo homónimo do FACHO.

O 9 de Marzo, en LVG, publica-se unha entrevista a **P. Rodríguez Varela**, profesora do Curso de idioma: *Resurge el idioma gallego* é a frase que a encabeza.

Dito día e máis o 16 seguinte, LVG, co título *O teatro galego hoxe*, publica senllas llanas, unha en cada data, debidas a **C.L.** e dedicadas ao citado ciclo.

O 30 de Marzo, a *Figuración* de **Luis Seoane** en LVG, dedicada a **Manuel Caamaño**, dá unha visión panorámica do FACHO.

O 17 de Maio, L. de LVG entrevista ao presidente do xurado do VIII Concurso de Contos infantís, recién fallado, quen califica dito concurso como *inestimable arsenal lingüístico e lexicográfico*.

O 28 de dito mes **Ángel Padín** entrevista ao Grupo de Teatro para LVG: *A compensación do*

traballo é cumprir coa obrigaçion de facelo pola cultura do país (declara o director do Grupo).

1976

No número 22 (Xuño) da revista Vagalume aparece *Sabeliña e os ratos*, de **P. Martín**, 1.º premio no noso VI Concurso de Contos.

O 24 de Outubro M.M. (**Manuel Miragaia**) entrevista, a toda plana e para EIG suplemento dominical, ao presidente do FACHO.

O 10 de Novembro, A.R.C. (**Agustín Rodríguez Caamaño**) entrevista para LVG a **P. Rodríguez Varela**, con motivo do comezo do noso XIII Curso de idioma.

1977

No número 30 (Xaneiro) de Vagalume publícase *O tolo do monte*, de **X. M. Tejo Cobas**, premio no noso IX Concurso de Contos.

O 25 de Febreiro, **M.^a Antonia Fernández Sainz** entrevista en *Cinco minutos de charla*, de LVG, ao presidente da Agrupación, sob-pretexto do mesmo XIII Curso.

Dito día, **Víctor F. Freixanes** dedica ao FACHO *O último renglón* en Rádio Popular de Vigo.

A calada pacencia dos sementadores chama-se o *Outeiro de San Xusto* que, pola segunda volta, o 3 de Abril en LVG, dedica ao FACHO **X.M.R.P.**

O 21 de Xullo, **R.G.A.** en EIG entrevista a **Ramiro Cartelle**, co-adaptador e actor en *Paco Pixiñas*. Entre o 20 e o 22 escriben sobre dita obra, en LVG **A. Rodríguez Caamaño** e **Ramón Patiño**, e en EIG **X. A. Gaciño**.

O 25 de Outubro LVG publica, como pórtico ao *Curso de galego* a iniciar-se o 6 de Novembro seguinte, unha ampla entrevista, a toda plana, coa Equipa de Língua da Agrupación.

Nos números 37/38 (Novembro), 39/40 (Decembro) e 41/42 (Xaneiro de 1978) de Vagalume saen os catro contos de nenos premiados no noso X Concurso.

1978

O 16 de Xullo, LVG publica unha nova reportaxe, esta volta motivada na aparición do libro *O galego hoxe*.

E o 18 seguinte dito xornal publica aínda outra reportaxe, agora con pé na presentación do citado libro.

1979

O 24 de Outubro de 1979, en LVG e EIG saen senllas reportaxes sobre a nova Xunta Directiva resultante da Xunta Xeral do día anterior.

O 10 de Decembro o novo presidente responde ao inquérito de La Hoja del Lunes sobre que proxectos culturais, máis ou menos inmediatos, ten a entidade que preside, dirixido a cinco directivos doutros tantos colectivos: o Arquivo do Reino, o Ateneu, El Eco, a Academia e nós.

1980

O 5 de Marzo, en LVG, **Manuel Caamaño Suárez** escribe sobre *O galego hoxe*.

O 8 de Marzo de 1980 **Xosé Antonio Gaciño** entrevista ao noso ex-presidente, **Manuel Caamaño Suárez** en EIG, con motivo da homenaxe que O FACHO lle tributa dito día.

O mesmo día sai outra entrevista en LVG e máis un artigo de **Marino Dónega**, sobre *Manuel Caamaño, o presidente*.

Inicia-se unha década na que O FACHO é especialmente requerido nas rádios coruñesas, mais en Rádio Coruña, para recabar a súa opinión ou divulgar o seu labor.

Este ano saen, en LVG, algúns dos cómics premiados no noso Concurso.

1981

En La Hoja del Lunes do 9 de Febreiro é entrevistado o noso presidente na sección *Contéstenos, por favor*, por mor da Mostra do Livro Luso-Brasileiro.

O 18 de Febreiro, A Nosa Terra e **Xosé Amador** entrevistan amplamente ao presidente do FACHO.

O 16 de Decembro saen, tamén en A Nosa Terra, os poemas gañadores no noso IV Concurso de Poesía.

1982

O 13 de Marzo LVG publica unha entrevista con membros da Directiva baixo o título *O FACHO, case 20 anos na vangarda cultural galega*.

1983

En Febreiro, en A Nosa Terra, baixo o título *O FACHO: 20 anos ao servizo da cultura nacional*, publica ampla reseña **Andrés Martín Jáuregui**.

Dito mes, o día 9, en LVG, **Manuel Caamaño Suárez** refere-se ao FACHO en *A resistencia cultural das novas xeracións galegas*.

O 3 de Decembro, con motivo do noso 20.º aniversario, a emisora Antena 3 cedeu-nos unha hora da súa programación, que foi cuberta con: o Grupo de Teatro (que avanzou a próxima estreita de *Peticion de man* e a nunca estreada *O unicórnio azul*, creación para nenos, do propio Grupo), a intervención de **Andrés Salgueiro**, **Manuel Caamaño**, **Manuel Lourenzo**, **Xavier Alcalá** e dous directivos, todos entrevistados polo presidente do FACHO.

Co mesmo motivo, LVG dedica-nos dúas planas do seu *Cuaderno de cultura* do 8 de Decembro, segundo xa se viu neste mesmo capítulo.

1984

En A Nosa Terra de 12 de Xaneiro, saen os poemas gañadores no noso VI Concurso de Poesía.

O 12 de Febreiro, **E. Pérez**, en EIG, entrevista ao noso presidente saliente.

O 25 do mesmo mes, EIG e LVG publican sendas reportaxes sobre a nova Directiva eleixida o 30 de Xaneiro anterior.

O 12 de Setembro na sección *Homenaxe* do suplemento *Cataventos* de EIG, **Un do Chan** (Xosé M.^a Monterroso) escribe sobre *O FACHO: unha teimosa resistencia cultural*.

1986

EIG de 25 de Xaneiro publica unha entrevista co presidente, a raíz da súa reelección.

1987

O 3 de Febreiro, EIG publica, a toda plana, a reportaxe que **E. Cebrián** fai ao noso presidente, baixo o título *A difusión e a normalización lingüística, obxectivo da Agrupación Cultural O FACHO*.

1988

O 7 de Febreiro LVG, na sección *Quién y qué*, entrevista ao presidente saliente da Agrupación.

O 14 de Abril seguinte, no mesmo xornal e sección, é entrevistado o presidente entrante, a partir da Xunta Xeral de 11 de Febreiro.

O 18 de Decembro, LVG dedica ao noso 25.º aniversario unha plana do seu suplemento de cultura, con entrevista de **Guillermo Pardo** ao presidente da Agrupación.

O 22 de Decembro, **Francisco Ant. Vidal** escribe en A Nosa Terra sobre *O FACHO, 25 anos refacendo Galiza*.

O día seguinte, **Kontxi Gándara**, de Diario 16 de Galicia, entrevista ao sócio número 1, **Andrés Salgueiro** e ao seu presidente, con motivo dos 25 anos do FACHO.

1989

O 22 de Xaneiro, con pretexto na presentación do seu libro *Sobre Galicia como responsabilidade*, **Guillermo Pardo** entrevista para LVG ao ex-presidente **Manuel Caamaño Suárez** na que resulta ser, en grande parte, unha ampla panorámica a toda plana sobre O FACHO.

En LVG do 17 de Maio, **M.^a Carmen Cotelo** entrevista ao mesmo ex-presidente, quen, en poucos párrafos, fai interesantes referencias ás dificultades que arrostrara O FACHO para poder celebrar moitas das súas actividades, por mor das trabas administrativas do anterior rexime.

No número 18 (Verao, 1989) da revista *Agália* saí publicado o conto de **Imma A. Souto** premiado no II Concurso de Contos de Terror.

O 20 de Xullo o presidente da Agrupación opina, entre outros encuestados por LVG, sobre a creación da Universidade da Coruña.

O número 20 da revista *Agália* (Inverno, 89) publica o conto de **Henrique M. Rabunhal** que fora 2.º prêmio no noso Concurso de Contos.

1990

O 30 de Xaneiro, LVG solicita, entre outras, a opinión do presidente do FACHO sobre as necesidades da Coruña na década que se inicia.

O 4 de Febreiro e para o mesmo xornal, se lle plantexa outro tanto, xunto a dous directivos doutras dúas entidades, por **Ricardo Vales** acerca da creatividade cultural da cidade e do xeito de incentivá-la.

O número 21 (Primavera, 90) da revista *Agália* recolle ampla información sobre a nosa *Homenagem urgente a Ricardo Carvalho Calero*.

O 25 de Setembro **Susana Blanco**, de EIG, entrevista ao presidente do FACHO na sección *Perfiles*.

O número 23 da revista *Agália* (Outono, 90) publica un fragmento de *O vendedor de janelas*, peza de **João Guisán** que obtivera galardón no noso IV Concurso de Teatro (1979).

Ese mesmo número ofrece información sobre a nosa *Homenaxe a Lúgus Freire*, reproducindo, asimesmo, tres das cinco intervencións, as de **Pillado Mayor**, **Jenaro Marinho** e **Manuel Lúgus** (neto).

Con motivo das funcións do Grupo de Teatro realizadas o día anterior, aparece o 21 de De-

cembro, en LVG ampla información sobre a traxectoria de 25 anos de dito Grupo, confeccionada por **Mercedes Modroño**.

1991

O 8 de Marzo, en dúas seccións de LVG recolle-se, por man de **Manuel Rodríguez**, o acto de presentación do noso libro *Concurso Nacional de Poesía O FACHO*, celebrado o día anterior. Outro tanto fará EIG o 17 seguinte, por obra de **Manuel Rico Vereá**. E mesmo o 17 de Abril en LVG por **Ángeles Penas**, en *Faíscas*.

Xan Carballa entrevista, o 21 de Marzo, para *A Nosa Terra*, ao presidente do FACHO.

Xoel Gómez, en LVG do 30 de Xuño, entrevista ao presidente do FACHO nun artigo que trata do asociacionismo cultural en xeral.

Rosa Castro entrevista ao mesmo no programa *Cousas da lingua*, da TVG, a noite do 23 de Setembro.

No número 28 (Inverno, 91) da revista *Agália* saen tres contos para nenos, de **Xosé Luis Martínez Pereiro**, premiados en senllos concursos do FACHO.

En *De Sol a Sol* de LVG do 9 de Novembro, **Santiago Fernández** dedica unha eloxiosa crónica a O FACHO.

Bibliografía sucinta sobre O FACHO

Finalmente facemos unha relación, non exhaustiva, de libros relacionados con ou nos que se fai algunha referencia ao FACHO.

Agrupación Cultural O FACHO. *Memoria 1963-1969, Memoria 1970-1975*.

Barreiro Fernández, X. R. *Historia de la cultura gallega*, tomo III, A Coruña/Bilbao, 1983. *Historia de la ciudad de La Coruña*, A Coruña, 1986.

Caamaño Suárez, M. *Sobre Galicia como responsabilidade*, Sada, 1988.

Caamaño, M. & Rodríguez Pampín, X. *Pro e contra da litúrxia en galego*, Compostela/Pontevedra, 1980.

Cobas Brenlla, X. *Autores galegos de literatura infantil*, Compostela, s/a (1990?). *Historia da literatura infantil e xuvenil galega*, Compostela, 1991.

Fernández Paz, A. *Os libros infantis galegos*, Compostela, s/a (1990?).

González Catoira, A. *Temas coruñeses*, A Coruña, 1991.

Gran Enciclopedia Gallega. Entrada *Agrupación Cultural O FACHO* (P. Conde Muruais).

Lourenzo, M. & Pillado, F. *O teatro galego*, Sada, 1979. *Antoloxía do teatro galego*, Sada, 1982. *Dicionário do teatro galego*, Barcelona, 1987.

Santos Gayoso, E. *Historia de la prensa gallega* (1800-1986), Sada, 1990.

Vários. *Galicia ano 70* (artigo de R. Piñeiro s/A literatura infantil), Lugo, 1971. *Premios nacionales 1958-1988*. Libro infantil y juvenil, Madrid, 1988.

F

O Grupo de Teatro O FACHO

AQUELA XEIRA DE 1965

En pleno mes de agosto de 1965, na Sala de Exposicións da Casa da Cultura, local cedido a O Facho para o desenrolo da súa actividade cultural, celebrou-se un acto de moita significación para min e —hoxe vexo-o claro— ben máis trascendente do que se pensara. A porta pechada, o local atestado de xente e unha cortina divisória, puro papel de embalar coas máscaras simbólicas de Castela reproducidas nunha simples cartulina, compuñan o ambiente. Era un acto teatral galego e clandestino. As tres cousas irían, como logo puiden comprobar en varias ocasións, xuntas arreo. Mais neste caso a clandestinidade non fora consciente ou totalmente solapada; fora unha conclusión, máis que unha decisión preliminar. Facíamos «teatro independente» por primeira vez. Sabíamos que o «teatro para ler» era mentira, unha falsificación que só o medio xustificaba. E mais tamén sabíamos que aquilo non era a cerimonia de bautismo dun grupo teatral «de cámara», espécimen lexislado polo Sistema para

toda aventura teatral non baseada no comercio. Aquilo era outra cousa. Un modelo distinto, como en anos sucesivos tivemos ocasión de comprobar. O espectáculo, unha mixtura de temas e formas;

.....
a vocación, trascender todo marco habitual e buscar públicos e vías de participación mediante colóquios; os obxectivos: restaurar —ou inventar, se fose preciso— o teatro galego desde unhas bases non estritamente literarias. Aquilo foi, certamente, un comezo. Un grupo de xentes de O Facho, e outros que non o eramos.

.....
Nada de todo aquilo ficou morto no maxín, foi ensoñado. Todo está aquí, e está hoxe. O teatro é unha proba. O Facho é outra proba.

MANUEL LORENZO

(En *La Voz de Galicia*, 8-12-83)



O Grupo de Teatro O FACHO na III Mostra de Teatro Galego de Ribadavia (1975).

Actuaron: **José Manuel Vázquez, Fernando Porto, Antonio Arias, Manuel Lorenzo, Juan M.^a Castro, José Ribeiros, Chichi Paredes, Maria José Lorenzo e Alfredo Ferreiro**, a máis dos compar-sas.

O 11 de Abril leron-se, na Sociedade da Gai-teira, contos de **Castelao** e representou-se, nova-mente, *O cabalo do cabaleiro*, actuando **Alfredo Ferreiro, Fernando Porto, Juan M.^a Castro, An-tonio Arias, Manuel Lorenzo e Chichi Paredes**, apresetados por **Maria José Lorenzo**.

En Rádio Coruña fixo-se, unha outra volta, o 25 de Xuño, unha gravacion de contos de **Castelao**, lidos por **Chichi Paredes, Manuel Loren-zo e Alfredo Ferreiro**.

O 23 de Agosto de 1966, no auditório portá-til de *Festivales de España*, instalado na praza de Maria Pita, e no marco do *II Certamen de Tea-tro Nuevo*, organizado polo Concello herculino, o GRUPO DE TEATRO representa a obra de **Max Frisch**, en version de **Manuel Lorenzo e En-rique Harguindey**, *O señor Bonhome e os incen-diarrios*.

Foron os actores: **José Manuel Vázquez, M.^a Dolores Paredes, M.^a Carmen Deus, Fernando Porto, Juan M.^a Castro, Manuel Lorenzo, Enri-que Harguindey, Maria José Lorenzo, José Ri-beiros, Juan Cejudo, Alfredo Ferreiro, Manuel Romero, Andrés Salgueiro e Eduardo Tejerina**. Fixo o decorado **Leopoldo Pérez**. Banda sonora a cargo de **Adolfo Ribas** e luces de **José Luís Cardero**.

Remata esta primeira etapa do GRUPO DE TEATRO O FACHO con tres recitais de poemas de *Longa noite de pedra*, de **Celso Emilio Ferrei-ro**, os días 1, 3 e 5 de Outubro de 1966, respecti-vamente na Casa da Cultura, na parróquia de San Xosé e no Circo de Artesáns.

1970

O que pode reputar-se como segunda etapa do GRUPO DE TEATRO O FACHO foi cuberta con diversas leituras (escenificadas ou non) de

obras e recitais de poemas, no período compren-dido entre Febreiro de 1970 e Febreiro de 1973.

O 2 de Febreiro de 1970, no Circo de Arte-sáns, realizou-se, dirixida por **Xosé Manuel Ro-dríguez Pampín e Andrés Rey**, a lectura de *Antí-gona*, de **Jean Anouilh**, en version de **Xosé L. Franco, R. Silva e Xosé M. Beiras**.

Leron: **Enrique Lago, Ramiro Cartelle, Pau-la Vázquez, Maria Xosé Vázquez, M.^a Pilar Alle-gue, Andrés Rey, Daniel Alonso, Xaquín Villar, Matías Cuba, Fernando Méndez, Ánxeles G. Ri-vas, Xosé Garrido, Rosa Quintana e Xurxo X. Montes**.

No Coléxio Nacional Mixto Curros Enríquez, o 30 de Setembro, e dirixida por **Ramiro Cartelle Álvarez**, realizou-se a lectura escenificada das obras *O mendiño e o can morto*, de **Bertolt Brecht**, en version de **Xosé L. Rodríguez Pardo**, e *O auto do prisioneiro*, de **Ricardo Carballo Calero**.

(ver capítulo E)

1971

En 1971, **Ramiro Cartelle** realizou, no local social, unha serie de catro *Conversas de O Fa-cho*, consistentes na lectura, con ilustracions mu-sicais, de diversos textos da nosa literatura, se-gundo se detalla:

Febreiro, 3 e 17. Escolma dos Cancioneiros medievais galego-portugueses.

Marzo, 24. A poesia dos *séculos escuros* e a cantiga popular.

Abril, 28. O Romaceiro popular.

O 17 de Maio, Día das Letras, no Instituto Da Guarda, no acto de clausura do noso VII Cur-so de idioma, e baixo a direccion de **Ramiro Car-telle**, leron-se poemas de **Gonzalo López Aben-te**, facendo-se tamén unha evocacion biográfica do poeta muxián.

1972

O Día das Letras, dedicado ese ano a **Valen-tin Lamas Carvajal**, e tamén no acto de clausura

do noso VIII Curso de idioma, o GRUPO DE TEATRO leu poemas e prosas (do *Catecismo do Labrego*) do autor ourensán, de quen, asimesmo, se fixo unha evocación biográfica, todo baixo a dirección do mesmo **Ramiro Cartelle**.

1973

Ainda o 16 de Febreiro, esta volta baixo a dirección de **Xaquín Villar Calvo** e no Circo de Artesáns, o GRUPO DE TEATRO levou a cabo un recital de *Poemas e Cantigas de hoxe*. Os poetas escollidos foron: **Pimentel, Ferreiro, Díaz Castro, Tovar, Manuel María, Novoneyra, Graña, Franco, G.-Bodaño e L. Casanova**.

Antón de Santiago Montero, acompañado ao piano por **Ramiro Cartelle**, interpretou: *Rosiña*, de **R. Cartelle e Rosalia Castro**. *Falarei-che de amores*, de **R. Cartelle e Antón de Santiago**, e *Canto á ledicia*, de **L. van Beethoven e F. Schiller**, en versión literaria e musical de **R. Cartelle**. (Coas dúas primeiras pezas, os intérpretes obtiveran, en 1971 e 1972, o 2.º e o 3.º premios no certame musical de *As San Lucas*, de Mondoñedo).

Comeza nesta mesma época a terceira etapa, especialmente próspera, do GRUPO DE TEATRO, baixo a dirección de **Xosé Manuel Rabón Lamas**, cubrindo un período de sete anos (1973-1979). Mais deixemos que el mesmo no-lo vaia contando, através do *Caderno de Dirección* que improvisou ao noso pedido:

1973, INVERNO.

Ando a matinar no espazo escénico. Como relaciónalo co actor. A función do actor no espazo. A creación de ambientes, de sensacións. É dicir, a estética da iluminación. Como aplicar estes e outros coñecementos aprendidos nas miñas estadias ultramarinas e europeas, polos teatros, os cursos, as representacións. Mais, onde e con quen?, me pergunto.

Na tertulia de todos os días, os amigos (Ramiro Cartelle, Cajaraville, Xesus Blanco, Antón de Santiago) andamos a falar horas e máis horas. Música, ballet, danza, teatro. Tardes longas de ledicia e conversa. Follas de vagar polos vieiros das artes...

Antón de Santiago está a falar do Grupo de Teatro O Facho. Non teñen director. Pergunta-me se quero arriscar-me nese posto. Acepto ledó. Vou tentar experimentar cos meus coñecementos. Até onde poderei chegar?

1973, PRIMAVERA.

Hai un fato de rapaces entusiastas, con ganas de facer cousas. Estamos a ensaiar As laranxas máis laranxas de todas as laranxas, de Carlos Casares. Premio do concurso de teatro infantil convocado polo Facho. Andamos a darlle voltas ao texto. Un mes de ensaios. Pouco a pouco, o espectáculo vai collendo forma. Hai algúns atrancos técnicos. Temos que facer voar escopetas, sacar a escena laranxas xigantes, etc. Esperamos poderlos resolver. A escenografía e o vestuario diseñou-nos Luís Seoane. É importante contar cun artista de tanta sona.

Falta un actor para facer de can. Os días pasan e isto converte-se nun problema. Preocupa-me a miña viaxe a Atenas. Teño que deixar a obra rematada antes de marchar. Á volta, con dous ou tres ensaios, lista para a estreia en Ribadavia. O compromiso é grande, polo Facho, por min e polo Grupo. Coido que vai gostar. Xa temos actor para facer de can. É un respiro.

Estou a chegar de Atenas. Atopo as cousas moi preparadas. A xente ensaiou a bon ritmo. Hai que facer algúns retoques e a estrear. Xavier Castro está a facer un bon labor técnico. Os atrancos fican resoltos. Mañá estreamos. Xa falaremos.

A estreia foi todo un éxito. Gostou a pequenos e a grandes. O mundo infantil está cheo de sorpresas. Quen ia coirar que o can Paulino fora o personaxe máis aplaudido e coreado polo público infantil. Fixo as ledicias dos nenos. Xunto con Toneladitas conqueriu as gargalladas máis sonoras.

1973, VERAÑO.

Estamos a facer algunhas representacións, sempre con grande éxito. Os pequenos disfrutaban da obra e pasan-no ben. Estamos a matinar nun novo texto cara ao inverno.

Con efecto, en Ribadavia, e no claustro aberto de San Domingos, para clausurar a *I Mostra de Teatro Galego*, organizada pola *Agrupación Cultural Abrente*, o 27 de Maio de 1973 estreouse a peza infantil de referencia, cunha masiva asistencia de pequenos e grandes, procedentes de todo o país, e un grande suceso.

Outras dúas representacións tiveron lugar na Coruña, no Teatro da Caixa de Aforros (Ronda de Nelle), os días 2 e 9 de Xuño seguintes, con crítica moi satisfactoria.

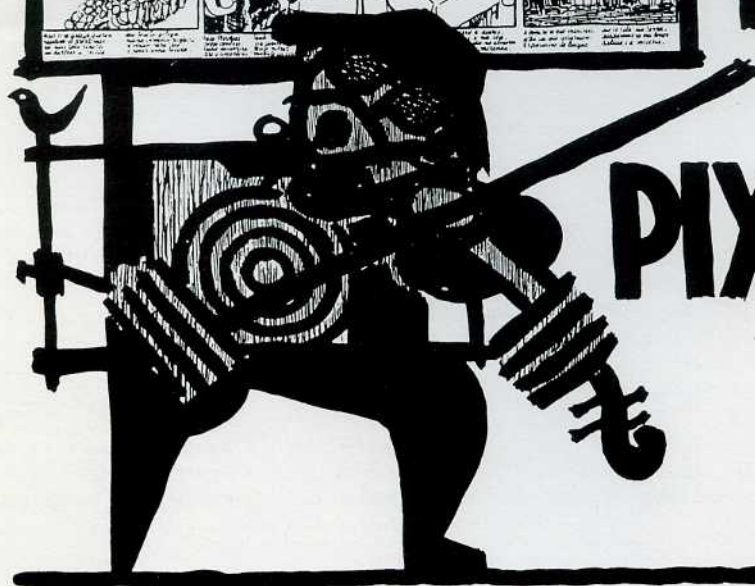
Os actores foron: **Chelo Ares, Elisa Crespo, Xulia M.^a Carballo, Remixio Iglesias, Antón de Santiago, Xaquín Villar, Xohán Guisán, Sabela V. Fandiño, Rosario Belda, Xosé Manuel Mahía e Dely Mouriz**. Dos efectos especiais ocupouse **Francisco Xavier Castro** e a execución dos decorados foi de **Xosé González-Moro**, seguindo fielmente os deseños de **Seoane**.

GRUPO DE TEATRO O FACHO



PACO

PIXINAS



B/77

1973, OUTONO.

Fai-se costa arriba començar de novo os ensaios, despois dos anárquicos meses de vrau. Moitos marchan a estudar fora. Quedamos case sen actores. Andamos ás voltas cun texto de Brecht, O mendiño e o can morto. Pensando-o ben, nunca souben se era de Bertolt Brecht traducido por Rodríguez Pardo, ou pola contra, era da autoria de R. Pardo que asina co pseudónimo do grande dramaturgo alemán. Son dous personaxes, Rei e Mendiño, vamos incluír unha actriz como paxe do rei. Con Xocas e máis Antón comenzamos os ensaios. Non pretendemos nen distanciamentos, nen didactismos, iso xa está no texto. Chega-nos con poñé-lo en escena da maneira máis clara posíbel.

1974, INVERNO.

Continuamos cos ensaios. O tempo é pouco e as dificultades moitas. Tanto Xocas como Antón están facendo grandes esforzos por sacar adiante os personaxes. A verdade é que non conseguimos dar coa estética xeral da obra. Estamos a facer unha posta en escena un tanto estática. Xocas non quer mover-se moito e o feito de que o personaxe de Antón, o Mendiño, esté sentado no chan, provoca unha incapacidade para o movemento escénico. O texto ten capacidade de suxerencia. A maneira de dicir é boa e clara. Xa veremos até onde chegamos con esta obra. Vai-se-nos quedar en pouca cousa.

1974, PRIMAVERA.

Vamos con moita lentitude. Hai que ter a obra cedo para facer unhas cantas representacións antes de Ribadavia.

Por fin, o día 19 de Maio estreamos no Circo das Artes de Lugo. Xa veremos como funciona.

A resposta do público non foi mala. Algunhas críticas negativas á posta en escena. A verdade é que non se conseguiu un espectáculo atractivo.

En Ribadavia houbo para todos os gostos. Durante o coloquio suscitou-se un interesante debate sobre o teatro de Brecht. A nosa posta en escena non foi un éxito, pero non desagradou.

1974, VERAÑO.

Estamos a facer algunhas representacións. O máis importante: a Mostra paralela á de Ribadavia, patrocinada pola Escola de Arquitectos Técnicos. Hai interesantes debates acerca do teatro e da súa función na sociedade.

1974, OUTONO.

O 30 de Outubro estivemos en Santiago. Gostou O Mendiño. A representación foi moi ben, madurou moito desde as primeiras veces. O público, na súa maioría universitario, gostou da representación e aplaudiu con entusiasmo.

Andamos á búsqueda dun novo texto. Tamén necesitamos dun bo número de actores para estabilizar o Grupo e poder facer outras obras.

Así foi como o 19 de maio de 1974, no marco dos actos programados polo *Club Cultural Valle-Inclán*, se estreou a obra de **Brecht**, seguindo a súa traxectoria segundo o seguinte calendario:

Maio, 22. Ribadavia, claustro de San Domingos, na *II Mostra de Teatro Galego*.

Maio 30. A Coruña, paraninfo do Instituto Da Guarda, clausurando o noso X Curso de idioma.

Xullo, 3. A Coruña, Teatro da Caixa, no marco da *Mostra Paralela* xa citada. (Ver E).

Outubro, 30. Compostela, Coléxio Maior Virxe do Pilar.

Sigamos co *Caderno* de **X. M. Rabón** e a súa versión de primeira man:

(1974, OUTONO).

Xa contamos con novos rapaces e rapazas. Estamos cun texto de Blanco-Amor, O Cantar dos cantares. Con esta obra e a nova xente podemos consolidar o Grupo e traballar forte. É xente con ganas, e algúns con capacidade para a interpretación.

Estamos coa posta en escena de O Cantar... Vai por bon camiño. Traballamos moi a gusto. Ensaíamos no teatro do Coléxio Compañía de María. É unha ledicia. A sala da Casa da Cultura, mesmo coa friaxe, afogaba as ideas.

1975, INVERNO.

Vimos da estreia de O Cantar... en Vilaboa. Foi un grande éxito. Todos os actores do Grupo fan un traballo excelente. As críticas son moi boas. Estamos a nos quitar a espiña da última montaxe. Un novo éxito na actuación dentro do ciclo O teatro galego hoxe organizado polo Facho en homenaxe a Castela. A realidade é que agora contamos cunha equipa de xente boa para enfrentar novos proxectos.

1975, PRIMAVERA.

Andamos Ramiro Cartelle e máis eu a matinar no tema da emigración e as súas consecuencias. Queremos dramatizar algo a partir desta lacra do noso pobo. Contamos con nova xente no Grupo. Pensamos, cara a Ribadavia, montar un novo espectáculo e levar os dous, O Cantar... e o novo que fagamos.

Decidimo-nos por O auto do prisioneiro, de Carballo Calero. É un texto difícil. Moi pechado. Metafísico. Hai que levá-lo adiante con certa garantía.

Ramiro e eu xa atopamos a base para o tema da emigración: con Fuco Buxán, de Celso Emilio e Paco Pixiñas, sobre un cartel de cego de Isaac Díaz Parzo, vamos tentar facer unha dramatización da temática do emigrado. De forte contido social, denunciadora de seu. Estamos a traballar con moitos folgos e ilusións.

Facemos O Cantar... na clausura do curso de galego, no Eusébio Da Guarda, e tamén na Sociedade de Sada, o Dia das Letras Galegas.

O día 25 estivemos en Ribadavia. Fixemos O Cantar... e máis O auto... A representación foi para todos os gustos. A obra de **Carballo Calero** foi asubida e berrada. Pouco menos que houbo pateo. Máis tarde, no colóquio, dixeron que os berros foran para o autor, por unha mala actuación que tivera como xurado dun premio literario (!). Unha estupidez, nós que culpa temos? O Cantar... foi un exitazo. Algun outro grupo xa o tiña posto dantes e xulgou-se que a nosa posta en escena era moi superior. O bon grupo de actores que temos nestes momentos é a base deste éxito.

Ramiro e eu estamos a rematar a dramatización dos textos de **Celso Emilio** e **Díaz Pardo**. Vai-se chamar Paco Pixiñas e a nave espacial. Estamos a conquistar un texto moi xerente. Coidamos moito a unidade temática.

O Paco Pixiñas... está a pasar a censura no Ministerio. Coido que vai atopar moitos atrancos. Xa veremos o que pasa. Oxalá no-lo devolvan sen grandes problemas.

1975, VERA O.

Actuamos no Colégio Universitario con O Cantar... e O auto... As malas críticas de Ribadavia están a facer que non enfoquemos este espectáculo con obxectividade. Hai que deixar de facer O auto... e seguir con O Cantar..., que marcha cada vez mellor.

Gostou moito en Vigo na I Mostra de Teatro Galego. Foi todo un éxito. O 17 de Xuño repetimos en Sada. Hai que aproveitar os éxitos deste espectáculo e seguir algun tempo con el. Paga a pena, mentres non comencemos con Paco Pixiñas.

Estamos moi desilusionados. A censura, a puta censura franquista, negou-nos o permiso para facer o Paco... Din que atenta contra a integridade da persoa, a dignidade e a unidade da pátria. Estúpidos da merda. Son unha panda de retrógrados gilipollas. Non teñen nin puta idea de nada. Merda, un tempo perdido. E volta a esperar.

Hai novas. O interés da Directiva polo Paco é moito. Van tentar presentá-lo de novo á censura e procurar apoio. Semella que **R. Caamaño** pode botar unha man.

1975, OUTONO.

Estamos a esperar polo permiso do Paco... As conversas van por bo camiño. Oxalá teñamos sorte.

Case que estamos a rematar coas funcións do Cantar... Foron moi ben. O espectáculo resultou a todos os niveis. De todas as maneiras hai malestar nalgũa xente do Grupo... Falan de dirección colectiva... é a moda! Non lle hai que facer! Andan inquedos. Non estou moi de acordo nas cousas que queren impoñer. Ando matinando en abandonar o Grupo.

Estou triste! É unha mágoa, pero abandono, non estou disposto a aceptar certas exixencias...

1975

O Cantar dos cantares ou Galicia 1948 representou-se, pois en 1975, 1976 e 1977, segundo este calendario (aproximado):

Febreiro, 15. Vilaboa (Culleredo), sala Fina Sport, organizado polo Centro Cultural e Deportivo de Rútis-Vilaboa.

Febreiro, 20. A Coruña, Teatro da Caixa, no noso ciclo de homenaxe a **Castelao**, xunto con *O mendiño* e *o can morto*.

Marzo, 17. Na mesma sala.

Abril, 19. Perillo (Oleiros), Club de Regatas.

Maio, 15. A Coruña, Instituto Da Guarda, clausurando o noso XI Curso de idioma.

Maio, 17. Sada, Sociedade Recreativa, Cultural e Deportiva de Sada, xunto con *O auto*...

Maio, 25. Ribadavia, no curso da *III Mostra de Teatro Galego*, xunto con *O auto*...

Maio, 27. A Coruña, Colégio Universitario, tamén con *O auto*..., polo Dia das Letras.

Xuño, 14. Vigo, *I Mostra de Teatro Galego*.

Outubro, 25. A Coruña, Instituto Agra do Orzán.

Novembro, 1. Verín, no salón parroquial, e, de seguido, Medeiros (Monterrei), no teleclub.



1976

Febreiro, 13. Compostela, Aula de Cultura da Caixa de Aforros de Santiago.

Marzo, 26. Mesoiro (A Coruña).

Marzo, 27. A Coruña, Empresa Seat.

S.d. Loxo (Touro).

Maio, 8. Cambados, Instituto de E.M.

Maio, 15. O Barqueiro (Mañón).

Maio, 22. O Burgo (Culleredo), Sociedade Cultural e Recreativa, en O Meson.

Maio, 29. Ferrol.

Xuño, 5. Nós.

Novembro, 19. A Coruña, Sociedade da Gai-teira.

Decembro, 7. A Coruña, Asociacion de Vici-ños Agra do Orzán.

Decembro, 18. Cee. Agrupacion Cultural Do-mingo de Andrade.

1977

Xaneiro, 22. Portosin (Porto do Son), Agru-pacion Cultural Estrebo.

Xaneiro, 29. A Coruña, Asociacion de Vici-ños do Bairro das Flores.

Participaron en todas estas representacions os seguintes actores: **Rosario Belda**, **Amalia Gómez**, **Isabel G. Quintela**, **M.^a Imelda Ferreiro**, **M.^a Carmo Andrada**, **Marianela Lorenzo**, **Antón de Santiago**, **Xosé Bembibre**, **César Menéndez**, **Xur-xo Dono**, **Xaime Dono**, **Antón Babío**, **M.^a Car-men G. Hortas**, **Xosé Faxardo**, **Manuel Garcia** e **Xosé M. V. Cruzado**. O *atrezzo* foi da respon-sabilidade de **Tomás Pena**, aproveitando-se o de-corado de **L. Seoane** e **González-Moro** para *As laranxas...*, e a dirección musical de **Ramiro Car-telle**, actuando como coordinador xeral **Xaquín Villar**.

1976

No entanto, no ano do centenário de **Ramón Cabanillas** (1976 e meses de Maio e Xuño), a quen se dedicou o Día das Letras, o GRUPO DE TEA-TRO deu varios recitais: na Coruña (o 14 de Maio, na clausura do noso XII Curso de idioma), O Bur-go (Culleredo, o 22), Nós (Oleiros, o 5 de Xuño), Cambados (o 8), O Barqueiro (Mañón, o 15) e

Ferrol (o 29), baseados nunha escolma poética do autor cambadés, baixo a dirección de **Xaquín Vi-llar**, muitos deles coincidentes coa representación do *Cantar...*

Dito 14 de Maio, ao recital de poemas seguiu outro de *lieder* galegos, por **Antón de Santiago** e **Ramiro Cartelle**, cos seguintes títulos: *Un adiós a Mariquiña*, de **Chané e Curros**, *Aureana do Sil*, de **Mompou e Cabanillas**, *A neniña*, de **Lens e Martínez González**, e *Un suspiro*, de **Berea e Mar-tínez González**.

1977

Os recitais sobre **Cabanillas** ainda se prolon-garon en 1977, por exemplo, o 29 de Xaneiro de-se ano ofrece-se un na sede da *Asociacion de Vi-ciños do Bairro das Flores*, xunto coa represen-tacion de *O Cantar*.

Botemos outra ollada ao *Caderno de Direc-cion* de **Rabón**:

1976, OUTONO.

Falou Xocas comigo, volvo a dirixir o Grupo de Teatro. A xente quer facer Paco Pixiñas... Temos o permiso. Por fin. Só para unha representación de cámara. Estes cada día están máis tolos! Necesitamos moita xente. Vintecinco actores. Hai que buscar xente axiña.

Están a se incorporar novas rapazas e algúns rapaces. Se temos sorte, nun mes podemos contar con todos os actores.

Por fin! Podemos començar os ensaios.

1976, INVERNO.

Paco Pixiñas plantexa moitos inconvenientes de monta-xe. A directiva está moi ilusionada e disposta a superar to-dos os atrancos, para que o espectáculo se faga.

Levamos máis dun mes ensaiando e probando fórmulas de posta en escena. Non dou coas claves, costa-me grandes esforzos. Todos os plantexamentos no papel non funcionan no escenario. Teño a cabeza tola. Non penso máis que no Paco todo o día. Teño que dar coa solución escénica!

Necesito un actor para o papel principal! Alto e xoven. Será o Paco Pixiñas da primeira parte, antes de emigrar. O Paco da segunda parte xa o teño. Antón de Santiago vai per-feito no papel: alto, maduro, etc...

Tivemos, o Ramiro e máis eu, carta de Celso Emilio. Con-testou a volta de correo. Gostou moito da dramatización que fixemos dos seus poemas, mais non está moi de acordo coas partes en castellano que corresponden ao personaxe do Fun-cionário. Facemos-lle ver, nunha nova carta, que é necesá-rio que ese personaxe fale castellano, porque, dalgunha ma-neira, representa o poder central. Hai que remarcar através

PANCHÃO



Programas de man con deseños de Felipe Criado e de Felipe Senén (con letras de Arximiro).

GRUPO DE TEATRO
O FACHO
(Fundado hai 25 anos.)



ESPECTÁCULO DE HUMOR:

XAN BARALLOCAS

de Giovacchino Forzano
(versión galega de Antón de Santiago)

ANXÉLICA NAS PORTAS DO CEU

de Eduardo Blanco-Amor

do Funcionário o carácter de colonialismo cultural que esmaga este país noso.

De súpeto... tiven a grande idea. Chegou-me a inspiración! Xa teño a idea xeral da posta en escena. Por que non facer unha montaxe fora de todo proceso realista, na que a expresión xestual e colectiva sexa a base fundamental de todo o concepto, e, portanto, a posta en escena adquira un sentido coral, de pobo en loita permanente contra o colonialismo, a tiranía, e a inxustiza? Xa está! A traballar de seguido: esta é a idea!

Xa temos actor para Paco Pixiñas primeira parte. Un rapaz novo, Miguel chama-se. Coido que pode dar ben o personaxe. Intensificamos o traballo. Todos estamos moi ilusionados. A xente traballa contenta e non falta aos ensaios. Bon síntoma. Isto está a funcionar.

1977, PRIMAVERA.

Estamos a tope cos ensaios. Queda pouco para a estreia en Ribadavia. Queremos dar unha sorpresa. Levamo-lo moi en segredo. Cada ensaio mellora o espectáculo. Hai un interese na xente moi grande, todos dan ideas e está-se a enriquecer moito a posta en escena. Crer no que se está a facer agudiza o maxin!

Temos o espectáculo case rematado. Hai que buscar unha final coherente e efectista. É moi importante sorprender. Temos nas mans un grandioso espectáculo e non podemos deixar nada ao azar.

Fixemos ensaio xeral. Todo marchou como estaba previsto. O día 15 en Ribadavia temos a estreia. Creio que ten de ser unha xornada importante. Imos ter un grande éxito, estou convencido.

Ribadavia, 14 de Maio. Átrio de San Domingos. Estamos a facer a montaxe. O ceo vai cheo de nubes. Mañá choverá e todos os nosos proxectos à merda! O espectáculo está pensado para estrear neste escenario natural. Hoxe pola noite ensaiamos aquí. Vai moito frío. Mañá non poderemos actuar. Hai que buscar axiña outro escenario. É urxente.

Ribadavia, 15 de Maio. Átrio de San Domingos. Comenzou a chover, aínda estamos a tempo de marchar para outro local. Está-se a decidir cal nos interesa máis. Definitivamente, vamo-nos a un local cuberto. Non actuar en San Domingos perxudica-nos. (Así o cria eu: despois do éxito déime conta de que o lugar non importa: o espectáculo funciona e ten a forza a necesaria para engaiolar por riba diso).

Ribadavia, 15 de Maio, 12 da noite. Un exitazo! Foi un exitazo! O público, engaiolado, máis que aplaudir estalou nun berro de Bravo! Todo foron loubanzas e parabéns. Desbordamos ledicia. Temos espectáculo para moito tempo!

Entre Maio de 1977 e Agosto de 1978, Paco Pixiñas e a nave espacial recorreu triunfal moitos escenarios da xeografía galega. Meio cento representacións, todo un record para aqueles tempos, chegaron-se a facer. Máis que aplaudido foi coreado ali onde representábase, por un público enardecido que cantaba connosco, reivindicando pátria, xustiza, lingua e cultura:

*Ser pobo é ter conciencia do que os homes valemos,
se queremos ser homes, se ser pobo queremos,
marcharemos cinguidos por un comun aneiro,
o mundo será noso e xuntos venceremos...*

Eis alguns fitos do calendario (aproximado) desa cincuentena de representacións de *Paco Pi-*

xiñas e a nave espacial, de Celso Emilio Ferreiro e Isaac Díaz Pardo, con música do galego-arxentino Isidro B. Maiztegui Pereiro e de Ramiro Cartelle:

Maio, 15. Ribadavia, no marco da V Mostra de Teatro Galego.

Maio, 18. Mugardos, Casino Mugardés.

Maio, 21. Pontevedra.

Xullo, Vigo, na III Mostra de Teatro Galego, e 2 máis (unha en Lavadores).

Xullo, 21. A Coruña, Teatro Colón (2 funcións).

Club do Mar.

Sociedade da Gaiteira.

Coléxio Calvo Sotelo.

Agosto, 13. Cee, Centro de F.P., organizado pola A.C. D. de Andrade.

Agosto, 20. Sargadelos (Cervo), Auditóreo.

Agosto, 21. Ferrol, Caranza, Coléxio Santa Xoana de Lestonnac.

Setembro, 11. Cecebre (Cambre), Sociedade Cultural e Recreativa.

Sada.

Marín.

Foz.

Outubro, 15. Caldas de Reis, organizado pola Caixa de Aforros Municipal de Vigo.

Redondela.

Ribadeu.

Mera, La Perla.

Outras: Compostela (Praza da Quintana e Caixa de Aforros), A Coruña (Coléxio Compañía de Maria e Fábrica de Armas), O Barqueiro (Mañón), Fene, Noia, Portosin (Porto do Son), Vilagarcía, Cambados, Cangas...

Nestas representacións actuaron: Ramiro Cartelle, Amalia Gómez, Antón de Santiago, M.^a C. G. Hortas, Miguel Pernas, Beatriz L. Nóvoa, Xerardo Couto, Pomba Tomé, Francisco Noya, Víctor Xan Pérez, M.^a Carme Lorenzo, Antón Ramos, Loli Bellón, Ignacio F. Ramudo, Isabel G. Quintela, Xerardo Sánchez, Rosa M.^a Fernández, Xavier Lotes, Mela Montero, Xosé M. V. Cruzado, Ana Rial, M.^a Fran Fernández, Chus Rodríguez e Patricia Pena, coa colaboración especial de Andrés Rey.

Interpretou a música Carlos García Pardo, a sonorización correu a cargo de F. Xavier Castro, a maquillaxe e os decorados, de Maribel Longuei-

ra e a luminotécnica, de **Tomás Pena**, actuando como axudante de dirección **Víctor M. Rodríguez**.

Voltando ao *Caderno*, enterámonos dos últimos episodios (1978-79) desta etapa que se pode, sen hipérbole, considerar a idade de ouro do noso GRUPO DE TEATRO:

1978, OUTONO.

Estamos a preparar unha nova obra, O retábulo da peste, de Ingmar Bergman. É unha obra moi interesante e podemos sacar un bon espectáculo. Fican atrás os éxitos de Paco... Marchou moita xente. Uns a estudar fora, outros por problemas de traballo...

Temos xente nova e imos comezar os ensaios de Bergman. Este local novo que conseguimos, no antigo Frente de Juventudes, é bastante aceptábel. Hai que facer algúns cambios. Pero pode quedar ben.

Montamos unha tarima de madeira para ensaiar. Quedou moi ben e xa comenciamos co Retábulo...

Estamos a facer un traballo dramaturxico fundamental nos diálogos e as reaccións que estes provocan nos personaxes. A escenografía, deseño de Miguel, é funcional, suxeridora de espazos. Lugares de encontro para a acción a diferentes niveis. Estamos a seguir as mesmas pautas que marca Bergman no texto, que son as que utilizou para a posta en escena cinematográfica, que chamou O sétimo selo.

1979, PRIMAVERA/VERAO.

Funcionou ben a obra en Ribadavia. De todas as maneiras este é un Festival a piques de morrer. Hai moito mar de fondo e moito politiquero que non conduz a ningures. Nas Xornadas de Teatro Galego, na Coruña, o entorno, a Praciña das Bárbaras, foi un lugar moi axeitado para poñer esta obra. Gostou moito á xente. Semella que esta da Coruña sexa a derradeira función do espectáculo. Hai problemas cos actores. Algúns se profesionalizan e outros van-se por problemas persoais.

1979, OUTONO.

Ando a matinar nun proxecto moi importante: poñer en funcionamento unha sala estábel de teatro. Coido que é moi interesante. A cousa vai para adiante a pesares dos atrancos. Lourenzo, Merelas, Amalia, Pillado, Miguel, Tino e eu somos os tolos que andamos con este asunto.

1980, PRIMAVERA.

O da sala estábel vai adiante. Chamará-se Teatro Luís Seoane, en homenaxe a quen tanto axudou ao teatro galego coa súa colaboración. Vexo-me na obriga de deixar o GRUPO DE TEATRO O FACHO. É unha mágoa. Son moitos anos maravillosos e cheos de atrancos e ledicias que non vou esquecer na vida. Anos de experimentación e aprendizaxe para todos. Vou formar na Directiva, non quero desligarme desta xente que foi parte miña e seguirá a sé-lo.

1979

Pouco antes (verao de 1979) do proxecto Luís Seoane, os colectivos GRUPO DE TEATRO O FACHO, Escola Dramática Galega e Teatro Experimental Tespis propuñan ao Concello o establecemento dun *Pequeno Teatro Municipal da Coruña*, proposta que, segundo é sabido, non prosperou. Aínda máis, en Decembro, o proxecto tiña evoluído, con idéntico resultado, cara a unha *Aula Municipal de Cultura*, a localizar-se no Quiosco Alfonso.

Mais voltemos ás actuacións de *O retábulo da peste*, de **Ingmar Bergman**, en versión de **Ramiro Cartelle**:

Maio. Ribadavia, no marco da VII Mostra de Teatro Galego.

Agosto, 8. A Coruña, Praciña das Bárbaras, II Xornadas de Teatro Galego.

1980

Febreiro, 21. A Coruña, Teatro da Caixa.

Abril, 15. Betanzos, Cine Capitol.

Maio, 15. Pontevedra, Instituto Masculino de E.M.

Xuño, 15. Ferrol, Instituto Masculino de E.M., promovido por Caixa Galicia.

Setembro, 13. Ribadavia, VII Mostra de Teatro Galego, derradeira representación.

O elenco destas representacións estaba formado por: **Miguel Pernas**, **Maria G. Hortas**, **Amalia Gómez**, **X. M. Vázquez Cruzado**, **Beatriz López-Nóvoa**, **Carmen Creio**, **Raúl**, **Teresa Castro**, **Beatriz** e **Alberto Valeiro**.

1979

O 16 de Novembro de 1979, por outra parte, membros do GRUPO DE TEATRO leran, no Quiosco Alfonso, os poemas dos autores galardoados no II Concurso de Poesía O Facho.

1984

Algúns anos pasaron até que o GRUPO DE TEATRO volta á vida da man de **Xosé Fernando Martínez Gallego**, coa estreia, o 25 de Marzo de 1984, e no Coléxio Liceu *La Paz*, dentro

do ciclo Cultur Oza 84, de *Peticion de man*, de **Anton Chekhov**, en version de **F. Pillado Mayor**, e coa participacion de **Carlos C. Martínez**, **Fernando Martínez** e **May Vidal** (1).

O 12 de Maio, o GRUPO DE TEATRO participa, cun recital dramático, no Centro Penitenciário da cidade.

O 19 de Maio seguinte o GRUPO DE TEATRO estrea, en Nós, e chamado pola *Asociacion de Viciños Os Rueiros* à Casa do Povo, *Panchiño*, de **Oswaldo Dragún**, en version de **F. Pillado Mayor**.

Dirixida polo mesmo **X. Fernando Martínez**, coas luces a cargo de **Miguel Anxo Castro**, a representacion correu a cargo de **Ana Sánchez**, **Xoán Manuel Rios**, **Beatriz G. del Rio**, **Sara Quintela** e **Xavier Gómez Pan**.

Outra representacion se fixo para a *Asociacion de Viciños de Serantes-Maianca-Dexo* (Mera), pouco despois, ambas apoiadas polo Concello de Oleiros.

Unha terceira tivo lugar na Delegacion de Cultura (Praza de Pontevedra), na Coruña, o 14 de Xuño.

Outra en Ponteceso, por conta da *Asociacion Cultural Rio Anllons* e para inaugurar o seu local social, o 13 de Xullo.

Unha quinta representacion inaugurando o curso cultural e deportivo do Centro Social Sagrada Familia, da *Asociacion de Viciños Sagrada Familia-Os Mallos-Estacion*, o 5 de Outubro.

1985

No ano 85, o actor do Grupo **Xavier Gómez Pan** representou en varias ocasións o monólogo de **A. Chekhov**, en version de **F. Pillado Mayor**, *Os males do tabaco*. Delas lembramos:

Febreiro, 5. No Centro Penitenciário coruñés.

Maio, 16. No coléxio comarcal de E.X.B. de Oleiros.

1986

O 17 de Maio, **X. Fernando Martínez** dirixe en Muros a estreia de *Os cravos de prata*, de **Ni-**

(1) *Peticion de Man* pré-estreara-se no Centro Penitenciário un día de Decembro de 1983.

colás Bela, version de **F. Pillado Mayor**, en cuxo reparto figuraron: **Sara Quintela**, **Carmen Vázquez**, **Santiago Prego**, **Ana Sánchez**, **Maite Vilar**, **Anxeles Vidán**, **Olga Otero**, **Víctor Blanco**, **Beatriz del Rio** e **Xavier Gómez Pan**. O deseño, realizacion, escenografia e vestuário foron de **Xavier Garaizábal** e a montaxe, do GRUPO, coa colaboracion de **Fanni Brañas** e **Maria de la Iglesia**. A música pertenceu a **Manuel Balboa**.

O 21 e o 22 de Xuño representou-se na sala Luís Seoane, da Coruña.

O 27 de Setembro puxo-se no Centro Penitenciário.

Os ensaios levaran-se a cabo na Escola Dramática Galega.

1990

Outros poucos anos han de pasar para que o GRUPO DE TEATRO, agora baixo a direccion de **Antón de Santiago**, volte aos escenarios e faian con duas obras curtas que conforman un só *espectáculo de humor*: *Xan Barallocas*, version do director do Grupo, de **Gianni Schicchi**, de **Giovacchino Forzano**, e *Anxélica nas portas do Ceu*, de **Eduardo Blanco-Amor**.

Con escenografia de **Francisco Vila**, actuaron nas duas comédias: **Teresa Taboada**, **Xosé Rei**, **Roberto Gómez**, **Eva Veiga**, **César Cambeiro**, **Maria Xosé Fernández**, **Paco Vila**, **Ernesto Regueiro**, **Vicente Garcia**, **Antón de Santiago**, **M.^a do Mar Santiago**, **Agustin Hervella**, **Carlos Carretero**, **Luisa Fernández-Miranda** e **Teresa Gómez**.

A estreia tivo lugar o 28 de Xuño de 1990 no Teatro Calvo Sotelo (Cidade Escolar). Os ensaios fixeran-se no Coléxio Labaca.

O 19 de Decembro, celebrando os 25 anos de fundacion do GRUPO DE TEATRO, tivo lugar, no Centro Fonseca, unha mesa-redonda, con algúns dos directores que foran do mesmo: **F. Pillado Mayor** e **Xosé M. Rabón**, amais do director nese momento, **A. de Santiago**, que faloron da *Funcion do teatro amator no panorama teatral galego*.

O día 20 de Decembro, no Teatro Colón, tiveron lugar duas representacions do espectáculo de humor citado, con entradas a prezo reducido para estudantes, que acudiron masivamente.

G

O Colectivo Xuvenil EDRAL

EDRAL, LUCIDEZ E FUTURO

Foi no outono do 82 cando na Agrupación Cultural O Facho se formou, baixo o signo da harmoniosa espontaneidade, o colectivo xuvenil EDRAL. Un ano despois, estando O Facho a celebrar 20 anos de permanencia e resistencia en amor á nosa cultura, o colectivo acadou xa unha inteira saúde ao traveso do esforzo, da imaxinación, da lucidez, do traballo.

Foi a convocatoria dun I Concurso Nacional de Contos de Terror; foi a organización de excursións a museos galegos ou a puntos significativos da nosa xeografía, sempre atendendo ao ecolóxico, ao lúcido, ao pedagóxico (memorable ascensión ao Monte Pindo, as tres Fisterras, Ortegá e Barés, etc); foi a realización dun programa radiofónico xuvenil; foron as visitas que baixo o lema «Coñece a tua cidade» se realizaron, en colaboración co Museo Arqueolóxico, pola cidade da Coruña; e agora está a ser, entre outras cousas, a convocatoria dunha I Exposición Monográfica de Fotografía e a organización de concer-

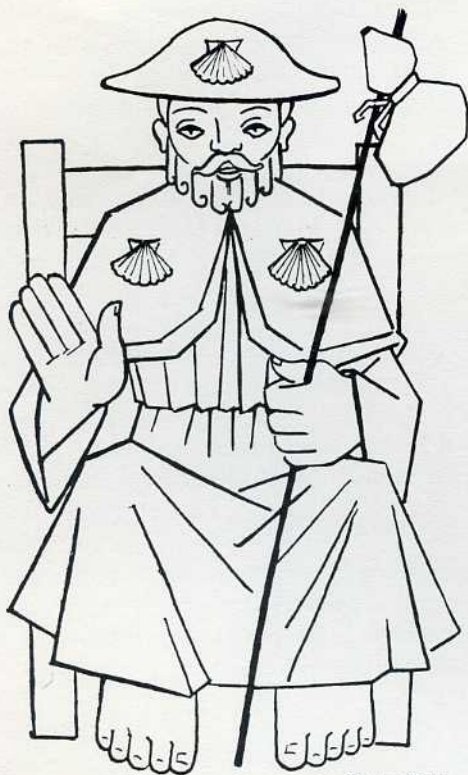
tos musicais. Eis EDRAL, extractadamente, até agora.

Mais EDRAL non é só iso. É tamén a lucidez e a imaxinación necesarias para afrontar, nunha época de profunda crise cultural, con especial incidencia entre a xuventude, unha realidade adversa coma a nosa. E aí están as rapazas e rapaces de EDRAL a traballar na Agrupación Cultural O Facho, renovando e avivendo a vella e nova chama da nosa —e de todos— cultura, da nosa sensibilidade, en definitiva da nosa resposta humana e libre, por iso intelixente, á vida.

O Colectivo EDRAL proxecta O Facho ao futuro. Relanza 20 anos de gloriosa historia cultural —arranca e parte deles— e disponse á modernidade, a unha nova e necesaria actividade para estas dúas últimas e difíciles décadas. Os homes e a historia continúan. EDRAL está. EDRAL continúa. Porque O Facho, cumpren-se hoxe 20 anos, xa predeu no futuro.

M. A. FERNÁN-VELLO

(En *La Voz de Galicia*, 8-12-83)



Día de Galicia
M C M L X I V



VILLAR-CHAO



VILLAR-CHAO



VILLAR-CHAO

Catro motivos de Villar-Chao, para as nosas tarxetas.

1982

Cando O FACHO estaba para cumprir 19 anos de vida, un grupo de mozos, de idade semellante á daqueles que o fundaran, iniciou, dentro da Agrupación, unha curta mais intensa andadura, aportando unha desenfadada contemporaneidade ao noso quefacer, coa colaboración do directivo **Miguel Anxo Fernán-Vello** e, nalgúns xeiras, do tamén directivo **César Menéndez**, tendo como voceiro diante da Xunta Directiva a **Xabier Meilán Pita**.

Por iso achamos xusto dar fé en capítulo á parte das actividades do COLECTIVO XUVENIL EDRAL (1982-1986), como se autodenominou, aínda esbozando aquelas que, pola súas características, tamén se incluíron noutros capítulos da presente Memória.

EDRAL dirixiu a súa actividade ao excursionismo, á creación literaria e artística e ao encontro en xeral coa xente da súa xeración.

A tarde do sábado 11 de Decembro de 1982 parece ter tido lugar a súa primeira saída pública, cunha visita explicada ao *Museu Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Anton*, dirixida polo seu director, **Felipe Senén**, iniciando con ela o programa *Coñece a tua cidade*, en colaboración co citado Museo.

1983

En Febreiro de 1983 convoca o *I Concurso Nacional de Contos de Terror EDRAL* (ver capítulo B a este respecto).

A segunda xornada *Coñece a tua cidade*, cun percorrido pola Cidade Vella e a Pescadería, tivo lugar o sábado 5 de Febreiro, baixo a dirección de **Felipe Senén** e do vice-presidente da Agrupación.

O sábado 12 de Marzo de tarde organiza-se unha visita ao *Museo do Povo Galego*, de Compostela, reiniciando as excursións que O FACHO realizaba polo país nos últimos 60.

O domingo 15 de Maio ten lugar unha excursión ás tres Fisterras: cabos Touriñán, Vilán e Fisterra, con paradas no dolmen de Dombate, casa de Pondal, castelo de Vimianzo e as vilas de Laxe, Baio, Camariñas, Camelle e Muxia.

O domingo 12 de Xuño a excursión, explicada por **Xosé M. Martínez Oca**, dirixiuse ao monte Pindo.

O domingo 2 de Outubro, unha nova excursión, esta coa colaboración da *Agrupación Cultural Catavento*, de Noia, leva-nos a dita vila, e máis á Póvoa do Caramiñal, monte da Curota, Olveira, dolmen de Axeitos e castro de Baroña.

O domingo 13 de Novembro realízase unha excursión aos cabos Ortegal e Estaca de Bares, coa guía técnica de **Roxelio Pérez Moreira**, do colectivo ecoloxista *Natureza*.

En Novembro de 1983 o colectivo convoca a *I Exposición Monográfica de Fotografía EDRAL*, co tema *Galerías*, que se celebra do 9 ao 17 do mes seguinte, na *Sala Luís Seoane*, editando-se as catro fotografías seleccionadas como tarxetas postais, e máis un autoadesivo co lema *Non á desgalerización* (ver capítulo D).

O 14 de Decembro ten lugar, no *Teatro Luís Seoane*, e dentro dos actos do 20.º aniversario da Agrupación, unha mesa-redonda sobre *A galería, realidade arquitectónica: as galerías coruñesas*, coa participación de **Xosé Luís Martínez**, **Xan Cababella** e **Manuel Caamaño Suárez**.

O 23 de Decembro, tamén dentro dos actos do 20.º aniversario da Agrupación, EDRAL organiza, no salón de actos do *Coléxio Salesiano*, un concerto a cargo do grupo coruñés de folc tradicional *Derradeiro Duán*. Este conxunto, de inspiración céltica, estaba formado por **Miguel García del Valle**, **Leopoldo Antelo Dono**, **Carlos Fernández Oro**, **Jacobo Vaquero Lastre** e **Javier García del Valle** e tal día presentouse na cidade pola primeira volta.

En Xaneiro convoca-se, para a segunda quincena de Marzo e tamén na *Sala Luís Seoane*, a *II Exposición Monográfica EDRAL*, co tema *Fotografía portuária*.

O 8 de Marzo, como adesión á data, organízase, na aula de cultura de Caixa Galicia, un *Recital-homenaxe à muller traballadora*, coa participación das poetas **Ana Antón**, **Sesé Canitrot**, **Maria Xesus Concejo**, **Maria Díaz Vidal**, **Pilar Pallarés**, **Ángeles Penas** e **Ana Romani**.

A *III Exposición Monográfica de Fotografía EDRAL*, co tema *Instrumentos musicais*, convoca-se en Maio para a *Sala Luís Seoane*, e do 12 ao 20 de Xullo.

Entre o 15 de Xuño e o 28 de Setembro desenvólvese no noso local, cada venres, o *I Ciclo de Poesía EDRAL - Novos poetas*, co seguinte calendario:

Xuño, 15. **Lino Braxe**.
Xuño, 22. **Víctor F. Sampietro**.
Xuño, 29. **Ana Antón**.
Xullo, 20. **Inmaculado Antón**.
Xullo, 27. **Samuel Rodríguez**.
Agosto, 3. **Xurxo Souto**.
Agosto, 10. **Júlio Béjar**.
Agosto, 17. **Charo Pita**.
Agosto, 24. **X. Carlos Pereira**.
Setembro, 14. **Ana Romani**.
Setembro, 21. **Enrique Ribadulla**.

Setembro, 28. Colectivo: na Caixa, participan: **Ana Antón**, **Inma**, **Júlio Béjar**, **Lino Braxe**, **Sesé Canitrot**, **Anxo Montes**, **X. Carlos Pereira**, **Charo Pita**, **Henrique Rabunhal**, **Rivadulla Corcón**, **Samuel**, **Ana Romani**, **Víctor Sampietro** e **Xurxo Souto**.

O 28 de Xuño, e no salón de actos do *Centro Fonseca*, tivera lugar unha mesa-redonda para tratar do tema *Normalizar normativizando*, coa par-

ticipación de **M.^a Pilar García Negro**, **António Gil Hernández**, **Xosé M. Martínez Oca**, o directivo **Manuel Rivas**, **Andrés Salgueiro** e **Xoán I. Taibo**.

En Decembro de 1984 convoca-se, para a última semana de Febreiro, no local social, a *IV Exposición Monográfica de Fotografía*, co tema *Arco e instrumentos musicais*.

1985

En Abril de 1985 —en aparencia a única actividade deste ano— convoca-se a *I Mostra-Concurso de Cómic e Fanzines*, que se falla en Maio (ver capítulo B) e se exporía dito mes no *Bar O Patacon*.

1986

Entre o 17 de Xaneiro e o 13 de Maio de 1986, no local social, os venres, celebra-se o *II Ciclo de Poesía EDRAL para autores noveis*, segundo o seguinte calendario:

Xaneiro, 17. **Serxio Iglesias**.

Xaneiro, 31. **Manoel Cortés Talhom** (poesía criptogramática).

Febreiro, 7. **Rocio Gómez**.

Marzo, 7. **Alvám Merlaminhei**.

Marzo, 21. **Jurjo Bértola**.

Santiago Freixanes e **Xavier Cordal** din tamén os seus poemas nestas datas.

Abril, 4. **Carlos Colmenero**.

Maio, 13. Colectivo, na Caixa, co que remata o II Ciclo e máis a actividade pública do Colectivo Xuvenil EDRAL.

O 22 de Abril levárase a cabo, no salón de actos do *Centro Fonseca*, a presentación do libro *Bestiario dos descontentos*, de **Miguel Anxo Murado**, intervindo o autor e o directivo **Xavier Seoane**.

H

Outras actividades

(UNHA FIESTA DE DEMOCRÁCIA E GALEGUISMO)

A Agrupación Cultural O FACHO surxe na Coruña no ano 1963. Nada doado resulta explicar como foi posíbel que esta institución dese desenvolvido unha actividade galeguista tan intensa nunha situación tan difícil. En boa parte cumpre atribuír o éxito ao esforzo extraordinario dos seus fundadores e continuadores.

As conferencias organizadas por O FACHO foron unha fiesta de democracia e galeguismo no ermo da época franquista. Os intelectuais de maior prestíxio en Galiza foron conferenciantes desta Agrupación. Os cursos de galego, os programas radiofónicos, a participación na imprensa, a sección de teatro galego, os concursos anuais de contos... todo isto é apenas o resumo dunha intensa actividade que se mantén, inda que atemperada ás novas circunstancias culturais e políticas de Galiza.

XOSÉ RAMÓN BARREIRO FERNÁNDEZ

(En Historia de la Cultura Gallega, ss. XIX-XX, t. III, 1983) (Traducido)

1964

Sen dúbida foi a primeira actuación do FACHO, recién fundada a Agrupación, a colaboración, a comezos de 1964, con *O Galo*, de Compostela, na realización na Coruña da *I Campaña do Peso Pró Teatro Galego*.

Desde finais deste mesmo ano e durante 1965 O FACHO realiza a *II Campaña do Peso*.

Tamén se colabora coas emisións galegas de Rádio Paris *Aló Galicia*, remetendo material cultural diverso e mantendo estreito contacto co seu director **Xesus Nieto Pena**.

1965

No mes de Maio, sei que o domingo 2, representantes das Agrupacións Culturais *O Galo* e O FACHO renderon, en Compostela, unha sinxela homenaxe a **Manuel Rodrigues Lapa**, agasallando-o cun relevo en madeira da face de **Castelao**, feito por **Rivas Briones**, ofrecendo o agasallo **Manuel Vidán Torreira**.

Con motivo do Ano Santo Compostelano e impulsada pola *Seccion de Promocion Litúrxica da Mocidade Galega Católica*, tivo lugar, o domingo 16 de Maio, unha peregrinaxe ao Sepulcro do Apóstolo, con case 300 mozos e mozas procedentes de toda Galiza. A participación do FACHO estivo composta por uns 100 sócios e amigos.

Despois do percorrido desde o Paseo da Ferradura à Catedral, fixo a oferenda, en galego, o secretario da Agrupación, contestando-lle, igualmente no noso idioma, en ausencia do cardeal **Quiroga Palacios**, o bispo auxiliar, **Miguel Novoa Fuente**, quen desculpou a aquel por non poder asistir.

Para agradecer a colaboración que **Marino Dónega Rozas**, **Antonio Gil Merino** e **Jenaro Mariñas del Valle** viñan prestando-lle à Agrupación, ofreceu-se-lles, o 5 de Xuño, un xantar-homenaxe (cuxo menu ha de ser dos primeiros redactados en galego). Aínda estaba recente a partici-

pación de Dónega nas clases de Literatura galega, a cesión por Gil da Casa da Cultura para as nosas actividades, e máis a doación por Mariñas do importe do *II Premio Castelao de Teatro Galego* (10.000 pesetas).

1966

No marco da Feira do Libro de Agosto, colaboramos coas librerías *Cervantes* e *Arenas* os días (5 e 6) dedicados ao libro galego.

Aproveitando a estada na Terra de **Emílio Flórez**, presidente de *Casa Galicia*, de Nova Iorque, O FACHO ofreceu-lle, a primeiros de Agosto, un agasallo materializado nunha vieira de prata.

Xunto con *O Galo*, a Agrupación participa, do 24 ao 28 de Agosto, e representada por **Xosé L. Rodríguez Pardo**, no *Seminário Didáctico de Língua Galega*, promovido pola *Asociación Cultural de Vigo* e desenvolvido na *Fundación Penzol*, baixo a presidencia de **Ben-Cho-Shey**.

1967

Fundado o *Patronato do Pedron de Ouro* en 1964, co obxecto de premiar anualmente à persoa e/ou entidade galega que máis se tivese destacado na defensa dos nosos valores, O FACHO é invitado en Decembro de 1966, a integrar, con un vocal, a Xunta de Goberno de dito Patronato, o cal se acepta, colaboración que se vé interrompida en Setembro de 1975, a raíz de desacordos da Agrupación coa actuación de determinados membros deste Patronato; se ben as relacións seguiron sendo cordiais (ver actuacións conxuntas en 1977 e 1980).

En Febreiro fai-se chegar a noraboa da Agrupación ao Rector da Universidade compostelá, **Ángel Jorge Echeverri**, por ter alcanzado da superioridade a creación do Lectorado de Idioma Galego, dentro do Instituto de Línguas daquel centro.

Inician-se este ano os ciclos de excursións culturais pola Nosa Terra, que nos anos 80 retomaría o colectivo *Edral*, segundo este calendario:

Traxalba. Ourense 26 de Abril 1967

O FACHO na Coruña

Benqueridos irmáns:

Desde estes horizontes de sernas máis dos ríos
cantareiros, vai meu saúdo e recobranza derexan-
do que no inicio do castelán e os Viteiros Pon-
teiros e contes das cruces, siga O FACHO sem-
pre rompendo as trebas e alumando os cami-
ños da NOSSA CIVILIZACIÓN.

Os meus vixenta anos acaron dos rapaces
boos e xenerosos.

Sempre vello irmán

Clamou Otero Pedrayo

Isidro Parga-Pondal

DOUTOR EN CENCIAS

Académico numerario da Real Academia Galega

Director do Laboratorio Xeolóxico de Laxe

Saúdo a o Presidente da Agrupación
Cultural "O Facho" e lle agradece
o seu recordo e felicitación pola concesión
do Premio das Cencias da Diputación, que
recibo a o cumprime un ciclo vital
adicado con entusiasmo a unha
afición recoñecida útil polos seus
amigos do "Facho"; para eles

LAXE (Coruña) Meus recordos saúdos

IP

1. Maio, 21. A Padron (entrega do Pedron de Ouro a **Ricardo Carballo Calero**).

2. Xuño, 25. A Bergantiños: Carballo, Baio, Laxe, Ponteceso, Corme, Malpica e Buño.

3. Xullo, 25. A Compostela, Padron, Rianxo e Boiro.

4. Setembro, 10. À romaxe da Nosa Señora da Barca, en Muxia, pasando por Carballo, Baio, Vimianzo, Ponte do Porto, Camariñas e Cabo Vilán.

5. Outubro, 1. À romaxe do Santo André de Teixido, por Miño, Pontedeume, Neda, Xúbia, Valdoviño e Cedeira.

1968

6. Maio, 19. A Padron (entrega do Pedron de Ouro aos nosos sócios **Manuel Espiña Gama-lo** e **Xosé Morente Torres**).

7. Xullo, 14. Ao mosteiro de Caaveiro, por Cambre, Bergondo, Campolongo, Andrade e Pontedeume.

8. Agosto, 18. Ao mosteiro de Monfero.

9. Agosto, 25. À romaxe do Naseiro, en Viveiro, por Pontedeume, Xúbia, castelos de Narahio e Moeche, Ortigueira, Bares, O Barqueiro, O Vicedo e Covas.

10. Setembro, 1. Ao mosteiro de Sobrado dos Monxes.

11. Setembro, 8. Ao Santo André de Teixido, coa primeira misa en galego que ali se celebrou, polo noso sócio **Manuel Espiña**.

1969

12. Xullo, 9. A Ferreiros (Arzúa).

13. Xullo, 18. Ao mosteiro de Caaveiro.

14. Xullo, 27. A Tápia (Ames), visitar a Cooperativa de Explotacion Comunitaria da Terra, pasando por Compostela, Ribeira e Aguiño.

15. Agosto, 3. A Calo (Teo), participar no *Dia da Xuventude*, organizado polos *Movimentos de Xuventude Rural Cristiá* da diocese de Santiago.

1978

Despois de nove anos realizan-se algunhas excursions máis:

16. Xullo, 30. A Ortigueira (para asistir ao *I Festival do Mundo Celta*), xantando en Ponte-Mera.

1980

17. Febreiro, 10. À *Festa do Cocido*, en Lalin e ao Entroido de Merza (Vila de Cruces).

18. Marzo, 23. A Compostela (Museu do Povo Galego), Padron (Casa-Museu de Rosalia) e Rianxo (casa de Castelao).

1967

O 31 de Outubro, *Dia Universal do Aforro*, no *Círculo de Xubilados da Caixa* o noso directivo **Xosé L. Rodríguez Pardo** fala do tema *Reencuentro con Galicia*.

O 16 de Decembro, os directivos **Manuel Caamaño Suárez** e **Xosé L. Rodríguez Pardo** realizan unha exposicion conxunta sobre *O idioma galego* na Sociedade *C.I.R.E.* de Melide.

1968

O 3 de Marzo ofereceu-se-lle a **Ramón Otero Pedrayo**, polo seu 80.º aniversario, unha homenaxe nacional en Compostela, convocada por **Xaquín Lourenzo**, **Sebastián Martínez-Risco** e **Modesto R. Figueiredo**, e co-organizada por varias entidades, entre elas O FACHO.

En Abril O FACHO é nomeado representante da *Comision Organizadora dos Xogos Frorales do Idioma Galego*, en Buenos Aires.

No marco da Semana Cultural organizada polo *Grupo Cultural de Xóvenes* de Ribadavia, os directivos **Manuel Caamaño Suárez** e **Xosé L. Rodríguez Pardo** repetiron, o 14 de Maio, a sua intervencion de Melide do ano anterior.

No *Concurso de Redaccion Galega* organizado polo *Centro Catequético* dos Padres Pasionistas de Melide pola festa de Santa Maria Goretti

(7 de Xullo), a Agrupacion patrocinou o 1.º premio, aportando un lote de libros de contos infantis.

O 3 de Novembro, O FACHO participa nunha xuntanza de *Agrupacions Culturais* en Compostela.

1970

Con data 2 de Xuño O FACHO doa 1.000 pesetas e ofrece a súa axuda na campaña que promove *La Voz de Galicia* pró *Casa de Rosalia*, en colaboracion co *Patronato Rosalia de Castro*.

O 18 de Xuño, os directivos **Manuel Caamaño Suárez** e **Xosé L. Rodríguez Pardo**, invitados pola *Sociedade Cultural* de Cambados, participaron no ciclo *Actualidade galega* cos temas *Idioma galego e conciencia solidaria* e *Língua, cultura e sociedade*, respectivamente.

No mes de Novembro, na *Agrupacion Cultural Abrente* de Ribadavia, o presidente do FACHO expuxo o tema *O idioma galego hoxe*.

Ao longo de todo o ano colaboramos con outras Asociacións Culturais na promocion e distribucion dos auto-adeseivos *Falemos galego* e *Galego na escola*, visíbeis en moitos coches.

O 6 de Decembro, O FACHO participa nunha xuntanza da *Hirmandade de Agrupacions Culturais galegas*.

1971

Na Escola Normal da Coruña, o 13 de Febreiro, pronunciou unha conferencia sobre *Idioma galego e conciencia solidaria* o presidente da Agrupacion.

Con ocasion de celebrar-se en Xullo e Agosto uns Cursos de lingua galega, organizados pola Universidade de Compostela, concedemos a vá-

rios asociados unhas bolsas para poderen asistir a eles.

1972

En Xaneiro, 22.º cabodano de **Castelao**, O FACHO colabora cos xornais *El Ideal Gallego* e *La Voz de Galicia* e máis con *Rádio Nacional de España*.

En Febreiro dan-se a **Ricardo Carballo Calero** os parabéns pola súa consecucion da Cátedra de Lingüística e Literatura Galega na Universidade compostelá, a primeira na historia do país, tras o outorgamento unánime do tribunal académico.

O 25 de Xuño O FACHO participa, en Compostela, nunha reunion de Asociacións Culturais convocada pola *Asociación Cultural de Vigo*, cara a estudar periodicamente os temas propios da actividade societaria.

No marco da *Mostra do Libro Galego* que, organizada polo *Laboratorio de Formas de Galicia*, tivo lugar no *Museu Carlos Maside* do Castro (Sada), celebrou-se, os dias 30 de Xuño e 1 e 2 de Xullo, un *Seminario encol do libro galego*: especialmente invitada, a nosa Agrupacion estivo representada polo seu presidente, quen participou en todas as sesións de traballo, principalmente na comision c), encargada de tratar a proxeccion, espallamento, especializacion e venda do libro galego.

No marco do *I Congreso de Derecho Gallego* (23/28 de Outubro) colaboramos na montaxe da *Mostra do Libro Xurídico en Galicia*.

1973

Motivado no ingreso na *Real Academia Galega*, o 3 de Novembro, do noso colaborador **Marino Dónega Rozas**, O FACHO ofreceu-lle unha sinxela homenaxe.

1974

Un representante do FACHO formará na Comisión Xestora de ADEGA, segundo se acordou en reunión celebrada no *Centro Deportivo de Santa Lucía*, o 15 de Febreiro.

1976

O FACHO fai unha serie de propostas ao plenario das *Agrupacións Culturais Galegas* celebrado en Compostela o 7 de Marzo, acerca da campaña *Normalización da lingua galega*.

Morto o 10 de Abril **Ramon Otero Pedrayo**, O FACHO, coas principais Asociacións Culturais do país, está presente no recordatorio que a prensa publica o 11 seguinte «na lembranza dunha vida adicada á cultura da nosa patria».

Ese mesmo ano **Luís Seoane** recibe unha sinxela homenaxe do FACHO pola súa colaboración puntual concretada nos deseños de *As laranxas...*, e máis como recoñecemento á súa irredutíbel fidelidade a Galiza.

1977

O 24 de Setembro O FACHO participa, en Compostela, na reunión celebrada por cine-clubes, Asociacións Culturais e Asociacións de Veciños de Galiza cara á constitución da *Federación Galega de Cine-Clubs*.

Dito mes solidarizámonos coa A.C. Francisco Lanza, de Ribadeu, que vai ser desaloxada do seu domicilio polo Municipio.

O 26 de Setembro envia-se o noso pesar polo pasamento de **Sebastián Martínez-Risco**. O 9 de Novembro seguinte é a noraboa a **Domingo García-Sabell** polo seu nomeamento como sucesor daquela na presidencia da Academia.

1978

Na primeira decena de Marzo, representantes de varias forzas políticas, culturais e sociais reúnense no noso local para organizaren os actos de solidariedade co grupo teatral *Els Joglars*, procesado polo suposto delito de inxurias ao Exército, actos que se fan extensivos á defensa da liberdade de expresión.

O 11 de Abril, os membros da Equipa de Lingua do FACHO **Xavier Alcalá**, **Sabela Vázquez Fandiño** e **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**, estes dous tamén membros da Directiva, falan do curso de idioma de *La Voz de Galicia* no C.C.R.D. de Perlió (Fene).

O 17 de Abril fan-se chegar ao noso asociado **Marino Dónega Rozas** os parabéns polo seu nomeamento como Conselleiro de Cultura da Xunta pré-autonómica.

O 16 de Maio ten lugar, coa nosa participación, a presentación na *Aula Lume* da *Plataforma Galega da Cultura*.

O 6 de Xuño envia-se a **Xosé Neira Vilas** a nosa noraboa por ter sido agraciado co Premio da Crítica española polo seu *O ciclo do neno*.

O 13 de Xuño O FACHO adere ás celebracións en Amarante do centenario de **Teixeira de Pascoais**.

A fins de Setembro visitou-nos un sueco, cuxa singularidade fica reflexada na crónica que segue (*El Ideal Gallego*, 8-10-78):

O 15 de Decembro ten lugar, organizado no seu propio establecemento pola librería *Nós*, unha mesa-redonda sobre Literatura infantil, na que interveñen **Antonio Leon**, a nosa sócia **Rosario Belda Otero** e máis o noso presidente, quen se referiu a *Literatura infantil en lingua galega*.

1977

(Á volta de Extremadura)

RAFAEL DIESTE

CARMEN MUÑOZ DE DIESTE

A Manuel Caamaño e
demais amigos do FACHO.
Moi asitado, sutil e de
actualidade o pasaxe do
esgreivo Vilar Ponte. E so-
mente teño algúns reparos
para as verbas derradeiras. Xa
falaremos. Os mellores gar-
mosos saudosos. Garimosos

División Azul, 2-13-77 - LA CORUÑA

Saudos á súa dona.
R. Dieste.

(Á volta de Extremadura). A Manuel Caamaño e demais amigos do FACHO. Moi asitado, sutil e de actualidade o pasaxe do esgreivo Vilar Ponte. Somente teño algúns reparos para as verbas derradeiras. Xa falaremos. Os mellores agoiros de Aninovo. Garimosos saudos á súa dona. R. Dieste.

XURXO WIDLUND: UN SUECO --LUSOFALANTE-- EN GALIZA

"OS galegos debían ter relación coas culturas catalana e vasca, pero, sobre todo, coa portuguesa". Así de claro, con tan evidente razón e nun clarísimo portugués falou Göran Widlund (pronúnciase aproximadamente Ioran Vidlund) nos tres interesantes palkes que con el mantívemos en O Facho, a fins de setembro. Nada menos que tres ocasións de falarmos con el nos deu este sueco mozo, na súa primeira visita á Nosa Terra, dunha semana apenas. Xurxo Vimieiro —como el nos traduciu o seu nome— deprende o portugués axudándose de cassetes e discos, cunha única experiencia de catro días en Portugal, na lonxana Suecia, onde axiña se vai licenciar en linguas románicas. El tamén fala catalán e español... até completar unha dúcia de idiomas europeos (6 románicos).

O seu interese por Galiza naceu na súa patria, onde el se afeizou ao problema do bilingüismo, contrariando as tendencias que o empurraban a se especializar en literatura portuguesa. De tal xeito, que pensa doutorarse en galego ou catalán.

Precisamente de Catalunya viña o Xurxo, terra á que lle adicou varios meses e xa por segunda volta, desde estivera, o ano 73, nos Países Cataláns.

Decláanos Göran que aquel seu interese cara o feito cultural galego-portugués, a primeira vista chocante nun home de tan distante latitude, medrou a partir da emancipación das colonias africanas de Portugal, o que deu como resultado ser o galego-portugués, lingua dunha serie de países independentes.

Falouse de diglosia, de penuria cultural, do ensino en galego, da nosa incomunicación con Portugal... O home estaba, polo menos teóricamente, moi ao tanto da realidade galega.

O Xurxo gostou moito, témolo que decir, de "O galego hoxe", —o curso de lingua de O Facho— e nos dicia como non o imprimámbamos en cassetes.

Tomou nota de varios intelectuais do país para ir velos, así Ramón Piñeiro e Carballo Calero. Pola nosa banda, e nun intento de lle facer cordial ao máximo a súa curta estancia entre nós, buscámbamos as escasas referencias que tiñamos do mundo sueco en relación con Galiza: falamos de Carlos Casares, "sueco consorte" e a súa atinada versión de "O principión", de Saint-Exupéry.

Falamos de "O retábulo da peste", obra que, sobre guión de Ingmar Bergman para o seu filme "O sétimo selo", o Grupo de Teatro "O Facho" anda a ensaiar.

Falamos e démoslle a ler o texto sueco que figura, xunto co galego, español, francés e inglés, no remate dos dibuxos que Castelao titulou "Atila en Galiza", e que comenza: "Todo se ergueu sobre o sangue..."

Comentamos, en fin, logo de escoitada, a enquisa que o Göran fixo nas ruas da Cruña, no seu afán de levar documentos do galego falado, o que, a pesar do que se pudiera pensar, lle foi ben, polo número de galegos que, procedentes do meio rural, moran nesta capital, de primeiras tan pouco galega...

Desde o "Arco da Vella" mandamos unha aperta a este solitario e moderno "viquingo" que, contrariamente ao que fan os seus frívolos compatriotas, a procura exclusiva do sol do sul, nos gañou a todos, nesta súa incursión cultural, coas armas da intelixencia e a cordialidade humanas.

1979

O 10 de Marzo, os membros da Equipa de Lingua **Pilar Rodríguez Varela** e **Xosé-M.^a Monterroso Devesa** presentan *O galego hoxe* no Instituto N.B. de Monforte de Lemos.

O 25 de Abril, por xestións de **Neira Vilas**, envía-se o noso *O galego hoxe* a **Zacarias I. Plavs-**

kin, da Universidade de Leningrado, onde dirixe cursos de galego.

O 9 de Agosto realiza-se, no marco da Feira do Libro, unha sesión de firma polos seus autores, de *O galego hoxe*, que xa ía pola 6.^a edición.

O 5 de Setembro dá-se ao noso sócio **Manuel Vidán Torreira** a noraboa polo seu nomeamento como Delegado Provincial do Ministerio de Cultura.

Esta volta na *X Feira do Libro Galego*, organizada en Ribadeu pola *Asociación Cultural Francisco Lanza*, é presentado, o 9 de Setembro, *O galego hoxe* polos membros da Equipa de Lingua **Sabela Vázquez Fandiño** e **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**.

Na súa estada no Uruguai, o secretario do FA-CHO pronuncia, o 27 de Novembro, no *Instituto Cultural Uruguayo-Brasileño*, e en galego, unha conferencia (coa que se abren as *I Xornadas de Cultura Galego-Luso-Brasileira* organizadas polo *Patronato da Cultura Galega*, daquela capital) sobre *A cultura galega na encrucilhada autonómica*.

1980

O 24 de Xaneiro aderimos á formación da *Unión de Sociedades Gallegas* de Montevideo, enviando un comunicado (publicado no *Suplemento de El Diario Español* (do 24-2-80), do que extraemos o seguinte párrafo:

«Sómente poñer en coñecimento desa Unión a nosa disconformidade co non emprego do noso idioma, que debiera figurar como oficial da organización, e máis tamén coa utilización do termo *región*, atribuído a Nosa Terra, cando a propia Constitución española, produto case exclusivo do mesmo centralismo, fala de nacionalidades históricas».

A fins de Marzo O FACHO adere aos concellos: do Ogrove, por implantar o galego nos indicadores da vía pública; de Soutomaior, por ser o primeiro en dedicar unha rúa a **Castelao**; e de Silleda, por nomear ao pintor **Colmeiro** seu fillo predilecto.

O 8 de Marzo ten lugar, en Pastoriza (Arteixo), un xantar-homenaxe ao que fora presidente do FACHO por 13 anos, os máis vizosos da Agrupación, **Manuel Caamaño Suárez**, agasallando-o cunha peza de Cerámicas do Castro, xenerosamente cedida por **Isaac Díaz Pardo**, coa seguinte inscrición:

*A Manuel Caamaño Suárez
exemplo de teimosia e creatividade
ao servizo da nosa cultura nacional
desde a Agrupación Cultural O FACHO
Galiza, 8 de Marzo de 1980*

O homenaxeado pronunciou un enxundioso discurso, logo publicado no seu libro *Sobre Galicia como responsabilidade*, que é o que dá título a dito libro.

En Abril, o vicepresidente toma contacto coa colectividade galega de Bruxelas.

O 4 de Agosto, no curso da Feira do Libro, e en colaboración coa *Asociación de Libreiros da Coruña*, organizamos, na Delegación de Cultura, unha mesa-redonda con *Xóvenes escritores en lingua galega* residentes na cidade: **Xoán I. Tai-bo**, **Xosé M. Martínez Oca**, **Xavier Alcalá** e **Xavier Seoane**.

Por mediación de **Xosé Neira Vilas** (Cuba), **Klaus Bochmann**, da Universidade de Leipzig (daquela na República Democrática Alemana) pidenos e remetemos-lle as nosas publicacións con destino à cátedra de galego-portugués, recién implantada naquel centro.

É no noso local onde se presenta, aos meios de comunicación, o 20 de Outubro, a *Sociedade Cooperativa Luís Seoane*, que daría lugar à compañía e ao teatro homónimos, nutridos en grande parte con elementos do Grupo de Teatro O FACHO.

O 10 de Novembro aderimos à audición radiofónica *Sempre en Galicia*, de Montevideo, Uruguai, con motivo do seu 30.º aniversario. Outro tanto fará-se en 1990, polo seu 40.º cumpreanos.

1981

O 3 de Xullo, ten lugar, en Cecebre, unha homenaxe íntima ao sócio fundador **Eduardo Martínez Suárez**, quen, cun breve lapso de un ano, 1966/67, levaba de directivo 17 anos, 13 deles como Tesoureiro, cargo que desempeñou máis un pouco até completar os 15 anos de permanencia nel.

En Agosto, o noso presidente visita Venezuela e dá, o día 28 na *Hermanidad Gallega*, de Caracas, unha charla sobre a cultura galega actual.

O 29 de Outubro, dentro da Semana Cultural do *Club de Xubilados de Caixa Galicia*, o secretario do FACHO fala de *História e presente da Coruña através das suas ruas e monumentos*. O apresentador e directivo do Club, **Sixto Fernández Sánchez**, resalta o feito de ser esta a primeira actividade en galego nese Clube, con 18 anos de existencia.

O 30 de Novembro, en colaboración co *Ate-neo* da Coruña, auspíciase a presentación, no *Teatro Luís Seoane*, da recién criada *Associação Galega da Língua (AGAL)*, a cargo de **Xavier Alcalá**, **António Gil** e **J. M. Montero Santalha**.

1982

En Febreiro aderimos a *La Voz de Galicia*, con ocasión do seu centenario.

O 6 de Febreiro e o 6 de Marzo participamos, en Compostela, nas dúas primeiras reunións prefundacionais da *Federación de Asociaciones Culturais Galegas*.

O 10 de Febreiro manda-se una carta-circular a varias entidades galegas na emigración (13) e a 7 entidades de crédito, solicitando o seu apoio para, entre todos, facer realidade a nosa iniciativa de creación dos *Prémios Castelao de ensaio sobre a emigración galega*, en dúas modalidades: ensaio sócio-económico e ensaio histórico-cultural. Non coallou por termos apenas resposta de dúas

Anadia, 24 de janeiro de 1981.

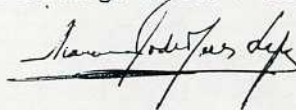
Prezados Amigos de "O Facho"

Agradeço-lhes a "Mostra do livro luso-brasileiro" que me enviaram, no propósito simpático de "pôr em evidência a irmandade cultural e comunidade idiomática da Galiza com países como Portugal e o Brasil". Muiíssimo bem; e obrigado pela vossa generosa compreensão.

Há contudo nesta Mostra um erro grave para o qual se chama a vossa atenção. Hoje, os falantes do português deverão ser perto de 160 milhões. Num artigo que publiquei em 6 de junho de 1978 em "La Voz de Galicia", com base em informes fidedignos, já declarava 150 milhões, incluindo o espaço galego. Actualmente, deveremos ser uns 160 milhões; e no ano de 2000, se lá chegarmos, 200 milhões.

Já chamei a atenção do amigo Ramón Pena, co-autor de "Língua", para esse erro indesculpável que, além do mais, vai fazer o jogo da malta anti-lusista, ao serviço de Madrid. Ora é com as armas da verdade e da lealdade que poderão ser desbaratados os intrujões e os traidores. Não será assim?

Creiam-me amigo atento e obrigado,



MANUEL RODRIGUES LAPA

Aleocua, 26-6-88

É um gran acordo que dirixen O Facho. Aleocua de Urre, pois esa, unha das primeiras agrupacións culturais (cuxa directoria foi desde sempre) e sempre, sempre sendo, unha das máis sólidas.

¡Adiante! Nesta época confusa de herdeiros, bocacamilas, oportunistas, etc cómpre manterse firmes no ideal da patria e nos, mais coa afección do noso pobo, e as agrupacións desempañan un papel tan importante.

Recordo de A miña. Unha forte e pertu
de



Pepe Neira Vilas.

das primeiras (o *Patronato da Cultura Galega*, de Montevideo, e o *Instituto Argentino de Cultura Gallega/Centro Gallego* de Buenos Aires) e de unha das segundas e esta negativa.

A *AGAL* celebra no noso local, con data 17 de Febreiro, a primeira dunha serie de reunións públicas que terán lugar esporadicamente no mesmo. Até dous cursos de idioma serán impartidos durante dous veraos (1982 e 1983) por dita *Asociación* no local do FACHO.

O 20 de Febreiro cede-se o local social para a presentación da *Asociación Galega de Mestres en Paro*.

Organiza-se, conxuntamente coa *Asociación Alexandre Bóveda*, o *Grupo Tespis*, *Escola Dramática Galega* e *Teatro Luís Seoane* (a prefigurarmos a futura *Mesa Cultural da Coruña*), unha serie de actividades en torno ao Entroido, unhas ao ar aberto e outra na Sala L. Seoane, de acordo co seguinte detalle:

1. Febreiro, 21. Desfile de comparsas infantis a partir da praza de Maria Pita.
2. Febreiro, 24. *Unha festa popular: o Antroido*, por **Antonio Fraguas Fraguas**.
3. Febreiro, 25. Diapositivas e monecos da *Escola Dramática Galega* e filmes de **Suso Montero**.
4. Febreiro, 28. Enterro da sardiña, a partir da praza de Maria Pita.

Con motivo do terceiro cabodano de **Luis Seoane**, o 5 de Marzo celebra-se, no teatro do seu nome, un acto de homenaxe ao que O FACHO adire.

Aceptando a invitación que, con data 6 de Abril, fai o alcalde accidental, señor **Rey Pichel**, para que O FACHO inclua un seu representante na *Embaixada de irmanamento A Coruña-Recife*, à vez que solicitaba o noso asesoramento cara à prevista *Exposición do Libro Galego* na cidade brasileira, o presidente da nosa Agrupación acordou delegar dita representación no vicepresidente que, como primeira xestión, e a título de comisionado para a organización da *Mostra do Libro*

Galego no Brasil, confecciona e adquire unha biblioteca básica galega de case 150 volumes.

Unha vez ali, no mes de Maio, o representante do FACHO prepara a mostra bibliográfica, aberta o 7 dese mes no *Forte das Cinco Pontas* (onde tamén se expon outra de artesanía galega), cuxo acervo logo é doado ao *Arquivo Público Estadual de Pernambuco*, exornada con carteis ilustrativos e mapas e painéis esquemáticos sobre a nosa realidade histórica e literaria. E na Faculdade de Direito, o día 12, dá unha conferencia sobre o tema *I. A cultura galega na encruzilhada autonómica. II. Relacións culturais galego-luso-brasileiras*; sendo o único dos conferenciantes (os outros foron **Camilo José Cela** e o cronista oficial), que se expresou en galego e falou sobre Galiza, amais de facé-lo sobre A Coruña (a outra excepción a constituiría, cando cantaba, a coral *Cántigas da Terra*). Outra conferencia sobre *Vision xeral do libro, a lingua e a literatura galega* non tivo ocasión a dicé-la.

O FACHO colabora co Concello coruñés, esta volta na organización do ciclo *Normalización e normativización do idioma galego*, celebrado no salón de actos da *Real Academia de Medicina y Cirugía de Galicia* (rua Durán Loriga), entre o 6 de Maio e o 14 de Xuño, cun total de catro mesas-redondas, integradas, sucesivamente, por partidos políticos, escritores e editores, sindicatos e asociacións lingüísticas.

O 28 de Maio deste e o 17 de Xuño do ano seguinte aderimo-nos a senllas homenaxes rendidas a **Xaquín Lorenzo**, *Xocas*, e o 15 de Novembro unimo-nos à ofrecida, en Buenos Aires, ao actor **Fernando Iglesias**, *Tacholas*.

1983

O 16 de Febreiro organiza-se, coa *A.C. Alexandre Bóveda*, *G. Tespis*, *Escola Dramática Galega* e *Teatro L. Seoane*, o enterro da sardiña, dentro do Entroido dese ano.

En Marzo visita-nos o contador **Adolfo Lozano**, integrante da colectividade galega de Buenos Aires, a quen se lle agasallan as nosas publicacións.

Cede-se o local, esta volta à *Asociacion Sócio-Pedagóxica Galega* e aos seus membros **Montserrat Erauskin Salazar** e **Gisela Oteyza Copa**, integrantes da equipa de psico-pedagogía infantil *Ixolo*, para celebraren, varios xoves, entre o 3 de Marzo e o 26 de Maio, o ciclo *Conhecer os fillos*.

O 4 de Marzo facemos constar o noso pesar polo pasamento de **Camilo Agrasar**.

No mes de Abril, entre 11 e 22, celebra-se, en varios locais e organizado pola *A.C. Alexandre Bóveda*, o ciclo *O meio natural galego*, en homenaxe a **Isidro Parga Pondal**. O FACHO apoia-o, xunto cos colectivos *ADEGA*, *Natureza*, *Ateneo da Coruña* e *Federacion de AA.CC. Galegas*.

O 17 de Maio, o presidente e máis o directivo **Fernán-Vello** participan nos actos culturais do colexio público Maria Pita.

En Xuño O FACHO adere à petición para a cidade da Facultade de Belas Artes.

1984

O 3 de Febreiro presenta-se publicamente no local do FACHO a *Mesa Cultural da Coruña*, integrada, amais de por nós mesmos e **Edral**, pola *A.C. Alexandre Bóveda*, a *Cia. L. Seoane*, a *Escola Dramática Galega*, *ADEGA* e *Natureza*; nun intento de coordinaren esforzos para defrontar a política anti-galega do Concello coruñés.

Como membros da *Mesa Cultural* participamos na organización de determinados actos do Entroido, principalmente no desfile de comparsas a partir da praza de Maria Pita, o día 6 de Marzo.

O 25 de Abril, cadrando casualmente co 10.º aniversario da Revolución portuguesa, e na Sala Luís Seoane, varias entidades, O FACHO entre elas, colaboraron nun acto cultural de *Solidariedade co povo uruguaio*, paralelo à xornada de loita pola amnistia e a liberdade que tivo lugar no

Uruguai. Representou à nosa Agrupación **Xosé M.ª Monterroso Devesa**, quen leu un texto alusivo ao envento.

O 13 de Maio celebramos, como membros da Mesa Cultural, a Festa das Letras Galegas no parque de Santa Margarida.

Un recital poético, no marco da Feira do Libro, leva-se a cabo, organizado polo FACHO, no *Relleno*, diante do Quiosco Alfonso, o 9 de Agosto.

1985

O 21 de Abril participa-se no comezo da *II Carreira popular en defensa do noso idioma*, organizada pola *Federacion de AA.CC. Galegas*, a partir da praza de Maria Pita, e encabezada polo vicepresidente do FACHO.

O 23 de Abril, nun xantar íntimo en Coirós, agasalla-se ao noso vicepresidente por ter obtido o *Prémio da Crítica española* polo seu poemário *Seiva de amor e tránsito*.

O 6 de Agosto, no marco da Feira do Libro, realízase, co lema *Do mar pola orela mireina pasar*, en homenaxe a **Rosalía** no seu centenário, un recital poético no palco da música do *Relleno*.

Dito ano vai-se-nos **Reimundo Patiño**, quen amais da súa valia incuestionábel, ten para nós o significado especial de ser o deseñador do noso logotipo. O FACHO, a *A.C. Alexandre Bóveda* e a *Escola Dramática Galega* lembran-no cun recordatário na imprensa, o día seguinte, 21 de Agosto.

1986

A comezos de 1986 ten lugar, no local social, unha serie de reunións das que saí a *Asociacion Galega de Compositores*.

O 9 de Maio unimo-nos ao pesar de Galiza pola morte de **Ánxel Fole**.

O 11 de Decembro O FACHO participaba na mesa-redonda, organizada polo Ateneu no seu local, *A Coruña: que cultura?*, coa que esta entidade cerraba o ciclo *Castelao na perspectiva da historia*.

1987

O 17 de Febreiro, no Centro Fonseca, O FACHO participa, representado polo seu vicepresidente, nunha mesa-redonda, organizada pola *Federacion de AA.CC. Galegas*, para tratar da realidade cultural da cidade.

O 12 de Maio, unha nova mesa-redonda, organizada pola mesma Federacion, esta volta na Delegacion de Cultura, baixo o título *Presente e futuro do asociacionismo cultural na Coruña*, conta coa representacion do FACHO na persoa do seu presidente.

1988

Xa falamos do sinxelo agasalho que o 1 de Decembro, á final da Tertulia do Xoves, se lle fixo a **Jenaro Marínhas del Valle**, polo seu 80.º aniversario.

1989

O 28 de Febreiro, en colaboracion coa editora, presentouse, no Centro Fonseca, o libro de **Francisco Xosé Fernández Naval** *O bosque das antas*, coa presenza do autor, de **Víctor F. Freixanes** e de **Luís Álvarez Pousa**.

No decorrer do primeiro semestre aderimos ás homenaxes rendidas a **Luís Seoane** (coa exposicion da súa obra), á propia **Maruxa de Seoane** (coa concesion da Pedra do Destino), a **Xosé Neira Vilas** (coa denominacion do Instituto de E.M. de Perillo-Oleiros) e, finalmente, aos 25 anos do *Patronato da Cultura Galega*, de Montevideo, pola súa exemplar traxectoria, por tantos motivos paralelos á nosa.

O 9 de Maio, representado polo seu presidente, O FACHO participa no Centro Fonseca, da mesa-

redonda que, organizada polo *Colectivo da Mocidade do PSG-EG*, baixo o título *A situacion cultural na Coruña: análise e perspectivas*, contou, amais de nós, coa presenza da *A.C. Alexandre Bóveda* e de **Xúlio L. Valcárcel**.

O 19 de Xullo manifestamos o noso pesar polo pasamento de **Xaquín Lorenzo, Xocas**.

O 12 de Agosto, por xestións do noso presidente, fai-se posíbel a presenza de **Xosé Neira Vilas** e **Anísia Miranda** na celebración do 75.º aniversario da Agrupacion Instructiva de Caamouco (Ares), froito da emigracion cubana, como a escola que ali se ergueu.

1990

O 5 de Febreiro, colaborando coa editora, presenta-se, no Salon Fonseca, o libro de **Dario Xohán Cabana Galván en Saor**, polo autor, **Miguel A. Fernán-Vello** e **Manuel Méndez Batán**.

No primeiro trimestre deste ano aderimos á concesion a **Manuel Maria** do premio Casa dos Poetas (Celanova).

O 27 de Marzo, as *AA.CC. Alexandre Bóveda* e O FACHO, a *Escola Dramática Galega* e a *Federacion de AA.CC. Galegas* ofrecen, median-te un recordatorio na imprensa, a última homenaxe a **Ricardo Carvalho Calero**, falecido o 25 anterior.

O 14 de Setembro, con motivo do seu traslado a Pontevedra, oferece-se-lle, ao tantos anos destacado colaborador, como sócio, directivo e ex-presidente do FACHO **Xaquín Villar Calvo**, unha ceia-homenaxe de irmandade, en Pastoriza (Arteixo), agasallando-o cunha peza do Castro coa seguinte inscripcion:

A
Xaquín Villar Calvo
«Xocas»
Á tua xenerosa entrega
Agrupacion Cultural O FACHO
A Coruña 14-9-90

En Abril comunicamos o noso pesar polo pasamento, ocorrido o día 10, de **Benito Ferreiro Pardo**, dos últimos integrantes da primeira Irmandade da Fala.

O 23 de dito mes remetemos ao *Instituto José Cornide de Estudios Coruñeses* a nosa congratulación « polo papel que o idioma do país vai comezando a xogar (desde o anterior número 23) nunha Revista como esa, portavoz dunha institución cultural que, como tal, debe ser especialmente sensíbel á realidade profunda da terra en que se asenta ».

O noso presidente participa en dúas mesas-redondas en Maio: 1) o día 4, na mesa *Outras formas de defensa do galego: o labor das asocia-*

cions, dentro do *Seminário sobre Idioma Galego*, organizado polo Concello de Pontedeume, intervindo, amais de nós, senllos representantes da *Mesa pola Normalización Lingüística* e da *Federación de AA.CC. Galegas*; 2) o día 7, na sesión organizada polo *Ateneo da Coruña* no Salón Fonseca, sobre *Como se promove a cultura?*, con representantes da Deputación, do Concello, da Consellería de Cultura e de Caixa Galicia.

O 24 de Xuño envían-se senllas comunicacións: ao Museo de Belas Artes, felicitando-o pola substancial doación da obra de Seoane, e a **Maruxa de Seoane**, agradecendo-lle dita doación.

En Novembro exprésase a **Emilio González López** a satisfacción do FACHO polo seu nomeamento como Cronista Xeral do Reino de Galiza.

I

Atrancos e alentos

«O FACHO», VINTE ANOS DE VIDA

Hai, seguramente, quen olla as agrupazóns culturais non oficiais, como O Facho, do mesmo jeito que, por vía de regra, se olla polos estamentos tradicionais da sociedade toda entidade nova que, dentro daquela estrutura, xorde como consecuencia dun movemento natural de crecemento fora dos compartimentos estereotipados en que a historia callou. Hai unha concepción pontual da vida que tende a considerar o presente como único tempo histórico —o que supón, realmente, a abolición da historia—, de forma que o pasado e o futuro non son outra cousa que a preexistencia e a persistencia do momento actual. É unha visión estática da realidade, que, ingénua ou comodamente, por inercia, perguiza ou resignado conformismo —ou, se queredes, por ausencia de imaginación, se non é adhesión vegetal de carriza ou orcelo á roca inmóvil do constituído—, rejeita toda inovazón, estimando-a perversa deformación que hai que reprimir, ou ilusoria e patolóxica espirazón que procede ignorar.

Este conservadurismo a ultranza non verá, ou non quere ver, erguer-se das entrañas mesmas da realidade social novas clases, novas profesións, novos estamentos que engendra o fermento da vida. A nobreza negará a burguesía, a burguesía negará o proletariado. Os señores tradicionais negarán en Franza o terceiro estado (mas sucumbirán perante el); os patróns europeos querearán fechar as portas á organización dos traballadores (mas terán que ceder ao seu empurro); o Estado socialista burocratizado acusará de contrarrevolucionario o movemento libre de solidariedade dos traballadores (mas este será capaz de defrontar a presión da ditadura). Inútil é encastelar-se tras o foxo do inmovilismo. Como houvo un pasado haverá un futuro. En puridade, é o presente o que non existe.

Unha manifestación deste cego estatismo levou e leva ao mundo oficial ao menosprezo do que nace, inza e bole á súa marge. Como se o mundo oficial non fose cuase sempre unha institucionalización do marginal. Porque, de un jeito revolucionario ou de un modo evolutivo, as estruturas caducas ceden ás novas forzas representativas da necesidade de cambio, as cuais acaban

por callar en novas estruturas, que, por suposto, están tamén ameazadas de anquilose, fosilización ou anacronía. O que onte era revolucionario, é hoje reaccionario. Viver na oposición é sofrer a intemperie inclemente. Mas peor ameaza de morte é a administración esclerosada do poder.

Ollar con orgulloso desdén as asociacións culturais que abrollaron en Galiza fora dos canles oficiais en tempos nos que a loita pola cultura galega se realizava en condicións precárias, revelaría estreitez de horizontes, indolencia ou repugnancia perante toda manifestación do espírito de reivindicación ou progreso. Hai quen se conforma con todo. Para quen a verdade e o ben coinciden fatalmente co dogma oficial, que ten o seu código e a súa nómina. Cando en tempos de Franco xurdiron as sociedades culturais de tipo popular, como O Facho, calquer que fose en moitos casos a ganga política que inevitavelmente se registase —¿ulos daquela os regos legais da discrepância?—, foron un produto espontáneo e necesario dos mecanismos de defensa da realidade profunda do país.

Así, historicamente, unha asociación como O Facho, que agora cumpre vinte anos de vida, apoiada e mesmo agarimada durante a súa minoridade por todas as forzas galeguistas; hoje, chegada á idade da emancipación, sujeita, como é lógico, ao feliz exercicio da controversia e ao hixiénico estímulo da crítica; así, historicamente, O Facho —e outras entidades análogas— está mais que justificada, e, sen perjuízo de conservarmos a liberdade de opinión sobre o maior ou menor acerto de todas e cada unha das súas iniciativas, pasadas, presentes ou futuras, ¿cómo non deseñar perante ela —se non se perdeu a fe nos ideais comúns— o gesto cariñoso do aplauso? Cando se formalice o balanço das aportacións que nestes últimos anos se fixeron á causa que defendeu Castelao —hoje tan mitificado como mistificado—, O Facho ha figurar cunha alta partida de entusiasmo e eficacia no seu haver. Entusiasmo. Sen el, o home transixe, engrosa, dorme, ronca, transpira. O Facho pode ajudar-nos a nos manter puros, magros, espertos, atentos e vigiantes.

RICARDO CARBALLO CALERO

(En *La Voz de Galicia*, 8-12-83)

AS PROIBICIONS, MULTAS E ATRANCOS POSTOS POLOS ORGANISMOS GOVERNAMENTAIS

Non é para contar (hoxe que se pode, pois nos tempos das dúas Memórias anteriores non se podía) pois que non se daría feito, esa cotidiana e desgastante tortura do submetimento á burocracia do vello rexime, que tiña como obxectivo dificultar no posíbel toda actividade que o puxese a proba: é ese o máis ingrato dos labores, con todo aquel papeleo necesario para dar cariz legal a unha actividade continua e, de certo, problemática para o poder, e con todas aquelas esperas e habelenciosas solicitudes sen perder a dignidade... ou aturando proibicións, atrancos e multas, que de todo houbo, abortando algunha das iniciativas máis válidas da Agrupación.

A título de exemplo, citamos un feixe delas.

1965

Como queda dito no capítulo das publicacións, durante varios meses deste ano editou-se, a ciclostilo, un boletín informativo no que figuraban referencias ao mundo cultural galego. Dito boletín tivo que deixar de publicar-se, di escuetamente a I Memória, «por imperativos de tipo administrativo».

1967

É ben sabido como o III Curso de idioma se pudo celebrar, entre Febreiro e Abril dese ano, mercé á axuda dun profesor do Instituto Feminino, soslaiano a prohibición governativa.

1968

En Abril deste ano non é autorizada a publicación da conferencia que **Álvarez Gándara** impartira, co título *O problema lingüístico na Galicia de hoxe*, o 10 de Novembro anterior.

O 4 de Maio de 1968 aplaza-se, *sine-die*, motivado por unha nova prohibición, un recital da Nova Canción Galega a cargo de **Xavier** e **Benedito**.

1972

A Marzo de 1972 e a dúas conferencias viu-se reducido un ciclo de cinco sobre *Cultura e sociedade*, «que por razóns múltiples viu-se tronzado», di a II Memória. Proibíra-se á altura da (3.^a) conferencia de **X. Manteiga**, sobre *A estrutura sócio-cultural de Galicia*; e **X. M. Lz. Nogueira** declinou, por solidariedade, pronunciar a (4.^a) sua sobre *Patoloxía social de Galicia*. Naquela ocasión, O FACHO fixo saber do seu recoñecemento ao decano do Coléxio de Abogados, **M. Iglesias Corral**, pola cesión do salón-biblioteca da institución.

1973

En Febreiro deste ano, por exemplo, non é que se proibira, é que se multou ao FACHO, con 5.000 pesetas, por incluír nun recital do Grupo de Teatro dous poemas non autorizados previamente.

1975

Tamén xa vimos como, en principio, foi denegada, en Febreiro de 1975, a autorización para representar o Grupo de Teatro *Paco Pixiñas e a Nave espacial*.

En Abril dese mesmo ano foi denegada a celebración do ciclo *A industrialización de Galicia*, que se ía iniciar cunha mesa-redonda cuberta con **X. M. Beiras**, **X. L. Facal**, **R. L. Suevos** e **C. Nogueira**, o que deu lugar a un comunicado do FACHO, exemplarmente acollido pola prensa coruñesa e do que se fixo eco o mesmo medio radiofónico, de todo o cal xa se fala no capítulo dos comunicados.

É no mes seguinte que se repite a teima proibitiva, esta volta cara unha conferencia, prevista para o 30 de Maio, e a pronunciar por **M.^a Xosé Queizán**, sobre *Situación da muller na familia e na sociedade*.

E a última proibición de que temos noticia (e vai unha por mes! e nos últimos de vida do Dita-dor), produciu-se en Xuño, ao pretendemos apre-sentar *O Estatuto galego*, de **Xosé Vilas Noguei-ra**, o día 13 (venres!), primeira publicación das recén fundadas Edicións do Rueiro.

1976

Claro que aínda en 1976 se autorizaban ac-tos, máis... se proibían os colóquios posteriores!



O ALENTO DOS MÁIS PARA SEGUIRMOS NO CAMIÑO

OS SÓCIOS...

Son aquelas persoas por quen unha asociación existe e resiste, e de entre os cales saen os directi-vos que deben levar adiante o proxecto que os aglutinou. Estes, por veces sobrecargados de tra-ballos, poden achar pouca axuda, fora da mate-rial, nun corpo social tendente à pasividade; mais, qué dúbida cabe, o sócio dunha empresa un tan-to utópica como esta, ten moito de altruísta; por-que, no noso caso, en que as actividades son, na súa totalidade, públicas e gratuitas, qué avanta-xe ten o sócio máis que a satisfacción de axudar xenerosamente, por modesto que for o seu con-tributo, a algo no que cré e do que non espera beneficio económico algun (o disfrute da Biblio-teca, que foi a única prerrogativa do asociado, hoxe, coa feliz xeralización do libro galego, xa non é nada excepcional; se acaso aínda poden ter atractivo algúns libros esgotados ou a sección dos portugueses, máis raros).

A axuda económica do sócio —que, a maio-res, é, ao tempo, a máis pura e a máis obrigada das axudas—, é máis valorábel cando escasean, como soe acontecer, os subsidios das institucións; e non digamos xa a do sócio protector, que cons-titúe un grémio específico dentro da Agrupación (temo-los de dúas clases: o que abona unha cuo-ta especial, e aquel que ten subscrita a toda a fa-mília, que é outra maneira ben fermosa de aso-ciar-se co futuro); ou o sócio que, sen ser directi-vo, traballa á par dos directivos ou colabora de-cisivamente (caso dos Dónega ou Mariñas, ou Díaz Pardo... Ou tantos anónimos voluntarios).

Inda que non todas eran autorizacións: a con-ferencia que, sobre *O conflito lingüístico en Ga-licia*, ía impartir na Casa da Cultura **Francisco Rodríguez Sánchez**, o 20 de Marzo, tamén foi prohibida.

Non é de desprezar tamén o valor deste aso-ciar-se cando reparamos en que reúne toda a forza do compromiso co país —daí o noso eslogan: *Asociar-se ao FACHO é asociar-se à nosa cultu-ra*—; compromiso que chegou a revestir o seu má-ximo valor en momentos en que se albiscou viá-bel unha involución na política española, augu-rando a agrupacións como a nosa, val dicer, à agrupación dos nosos asociados, o máis negro dos horizontes.

En todo caso, ese sócio do FACHO, un entre mil coruñeses, ben pode aspirar ao título, non por vello menos vixente, de bó e xeneroso.

...E OS DEMAIS

Despois dos sócios, cumpre lembrar-se das persoas e/ou institucións que, sen ter esa condi-ción, tiveron co FACHO xestos xenerosos ou comprensivos, aquelas através das entidades que dirixían, ou persoalmente, podendo citar, entre outros, a:

Caixa Galicia (**Antonio Lorenzo Pérez**, suce-sores e colaboradores da Obra Social), subsidián-do o Concurso de Contos, moitas veces o de Tea-tro e algunhas o de Poesía, e cedendo-nos a súa Aula de Cultura.

A Casa da Cultura (**Antonio Gil Merino**), ce-dendo os seus locais nos primeiros tempos e des-pois, así como o Circo de Artesáns (**Antonio Gar-cía Rodríguez**) e o Coléxio de Avogados (**Manuel Iglesias Corral**).

As librerías Arenas e Cervantes, Lume, Nós e Couceiro.

IBBY HONOUR LIST 1982

Every two years, in connection with the Hans Christian Andersen Awards, an Honour List of IBBY is published which shall include books from IBBY member countries. Each National Section may submit three entries for the Honour List: for excellency in writing, illustration, and translation. The books for writing and illustration must have been first published no earlier than three years before the awards are presented. For a country with a substantial and continuing production

of children's books in more than one language, up to three books may be submitted for writing. One book is cited as an example of the honoured translator's work.

Important considerations in selecting the Honour List titles are that the books chosen be representative of the best in children's literature from each country, and that the books are recommended as suitable for publication throughout the world, thus furthering the IBBY objective of encouraging world understanding through children's literature.

The Honour List diplomas are presented on the occasion of the biennial congress of IBBY.

WRITING

SPAIN (Galician)

5 authors: Contos Pra Nenos

(Tales for Children)

Vigo (Pontevedra): Editorial Galaxia, S.A.

1979, 71 pp.

Selection of five popular tales winning a prize in a literary competition organized by a cultural association in Galicia.

SWEDEN (Swedish)

Lennart Hellsing: Fem prinsar

(Five Princes)

Stockholm: Rabén & Sjögren 1980, 44 pp.

«If the right conditions are present, anyone can feel like a true prince!» - Wonderful finger rhymes for children and grown-ups.



INTERNATIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE

Os Institutos feminino (**Antonio Respino Díaz** e sucesores) e masculino (**Enrique Míguez Tapia**) e colaboradores de ambos centros.

Os profesores dos nosos cursos de idioma.

La Voz de Galicia (**Francisco Pillado Rivadulla** e **Juan Ramón Díaz García**) e El Ideal Gallego (**Bocelo, Rafael González Rodríguez**) e personais de redacción de ambos. Rádio Nacional de España (**Ramiro Martínez-Anido Baldrich**) e Rádio Coruña e os seus personais.

Os xornalistas e escritores que repararon no FACHO e escriberon sobre o seu labor.

Editorial Galaxia (**Ramón Piñeiro** e demais) e Edicións do Castro (**Isaac Díaz Pardo**), publicando os textos premiados nos nosos concursos literarios.

As persoas que, algunhas repetidamente, formaron parte dos máis de 50 xurados que deberon decidir os premios en ditos concursos literarios e artísticos, así como os mestres que, facéndose eco da nosa teima, motivaron aos seus alumnos a participar neses mesmos concursos, e estes participantes e os outros. Os centos de persoas que deron corpo aos nosos actos culturais, intervindo neles.

Os colaboradores anónimos, que os houbo. As xentes que, por puro amor á arte, formaron os sucesivos elencos do Grupo de Teatro e os seus directores.

Os persoeiros do movemento cultural galego na Coruña e fora dela que nos apoiaron en diversas ocasións.

E finalmente, e por máis que fose de xustiza, Concello da Coruña (até anos há), Deputación Provincial, Ministerio de Cultura e Consellería de Cultura, polos subsidios concedidos.

O ALENTAMENTO DOS GALARDONS E HOMENAXES

Por máis que os incentivos non se limiten a estes casos pontuais —xa que entre eles se poden

incluir tantos outros feitos como os reseñados no capítulo E (nos dous últimos apartados), ou noutros capítulos todo ao longo desta Memória—, citamos aquí algúns casos, por vía de exemplo, de galardóns ou homenaxes que nos teñen concedido e axudaron a facer-nos máis andadeiro o camiño:

1965. *Aos amigos de O Facho* vai dedicada *A revolta* de **Jenaro Mariñas del Valle**.

1979. O capítulo *Inventário*, do libro *Nau enfeitizada*, de **Xosé Devesa**, vai dedicado ao FACHO.

1982. O IBBY (*International Board on Books for Young people*), con sede en Zurich (Suíza) inclúe *Contos pra nenos* na lista de honra deste ano, como representante da literatura infantil en galego no certame H. Ch. Andersen (o chamado *nobel* da literatura infantil); e mercé ás xestións do INLE.

1984. O Centro Catequético de S. Pedro do Val-Xestoso (Monfero) estendeu ao FACHO un diploma polo seu labor a prol da normalización da lingua.

1984. No transcurso da cea anual que ten lugar en Vigo, para a concesión dos *Prémios da Crítica galega*, o 12 de Maio deste ano, o xurado para Iniciativas Culturais, integrado por **Xosé González Martínez, Antón Santamarina Fernández, Constantino Cabanas López, Paco Martín, Manuel Caamaño Suárez, Luis Mariño, Manuel Rivas** e **Santiago Seara**, xunto ao premio para *Preescolar na casa*, concede unha mención ao FACHO, a raíz do seu 20º aniversario, como recoñecimento «do labor realizado polas Agrupacións Culturais de Galiza, que seguen a ser necesarias».

1988. Non dedicado expresamente ao FACHO, o libro *Sobre Galicia como responsabilidade*, de **Manuel Caamaño**, fai-lle á nosa Agrupación unha continua homenaxe.

J

Xuntas Directivas
Biblioteca Castelao
Estatutos

«O FACHO», 25 ANOS REFACENDO GALIZA

En mil novecentos sesenta e tres eu era un neno de pantalóns curtos e medias «sport», xa sabía andar en bicicleta de dúas rodas e até lembro que tiña un libro con moitos debuxos e grandes letras.

Naquel mil novecentos sesenta e tres, hai agora vintecinco anos, na escola mandaban-nos falar castelán pero falaba-se galego na rua e Don Vicente sorriu cando Andrés me acusou: «Don Vicente, avise a Francisco que me está facendo jabuchas cunha palla nunha orella».

Hai vintecinco anos parece ser que era de xente moi fina falar castelán, pero naquel pobo da ría de Arousa, os nenos daquel tempo falaban galego con xota e con ese.

Non sei que pasaba na Coruña en 1963, daquela o meu mundo estaba limitado pola Curota e a praia de Coroso; hoxe a historia conta que un grupo de persoas tiveron conciencia de país, xuntaron-se e fundaron a Agrupación Cultural que daquela, máis de dez anos antes de que Celso Emilio o dixera, recitaba:

*«Erguerémo-la espranza
sobre esta terra escura
coma quen ergue un facho
nunha noite sen lua».*

Aquela primeira entidade que ousou dar clases de galego e conferencias no noso idioma en plena noite de pedra berrando co corazón:

*«Tripulantes insomnes.
na libértá creemos.
Viva, viva, dicimos
aos que están no desterro*

*e soñan cun abrente
de bandeiras ao vento».*

Foron vintecinco anos premiando os contos dirixidos aos nenos, «guardiáns da eternidade no tempo diante dos que é unha tremenda realidade o misterio do porvir», nos deixou dito Don Miguel de Unamuno. Vintecinco anos levando teatro polos povos de Galiza, saberedes que «o teatro é un dos máis expresivos e útiles instrumentos para a edificación dun país e o barómetro que marca a súa grandeza ou o seu descenso», como Lorca lle dixera a un grupo de actores aló polo trinta e cinco. Vintecinco anos frenando a desfeita de Galiza polos «cadeireiros» dos «burós» da oficialidade reinante neste cuarto de século. Vintecinco anos refacendo Galiza.

Hoxe, O Facho xa é parte da historia, pero aínda non tirou os bártulos, a loita contra o aco-so e desprécio do que significa ser galego continua.

Agora, naquel pobo da miña infancia, dicíame Martínez Oca un día destes, os cativos dunha escola á que foi invitado para dar unha charla aseguraron-lle moi resoltos: «Mejor en castellano que el gallejo no lo entendemos bien».

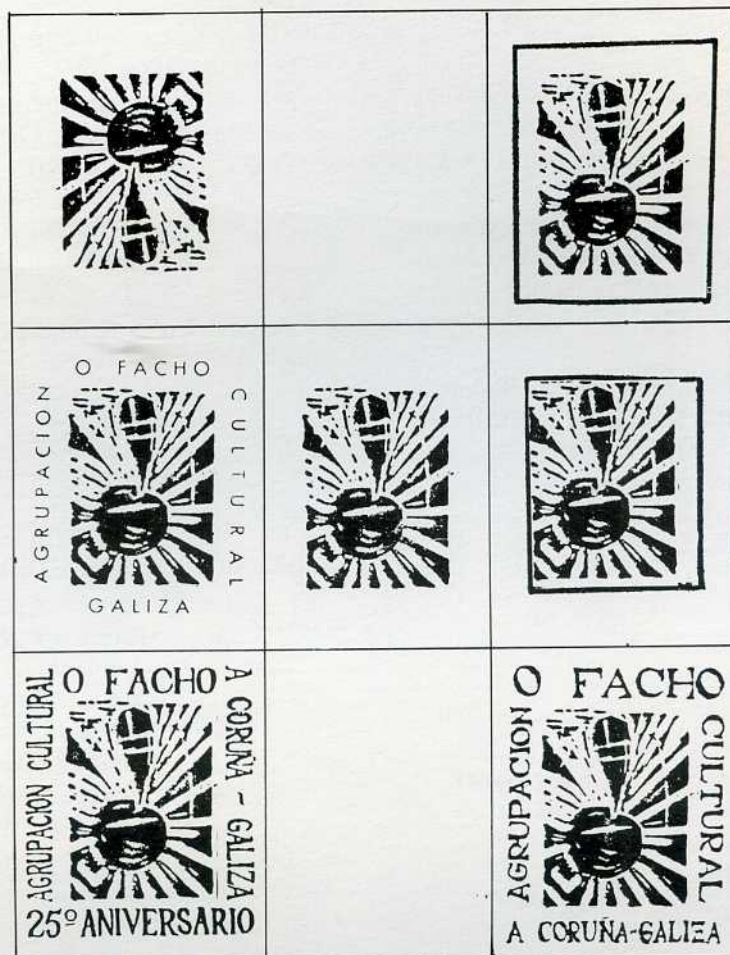
A un cuarto de século a loita non rematou.

Por iso, neste claroscuro que me dá un flaxe, brindo a solas, coa nostalgia do pasado e a fe posta no futuro pola xente que foi e sigue a ser O Facho.

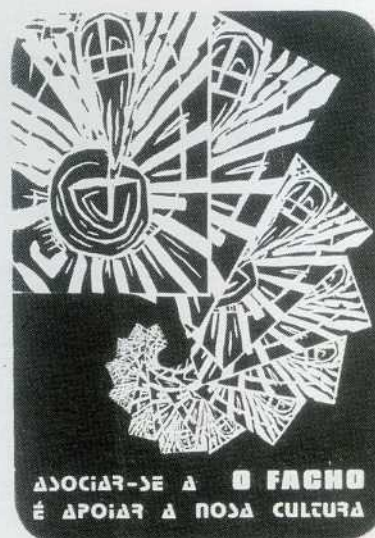
*«Adictos da saudade
que levades a luz polos vieiros
Saúde a todos,
compañeiros!»*

FRANCISCO ANT. VIDAL

(En A Nosa Terra, 22-12-88)



A evolución do logotipo do FACHO.



1963

Xa relatados ao comezo os pasos iniciais da Agrupacion, fai-se aqui relacion pontual das sucesivas Xuntas Directivas, desde a primeira até a 22.^a e actual.

Aprobados os Estatutos (de 18-9-1963, que fixaban o domicilio social na rua Real, 49-1.^o) en 18-12-1963, en Xunta Xeral celebrada o 23-12-1963 resulta refrendada a seguinte (1.^a) Xunta Directiva para 1964:

Presidente: **X. Miguel Harguindey Banet**
Secretário: **Leopoldo Rodríguez Regueira**
Tesoureiro: **Xermán Muñiz Castro**
Vocal 1.^o: **Enrique Iglesias Conde**
2.^o: **X. Alberto Corral Iglesias**
3.^o: **Elena R. López Meneses**

1964

A (2.^a) Xunta Directiva para 1965 sai da Xunta Xeral Ordinária de 26-12-64:

Presidente: **X. Miguel Harguindey Banet**
Secretário: **Eduardo Martínez Suárez**
Tesoureiro: **Xermán Muñiz Castro**
Vocal 1.^o: **Inés Armesto Pérez**
2.^o: **Ramiro Cartelle Álvarez**
3.^o: **Emilio Vila Agra**

1965

Formarán a (3.^a) Xunta Directiva para 1966 a seguinte, saída da Xunta Xeral Ordinária de 29-12-65:

Presidente: **X. Miguel Harguindey Banet**
Secretário: **Eduardo Martínez Suárez**
Tesoureiro: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Vocal 1.^o: **M.^a Dolores Paredes Mariñas**
2.^o: **Manuel Romero Labarta**
3.^o: **Fernando Porto Vázquez**

Neste período (3-2-66) son aprobados os Estatutos na súa nova redaccion (de 1-12-65), acorde coa recente Lei de Asociacions (de 24-12-64).

1966

A raíz do traslado do Presidente a Ribeira, celebra-se, en 9-8-66, unha Xunta Xeral Extraor-

dinária da que resulta a seguinte (4.^a) Xunta Directiva para 1966/67:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Tesoureiro: **X. Alberto Corral Iglesias**
Vocal 1.^o: **Manuel Romero Labarta**
2.^o: **Fernando Porto Vázquez**
3.^o: **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
4.^o: **Maria Morente Torres**

Neste período o domicilio legal da Agrupacion radica na Av. da Habana, 22-1.^o

1967

Da Xunta Xeral Extraordinária de 17-8-67 sai a seguinte (5.^a) Xunta Directiva para 1967/68:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Tesoureiro: **Antonio García Fernández**
Vocal 1.^o: **Manuel Romero Labarta**
2.^o: **Eduardo Martínez Suárez**
3.^o: **Maria Morente Torres**
4.^o: **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
5.^o: **Xosé Luís Mouzo Lado**

É neste período que ten lugar a instalacion da Agrupacion no seu primeiro (e até hoxe único) local social efectivo —os anteriores foran, a meros efectos legais, os domicilios de directivos—, na rua Federico Tápia, 12-1.^o, cuxa inauguracion se celebrou o 20-3-68, asistindo como invitado **Ramón Piñeiro López**, que, unha vez pronunciada unha alocucion sobre a vida cultural galega no último cuatriénio, foi agasallado coa medalla de membro numerário da Real Academia Galega, na que recentemente ingresara.

1968

En 17-9-68 celebra-se Xunta Xeral Extraordinária, da que resulta a (6.^a) Xunta Directiva para 1968/69:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.^o: **Manuel Romero Labarta**
2.^o: **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
3.^o: **Leopoldo Rodríguez Regueira**

En Febreiro de 1969 fixo-se un reaxuste que afectou à composicion da Directiva deste xeito:

Vocal 1.º : **Benigno Orjales Pita**
4.º : **Fernando Arambillet García**
5.º : **M.ª Luisa Pérez Fuentes**

1969

Da Xunta Xeral Extraordinária de 3-9-69 saíu a seguinte (7.ª) Xunta Directiva para 1969/70:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário : **Fernando Arambillet García**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Benigno Orjales Pita**
2.º : **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
3.º : **Leopoldo Rodríguez Regueira**
4.º : **Florentino Varela Silva**
5.º : **M.ª Luisa Pérez Fuentes**

1970

A Xunta Xeral Extraordinária de 5-10-70 deu lugar à (8.ª) Xunta Directiva para 1970/71:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário : **Fernando Arambillet García**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Benigno Orjales Pita**
2.º : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
3.º : **Xaquín Villar Calvo**
4.º : **Florentino Varela Silva**
5.º : **M.ª Luisa Pérez Fuentes**

1971

A (9.ª) Xunta Directiva saíu da Xunta Xeral Extraordinária de 4-10-71, para o período 1971/72:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário : **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.º : **Fernando Arambillet García**
3.º : **Florentino Varela Silva**

1972

Da Xunta Xeral Extraordinária de 30-10-72 resultou a (10.ª) Xunta Directiva para 1972/73:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário : **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.º : **Fernando Arambillet García**
3.º : **Florentino Varela Silva**
4.º : **Antón de Santiago Montero**

1973

A (11.ª) Xunta Directiva para 1973/74 surtiu da Xunta Xeral Extraordinária de 5-11-73:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário : **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.º : **Antón de Santiago Montero**
3.º : **Tomás Pena Castelo**
4.º : **Agustín Rodríguez Caamaño**

1974

Da Xunta Xeral Extraordinária de 25-11-74 saíu constituída a (12.ª) Xunta Directiva para 1974/75:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário : **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.º : **Agustín Rodríguez Caamaño**
3.º : **Antón de Santiago Montero**
4.º : **Tomás Pena Castelo**
5.º : **Xosé Bembibre Regueiro**

1975

A raíz da Xunta Xeral de 1-12-75 formou-se a (13.ª) Xunta Directiva para 1975/76:

Presidente : **Manuel Caamaño Suárez**
Vicepresidente: **Xaquín Villar Calvo**
Secretário : **Agustín Rodríguez Caamaño**
Vicesecretário : **Carmen Otero Gordido**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.º : **Xosé Bembibre Regueiro**
3.º : **Tomás Pena Castelo**
4.º : **Isabel Vázquez Fandiño**
5.º : **Luis F. Mella Rodríguez**
6.º : **Ernesto Méndez Palacios**

É nesta Xunta que se aproba a 2.^a reforma dos Estatutos.

1977

Da Xunta Xeral Extraordinaria de 17-1-77 saíu a (14.^a) Xunta Directiva para 1977:

Presidente : **Manuel Caamaño Suárez**
Vicepresidente: **Xaquín Villar Calvo**
Secretario : **Carmen Otero Gordido**
Vicesecretario : **Agustín Rodríguez Caamaño**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.^o : **Sabela Vázquez Fandiño**
2.^o : **Amalia Gómez Vázquez**
3.^o : **Ernesto Méndez Palacios**
4.^o : **Miguel Pernas Cora**
5.^o : **Rafael Andión Fernández**
6.^o : **Tomás Pena Castelo**

1978

A (15.^a) Xunta Directiva para o ano 1978 surtiu da Xunta Xeral Extraordinaria de 29-12-77:

Presidente : **Manuel Caamaño Suárez**
Vicepresidente: **Xaquín Villar Calvo**
Secretario : **Xosé M.^a Monterroso Devesa**
Vicesecretario : **Carmen Otero Gordido**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.^o : **Amalia Gómez Vázquez**
2.^o : **Sabela Vázquez Fandiño**
3.^o : **Miguel Pernas Cora**
4.^o : **Tomás Pena Castelo**
5.^o : **Ernesto Méndez Palacios**

1979

Na Xunta Xeral Ordinaria de 15-1-79 re-eleveu-se a mesma (agora 16.^a) Xunta Directiva do período anterior, que tivo ao seu cargo (25-4-79) unha outra reforma dos Estatutos, os actualmente vixentes, aprobados en 28-7-79, e que de acordo coa nova realidade política estatal, foi a primeira en profundidade e co texto no noso idioma. (Neles asigna-se-lle à Xunta Directiva unha duracion bianual).

En Xunta Xeral Extraordinaria de 19-10-79 queda eleixida a (17.^a) Xunta Directiva para o período 1979/1981:

Presidente : **Xaquín Villar Calvo**
Vicepresidente: **Xavier Alcalá Navarro**
Secretario : **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**
Vicesecretario : **Luís Fontán Mazás**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Bibliotecario : **Ramiro Cartelle Álvarez**
Vocal 1.^o : **Amalia Gómez Vázquez**
2.^o : **Xosé Manuel Rabón Lamas**
3.^o : **Xúlio Cruz Pena**
4.^o : **M.^a Carmen Glez. Hortas**
5.^o : **Fernando López-Acuña Lz.**

Por imposibilidade do designado, desempeñarase como Bibliotecario o vocal 5.^o

Esta Xunta, en Xullo de 1980, queda reestruturada así:

Secretario : **Fernando López-Acuña Lz.**
Bibliotecario : **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**
Vocal 5.^o : **Ramiro Cartelle Álvarez**

E en Xaneiro de 1981, volta a dar-se unha reestruturación, do seguinte xeito:

Secretario : **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**
Bibliotecario : **Fernando López-Acuña Lz.**

1982

A (18.^a) Xunta Directiva para o biénio 1982/83 xurdiu da Xunta Xeral Ordinaria de 12-1-82:

Presidente : **Xaquín Villar Calvo**
Vicepresidente: **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**
Secretario : **Pura Tejelo Núñez**
Vicesecretario : **Ánxel Sánchez Peteiro**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.^o : **M.^a Carmen Glez. Hortas**
2.^o : **Francisco A. Vidal Blanco**
3.^o : **António P. Gil Hernández**
4.^o : **Miguel Anxo Fernán-Vello**

No segundo semestre deste ano produce-se un reaxuste que se refrenda en Xunta Xeral Ordinaria de 24-1-83;

Secretario : **M.^a Dolores Casteleiro López**
Bibliotecario : **Miguel Anxo Fernán-Vello**
Vocal 4.^o : **Pura Tejelo Núñez**
Vocal 5.^o : **César Menéndez Rodríguez**

1984

A (19.^a) Xunta Directiva para o biénio 1984/85 sai da Xunta Xeral Extraordinaria de 30-1-84:

Presidente : **Xúlio López Valcárcel**
 Vicepresidente: **Miguel Anxo Fernán-Vello**
 Secretário : **M.^a Dolores Casteleiro López**
 Vicesecretário : **M.^a Carmen Glez. Hortas**
 Tesoureiro : **Xacinto Dolz del Castellar**
 Alvargonzález
 Bibliotecário : **António Santamariña Delgado**
 Vocal 1.^o : **Arximiro Corral Acebo**
 2.^o : **Xavier Meilán Pita**
 3.^o : **Manuel Rivas Barrós**
 4.^o : **Xavier Seoane Rivas**
 5.^o : **Xesús Pisón Villapol**

1986

Na Xunta Xeral Extraordinária de 24-1-86 queda eleixida a (20.^a) Xunta Directiva para 1986/87:

Presidente : **Xúlio López Valcárcel**
 Vicepresidente: **Miguel Anxo Fernán-Vello**
 Secretário : **M.^a Dolores Casteleiro López**
 Vicesecretário : **M.^a Carmen Glez. Hortas**
 Tesoureiro : **Xacinto Dolz del Castellar**
 Alvargonzález
 Vocal 1.^o : **Arximiro Corral Acebo**
 2.^o : **Francisco Pillado Mayor**
 3.^o : **Xavier Meilán Pita**
 4.^o : **Andrés Salgueiro Armada**
 5.^o : **Xavier Seoane Rivas**
 6.^o : **Lino Braxe Mandiá**



1982

Por outra banda, O FACHO participa activamente no proceso previo á constitucion da *Federacion de Asociacions Culturais Galegas*, de que forma parte, aportando ideas na xuntanza pré-fundacional desta (Compostela, 6-2-82), que fica constituída o 6-3-82.

1988

En Xunta Xeral Extraordinária de 11-2-88 elexeu-se a (21.^a) Xunta Directiva para o biénio 1988/89:

Presidente : **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**
 Secretário : **M.^a Dolores Casteleiro López**
 Tesoureiro : **Xacinto Dolz del Castellar**
 Alvargonzález
 Vocal 1.^o : **Xosé Manuel Martínez Oca**
 2.^o : **Arximiro Corral Acebo**
 3.^o : **M.^a Xesus Torres Feijoo**
 4.^o : **Rosa M.^a Fernández Rdguez.**
 5.^o : **José António Lozano Garcia**

1990

A (22.^a) Xunta Directiva para o biénio 1990/91 xurde da Xunta Xeral Extraordinária de 8-2-90:

Presidente : **Xosé-M.^a Monterroso Devesa**
 Secretário : **M.^a Dolores Casteleiro López**
 Tesoureiro : **Xacinto Dolz del Castellar**
 Alvargonzález
 Vocal 1.^o : **Arximiro Corral Acebo**
 2.^o : **Pura Tejelo Núñez**
 3.^o : **Francisco Xosé Fdez. Naval**
 4.^o : **Salvador Mourelo Pérez**
 5.^o : **Xavier Pita Seixo**
 6.^o : **M.^a Concepcion Barral Souto**

Os Estatutos, asinados na mesma capital, o 14-12-86, recollen, no seu artigo 4.^o que a Federación «rexerá a súa actuación conforme aos principios da Declaración Universal dos Dereitos Humanos e (aportación nosa de 1982) ao respecto e à defensa dos Dereitos dos Povos à libre determinación».

Biblioteca Castelao (*)

A Biblioteca, bautizada **Castelao** nos primeiros anos 80, foi, naqueles tempos, unha das mellores da cidade en temas galegos: aínda hoxe posúe primeiras edicións de Galaxia (editora case exclusiva da época, xunto coas nacentes Castrelos e O Castro), por exemplo, da súa colección Salnés de poesía, e algúns exemplares da pré-guerra, todos dificilmente encontrábeis.

O seu fondo actual, rondando os 1.800 volumes, comprende tres seccións: a galega, con máis de 1.300 títulos; a portuguesa, con máis de 300 volumes; e a española, reducida a case 150 volumes (120 deles pertencen á progresista editorial Zero, colección *Lee y Discute*, dos anos 70).

No libro galego destacan, polo seu número, os xéneros Ensaio (300), Poesía e Narrativa (200 e pico cada un), non sendo de desdenar a Literatura infantil (150 volumes), na que se inclúe a volumosa serie *A grande travesía*.

Na sección portuguesa, procedente das doacións do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e da Fundação Gulbenkian, destacaríamos, pola súa aparencia, obras como a *Crónica del Rei Dom João I*, unha *História de Portugal*, un *Dicionário de Literatura* (con inclusión da galega) e un *Dicionário de História*.

À parte das entidades citadas, foron cedendo-nos exemplares: a editorial O Castro, Caixa Galicia, a Fundación Barrié (a destacar o Can-

cioneiro Popular Galego), o Consello de Cultura, a Deputación da Coruña, a Consellería de Cultura e, ultimamente, o Concello coruñés.

Noutro campo, destaquemos a *Gran Enciclopedia Gallega*, as re-edicións das *Historias de Galicia* de Vicetto e Murguía e máis os *Cadernos da Escola Dramática*.

Como unha subdivisión da biblioteca, debemos citar unha modesta hemeroteca, na que, con certa liberdade, nos permitimos incluír unha interesante colección de cartaces e a serie de diapositivas de Escola Aberta (para as que se dispón do correspondente proxector); hemeroteca formada polas revistas *Grial*, *Encrucillada*, *Vagalume*, *Teima* e *Mancomún*, *Brigantium* e *Agália* (todas en colección completa), sen esquecer a vella *Revista de Economía de Galicia*, nen outras como *Chan*, *Revista do Instituto Cornide*, *Galicia* (de B. Aires) ou *Economía Gallega*; así como as re-edicións de *Nós*, *A Nosa Terra*, *Ronsel* e *Vieiros*. Finalmente, entre os periódicos, citemos *A Nosa Terra* tamén ao completo, e o volume de suplementos do centenario de *La Voz de Galicia*.

(*) Fala-se da Biblioteca neste capítulo, por ser o único servizo privativo dos nosos asociados, no tocante ao empréstimo; pois que, para a súa consulta circunstancial, sempre estivo aberta a todo o mundo.

ESTATUTOS DA AGRUPACION CULTURAL «O FACHO»

I. DA CONSTITUCIÓN

1. Por un grupo de persoas preocupadas polos problemas de Galiza constitúese na Cruña a Asociación Cultural denominada O FACHO, os fins e máis a duración da cal se especificarán no capítulo II deste Regulamento.

2. O órgano xestor da Agrupación será a Xunta Directiva, na que a elección e funcións da cada un dos membros serán os consignados no capítulo V do presente Regulamento.

3. O capital social integraráse polas cotas de cada un dos membros da Asociación, así como polas aportacións que receba dos seus protectores e amigos e aqueles ingresos que lle provean as suas actividades culturais.

4. O patrimonio fundacional da Asociación estará constituído polas primeiras aportacións voluntarias dos socios fundadores, suficientes para cubriren os gastos de carácter administrativo que o recoñecimento legal da Sociedade imponha, fixándose o mesmo, a estes efectos, na cantidade de tres mil pesetas, que integrará o fondo de reserva.

5. Fíxase como límite do presuposto anual ordinario a cantidade de setenta e cinco mil pesetas, debendo ser considerado calquer acordo tendente á elevación do mesmo como modificativo dos Estatutos.

II. DO OBXETO E FINS DA AGRUPACIÓN

6. O obxeto e fins desta Asociación son o fomento do estudo da cultura galega e máis a dos pobos da mesma lingua e culturas afíns e a súa promoción en todas as suas manifestacións, mediante a organización e desenrolo de conferencias, cursiños, exposicións, traballos de investigación e máis actos culturais que tendan á consecución dos fins expresados.

A estes efectos, a Asociación potenciará a creación de diferentes grupos de traballo que se correspondan cos diversos sectores culturais.

III. DO ÁMBITO TERRITORIAL

7. O ámbito territorial ao que as relacións xurídicas da Asociación se estendan será o da provincia da Cruña, podendo se estender ao de Ga-

liza toda, sen precisión de alterar os seus Estatutos, se a tal fin fose modificada no futuro a actual lexislación sobre asociacións.

Do mesmo xeito, e en razón de idénticas previsións, a Asociación poderá se federar con calquera outras de fins semellantes e sexa cal for o seu ámbito territorial de acción.

IV. DOS MEMBROS DA AGRUPACIÓN

8. Terá a condición de socio, con facultades para intervir activamente na vida da Asociación, calquer persoa física que causara alta como socio de número e se encontre ao día nas obrigacións derivadas de tal condición.

9. Para ingresar como socio de número ou membro activo da Agrupación, será preciso solicitalo por escrito, consignando nome e apelidos, idade, domicilio e actividade profesional. A Xunta Directiva, á vista da solicitude, decidirá acerca da procedencia ou non da admisión.

10. Cando a actividade de calquer socio sexa contraria ao espírito dos presentes Estatutos, poderá ser obxecto de perda temporal ou definitiva da súa calidade de asociado. A Xunta Directiva, unha vez ouvido o socio expedientado, decidirá por maioría de dous tercios a procedencia ou non da sanción.

En todo caso, o interesado poderá apelar ante a Asamblexa Xeral de Socios.

V. DOS ÓRGANOS DA SOCIEDADE

11. O órgano rector da Agrupación será a Xunta Directiva, que se constituirá da seguinte maneira:

a) Presidente. Será da exclusiva competencia deste o visar a acta na que consten os acordos da Asociación, así como o presidir as Xuntas Directivas e máis as Asambleas Xerais. En caso de imposibilidade, o Presidente poderá delegar as suas funcións na persoa do Vicepresidente ou, no seu defecto, noutro membro calquera da Xunta Directiva. Tamén corresponderá ao Presidente da Asociación a representación legal da mesma a todos os efectos. O seu voto terá carácter decisorio en caso de empate.

b) Vicepresidente. As suas funcións serán as de suplencia do Presidente, con idénticas atribucións que este en tal caso.

c) Secretario. Son funcións do Secretario o levar os Libros de Actas e Socios, así como o re-

dactar as actas oportunas, oficios, instancias e correspondencia da Asociación.

d) Vicesecretario. As súas funcións serán as de colaborar co Secretario e substituílo en caso de ausencia.

e) Tesoureiro. Son funcións do Tesoureiro o levar os Libros de Contas da Asociación e o responder da marcha económica da mesma, aportando os estados de contas, xustificativos de ingresos e gastos.

f) Bibliotecario. Terá ao seu cargo a conservación, funcionamento e promoción da Biblioteca e as actividades relacionadas con esta.

g) Vocaís. En número de cinco, a súa misión será deliberar nas xuntanzas das Xuntas Directivas, con voz e voto. Igualmente se lles poderá encargar de calquer outra misión non especificamente determinada nos artigos anteriores.

12. A totalidade da Xunta Directiva será elixida pola Asamblexa Xeral, de entre as candidaturas cerradas presentadas, mediante o sistema de maioría de dous tercios na primeira votación, ou, no seu defecto, pola que obteña o maior número de votos na segunda.

13. As candidaturas deberán estar en poder da Xunta Directiva antes da celebración da Asamblexa Xeral, para seren expostas vintecatro horas antes da mesma.

Para exercer o dereito de voto, será preciso estar ao día no pago das cotas, é dicir, ter pagado o mes anterior.

14. O réxime normal de funcionamento da Sociedade estará encomendado á Xunta Directiva, a que tomará os seus acordos, a non ser que os Estatutos prevean outra cousa, polo réxime normal de maiorías, representado pola metade máis un dos componentes da Xunta.

15 Calquera dos cargos mencionados nestes Estatutos será puramente honorífico e o seu período de duración é o de dous anos a contar desde o día do seu nomeamento, podendo ser reelecido se se xulgar proveitoso.

VI. DAS XUNTAS XERAIS

16. Os socios numerarios resolverán en Xunta Xeral todo o que atinxe á organización, réxime, modificación de Estatutos, disolución da Sociedade e nomeamento dos órganos directivos da mesma que requiran os Estatutos.

17. As Xuntas Xerais serán ordinarias e extraordinarias.

Será ordinaria a que anualmente haberá de se celebrar para dar conta da marcha da Sociedade.

Esta Xunta comezará pola lectura da Acta da Xeral anterior e das contas xerais, procedéndose, seguidamente, á elección de cargos.

18. As máis Xuntas Xerais que durante o ano se convoquen terán o carácter de extraordinarias e se celebrarán:

1.º Cando a Directiva xulgue oportuno convocalas.

2.º Cando así o pida a metade dos socios de número, expresando o obxecto.

3.º Cando sexa preciso acordar a disolución da Sociedade.

19. As Xuntas Xerais non poderán funcionar sen a maioría absoluta, e se non concorrese esta á segunda convocatoria, se celebrará a Xunta con aqueles que concorran personalmente; debendo pasar polo menos media hora entre unha e outra convocatoria.

20. Nas Xuntas extraordinarias non se poderán tratar outras cuestións que as expresadas na convocatoria, facéndose constar sempre, para tal fin, o obxecto da xuntanza.

VII. DA DISOLUCIÓN DA AGRUPACIÓN

21. De se producir a disolución, os bens e fondos existentes donaránse á Institución que a Xunta Xeral sinala ou, no seu caso, a aquela á que a Lei a obrigue.

22. Cando a Xunta Xeral o estime conveniente, esta Agrupación poderá fusionarse con outra que teña fins semellantes ou análogos aos desta, e, en tal caso, os bens e fondos existentes pasarán a se incorporar aos da Agrupación coa que se fusione.

VIII. DO DOMICILIO DA AGRUPACIÓN

23. A Asociación a que estes Estatutos se refiren terá o seu domicilio social na cidade da Cruña, rua Federido Tapia, número doce, primeiro piso, centro.

Na Cruña, aos vintecinco días do mes de abril do ano mil novecentos setenta e nove.



Este libro acabou de se imprimir en
VENUS artes gráficas, s. a. A Coruña
o 18 de Decembro de 1991
cando se cumpren 28 anos
da fundacion na Coruña da
Agrupacion Cultural O FACHO